1954

MAIO - N. 444

EU SEI TUDO

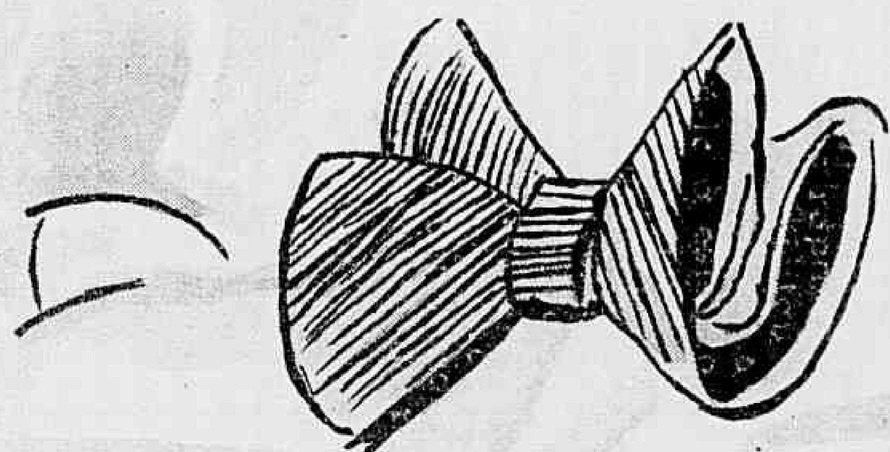


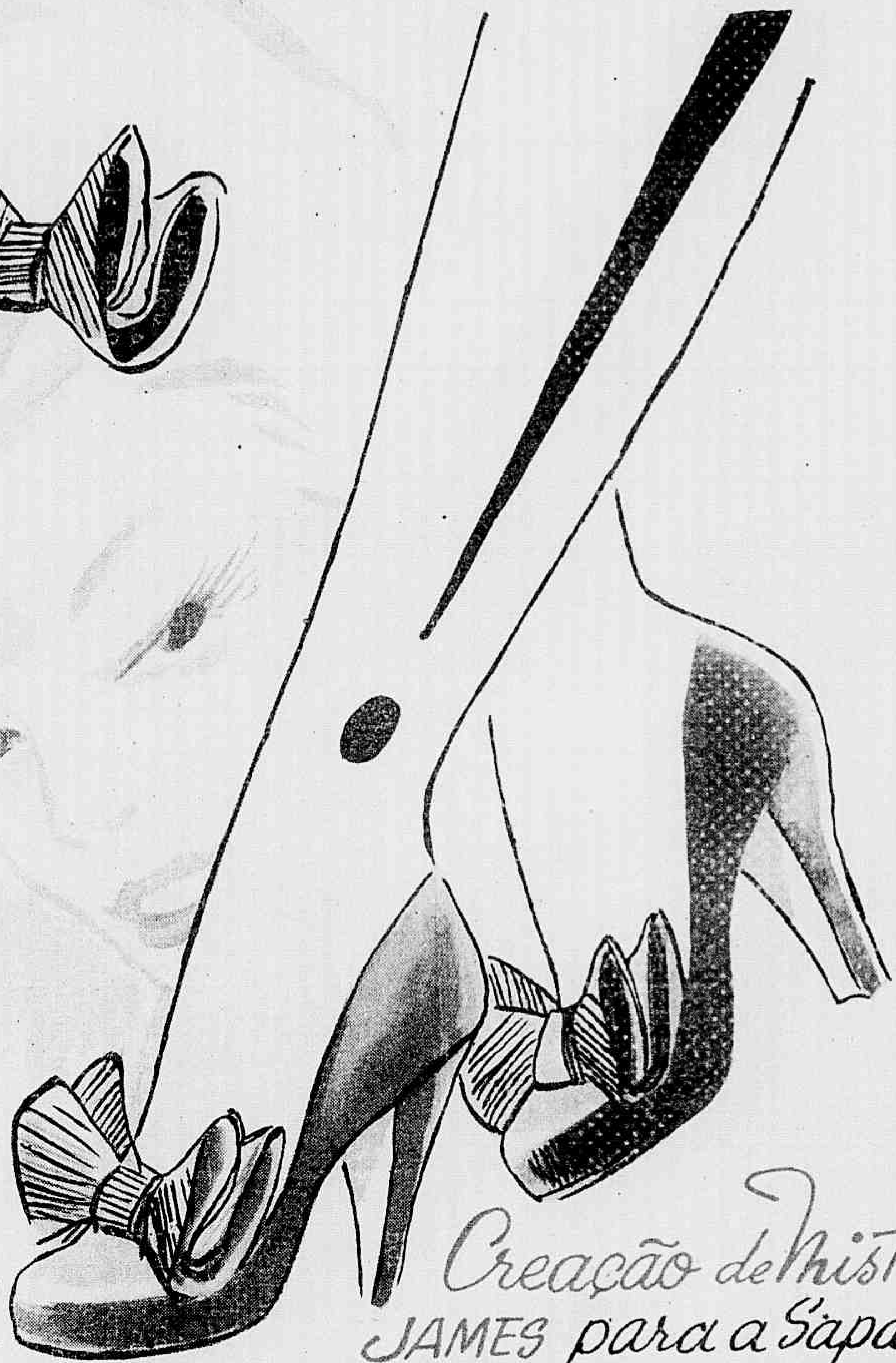


PSIQUIATRIA E' CHARLATANISMO? ★ SÓ OS SUPER-HOMENS IRÃO À LUA ★ 50 BILHÕES DE PROJÉTEIS ATRAVESSAM O NOSSO CORPO ★ NÃO ESQUECER QUE SOMOS ANIMAIS!



Os seus pés devem ser um ponto de Admiração





Qualidade · Preço Originalidade são os 3 encantos da INSINUANTE

Creação de Mister JAMES para a Sapataria mais querida da Cidade

insinuante

CARIOCA, 46 e 48 e
SET. SETEMBRO, 199-201

É a maior e melhor Sapataria da America Latina, e é tambem uma galeria á sua disposição.

BILHETE DA PROFESSÔRA

Por STANTINE

Segunda
Snr. e Snra. Vasconcelos.
Paulinho confessou que seu pai costuma ajudá-lo nos estudos em casa. Infelismente nada tem lucrado apresentando trabalhos muito errados.
Para o futuro, por favor não

1



2



3



4



5



6

PERGUNTARAM a Willy Ley, perito em projetis-foguetes se seria possível estabelecer um satélite artificial. Ley respondeu:

— "Sabemos atualmente mais sôbre tudo o que se necessita para construir um avião do espaço, que o que se conhecia, na época de Colombo, com respeito à construção de embarcações que pudessem cruzar o oceano."



DEFINIÇÕES CÍNICAS...

Pólvora — Substância negra utilizada para definir limites internacionais.

Diplomacia — Dizer a um cão "Bichinho lindo", até poder apanhar uma pedra para lançar contra êle.

Acôrdo entre cavalheiros — Um pacto que nenhum dos dois bandos quer assinar.



MÁ MEMÓRIA

O professor — Quer dizer, então, que você chamou seu colega de bobo e feio?

O aluno — Sim, professor.

O professor — E também o chamaste de burro?

O aluno — Não, professor. Esqueci...



HOSPITALIDADE

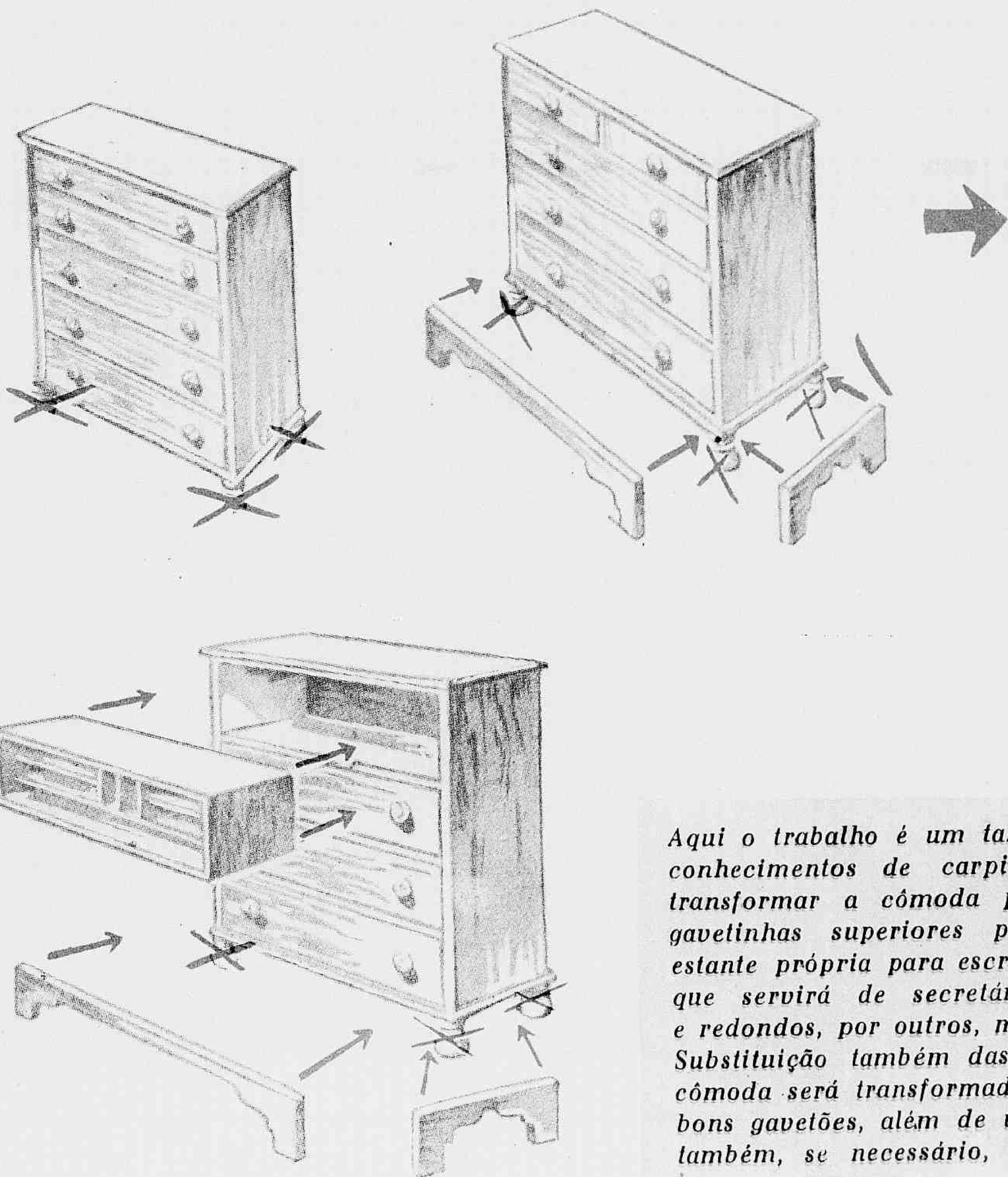
O cúmulo da hospitalidade é receber de bom grado a visita de uma idéia inesperada. — *Raymond Duncan*

Para o seu lar...

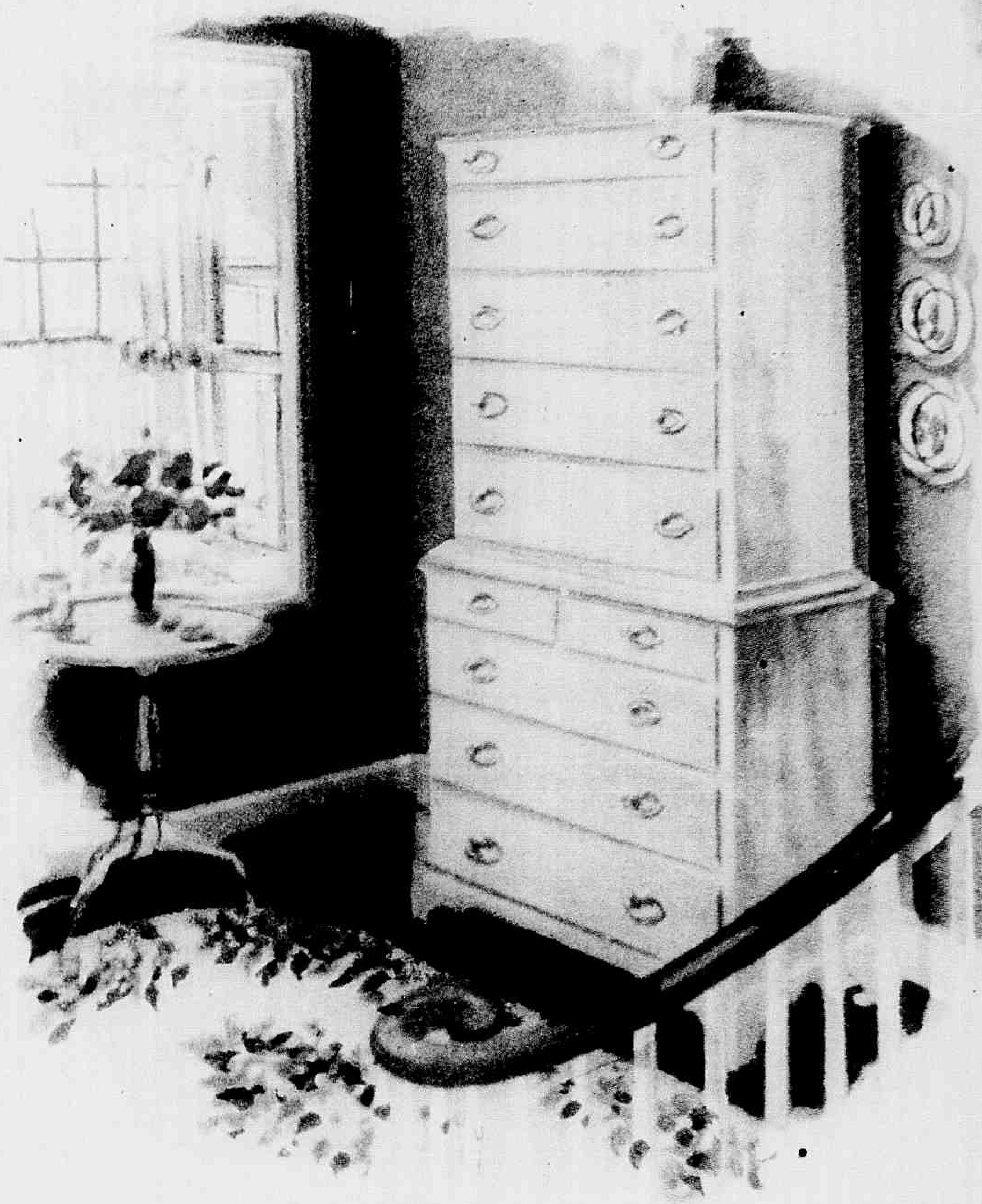
EM razão da satisfação com que nossos leitores receberam as sugestões publicadas em nosso número anterior, aqui apresentamos mais algumas idéias de como reformar o mobiliário, dando-lhes mais utilidade e harmonia com os modernos ambientes.

Com um pouco de habilidade, o próprio leitor poderá fazer essas milagrosas transformações, poupando bom dinheiro, pois a troca de mobiliário, nos dias de hoje, significa prejuízo certo, quando se procura vender o que existe em casa e comprar móveis novos.

Temos, hoje, coisa mais fácil que da vez anterior e as explicações quase são desnecessárias, dado que os desenhos falam com muita clareza sôbre o processo a ser adotado.

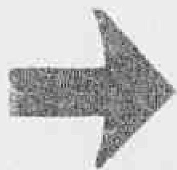


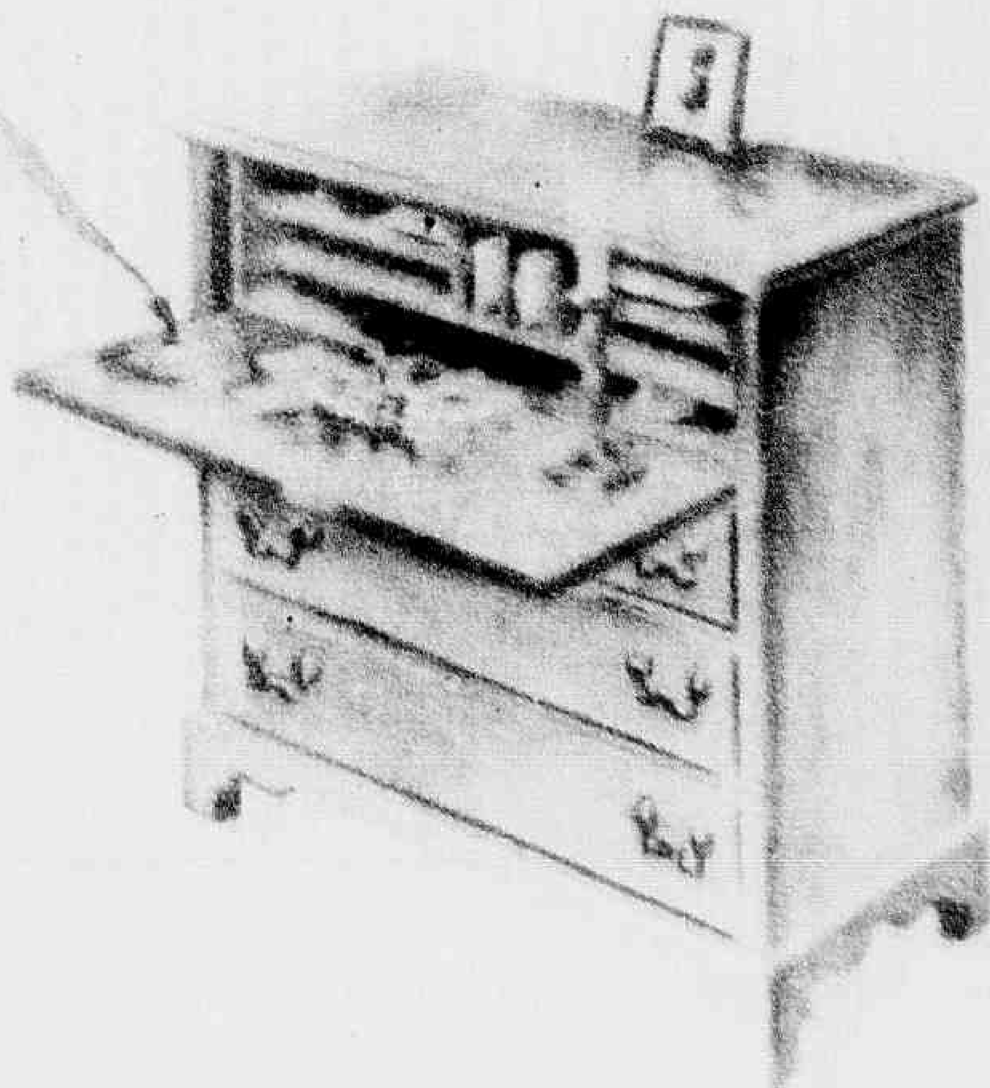
Aqui o trabalho é um tanto conhecimentos de carpinta transformar a cômoda peq gavetinhas superiores para estante própria para escreva que servirá de secretária. e redondos, por outros, mais Substituição também das al cômoda será transformada e bons gavetões, além de uma também, se necessário, pod



Dois velhos móveis no estilo da cômoda de estilo antigo ou toalheiro, com as duas pequenas gavetas para talheres. Eis, porém, como se transformam num móvel aparatoso e de variada utilidade. Retirar totalmente os pés do móvel menor. Substituir os pés do móvel maior, dando-lhe suportes mais altos, como os de um estrado, para permitir a limpeza. Substituir as alças por coisa mais moderna e vistosa. Colocar um móvel sôbre o outro.

maior e exige, mesmo, bons ria, pois que é necessário uena, retirando-lhe as duas colocar, no seu espaço, uma ninha, além da tampa móvel, Substituição dos pés curtos altos, como os de um estrado. ças antiquadas... e a velha m móvel moderno, com três secretária-escrevaninha, que erá vir a servir como bar.





VIAJAR deveria ser um direito inscrito na Carta Fundamental de tôdas as nações, para dar-se um banho de mundo, tão necessário à alma como ao corpo.
— *José Vasconcelos*



NÃO SENTIAM FALTA

A mãe — Paulinho, deitaste água fresca para os peixinhos do aquário?
Paulinho — Não, mamãe, porque ainda não haviam tomado a de ontem.



MÉTODO

O médico indicou a dieta: uma torrada sem manteiga para a primeira refeição matinal, uma salada para o almôço e uma costeleta para o jantar. Seguindo êsse método emagreceria. A cliente ouviu e mostrou-se disposta a seguir a prescrição..
— Só uma perguntinha mais — disse, ao despedir-se. — O que me indicou, doutor... devo tomar antes ou depois as refeições?



PARLAMENTARES

Uma vez alguém perguntou ao famoso estadista britânico Gladstone quantos discursos um político podia preparar numa semana.
— Isso depende — respondeu Gladstone. — Se é um homem sensato, pode preparar um; se é indivíduo medíocre, pode preparar dois; no entanto, se se trata de um imbecil, pode preparar pelo menos dez!

A MANCHA *Por RED KEY*

















ANO XXXVIII ★ Nº 12 ★ EU SEI TUDO ★ Nº 444 ★ MAIO 1954



MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTIFICO ARTISTICO, HISTORICO E LITERARIO. FUNDADO EM 1917

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA, Diretor: Gratuliano Brito, redator-chefe: Mário Renato de Castro. Redação: Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. End. Tel.: «Revista». Telefones: Redação — 22-4447; Administração e Publicidade — 22-2550. Publicidade: — J. M. Costa Júnior, L. S. Guimarães, A. Mendes, S. Sant'Anna e A. Nobrega. Distribuição e venda em S. Paulo: Agência Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69, tel.: 34-1569. Representantes: em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes de Melo, 34, 2dt., Lisboa. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spano, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Inter-Prensa, Florida, 29, tel. 33, Avenida 9109, Buenos Aires. Número avulso em todo o Brasil — Cr$ 5,00. Número atrasado — Cr$ 6,00. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr$ 60,00; para o estrangeiro: Cr$ 100,00.

Louise

EU nunca pude compreender por que motivo Louise não me suportava. A verdade é que não gostava de mim, e eu sabia que, na minha ausência, naquele seu jeitinho suave de dizer as coisas, raras vêzes perdeu oportunidade de dizer coisas desagradáveis a meu respeito. Mesmo quando tinha que fazer uma declaração direta, contrariando terceiros, apresentava-se com imensa cortesia, um quê de simulação e suspiros, com gestos estudados de suas lindas mãos, contando que seu plano fôsse plenamente realizado. Era verdadeira mestra em elogios moldados em frieza.



Era verdade que nos conhecemos quase intimamente por vinte e cinco anos; mas me era impossível acreditar fôsse ela afetada por velhas histórias formadoras de complexos. Ela me julgava um cidadão grosseiro, brutal, cínico e vulgar. Para ela eu não passava de uma pessoa enigmática, não merecendo preocupação no curso de seus pensamentos. Era, porém, paradoxal. Com efeito, não me deixava só. Constantemente me convidava para o lanche, para jantar com ela, tendo mesmo por umas duas vêzes ao ano, me convidado para passar o fim de semana na sua casa de campo.

Finalmente, pude chegar a alguma conclusão sôbre as razões de Louise.

Tinha ela a inquieta suspeição de que eu não acreditava nela. Se era isso a causa por que não simpatizava comigo, também era o motivo pelo qual buscava relacionar-se comigo. Martirizava-a o pensar que eu sòmente a via como uma figura jocosa, e não podia descansar enquanto eu não reconhecesse meu engano e confirmasse minha derrota.

Talvez julgasse que eu via a face por detrás da máscara e que, mais cedo ou mais tarde também eu viesse a usar igual disfarce. Nunca cheguei à conclusão de que ela era embusteira. Eu desejava saber se ela era tão desequilibrada quanto dava a parecer ao mundo, ou se havia mesmo algumas fagulhas de humor no fundo de seu coração. Se havia, era claro que existia alguma atração para comigo, como duas coisas que se entendem se atraem mùtuamente, isto é, ambos partilhávamos de um segrêdo ocultado a qualquer outra pessoa. Eu soubera antes que Louise se casara. Era ela então uma jovem delicada, de corpo frágil, com seus grandes olhos melancólicos. Seus pais a adoravam, com uma dedicação extrema, parece-me que por motivo de uma moléstia que a atacou — escarlatina, penso eu — e que a deixou com fraqueza cardíaca, pelo que passaram a dedicar-lhe a maior atenção possível.

Quando Tom Maitlan lhe propôs casamento, os velhos desmaiaram de emoção, pois estavam convencidos de que ela era bastante delicada para suportar as pesadas responsabilidades do matrimônio. Mas, como não eram ricos e o noivo bastante endinheirado, os receios cederam ao interêsse. Tom prometeu fazer tudo neste mundo em bem de Louise, e, finalmente, os pais lha confiaram como um objeto sagrado. O rapaz era muito bem parecido, mas sêco e atlético. Adorava-a. Com a sua compleição franzina e o coração fraco, não esperava êle conservá-la por muito tempo junto a si, e, revestindo-se de ânimo, procurou fazer o possível para que a espôsa pudesse desfrutar de tôda felicidade, enquanto vivessem na terra. Chegou a abandonar os esportes, nos quais era grande figura, não pelo fato de ela o exigir, uma vez que ela apreciava sua perícia no gôlfe



e n[illegible] porq[illegible] se dava coincidência de sentir-se mal do coração, sempre que êle falava em deixá-la por um dia, enquanto ia a qualquer dêsses esportes. Se surgia entre êles alguma opinião divergente, ela cedia

às razões do marido, mostrando-se a mais submissa das espôsas que um homem podia desejar; mas seu coração a martirizava e ela podia cair de cama, por uma semana, mas sem queixar-se nem reclamar. O marido não poderia ser tão bruto, que a crucificasse ainda mais. Mas a situação não podia continuar assim, e, através de ligeiras discussões caseiras, êle a convenceu de que devia a espôsa decidir-se e viver a sua vida. Em certa ocasião, vendo-a marchar oito milhas durante uma excursão que ela demonstrara particular desejo de realizar, confessei a Tom Maitland, que Louise mostrava ser muito mais forte do que se poderia supor. Êle balançou a cabeça negativamente e suspirou:

— Não, não. Ela é espantosamente fraca. Já a levei aos maiores especia-



listas de moléstias cardíacas, do mundo inteiro, e todos êles me disseram que sua vida pende de um tênue fio... O

que há nela é um espírito inquebrantável.

Tom lhe falou sôbre meu conceito a respeito dela e de sua fibra.

— Eu lhe retribuirei, de futuro por isso — disse ela, com aquêle acento de voz melancólico, acrescentando: — Estou às portas da morte.

— Pois me parece que você está tão forte, que poderá fazer o que bem desejar — murmurei.

Eu já havia notado, que, quando uma festa lhe despertava interêsse, ela dançava até às cinco da manhã; mas, se o meio não lhe agradava, ela se mostrava aborrecida, enfadada, e o marido a levava muito cedo para casa. Percebi que não gostou de minha resposta, pois, se me dirigiu ligeiro sorriso, não distingui qualquer reflexo de contentamento em seus grandes olhos azuis.

— Não espere que eu me aniquile até à morte, para satisfazer seu conceito — respondeu-me.

LOUISE sobreviveu a seu marido. Morreu Maitland em conseqüência de um resfriado que apanhou, quando ambos passeavam de barco, e êle cedeu à espôsa todos os agasalhos de bordo, para que ela não sentisse frio. Deixou-lhe bela fortuna e uma filha. Louise ficou inconsolável. Muito lutou para sobreviver ao choque. Seus amigos esperaram que ela seguisse, sem demora, o marido, à última morada. Realmente, todos os seus amigos e conhecidos passaram a sentir muita pena de Íris, a pequena filha do casal, que ficaria também órfã de mãe, muito em breve. Todos redobraram de atenção para com Louise.

Não lhe deixavam mexer um dedo. Insistiam em fazer tudo neste mundo para evitar-lhes incômodos.

A preocupação era sôbre as suas quedas de coração, e se ela se sobrecarregasse de trabalhos, poderia dar-se o desenlace fatal. Estava absolutamente perdida, sem um homem que cuidasse dela, — dizia ela — e não sabia o que fazer para educar a filha. Muitos dos seus amigos sugeriam um novo casamento. Mas, com aquêle coração enfêrmo isso era impossível, embora ela estivesse certa de que o seu saudoso Tom aprovaria isso, o que também seria muito bom para a pequena Íris. Mas, qual o homem que iria sujeitar-se a unir-se a uma inválida como era ela?

Entretanto, por mais singular que pareça, muitos homens se mostraram interessados nela, e, um ano depois de enviuvar, aceitou o pedido de casamento de George Hobhouse. Era êle um cidadão fino, de boas maneiras e não estava ruim de finanças. Nunca se viu uma pessoa ficar mais contente ao ter que tomar conta de uma criaturinha frágil como Louise.

— Não lhe darei trabalho por muito tempo — disse-lhe ela.

George era militar, bastante ambicioso; mas renunciou a certos privilégios em favor da espôsa. Em virtude da saúde de Louise, foi forçado a ir passar o inverno em Monte Carlo e o verão em Deauville. De comêço ainda hesitou um pouco sôbre se devia interromper sua carreira militar; Louise, porém, não gostava da vida militar, e como conseguia tudo sob os delicados modos com que falava, o marido teve que ceder, a fim de tornar os últimos anos de vida da mulher, nos mais felizes de sua atribulada vida.

Nos dois ou três anos seguintes, não obstante suas complicações cardíacas, Louise se manteve muito bem, vestindo-se muito bem, frequentando festas, jogando alto, dançando e até flertando com cidadãos de vários tipos. George Hobhouse, porém, não tinha a natureza do primeiro marido de Louise, e de quando em quando as coisas se azedavam entre êles. Para a felicidade de ambos, entretanto, rebentou a guerra.

George foi incorporado ao seu regimento e três meses depois morria em ação. Foi outro grande choque para a mulher. Mas Louise chegou à conclusão de que não devia impressionar-se tanto com a crise, pois que, sózinha, se sobreviesse um ataque, ninguém estaria ao seu lado para socorrê-la. Para dissipar suas tristezas, regressou a Monte Carlo, internando-se num hospital para oficiais convalescentes do Exército. Julgavam os seus amigos que ela jamais suportaria êsse segundo golpe.

— É verdade — respondia ela — sinto isso. Mas, que poderei fazer? Tenho que aguardar a hora com serenidade.

Mas o segundo golpe não a liquidou. Tinha vida longa. Não havia convalescente mais popular em França do que Louise. Por acaso encontrei-a em Paris. Estava ela a lanchar no Ritz, em companhia de um jovem francês alto, belo e elegante. Explicou-me que estêve sempre em contato com o hospital e que os oficiais eram muito atenciosos para com ela, não lhe permitindo fazer nada. Tomavam conta dela como se cada um fôsse um marido — concluiu suspirando.

— Pobre George! Quem seria capaz de imaginar que o meu pobre coração pudesse sobreviver a êle?

— E... pobre Tom! — disse eu.

Não sei por que motivo ela não gostou desta minha exclamação. Sorriu muito tristemente e surgiram lágrimas em seus belos olhos.

— Você sempre me fala como se não gostasse dos poucos anos que me restam.

— A propósito. Seu coração está muito melhor, não?

— Não está melhor coisa nenhuma. Consultei um especialista esta manhã e êle me disse que eu devia estar sempre preparada para o pior.

Quando a guerra veio e se foi, estava Louise em Londres. Era ela agora uma senhora de uns quarenta anos, esguia e sempre frágil, com grandes olhos e faces pálidas; mas não parecia ter mais de 25 primaveras. Sua filha Iris, que se educara num colégio, já estava crescida e viera morar com ela.

— Ela tomará conta de mim — dizia Louise. — Sem dúvida que é penoso para ela ter que viver com uma inválida como eu; mas isso é apenas enquanto ela não mudar de idéias.

Iris era uma excelente pequena.



Cresceu sabendo que a saúde de sua mãe era precária. Durante a sua infância nunca lhe foi permitido criar dificuldades. Ela sempre compreendeu que sua mãe não podia ser amolada. E, agora, quando Louise lhe dizia que ela não devia sacrificar-se por uma velha inútil, Iris apenas fazia que nada ouvira. Não se tratava de nennum sacrifício, e sim, de seu devotamento em fazer alguma coisa de útil e humano por sua pobre mãe.

— Agrada à menina o saber que está fazendo alguma coisa de útil.

— Você não supõe que ela precisa de um viver mais livre e satisfazer seus sonhos de juventude? — indaguei.

— Mas é isso mesmo que vivo constantemente a dizer-lhe. Eu não na posso distrair. Bem sabe Deus que nunca desejei prejudicar ninguém voluntàriamente.

E quando eu falava nessas coisas a Iris, ela dizia:

— Pobre de minha mãe. Precisa de mim para ir com ela a festas e visitar amigos; mas, no instante em que eu saio para qualquer lugar, lá vêm os seus ataques cardíacos... Assim, prefiro ficar sempre em casa.

Presentemente, porém, ela está amando. Um jovem amigo meu, excelente rapaz, perguntou-lhe se ela queria casar-se com êle. A resposta foi afirmativa: sim. Eu muito gosto dêle, e me alegrei que viesse a unir-se a uma jovem tão distinta como Iris. Nunca pensou que tal coisa se verificasse. Um dia, porém, o jovem veio a mim e, com muita aflição, me revelou que o casamento havia sido adiado indefinidamente. Iris viu que não poderia abandonar sua mãe.

Claro que isso não era assunto para mim; contudo, procurei uma oportundade para falar a Louise. Estava ela sempre disposta a receber seus amigos, especialmente agora, que mais

envelhecida, apreciava manter relações com pintores e escritores.

— Eu soube — disse eu, sem perder tempo — que Íris não vai mais casar-se.

— Nada sei acêrca disso. Apenas lhe tenho pedido com joelhos em terra, que ela não veja em mim um obstáculo para o seu matrimônio; mas a moça recusa-se, terminantemente, deixar-me.

— Não acha que isso é uma crueldade para ela?

— Terrìvelmente. É verdade que é sacrifício por mais alguns meses; mas eu nunca desejei que ninguém se sacrificasse por mim.

— Querida Louise, você já enterrou dois maridos. Não vejo razão nenhuma para que você viesse a sepultar mais dois.

— Você acha graça nisso? — perguntou-me em tom que denotava ofensiva.

— Não. Penso que você está bastante forte para suportar choques. Além disso, seu fraco coração não lhe dá o direito de fazer coisas que possam aborrecê-la?

— Oh! Bem sei o que você pensa de mim. Você tôda vida julgou que eu não tenha nada a ver comigo mesma, não é?

Olhei-a de cima a baixo.

— O que penso de você, é que sempre levou a vida a blefar. Acho-a a mais ególatra e monstruosa das mulheres. Você desgraçou a vida dos dois homens que foram seus maridos, e agora está desgraçando a vida de sua filha.

Eu não me surpreenderia se Louise tivesse um daqueles ataques cardíacos. Mas a mulher apenas me sorriu levemente.

— Meu pobre amigo. Dentro de alguns dias você estará profundamente arrependido de tudo o que acaba de dizer-me.

— Você determinou que Íris não desposasse aquêle rapaz?

— Eu pedi que ela se casasse com êle. Sei que isso me mataria; mas não importa. Ninguém me presta atenção. Passei a ser um fardo pesado para qualquer um.

— E você lhe disse que o casamento dela traria sua morte?

— Ela mo fêz dizer.

— Como se alguém fizesse alguma coisa que já não estivesse perfeitamente planejado por você.

— Ela pode casar-se com o rapaz, até amanhã, se assim quiser. Se me causar a morte, que venha a morte.

— Muito bem. Então podemos arriscá-lo, não?

— Não tem você nenhuma comiseração por mim?

— Não se pode ter comiseração por uma pessoa que finge sofrimento, mas que só faz é desmentir-se a si mesma — respondi.

— Suas faces se coloriram ligeiramente, e enquanto forçava um sorriso, seus olhos refletiam dureza e ódio.

— Minha filha se casará dentro de um mês — disse-me. — Se suceder-me qualquer coisa, espero que, tanto você como Íris, sejam capazes de perdoar-se mùtuamente.

Louise cumpriu sua palavra. A data foi fixada, feito o enxoval com grande magnificência e os convites expedidos. Íris e seu noivo estavam radiantes. No dia do casamento, justamente às dez da manhã, Louise, aquela endiabrada mulher, teve um dos seus ataques cardíacos e... morreu. Finou-se suavemente, perdoando a Íris por lhe ter causado a morte.

★ ★

PRIMEIRO MINISTRO E CIRURGIÃO

HÁ, na África do Sul, um jornalista que pode gabar-se de ter sido operado do apêndice por um primeiro ministro. Isso aconteceu quando, ao entrevistar Sir Geoffrey Huggins, foi repentinamente atacado de apendicite. Em poucos minutos, os papéis foram invertidos e Sir Geoffrey, com a máscara de cirurgião e avental branco, interrogava como médico o pobre jornalista. E podemos afirmar que essa entrevista foi bastante feliz.



Até recentemente, Sir Geoffrey combinava cirurgia e política e publicara, aliás, o seu único livro «Amputation Stumps — Their Care and Treatment». Tem êle, ainda, uma coisa em comum com outro primeiro ministro: ambos são excelentes pedreiros! Porém a maior **vantagem** de Sir Geoffrey — segundo êle próprio revela — é a de ser surdo. Quando uma conversação o aborrece, êle apenas sorri cortêsmente... e retira do ouvido o aparelho próprio para auxiliar os surdos.





SOMOS IMORTAIS

"Nosso criador jamais teria feito êsses dias tão belos nem nos daria os necessários sentidos para desfrutar de tôdas essas maravilhas que nos cercam e extasiam, a menos que nos tivesse formado para ser imortais." — Nathaniel Hawthorne.

A prova da imortalidade está em redor de nós. Podemos vê-lo no morrer do Sol, ao fim de cada dia, no salto faiscante do peixe, na fragilidade da rosa, no fascínio do ouro... e nas estrêlas, espalhadas como poeira de cristal sôbre o céu noturno. Também a vemos nos arabescos do luar, passando através das fôlhas adormecidas e quietas ou no círculo de nuvens brilhantes e douradas, em redor da lua.

Vemos a imortalidade na alvorada. No variado e inebriante despertar da terra, quando o nosso Globo, girando, girando sempre, nos conduz de novo para o sol. Nesse instante, um galo canta, desafiador, cheio de esperança...

Temos muitas provas da imortalidade, como nas primeiras aspirais de fumaça que sobem do seio da floresta, anunciando o despertar em um acampamento e os primeiros gestos do homem... no brilho rápido do peixe, no fundo de um rio remansoso... nas alterações do tempo e na renovação das colheitas.

Com o coração bem formado e podendo sentir e desfrutar tôdas essas coisas, o homem não terá motivos para questionar sôbre a eternidade.

Psiquiatria é charlatanice?

RECENTEMENTE, uma reportagem de rara ousadia e grande oportunidade, deixava perplexos e escandalizados os norte-americanos, chegando a provocar debates no Congresso, que exigia imediata manifestação do secretário-geral da Saúde Pública.

★

DAN Forsddike, numa revista só para homens, como existem muitas na América do Norte, assinava artigo em que denunciava os psiquiatras como *intrujões e criminosos!*

Segundo o articulista, diàriamente, milhares de norte-americanos perdem dinheiro e saúde para aprender que boa parte da psiquiatria é charlatanice.

Impressionada com o que afirmava Dan Forsddick e, principalmente, com os documentos apresentados em sua dramática reportagem a "American Psychological Association" decidiu realizar por conta própria uma investigação relativa àquela denúncia, e acabou confirmando todos os dados apresentados, para revelar que 90 por cento dos 25 000 tão renomados psiquiatras, atualmente com consultório montado em todo o território daquela nação, do Atlântico ao Pacífico, não passavam realmente de charlatães.

Com apenas 2 500 psiquiatras realmente formados em medicina e aprovados em cursos de especialização, milhões de pacientes estavam constantemente procurando remédio para seus males mentais, sem qualquer probabilidade de cura.

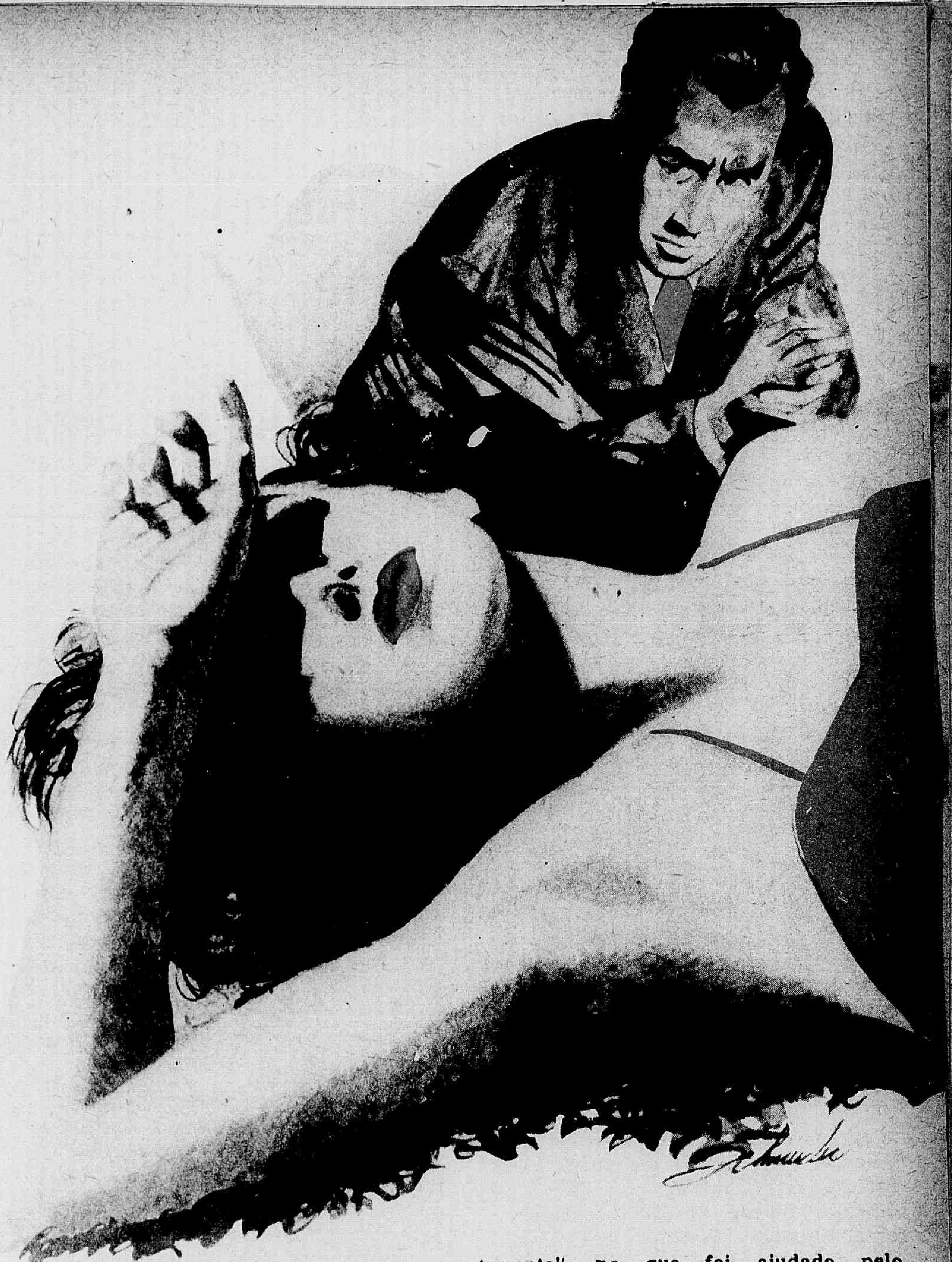
Porém, o mais desolador, no caso em aprêço, é justamente que os falsos psiquiatras, os charlatães e exploradores são sempre os mais procurados. Para conquistar essa preferência e enriquecer depressa precisam apenas de uma enfermeira bonita, um consultório aparatoso e sofás macios. Por sua parte criam verdadeiros vulcões de problemas e preocupações na mente e no coração de pessoas ingênuas, que procuram desesperadamente um tratamento mental.

Entre todos os países do mundo, foi nos Estados Unidos que a psiquiatria mais se desenvolveu, encontrando, de imediato, o maior interêsse de sua população, sem distinção de classes. Por isso mesmo a reportagem de Dan Forsddike ganhou tôdas as côres fortes do escândalo. Os casos que indicou chegam a quase uma centena, indo desde a exploração pura e simples, em que o prejuízo maior foi o da dupla perda, de tempo e dinheiro, até os mais revoltantes, beirando o verdadeiro crime.

Em Chicago, por exemplo, em 1953, um jovem marido ganhou um processo por "alienação de afeição" contra um charlatão que se intitulava psiquiatra e que encorajara sua espôsa a buscar o *flirt* com outros homens! No seu depoimento, a espôsa declarou:

— *Meu marido e eu não combinávamos, conforme havíamos desejado, e por isso procurei o dr. X, a fim de solicitar conselho. Disse-me que eu carecia de encanto e sedução e que poderia desenvolver essa arte com homens mais*

NUMA SENSACIONAL REPORTAGEM, DAN FORSDDIKE, JORNALISTA NORTE-AMERICANO, DECLARA QUE OS PSIQUIATRAS SÃO OS MODERNOS FEITICEIROS-DOUTÔRES. MUITOS DÊLES SÃO INCOMPETENTES E METADE — PELO MENOS — É CONSTITUÍDA POR EXPLORADORES, CRIMINOSOS E FALSOS MÉDICOS.



experientes. Apresentou-me, mesmo, a alguns de seus amigos, afirmando que muito me poderiam ajudar.

Por êsse "simples" serviço, a consulente pagou 25 dólares. O marido, entretanto, não tardou a descobrir o "tratamento", no que foi ajudado pelo repentino aumento das despesas com cosméticos, em prejuízo dos produtos caseiros de maior necessidade.

Uma investigação policial não tardou a revelar que o "doutor" era apenas um

antigo chofer de táxi, cujas únicas qualificações para a psiquiatria eram a barba e um falso sotaque vienense.

Entre outros charlatães desmascarados nessa ocasião encontravam-se um bombeiro, um professor primário, um agente de seguros, um vendedor de automóveis e um enfermeiro.

Mas não é, ainda, o pior! Muitas vêzes, o resultado dêsse charlatanismo criminoso é a verdadeira tragédia.

Um estudante da Universidade do Texas, perturbado por certas reações e complexos, que não compreendia, foi consultar um "clínico psicologista", que, após ouvi-lo, não hesitou em afirmar que o seu caso era evidente... Êle era um *homo-sexual latente!*

— *Mas não fique preocupado* — disse-lhe o "especialista" — *Procure simplesmente aceitar os fatos e tratar de viver bem...*"



Carl Gustav Jung, de Zurique, que é considerado como o mais famoso psiquiatra vivo.

Porém isso não fêz o estudante. Horrorizado com a declaração do "médico" — que, aliás, não passava de um diagnóstico errado — enforcou-se na mesma noite. Deixou, porém, uma carta em que explicava tôda a situação e apontava o nome do "doutor".

Feito o indispensável inquérito, a polícia descobriu que o "psiquiatra" — um antigo pianista de bar — já havia sido condenado três vêzes por delitos de perversão. Um exame dos seus "apontamentos técnicos" indicou que a maior parte dos seus "pacientes" era constituída de jovens estudantes aos quais sempre aconselhava que "encarassem os fatos com serenidade".

Segundo o diretor da "American Medical Association", existem nos Estados Unidos oito milhões de indivíduos necessitando de cuidados psiquiátricos.

Entretanto, os que mais necessitam, raramente procuram um psiquiatra antes de que se recolham, em estado grave, a algum hospital. A principal razão para êsse fato é a crença de que os psicanalistas são raros.

Além do mais, só mesmo recentemente os "doutôres" caseiros, os eternos entendidos e que vivem a aconselhar medicamentos, chegaram à conclusão de que não é possível curar tudo com a ajuda de aspirinas ou da apendectomia. O advento da medicina psico-somática tem demonstrado que numerosas enfermidades físicas são pura e simplesmente uma evidência de desordens mentais.

Em geral, os freqüentadores dos "consultórios" dos falsos psiquiatras são pessoas que vivem isoladas, solteiras e de poucas relações. Uma grande porcentagem de mulheres infelizes, que carecem de amizades e simpatias, sempre acaba por apaixonar-se por êsses falsos psiquiatras... *porque são êles os primeiros homens que lhes dedicaram atenção.*

Os psiquiatras de verdade sabem muito bem como tratar tais criaturas, porém os charlatães tratam logo de aproveitar êsse romance para conquistar uma renda extracurricular.

Em sua maioria, essas psico-pacientes são criaturas de meia idade, cuja neurose é tão falsa como a "ciência" de seus médicos. Conversar com êsses maneirosos indivíduos é para elas um novo e extraordinário prazer, e exageram as confidências, procurando chegar a um alvo que já não encontram em casa,

acabando por submeter-se totalmente ao comando dêsses exploradores.

Mas não podem, por muito tempo, sustentar êsse dispendioso prazer, à razão de 5 a 50 dólares por hora e, freqüentemente, a aventura termina em escândalo ou tragédia.

Uma Escola Popular de Psiquiatria, em Nova York, está hoje convencida de que *todos os distúrbios emocionais podem ser curados pela "absorvição" dos impulsos elétricos*, estando o paciente instalado confortàvelmente!

Mme. Lucie Guillet, uma das "práticas" formadas por uma dessas escolas, advoga o que chama de "poético-terapia" com a qual muitos distúrbios nervosos podem ser curados com poucas linhas de um poema.

E acrescenta:

— *Em casos extremos, recomendo a leitura de poesia, estando o indivíduo exposto a um vento muito forte, ou postado numa janela muito alta.*

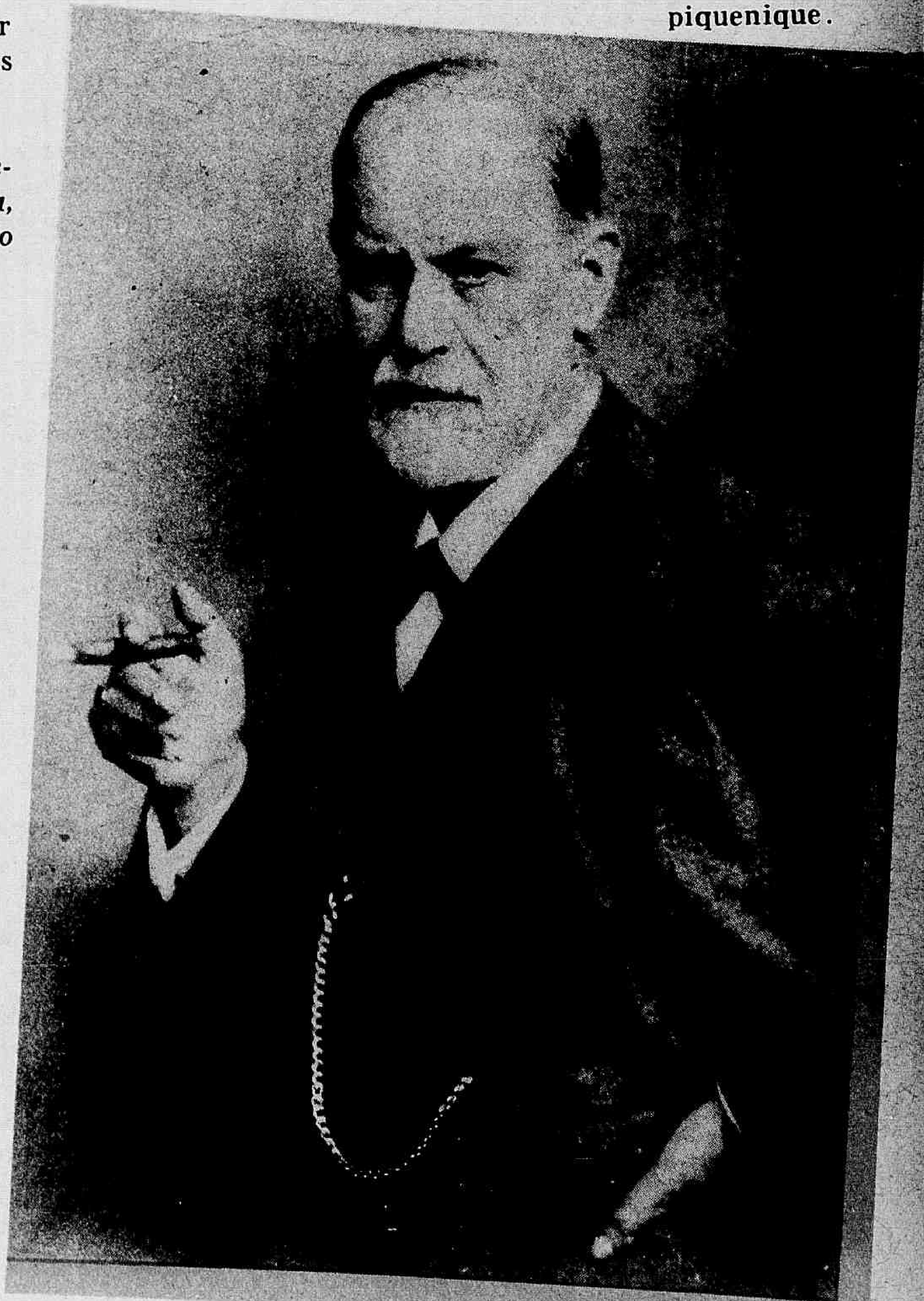
Outros "práticos" recomendam esquiar sôbre gêlo, tôdas as manhãs, longas massagens, fazer cócegas na planta dos pés ou recitar a velha panacéia: *Todos os dias e em tôdas as situações, sinto-me cada vez melhor.*

Encabeçando a lista das crenças tôlas, estão as que recomendam a cura por meio de telefone ou do serviço telegráfico!

Por sua vez, a hipnose acabou por constituir verdadeiro perigo entre os operadores inescrupulosos.

Raramente efetivo, o tratamento foi abandonado pelos profissionais competentes, porque poucas pessoas podem ser **realmente hipnotizadas como convém e, além do mais, as raras curas superficiais são de curta duração.**

O pior, no caso, é que muitos dêsses indivíduos possuem diploma de algumas Universidades; em geral foram alunos da pior espécie, que venceram o curso com recursos ilícitos. Pràticamente, todo grande edifício, nas cidades principais, tem pelo menos um dêsses indivíduos com o "consultório" bem montado, principalmente em New York, Chicago e Hollywood, cidades em que a população apresenta lamentável porcentagem de indivíduos com o sistema nervoso abalado. E nelas os charlatães são tão numerosos como as môscas num piquenique.



Para impressionar seus ingênuos clientes, êsses charlatães compram diplomas de "escolas" pouco escrupulosas e, em geral, ensinando por correspondência e que estão sempre dispostas a enviar diplomas de "doutôres" para todo aquêle que tenha suficiente instrução para poder assinar um cheque de pagamento. E com êsse "documento" na parede o charlatão está pronto para agir.

E a coisa rende, infelizmente!

Recentemente, certa senhora levou a filha a um "psiquiatra" que fazia grandes anúncios nos jornais. Queixava-se de que sua filha era incontrolável e que vivia fugindo de casa.

— Não a posso dominar — queixava-se a mãe. — Está sempre inquieta e nunca pára em casa. Quase que semanalmente tenho que apelar para a polícia, a fim de buscá-la, pois desaparece, passando dois e três dias sem dar qualquer notícia. Certa vez, chegou a viajar para muito longe!

Após doze visitas, a 20 dólares cada, o *doutor* anunciou que a enfermidade da mocinha era psico-somática.

— Descobri que ela tem o secreto desejo de trabalhar no teatro — afirmou. — Mas não é encorajada em casa... e por isso foge. Sua enfermidade é apenas uma rebelião do subconsciente e assim procura encontrar alguém que a ajude em seu secreto desejo.

A menina, interrogada, declarou que jamais sentira tais desejos e que fugia do ambiente caseiro porque ali, embora se queixasse de estar doente, não ligavam importância ao seu mal.

Aceitou, entretanto, o "diagnóstico" e foi enviada para uma escola dramática. Durante seis meses estudou com empenho, embora não estivesse convencida de suas aspirações teatrais.

Um dia, repentinamente, perdeu os sentidos. Levada para um hospital e submetida a meticuloso exame de raio X tudo foi revelado: a infeliz tinha um tumor no cérebro! E os médicos afirmavam que, se operada seis meses antes, teria a vida salva.

A idéia de tornar-se "psiquiatra" muitas vêzes esconde o desejo de construir um ambiente confortável, a fim de ouvir revelações, como o ledor de mão, o que "vê" em globos de cristal, etc.

Um "psiquiatra", cujo consultório, como a carteira, vivia cheio, ajudava o cliente a descobrir o tipo de emprêgo que mais lhe convinha. A polícia entrou no assunto e descobriu que o charlatão tinha sido apenas um examinador numa agência de emprêgo.

Apesar de tudo, a psiquiatria é uma ciência muito séria, embora ainda em início e, em conseqüência, cheia de problemas. Os verdadeiros psiquiatras trabalham profissionalmente após um curso médico e muitos anos de treinamento. E porque se trata de uma ciência relativamente nova, êles próprios reconhecem a não existência de processos definitivamente estabelecidos. Por isso agem com grande cautela. Por longos meses trabalham, por intermédio de longas palestras, procurando forçar memórias falhas ou distorcidas, decifrando sonhos e verificando que muitos dêles, embora pareçam um amontoado de confusões e tolices, têm grande relação com o problema básico do paciente. E, apesar de identificada a neurose, não pode ser garantida a cura do mal.

Após estudar milhares de casos, o Dr. Joseph Wilder, psiquiatra dos mais competentes e respeitados de New York, declarou que os casos de cura eram poucos, mas "bons resultados" tinham sido alcançados em 30 ou 40 por cento dos neuróticos examinados. Afirmou ainda que 20 por cento consegue encontrar a própria cura, sem a ajuda do psiquiatra.

Infelizmente, são muitas e variadas as opiniões, mesmo entre os psiquiatras legítimos.

Segundo o Dr. Gregory Zilbord, não é possível encontrar dois psiquiatras de verdade, com a mesma opinião sôbre a significação do têrmo "normal".

— Nos dias que correm, a psiquiatria não possui nenhuma definição satisfatória para a enfermidade mental ou a neurose — afirma o mesmo especialista.

Um psiquiatra acredita ter encontrado uma resposta definitiva ao dizer: *Uma pessoa normal se sente em perfeita harmonia com si mesma e com o seu ambiente*. Entretanto, essa idéia de que um indivíduo que esteja "em perfeita harmonia" consigo mesmo, não prova que esteja normal, podendo apenas obedecer ao seu caso patológico. Exemplo: o indivíduo aluado, discutidor, teimoso é positivamente "errado", que vive a exclamar: — *Todo o mundo está louco e errado, menos eu!*

Em geral, poucos pacientes que procuram o psiquiatra são insanos. Quase sempre são indivíduos normais e que, em razão de alguma experiência emocional, no passado, desenvolveram um complexo que perturba suas funções normais.

O trabalho do psiquiatra se resume a descobrir o complexo, a causa do mesmo e remover as duas coisas da vida do paciente, por meio de um processo educativo. Isto, porém, é mais fácil de dizer do que fazer. As porcentagens assim o indicam.

Infelizmente, para ser justo e sensato, o tratamento é longo... e caro. Êsse é, talvez, o motivo porque surgem tantos falsos psiquiatras, que logo tomam posição vantajosa. Ao mesmo tempo o assunto, tratado constantemente pelos livros e também pelo cinema, transforma a psiquiatria numa espécie de *droga miraculosa!*

Ansiosas por uma cura imediata, muitas pessoas, sentindo-se de qualquer forma enfêrmas, correm em busca do "psiquiatra" barato, a 50 cruzeiros a "consulta" em troca de uma conversa que nada tem de científica e, muitas vêzes, chega a ser criminosa.

A psiquiatria poderá algum dia provar que é uma ciência pura e realmente curativa. Porém, como aí está, não se distinguindo os verdadeiros psiquiatras dos charlatães e aproveitadores, é arma perigosíssima. Mesmo com os profissionais competentes, em razão do arrastado tratamento, é processo dispendioso e, em geral, não atinge qualquer resultado satisfatório.

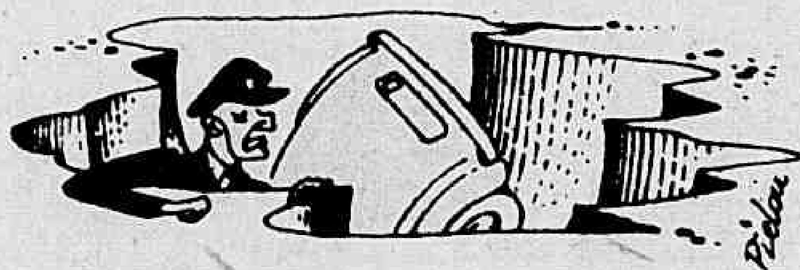
Antes de consultar um psiquiatra, é indispensável consultar um médico, que indicará essa necessidade e então apontará um especialista em quem confie pessoalmente.

Mas, de qualquer maneira, não é possível esperar algum milagre! E, pela saúde de um filho, pela tranqüilidade de um lar e pela própria garantia, convém evitar o anúncio do charlatão, êsse moderno "feiticeiro-doutor", que pode até mesmo provocar o suicídio psicológico do consulente.

★ ★

E AINDA FALAMOS MAL DAS NOSSAS ESTRADAS!

NUM dos últimos números, mencionamos o caso de um juiz que, ao multar um infrator, por não ter renovado sua carteira de "chauffeur"... verificou que a dêle mesmo estava incorreta. Depois disso ouvimos outras muitas histórias referentes aos dramas dos que dirigem automóvel.



Uma delas foi a que aconteceu com o guarda do tráfego Michael Hoffner, de Kansas City.

Estava na sua repartição, quando alguém telefonou, num angustiado apêlo, alegando que o automóvel que estava dirigindo caíra no fundo de enorme buraco, aberto repentinamente no meio da estrada. Aguardava urgentes socorros.

— Estarei aí em poucos minutos — avisou o guarda, desligando o telefone e correndo para o seu próprio automóvel.

Minutos depois, o telefone do pôsto policial voltava a chamar. Um guarda atendeu.

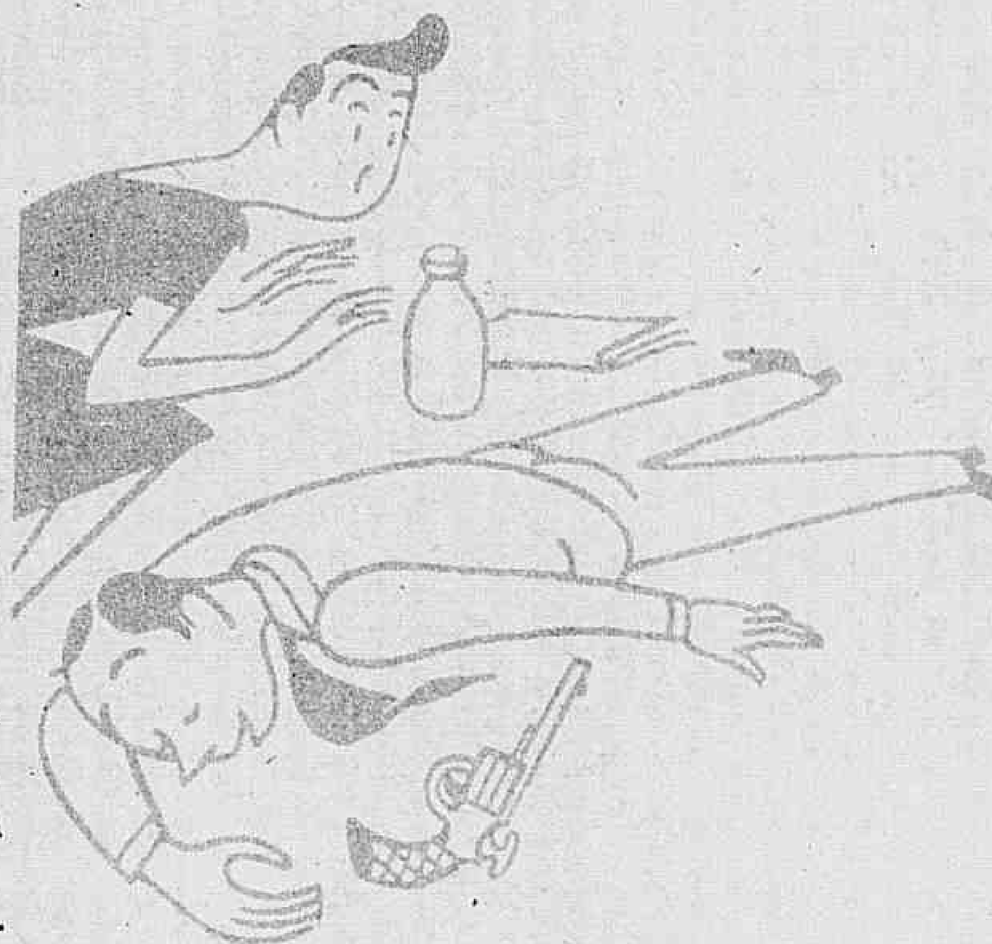
— Aqui é Michael Hoffner — disse uma voz lamuriosa. — Pelo amor de Deus venham socorrer-me! Meu automóvel caiu num buraco no meio da estrada!

★

— O lar é o lugar onde mais nos queixamos e onde melhor somos tratados. — **C. Salazar**

CUPIDO e a POLÍCIA

BELLE Conway, uma linda garôta de Chicago, certa manhã abriu a porta da cozinha, com a intenção de apanhar a garrafa do leite, mas logo estacou, paralisada de horror. Entre a porta e a garrafa deixada pelo leiteiro estava caído um homem, com a cabeça e o rosto cobertos de *sangue*, enquanto junto de sua mão direita estava um revólver!



Um dos vizinhos, despertado pelos gritos da pequena, telefonou para a polícia, enquanto o pai da moça, em pijama, corria para junto dela, atarantado.

— É Earl Bridges — explicou ela, logo que pôde recuperar a voz. — Foi namorado de minha irmã!

Um sargento de polícia chegou, aproximando-se do corpo estendido sôbre o lajedo.

— Chamem uma assistência! — gritou êle. — Êste homem ainda respira.

Enquanto o seu auxiliar corria a cumprir essa ordem, o sargento continuou a examinar o corpo. Repentinamente, franziu a fronte e curvou-se mais para o rosto do *suicida*. Depois, com espanto e horror dos assistentes, sacudiu violentamente o "ferido" pelos ombros.

O homem, assim sacudido, estremeceu, estirou braços e pernas, esfreou os olhos longamente e, depois de bocejar uma ou duas vêzes, pronunciou palavras ininteligíveis.

Depois sentou no lajedo e olhou para o policial, com olhos cheios de sono. Meia hora mais tarde, na sala da delegacia contava tôda a história do seu "suicídio"

Queria casar com a mais jovem das filhas de Mr. Conwey. Como a pequena recusasse aceitá-lo por marido, ameaçou matar-se. A garôta riu de suas palavras, zombando de sua ameaça.

Bridges achou que *não podia ficar desmoralizado*... Mas também *não queria morrer!* Assim, planejou fazer "fita".

Comprou um revólver, deu um tiro contra um canteiro de sua própria casa, foi para a casa da pequena, pintou o rosto com tinta vermelha, tomou quatro pastilhas de um soporífero, estirou-se na varanda, colocou o revólver na mão direita, tendo, antes, deixado um pouco afastada do mesmo a cápsula deflagrada.

Fôra o cheiro da tinta que despertara a desconfiança do sargento...

★

FATOS semelhantes costumam dar trabalho à brigada policial, em tôdas as grandes cidades, provocados por enamorados ridículos. Recentemente, em Barcelona, um enamorado tanto perseguiu a sua eleita que esta "enjoada" mandou que o mesmo fôsse passear, batendo-lhe com a porta, como se costuma dizer: *na cara*.

O desgraçado, porém, ficou do lado de fora, a chorar e a pedir que reconsiderasse sua decisão. E sua voz estava agora mais próxima!

Olhando pela janela, a pequena viu que o seu perseguidor havia subido a uma árvore e estava, agora, à altura de sua janela.

Chamada a polícia, o apaixonado foi forçado a descer. Porém, passados três dias, olha o homenzinho, outra vez! Mas, então, o galho em que se sustentava quebrou e o desgraçado caiu de grande altura, ficando cêrca de um mês hospitalizado... e sem a pequena que, a êsse tempo, deixara a cidade.

E aqui está mais outro caso. Em New Orleans, Eileen Corbin queixou-se à polícia de que seu apartamento fôra visitado pelos ladrões.

— Roubaram apenas minhas roupas. Levaram tudo e me deixaram sem nada para vestir. Mas não tocaram no dinheiro nem nas jóias!

Durante uma semana, o roubo permaneceu envôlto em mistério, até que um detective, mais esperto que os demais, acabou recuperando tôda a roupa roubada. Encontrara-a no apartamento de Meyer Cleason, antigo namorado de Miss Corbin e que, inùtilmente a solicitara em casamento, sendo recusado.

Desesperado, Gleason decidira que *se a pequena recusava passear com êle próprio, não passearia com mais ninguém!*

E tratou de roubar-lhe tôda a roupa, pois que, assim, teria que permanecer em casa!

Indiscutìvelmente, não há coisa que não ousem fazer as pessoas apaixonadas! Porém, nem a polícia, nem Cristóvão Colombo poderá descobrir que farão... e quando farão essas vítimas de Cupido.

Que dirão de mim?...

DEPOIS DE UM ANO DE PRISÃO, VOLTAVA À TERRA NATAL, PERGUNTANDO A SI MESMO SE OS SEUS AMIGOS O RECEBERIAM BEM.

Por JEROME BRONDFIELD

DE pé, na plataforma do último carro, John Dobson viu sua mulher a esperá-lo na *gare*, quando o trem, vagarosamente, entrou na pequena estação. Desceu e caiu em seus braços. Abraçou-a estreitamente, e, por uns instantes nenhum dos dois pronunciou uma só palavra.

Só depois ela se desligou dos seus braços e lhe sorriu, apertando-lhe o laço da gravata.

— Comprei uma nova escrevaninha para você — disse Edna. — E espero que goste dela.

Isso não significava, pròpriamente, uma surprêsa, mas era o que ela podia dizer naquele instante, como uma espécie de *rompe-conversa* de acôrdo com as circunstâncias. Uma idéia sensata a fizera ir juntar-se a êle e fazerem o pequeno trajeto para casa, um ao lado do outro.



O recém-chegado agradeceu com um sorriso e começaram a caminhada para Main Street. Não era muito importante, naquele momento, gostar de uma nova escrevaninha. O mais sério era saber se êle seria ou não capaz de permanecer ali em Clairville e usá-la, gostando ou não.

Como iria dar-se depois de um ano de prisão? Pensava muito nisso, quando Edna foi visitá-lo; mas a mulher lhe disse que não devia preocupar-se com isso.

Mas não era tão fácil assim. Não importava que fôsse êle inocente. Seu sócio, George

Logan tomou o caminho certo, quando os peritos descobriram sua fraude; mas isso não absolveu John Dobson. Todos sabiam que êle era um sujeito limpo. Mas lei é lei, e foi mui feliz por ter pegado apenas um ano de cadeia, quando poderia ter sido condenado a três, ou mesmo a seis.

Edna assumiu a direção dos escritórios da *Building & Loan* e as coisas iam muito bem; mas John Dobson, durante todo aquêle ano de detenção, dizia a si mesmo que não devia mais voltar.

Isso seria diferente se êle morasse e trabalhasse numa grande cidade, quando o indivíduo é absorvido pela complexidade e proporções do local. Pode-se ir a um novo bairro, dar passeios para tomar ar fresco, trabalhar em novo emprêgo e tomar lanche, realizar novos negócios e ninguém dará por isso.

Mas isso não seria possível em Clairville. Não havia bairros vizinhos nem locais diferentes para ares frescos. Era cidadezinha de seis mil habitantes. Dobson regressava ao lar como um delinquente libertado. A mancha era inesquecível e inapagável, comprometendo tôda uma vida de amizade e respeito.

John Dobson queria regressar à noite. Mas, naquele momento, quando marchava para Main Street, êle sentia na luz do sol matinal, como que um jato luminoso sôbre a sua pessoa para destacar ainda mais a sua presença na cidade. Dobson sempre teve mêdo dêsse momento quando chegasse a Clairville.

— Nada de novo aqui — disse Edna despreocupadamente; apenas se diz que Ben Lawrence pensa em melhorar seu estabelecimento.



Êle moveu negligentemente a cabeça. Não. Nada de novo em Main Street. As mesmas casas de negócio, as mesmas tabuletas, a mesma gente. Mas, como ainda era cedo, não havia muita gente por ali. E o recém-chegado se sentiu contente com isto. Sam Talbot foi o primeiro conhecido que êle viu. Estava o madrugador a descer o tôldo de sua casa de ferragens, para evitar os raios do sol, que vinham de frente. Estacou por um instante o trabalho e, retirando uma das mãos da corda com que erguia e descia o tôldo, fazendo ligeiro aceno de saudação a Dobson:

— Olá, John!

Apressando a operação, Talbot amarrou a corda no metal e correu para dentro da loja.

Pareceu a Dobson que Sam esperara por uma saudação amável de sua parte, como resposta à dêle. Aquêle puxão na corda e sua volta rápida para dentro da casa eram prova de que Sam ficara decepcionado. Dobson pensou que talvez fôsse melhor deixar a cidade imediatamente. Quem sabe, para o oeste? Muita gente estava indo para lá. Não haveria dificuldade em conseguir quarto para mais dois. Sam Talbot — pensou Dobson consigo mesmo — sempre foi um dos meus melhores amigos. Mas, naquele momento, como que havia entrado no armazém a praguejar contra o recém-vindo. Dobson chegou a resmungar, a ponto de Edna dar-lhe ligeiro beliscão, para que calasse. Ela nada disse. Andaram boa distância. Umas seis quadras. Andavam absorvidos em seus pensamentos íntimos, quando, sem notar o que ia à frente, quase dão um tranco em Steve Pavilonas, que ia entrando em seu restaurante. Ia êle com duas caixas de cartolina sob cada braço.

— Bom-dia, Steve — saudou John.

Um raio de surprêsa se estampou na face de Steve.

Pavilonas se voltou e lançou ligeiro olhar para os dois e notou que, com os dois volumes, estava a perturbar-lhes a passagem.

— Bom-dia, John, bom-dia! — respondeu de pronto. Parece que vamos ter um lindo dia, não? — E começou a tirar coisas das caixas, como um prestidigitador, acrescentando, nervosamente: — Novos aventais para as garçonetes. Branco e verde. — Remexe novamente nas

caixas, balança a cabeça a Edna e entra, enquanto Edna afasta uma cortina para êle.

John Dobson pensava nas refeições que fizera tanto ali, comendo frios, salsichas e presuntos.

Sua respiração se tornara mais opressa. Main Street se lhe figurava como uma *via crucis*, que, se não o esmagasse fisicamente, deixar-lhe-ia cicatrizes nalma, depois de atravessar os seis quarteirões por onde teria que andar. Dobson conhecia muito bem a linha dos seus estabelecimentos comerciais. Ali estavam as lojas de William, a padaria de Horvath, a loja de fazendas de Levine, o estabelecimento de artigos de escritório de Duncan.

Alguém lhe disse *hello*! Dobson se voltou e viu Jackie Gillom passando apressadamente por êle. Apenas notou que já estava mais crescido, com umas quatro polegadas a mais, esguio e de boa aparência como o pai, Clayt Gillom, administrador dos Correios. Assim era a vida, pensou Dobson. O tempo que constrói é o mesmo que destrói.

Sig Horwath colocava doces na janela, quando o viu passar. Fêz-lhe um sinal amigo com certa admiração, mas não interrompeu o serviço. Êle poderia vir até à rua, pensou Dobson com certo constrangimento, deixar a



— "Todos estarão contra mim..." — pensou John.

exposição de doces e pão-de-ló e vir apertar-lhe a mão.

John Dobson não odiava ninguém. Aquela gente não travara com êle, nem êle com ela, nenhuma batalha. Todos estavam dedicados às fainas cotidianas à sua passagem. Era assim tanto em Clairville como em qualquer outro lugar. Mas Dobson se alarmava com a idéia de não ser possível resistir, no caso de que a maledicência o atingisse. Talvez que sua firmeza de caráter se convertesse numa couraça contra as más línguas e os inimigos reconheceriam que nada podiam fazer para feri-lo.

Essas idéias o martirizavam. Mas êle sentia que estava cansado, fatigado, perseguido por maus pensamentos. Não devia continuar assim. O jeito era mesmo mudar-se para o oeste. Mais decente e

★ ★



Terminou, recentemente, nos Estados Unidos, A Semana Nacional do Riso. Vemos acima a "Miss Sorriso 1953", que olha com ternura e talvez ironia um instrumento ultra sensivel, para medir a qualidade do riso: — o Hilarômetro. — Só rindo mesmo, não acha o nosso leitor?

mais necessário, logo que fôsse possível. Passou a pensar sôbre o que deveria fazer lá. Qualquer trabalho servia. Talvez colhedor de laranjas da Califórnia.

Na esquina da rua Três com a avenida principal, por onde ia com a mulher, havia trabalhos no pavimento, de forma que o tráfego se tornara difícil. Apreciando os serviços estava Ev Roberts, editor do jornal *Clarion*, da cidade. Dobson pensou em dobrar a esquina antes que o jornalista o visse; mas Roberts o viu logo que Dobson e Edna se aproximaram.

— Bom-dia, John! — saudou êle com sua voz de trovão. — Como vai de saúde?

Ev Roberts era conhecido por sua maneira de falar alto e forte; mas John achou que sua inflexão de voz estava demasiado alta, mais rápida e algo forçada. Estava êle com as mãos nos bolsos e um charuto entre os dentes.

Muito bem — pensou Dobson. Que pensem de mim o que quiserem, e conservem as mãos nos bolsos, perguntando como vou de saúde. Mas Dobson resmungou qualquer coisa e Roberts disse:

— Penso que esta esquina, agora, terá menos obstáculos, e a única pessoa que não vai gsotar do melhoramento é Bob French.

O jornalista gostava de falar por qualquer motivo, ou mesmo sem isso.

— Talvez tenha razão — respondeu Dobson.

Ev puxou do bôlso o seu grande relógio e, com entonação viogrosa, falou:

— Trate de reassumir seus negócios, John. Ouviu?

Dobson avançou um pouco e agarrou o braço de Ev, com fôrça, exclamando:

— Espere um instante, Ev, disse com pressa. Preciso que você publique no jornal uma noticiazinha.

— Não há dúvida — respondeu Ev. — Com prazer.

E, excitado, Dobson olhou firmemente nos olhos de Ev, lutando para dominar êsse sentimento.

— Diga aos seus leitores — começou, com voz trêmula — que John Dobson pede que êles o deixem em paz. Diga-lhes que lhes pouparei os embaraços de me encontrarem na rua, de me terem na cidade e falarem comigo quando me encontrarem.

Percebeu que a espôsa se afligia; mas sua revolta estourava no seu íntimo e era preciso desabafar. Declarava, com tôda veemência, que, se êles o condenavam, êle também condenava os seus inimigos. Diga-lhes isso pelo jornal, bradou. A Sam Talbot, a Sig Horwath, a todos, enfim. O ano que passei fora produziu tal indisposição, que não sei se o ar que iria respirar aqui estaria envenenando o ambiente para êles. Por isso estamos de partida desta terra, eu e Edna. Diga-lhes isto!

O gorducho Ev Roberts o olhava calmamente e até parecia com vontade de criticá-lo. Depois de alguns instantes, falou:

— Suponho que não compreendi bem tudo o que você acaba de dizer, John. O jornalista falou com voz mansa. Com efeito, julgo que ninguém aqui e nas redondezas da cidade compreenderia uma notícia como essa que você acaba de ditar.

Ev Roberts parecia profundamente confundido, perplexo. E prosseguiu:

— Por exemplo, o ano que, segundo você diz, passou lá fora...

Balançou com a cabeça negativamente e terminou com acento gentil:

— Não sabíamos, John, que você houvesse passado um ano fora daqui.

Então, fazendo ligeira inclinação para Edna e tocando de leve na aba do chapéu, seguiu seu caminho.

Depois de uns instantes, John Dobson, compreendendo que caíra numa indiscrição, começou a preocupar-se. Por fim, sentindo a pressão dos dedos de Edna em seu braço, prosseguiu a marcha.

— Está vendo, John? — murmurou ela, como se estivesse a pensar numa coisa da qual tivesse certeza desde muito tempo. E concluiu: — Ninguém o acusa aqui. Não me cumpria dizer-lhe isso antes de que você mesmo o sentisse. Eu teria estragado uma confissão que devia ser dêles mesmos.

John Dobson acariciou-lhe as mãos e moveu com a cabeça, como quem reconhece a precipitação. Voltou-se vagarosamente e olhou para trás, para Main Street. Pareceu-lhe bela. As lojas ali em frente nunca lhe pareceram tão lindas e familiares.

★ ★

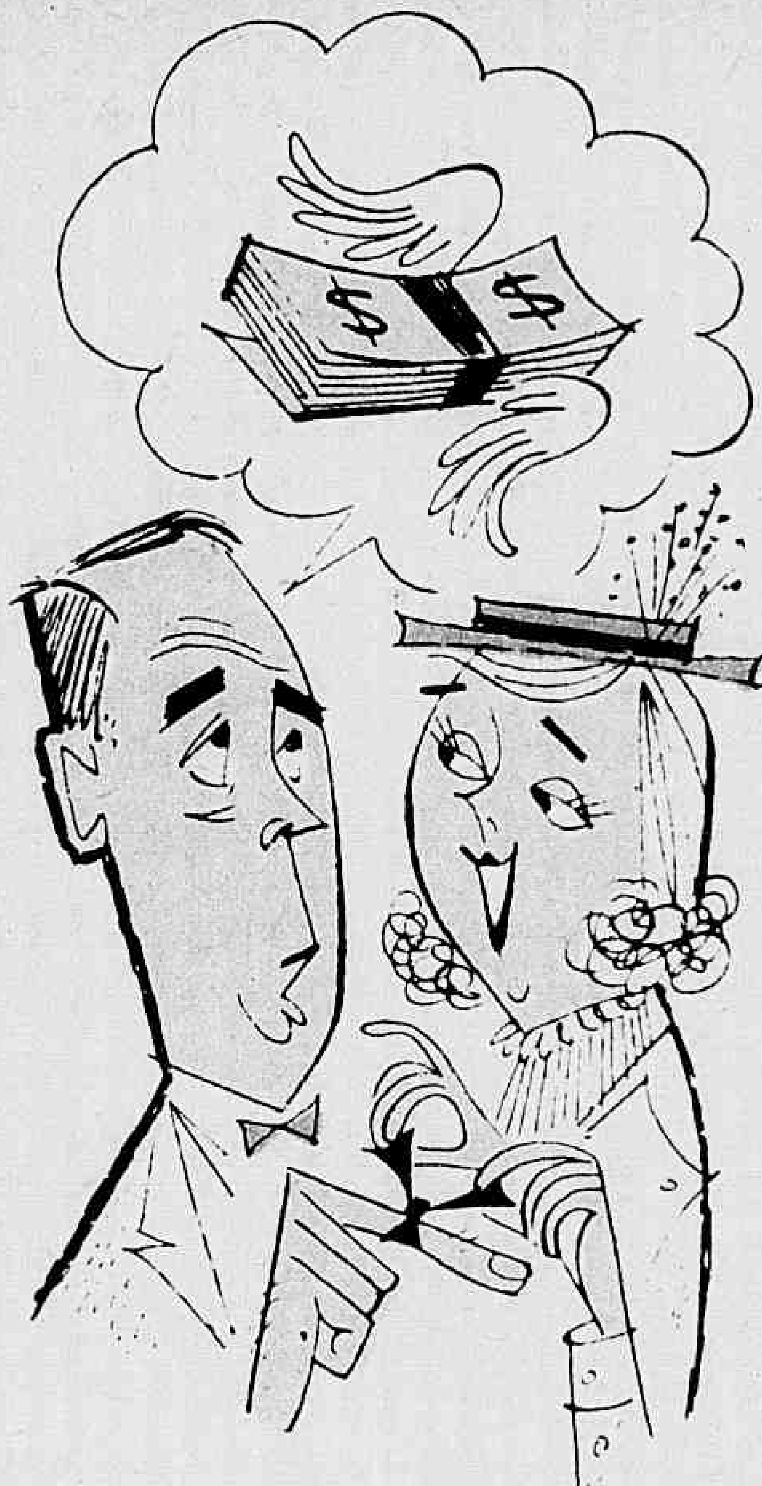


FRIO? —— Não. Charles Chaplin, conhesido astro cinematográfico, foi apenas surpreendido pelo fotógrafo, quando demonstrava a um amigo, em Londres, cidade em que que reside atualmente, a posição que deve ser adotada, para ser rebocado velozmente num aquaplano.

"Creio que não existe, no mundo, homem mais desprezível do que eu."

HÁ dias, já na cama, sem que possa explicar o motivo, minha imaginação principiou a passar revista nos pecados e faltas ligeiras que tenho cometido, particularmente, os pecados de omissão.

Entrei a pensar nas coisas que estão por fazer em casa e que nunca faço, nas cartas que tenho deixado sem resposta, nos livros emprestados e que não devolvi... Acima de tudo, pesava-me recordar os recados de que fui encarregado e que jamais transmiti. Se essas coisas fôssem castigadas com o cárcere, acredito que apanharia pelo menos uns duzentos anos de prisão.



ALBUM DE FAMILIA:

CONFISSÃO

Por PARKE CUMMINGS

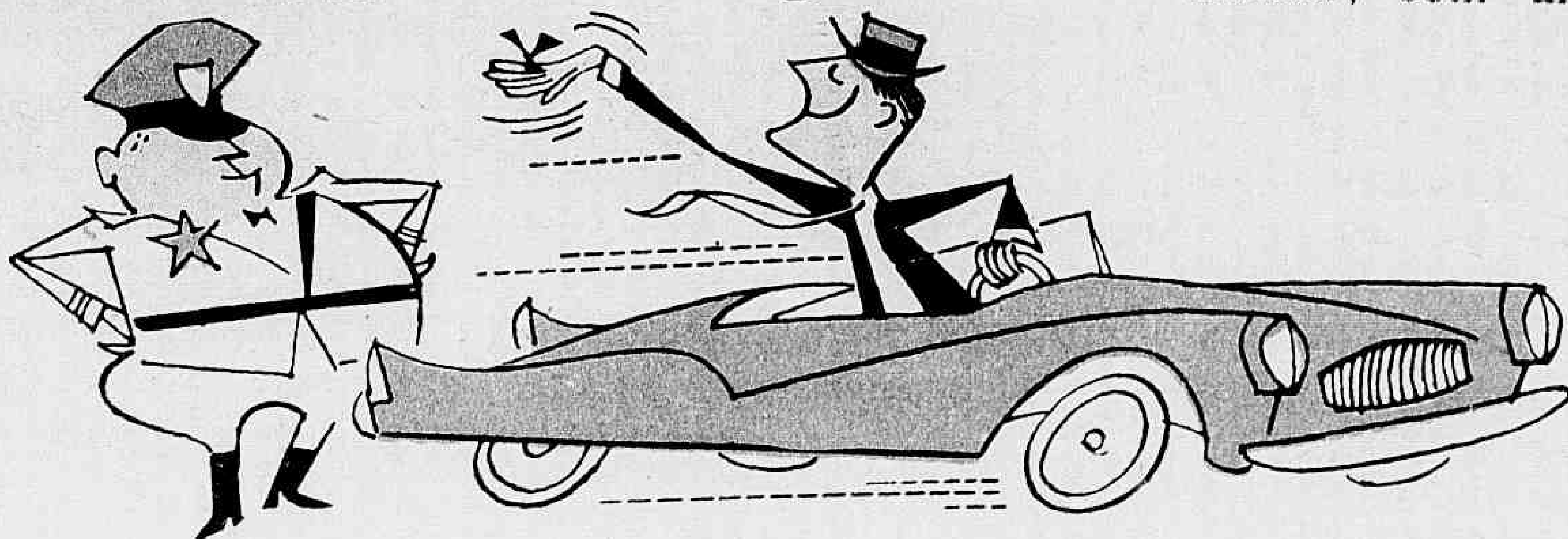
Há coisa de um mês encontrei-me na rua com a Sra. Rosenthal, amiga de minha mulher. Recomendou-me, com insistência, que dissesse a Virgínia (minha espôsa) que ia começar, na semana seguinte, uma grande venda de peles, a preços reduzidos, no Palácio da Moda.



Prometi dar o recado, mas não sei como aconteceu... Esqueci, pura e simplesmente, de dizer a minha mulher. Sòmente pude lembrar-me do fato depois de terminada a tal venda de peles. Doeu-me a alma por tão lamentável descuido.

Em outra ocasião, isso há vários meses, foi minha mulher quem me pediu o seguinte: *"Quando tornar a ver o guarda do trânsito que me multou, no sábado último, diga-lhe que é um canalha!"* E — vejam só como são as coisas! — a primeira pessoa que vi, àquela manhã, foi o tal guarda. Quando o reconheci, tratei de lhe enviar um aceno amistoso, acompanhado de um sorriso amabilíssimo. Só quando me encontrava umas quinze quadras além foi que recordei o que minha espôsa queria que lhe dissesse. Porém eu ia com muita pressa e, contrariando minhas melhores intenções, não pude voltar para executar o pedido.

Também falhei a minha mulher, com um recado



que me deu para a Sra. Lucena. *"A próxima vez em que a veja* — recomendou Virgínia — *diga-lhe que, com muito prazer, você mesmo a ajudará no que fôr necessário na "kermess" que está organizando".* — Encontramo-nos, realmente, horas depois, a Sra. Lucena e eu. Perguntou por minha saúde e respondi que me sentia muito bem, mas que, infelizmente, mal tinha tempo para respirar, com tanto trabalho que me caíra em cima. O detalhe da "kermess" esqueci por completo.

Êsses ataques de amnésia de que sou vítima datam, de fato, dos dias em que minha mulher e eu éramos noivos. Recordo, por exemplo, uma noite, em um baile, em que ela me disse: *"Você está vendo aquêle grandalhão idiota, junto da janela? Pois vá dizer-lhe que lhe quebrará o nariz, se não parar de me importunar."*

E quando penso na maneira como tenha ficado mal com meus filhos, tudo por culpa de minha péssima memória, chego a corar. Há várias semanas, por exemplo, um amigo de meu filho o chamou pelo telefone. Não estava e atendi no seu lugar: *"Queira fazer o favor de dizer ao seu filho, quando chegar, que estou disposto a vender-lhe o trombone."*

Meu filho regressou, minutos depois, porém esqueci por completo de lhe dar o recado. Creio que me distraí, conversando com êle sôbre o encanto da filatelia como passatempo.

Com minha filha tive uma experiência similar. Soube que eu ia à casa de uns amigos, a fim de jogar canastra. *"Não deixe de dizer ao Sr. Pedro, papai* — suplicou minha filhinha — *que me ofereça um dos gatinhos que teve sua gata."*

O jôgo foi muito interessante. Ganhei. E, com a satisfação do triunfo, esqueci o gatinho pedido. Pobre de minha filha! Que pai tem!

É uma grandíssima pena ser vítima de uma memória assim. Estou convencido de que não há no mundo homem mais desprezível do que eu.

* *

COMO VOCÊ RESOLVERIA ISTO?

O grande baile de formatura era o maior evento escolar do ano. Famosa orquestra tinha sido contratada para a ocasião e o imenso ginásio da escola estava resplendente. As moças se apresentavam com seus vestidos mais bonitos e formais e os rapazes em seus magníficos **summer-jackets,** sôbre calças para **smocking,** camisa de peitilho engomado, gravatinha preta... enfim, alinhadíssimos. Sentadas em poltronas colocadas em redor do salão, as acompanhantes das moças — pais e mães, autoridades convidadas e professôres. Tudo estava perfeito e belo até que três casais estranhos surgiram, aparentemente dispostos a estragar a festa.



Munidos de convites, haviam ingressado no salão, porém vestidos com negligência e revelando pouca educação na maneira de dançar.

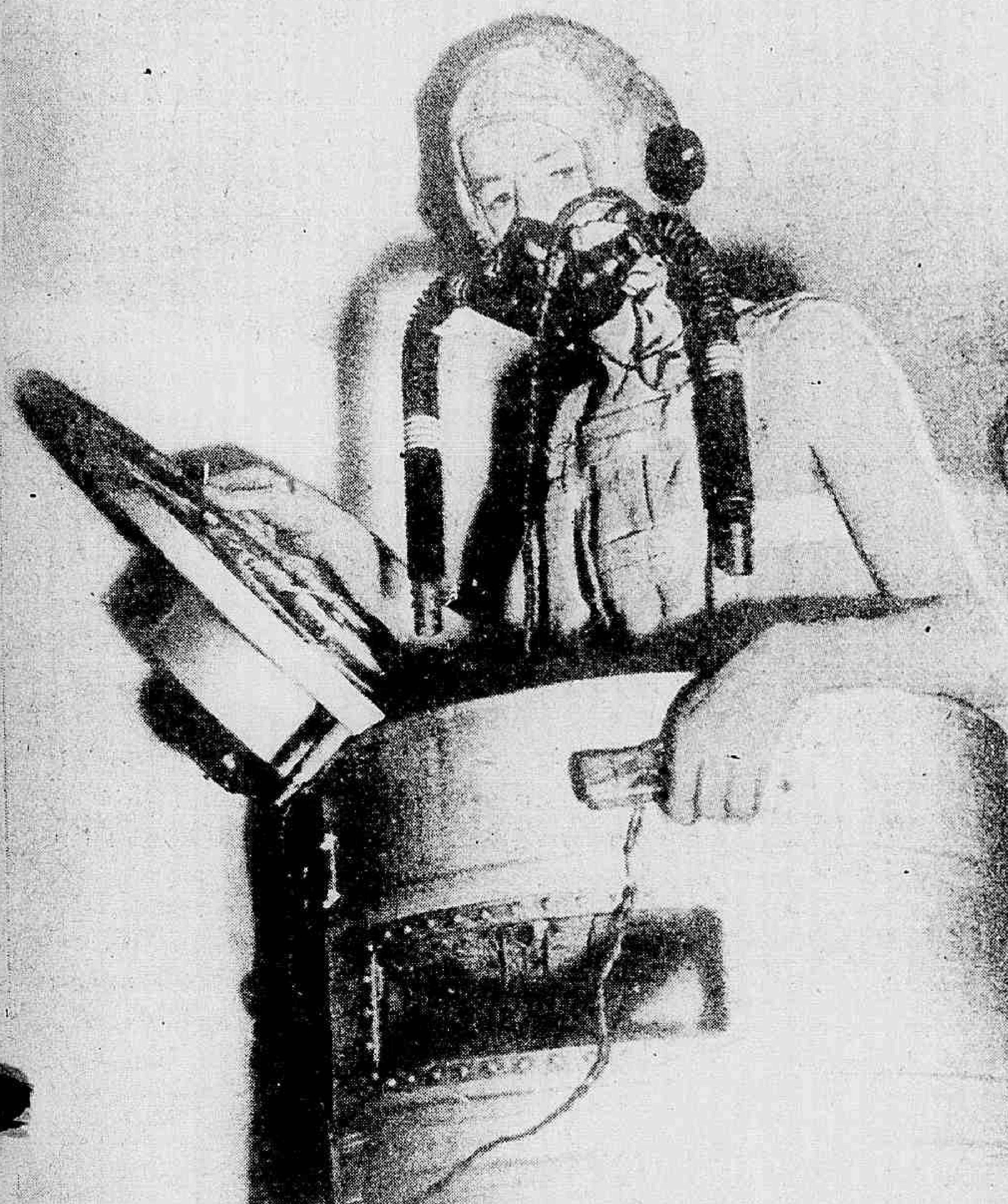
Os promotores e responsáveis pela boa ordem da festa, indignados, reuniram-se num canto do salão, a fim de encontrar uma solução para o caso. Uma solução que não criasse escândalo nem provocasse qualquer incidente.

Pode o leitor indicar como se arranjaram.

(Resposta à página número 32)

SÓ OS

DE CADA 1.000 PE





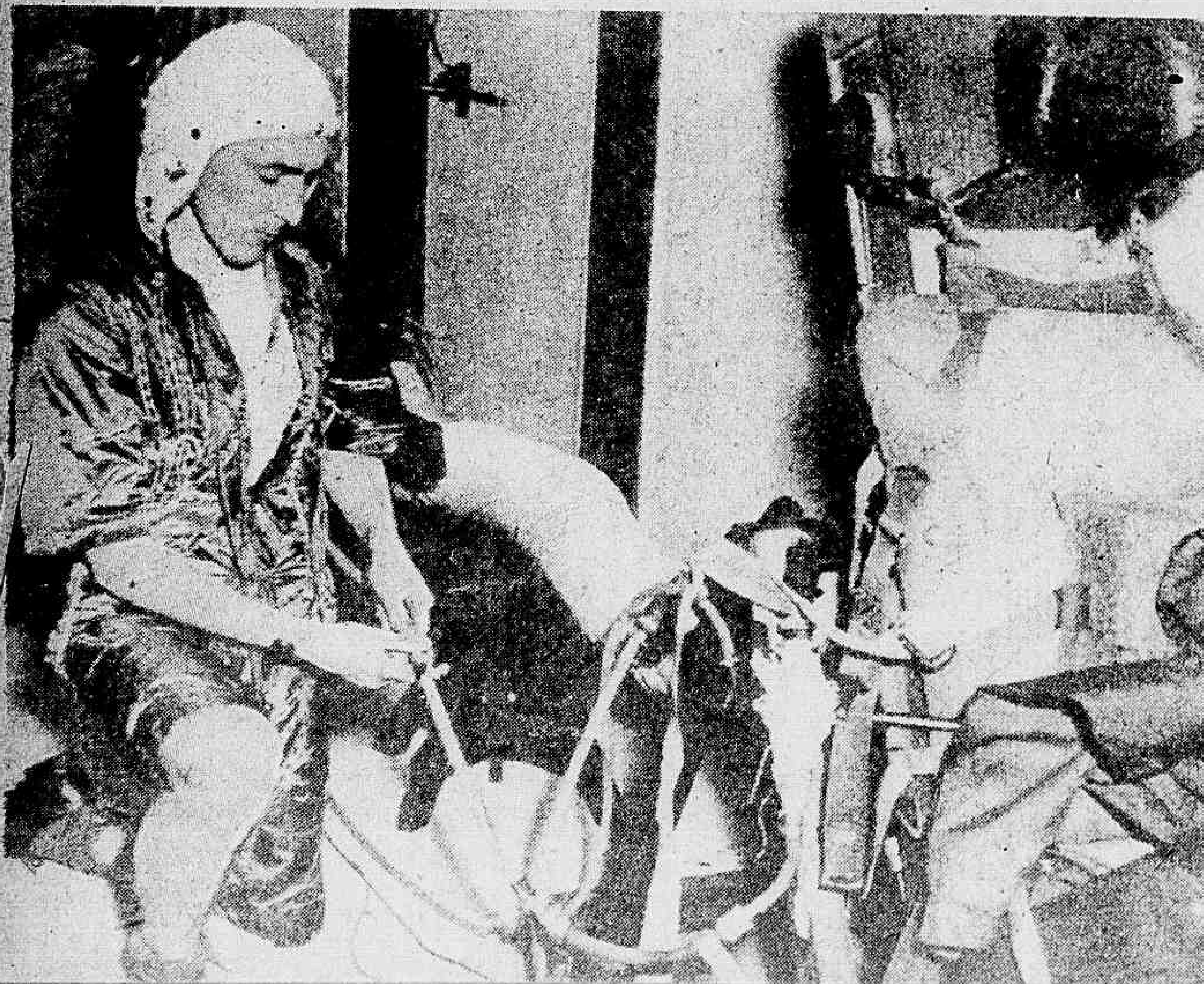
Depois de permanecer ao frio, mas protegido com uma roupa experimental, o futuro pilôto interplanetário se desnuda e trata de introduzir-se no banho "calorímetro", que medirá todo o calor que o indivíduo contém, permitindo, assim, calcular a eficácia do vestuário.



A temperatura do ar é de dez graus Fahrenheit, isto é, doze graus centígrados abaixo de zero. Um técnico da marinha norte-americana experimenta algumas peças da roupa própria para as viagens interplanetárias, ao mesmo tempo que caminha a uma velocidade que é regulada sôbre uma correia sem-fim.



Um aviador selecionado, veste uma roupa experimental, com acondicionamento de ar, próprio para ser usado sob o uniforme de vôo. Mediante uma conexão especial, recebe ar e umidade a uma determinada temperatura. A transpiração é calculada pesando-se o indivíduo antes e depois de se processar uma experiência.



SUPER-HOMENS IRÃO À LUA

SSOAS SÒMENTE 5 ESTARÃO APTAS A VIAJAR NOS AVIÕES-FOGUETES-INTERPLANETÁRIOS



SEGUNDO os minuciosos relatórios dos técnicos inglêses e norte-americanos, já poderá o homem partir, viajando pelo espaço interplanetário, o ano que vem, se assim o desejar.

É verdade que enfrentará gravíssimos perigos — desde a aceleração circulatória sob baixa pressão até os raios cósmicos e as pressões a temperatura excessivamente baixa. Porém, defendido pela ciência, tudo poderá superar.

O aspecto mais grave da viagem já está vencido com o aperfeiçoamento do chamado uniforme interplanetário ou plástico, fabricado pelos técnicos dos Estados Unidos, e que é dotado de atmosfera sintética: oxigênio, pressão, ar condicionado. Pode ser usado em períodos longos, permitindo completa liberdade de movimento.

Essa roupa especial foi projetada para atender aos problemas variados com que o homem lutará no alto espaço sideral.

O coronel-médico Don Flickinger, uma das maiores autoridades em sua especialidade, afirma com certa convicção profissional:

"— *De cada mil pessoas que satisfaçam ou reúnam os requisitos iniciais quanto à idade, condições físicas e nível de instrução para o treinamento e obtenção do diploma de astronáutica, sòmente cinco poderão voar até o espaço interplanetário.*

"Isto parece espantoso, porém não o é, porque só com cinco indivíduos realmente aptos os técnicos poderão constituir a tripulação de um foguete interplanetário."

Quais são os requisitos iniciais exigidos para a aceitação de um candidato a essa viagem?

Primeiro, o candidato a tripulante ou passageiro de uma aeronave interplanetária deve ter idade suficiente para raciocinar com experiência e calma, pois será lançado, através do espaço desconhecido, como um bólido, em velocidade superior a trinta

mil quelômetros por hora, enfrentando situações jamais experimentadas.

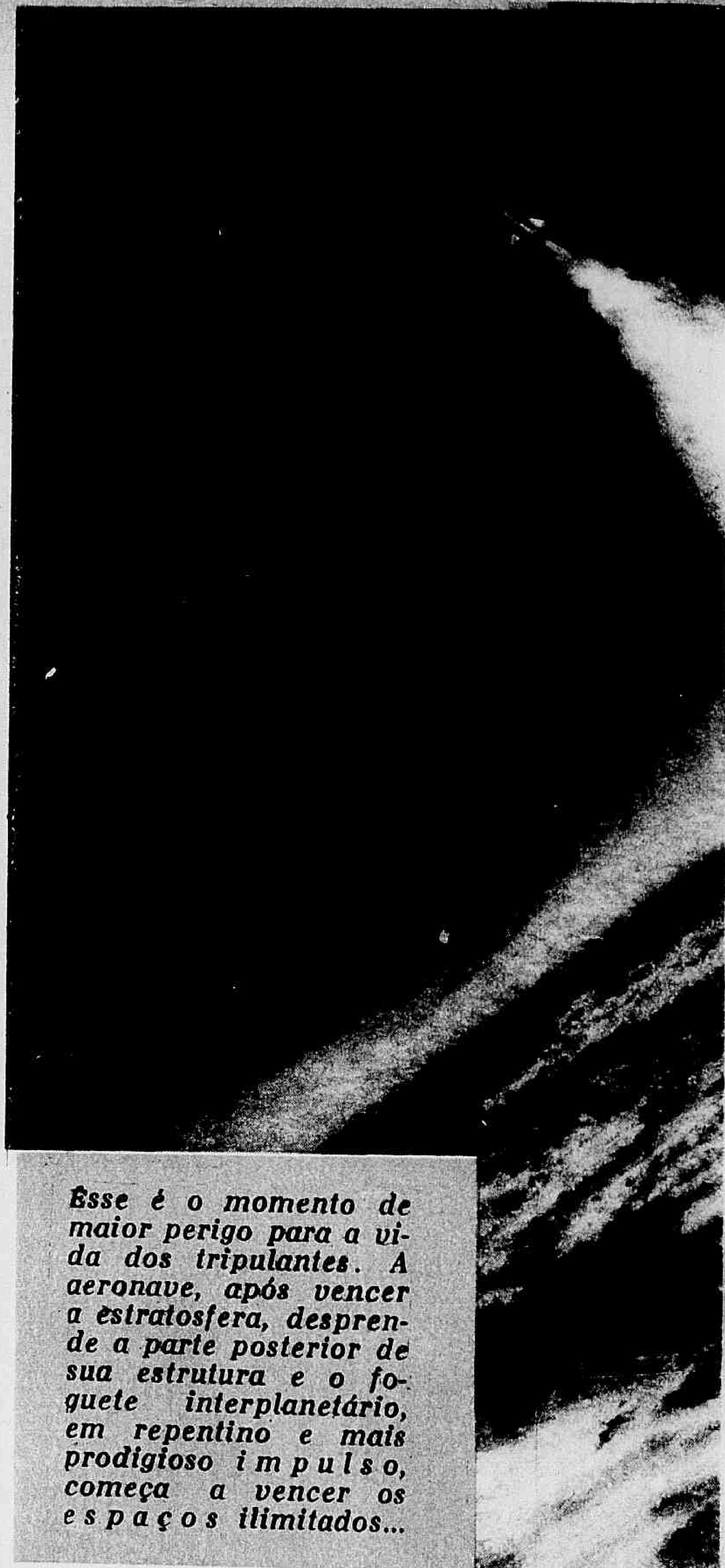
Nessas condições, não poderá ter idade superior que o incapacite para suportar os rigores da viagem interplanetária, tais como a aceleração extraordinária, que multiplicará seu pêso normal nove vêzes, reduzindo-o, em seguida, a zero, exigindo ainda a máxima resistência com reflexos de coordenação absolutamente perfeitos. Deverá ser instruído de tal forma que conheça muito bem os segredos da ciência com relação a viagens interplanetárias e possa sobreviver a todos êles no espaço sideral. Terá que possuir conhecimentos profundos de engenharia, medicina, astronáutica e aeronavegação. Não poderá ser nem muito alto nem muito baixo ou corpulento, dado que, infelizmente, êsses indivíduos nunca possuem bom contrôle do sistema circulatório, criando os *handicaps* negativos.

Os melhores candidatos a uma tripulação interplanetária devem ter entre vinte-e-oito e trinta-e-cinco anos de idade, estatura entre 1,75 e 1,90, e pêso entre 75 a 90 quilos com relação àquelas estaturas.

As mulheres também serão admitidas, não como pilotos, mas, sim, como radiotelegrafistas e operárias de radar. Através de uma longa experiência, as mulheres têm demonstrado que são capazes de executar as tarefas monótonas e tediosas durante horas seguidas sem perder eficiência. Um ser humano de tal qualidade terá seu pôsto nas primeiras viagens. Os requisitos de saúde e científicos serão os mesmo já acima assinalados para o homem, exceto que as mulheres poderão ter menos estatura e pêso.

O mais severo teste constará de um exame médico-psiquiátrico. Tal exame incapacitará oitocentos e oitenta dos mil principiantes. A tripulação estará integrada por pessoal com atributos físicos e específicos de personalidade firme e equilibrada. Não se trata de formar super-homens-voadores com excelente saúde mental e física.

Nas altitudes superiores a sete mil metros, pràticamente não existe ar. De treze mil a vinte mil metros para cima,



Êsse é o momento de maior perigo para a vida dos tripulantes. A aeronave, após vencer a estratosfera, desprende a parte posterior de sua estrutura e o foguete interplanetário, em repentino e mais prodigioso impulso, começa a vencer os espaços ilimitados...

começa a região de pressões baixas. E, a partir de então, até o infinito, os líquidos do corpo ferverão se não houver a conveniente proteção. A saliva se tornará espumosa. Sôbre a pele surgirão bolhas-d'água e o sangue se coagulará!

Um homem, durante essas velocidades através do espaço, em poucos instantes, passa pelas mais incríveis variações do termômetro, desde a temperatura moderada, a partir da Terra, até quarenta e dois graus centígrados abaixo de zero, a uma altitude de mais de dez mil metros, para chegar a uma região onde a tempe-



ratura não sabemos como será, pôsto que um homem colocado sob a ação dos raios ultravioleta ficaria torrado, enquanto que o lado oposto à ação solar perderia imediatamente calor.

A nova roupa interplanetária soluciona perfeitamente os problemas; mas como se realizam os movimentos de um homem encerrado num balão de alta pressão?

Êste é um segrêdo da marinha dos Estados Unidos.

Êsses são, pelo menos, os detalhes já entrevistos pelos homens que se dedicam ao estudo dessas viagens interplanetárias e que sôbre êles podem falar com absoluta segurança, apontando, portanto, os recursos de defesa para os futuros pilotos e passageiros. Mas, quem pode afirmar que não surgirão outros problemas, até agora insuspeitados, em plena viagem?

Até o presente estão baseados naquilo que já sabem ou afirmam poder deduzir. Mas não podem conhecer, em suas minúcias, os desequilíbrios reais quanto a temperatura e pressão e muito menos os fenômenos de atração que podem muito bem ocorrer, anulando todos os seus cálculos.

A «BOA RESPOSTA» DO MÊS

MRS. Priggish era uma mulher igual à maioria das que conhecemos. Era incapaz de notar se seu marido trocava de sapatos ou usava uma nova gravata. No entanto, estava sempre protestando, alegando que Mr. Priggish não lhe dava suficiente atenção.



Um dos seus prazeres, talvez para despertar maior atenção do marido, era ir ao próximo salão de beleza. Ali vivia fazendo mil e uma experiências, ajudada por um sem número de óleos e tinturas, que faziam a sua cabeleira variar, num ano, mais vêzes que o programa de um cinema, passando do louro dourado, para o louro platinado, além das variadíssimas tonalidades do castanho. Mr. Priggish apenas pagava as contas, sem nada murmurar. Para maior desespêro de Mrs. Priggish, uma bela manhã, encontrou, entre a farta cabeleira, alguns fios prateados. Após verter muitas lágrimas, caminhou ao encontro do marido, calmamente sentado, no *living-room*, lendo o seu jornal e, parando diante dêle, perguntou:

— Alberto... Você continuará gostando de mim quando meus cabelos forem totalmente brancos?

— Naturalmente, querida — respondeu êle. — Pois não tenho gostado de você com tôdas as outras côres de cabelo?

★ ★

DIVISAS DE... MACACO

O ministro do Reabastecimento do govêrno da Índia acaba de chamar a atenção do Parlamento para uma das causas principais do estado de fome permanente, que reina no país, isto é, para os macacos sagrados.

Êstes, que não podem ser mortos nem perseguidos, em razão de textos religiosos milenários, multiplicaram-se de tal forma que hoje somam 50 milhões ou seja: um para cada habitante.

— Embora a opinião pública possa ser contrária às medidas que o govêrno venha a tomar, proponho que os humanos dividam o pouco de alimento de que dispõem com os animais que veneram.

Mas, logo foi feita nova sugestão: se é proibido matar os macacos sagrados, não é proibido vendê-los. Por que não aceitar as numerosas propostas de compra dos símios, vindas da Inglaterra e dos Estados Unidos? O sistema, ao menos, teria a dupla vantagem de livrar o país de bôcas inúteis e canalizar para os cofres do Estado divisas bem interessantes.

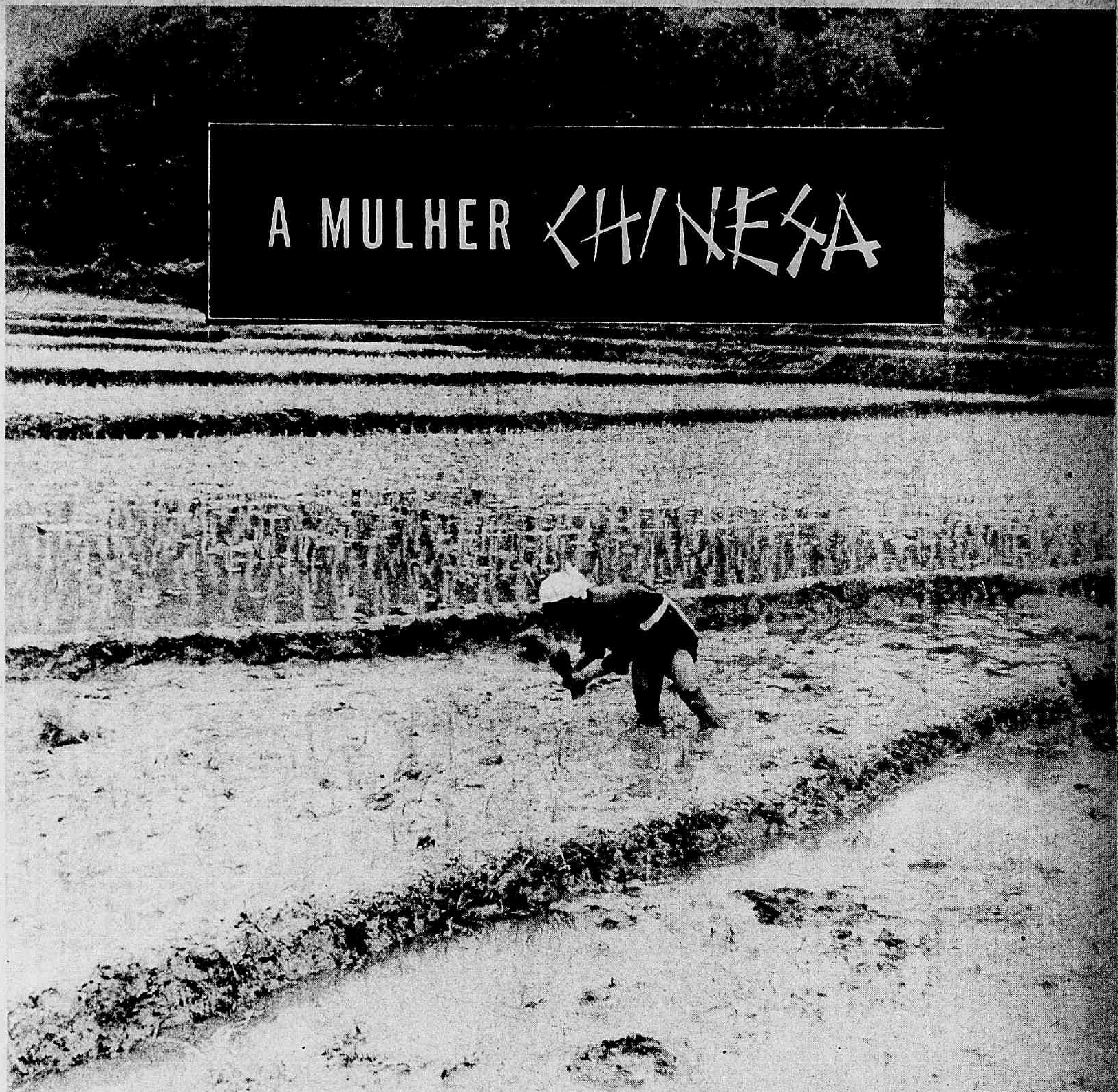
★

COMO VOCÊ RESOLVERIA ISTO?

(Resposta da página 27)

Nada disseram aos intrusos, nem dêles sequer se aproximaram. A um sinal discreto do principal promotor do baile, todos os estudantes pararam de dançar, enquanto a orquestra continuava a executar um número, retirando-se para as varandas ou simplesmente refugiando-se nos lados do salão... e deixando os três casais absolutamente isolados no imenso recinto. Envergonhados, trataram de deixar a festa.

A MULHER CHINESA



A GRANDE ESCRAVA DE ONTEM É DOTADA DO MAIS ADMIRÁVEL TATO FEMININO.

Em cima: o plantio, tratamento e colheita de arroz são trabalhos reservados à mulher chinesa. Embaixo: camponesa do sul, com sua filha. Nas províncias do sul, os velhos costumes são observados.

NA hora em que o mundo, em todos os setores do seu progresso, como nos detalhes mais importantes da sua evolução social encontra na mulher o detalhe que faltava para o seu equilíbrio e segurança, como elemento de utilidade variada, batalhando lado a lado com o homem em todos os campos do pensamento e da ação, é curioso conhecer a posição daquela que foi a última a quebrar os grilhões de uma tradição muitas vêzes milenária e que a tornava uma escrava entre a liberdade sempre maior de suas irmãs ocidentais; a





Um jovem casal moderno. Ela e o marido haviam estudado juntos, na Universidade e, hoje, ambos são médicos. A tualete preferida (para trabalhar) é uma espécie de pijama, com pantufla sem meias.

O respeito pelos mais velhos tem sido, em tôdas as épocas, a grande virtude da juventude chinesa. Acompanhar um avô a um passeio não significa sacrifício para o jovem chinês, mas uma honra.



Uma intelectual e uma operária. Mau grado as revoluções, a classe operária conservou sua roupa tradicional, feita com algodão prêto. Principalmente as mulheres mais idosas, conservam êsse costume.

mulher chinesa! *"Ninguém se rejubila com a vinda ao mundo de uma filha. Seu nascimento é uma tristeza. Com ela, a família não enriquece..."*

Assim escrevia, outrora, o poeta chinês Fu Suan. E seus versos eram lidos com delícia e respeito, porque na China, como em outros muitos países respeitadores dos velhíssimos costumes de uma época de cruel e absoluto predomínio do homem, a desigualdade dos sexos se fixara em longos séculos de tradição nos costumes do seu povo e foram necessárias



duas revoluções para que a mulher chinesa conquistasse a mesma classe social de que se beneficiam as mulheres nos demais países do mundo.

Verdadeiramente, até o início do século atual — mais exatamente, até à queda do regime imperial — a esfera da mulher chinesa estava estritamente limitada à casa. No seu lar não era, de maneira nenhuma, tratada como escrava, desfrutando, em geral, das atenções e da estima do espôso, que lhe legava uma autoridade talvez excessiva com relação aos filhos e mesmo nos negócios econômicos da casa pròpriamente dita. Em compensação, era completamente banida da vida



pública. Na vida social, seu papel ficava reduzido a um estrito mínimo.

Uma das razões pelas quais os homens não desejavam que suas respectivas espôsas aparecessem em público era incontestàvelmente o ciúme. O costume

Uma família chinesa em sua residência, situada num dos imepsos e intrincados bairros pobres.

ancestral de estropiar os pés das mulheres desde a sua mais tenra idade, não cor-





Em cima: os chineses gostam de comer com música. Muitas moças ganham a vida como músicos tanto nos restaurantes quanto nas casas. particulares, para onde são contratadas, para as recepções. À direita: jovem camponesa procurando caranguejos num pantanal. Êsse é o seu alimento principal (e único em certo período difícil do ano).

respondia ùnicamente a uma concepção de estética, sendo antes um meio indireto e muito cruel de prejudicá-las, dificultando o seu caminhar e obrigando-as, por êste processo, a permanecer em casa.

Até mesmo um poeta admirável e moderno, como Lin Yutang, procura justificar êsse costume com argumentos de estética e, ao fazer a descrição de uma linda criatura, acrescenta zelosamente:

"— *Dois pés grandes e normais, teriam desmanchado lamentàvelmente a perfeita harmonia das linhas e da sua beleza.*"

Outro autor chinês, En Ching, é muito mais sincero, quando explica:

"— *Os pés são mutilados, não para que se tornem tão belos como um arco encurvado, mas para dificultar o caminhar das mulheres, quando saem à rua.*"

O homem chinês era sempre cheio de atenção por sua espôsa, mesmo nas classes operária e camponesa. A operária e a camponesa tinham até uma certa vantagem sôbre as espôsas dos ricos burgueses ou dos aristocratas, pôsto que estavam — por motivos puramente econômicos — menos expostas ao perigo de ver o marido trazer para o lar as concubinas. De fato, sendo o concubinato um costume aceito e praticado durante séculos, na China, todos os homens que tinham meios materiais de comprar jovens mulheres e sustentá-las, assim faziam sem qualquer limite. Isto porque, na China, como nos países muçulmanos, o homem que desposa uma mulher ou que toma uma concubina, deve comprá-la da família. E devemos notar que êsse é, realmente, um fato curioso e paradoxal: nos países onde as mulheres são consideradas socialmente inferiores aos homens é, apesar disso, o homem quem deve pagar para ter uma mulher, enquanto que nos países civilizados, onde reina a igualdade dos sexos, quer a tradição (nos países europeus pelo menos) que a mulher apresente um dote para o casamento.

A primeira transformação importante, na existência da mulher chinesa, ocorreu em 1920, com a promulgação de um novo Código Civil. Até então, o casamento era coisa que os pais do noivo e da noiva arranjavam entre si. Os dois principais interessados não tinham qualquer direito

nem mesmo de escolher, livremente, o espôso ou espôsa que lhes interessasse diretamente, nem de se rebelar contra a decisão dos pais. Uma recusa de obediência em matéria de casamento acarretava a imediata exclusão do noivo rebelde do seio de sua família; quanto à noiva, por sua parte, não podia sequer pensar em protestar.

O Código de 1920 aboliu êsse costume, porém muitos pais continuaram, por hábito, a casar seus filhos sem o consentimento dos mesmos. Apesar disso, a nova geração desejou aproveitar-se dos direitos conquistados com a nova legislação e os rompimentos de noivado tornaram-se cada vez mais numerosos. Desde essa época até hoje os jornais chineses publicam uma rubrica anunciando essas quebras de compromisso de casamento como entre nós costumamos anunciar os noivados, os casamentos, os nascimentos.



A partir de 1920, o homem não compra mais sua espôsa, salvo no Sul, onde camponeses e operários permanecem fiéis aos velhos costumes, apesar das revoluções.

As famílias pobres vivem nos imensos campos da China meridional, onde desenvolveram um costume original. Se a família possui um menino, trata de comprar uma menina com a intenção de casá-la com o próprio filho, logo que tenham idade para isso. O preço que a família deve pagar por uma menina de 5 ou 6 anos é muito inferior ao que o noivo teria que pagar por uma noiva núbil. Dessa forma, a família faz importantes economias.

De 1920 para cá, a situação social da Chinesa se aproxima cada vez mais da que é ocupada pelas mulheres nos países de civilização ocidental. As mais diversas profissões são hoje acessíveis às mulheres e, nas reuniões mundanas, o casal assume o papel antes desempenhado pelo homem ùnicamente. Por sua vez, as grandes cidades industriais atraíram um número importante de jovens chinesas, e quando essas operárias retornaram a seus respectivos lares, nas distantes aldeias, passaram a gozar de maior consideração

Em cima: a chinesa de hoje. Seu tipo nada mais recorda as mulheres embonecadas de outrora. À esquerda: nas peças clássicas, a artista deve aparecer em cena com uma caracterização que esteja de acôrdo com as tradições do velho teatro chinês.



por parte dos homens. O camponês que desposa uma jovem chinesa que tenha trabalhado algum tempo em qualquer grande cidade, confia, geralmente, tôda a direção dos negócios familiares à mulher. Calcula — com razão — que a mulher conhece melhor o mundo e que, assim sendo, saberá melhor guiar a vida do casal.

A segunda revolução, a de Mao Tsé Tung, não apenas concluiu a emancipação da mulher chinesa, mas favoreceu, por todos os meios, o acesso da mulher na vida pública.

Nos meios intelectuais, o casamento passou a ser uma espécie de consagração da comunidade espiritual dos cônjuges. Para a escolha de um noivo ou noiva, atenta-se menos à origem, às condições materiais, à beleza física, etc., que aos valores espirituais. Muitas vêzes, dois jovens que fizeram juntos os seus estudos e que se orientam para a mesma profissão ou os que militaram juntos na vida política, acabam por descobrir que o casamento é o desfecho normal do trabalho que juntos realizaram.

Em tôdas as profissões, as mulheres recebem os mesmos salários e têm as mesmas possibilidades para fazer uma carreira que os homens. Por outro lado, a vida amorosa das moças chinesas é tão livre como a dos rapazes.

A mulher chinesa de hoje se mostra inteiramente à altura dos direitos que conquistou no correr dos últimos 30 anos. Soube, realmente, acertar o passo com a evolução política, econômica e social — extremamente rápida — do país. Sua inteligência é mesmo louvada por todos os autores chineses e por todos os estrangeiros que percorreram a China. Tem ela tôdas as capacidades para realizar as tarefas que lhe foram fixadas na sociedade nova.

Citemos, para terminar, as palavras de Frau Lang, uma alemã que escreveu importante livro sôbre a vida atual na China.

"A mulher chinesa moderna, mesmo que trabalhe na indústria ou exerça uma profissão liberal, tem uma qualidade que falta geralmente às ocidentais e muito auxilia para o êxito do casamento: como suas avós, as chinesas de hoje são dotadas de grande tato feminino. Embora sejam iguais a seus maridos ou mesmo superiores a êles, agem sempre de tal maneira que não fique ferido o orgulho masculino."

★ ★

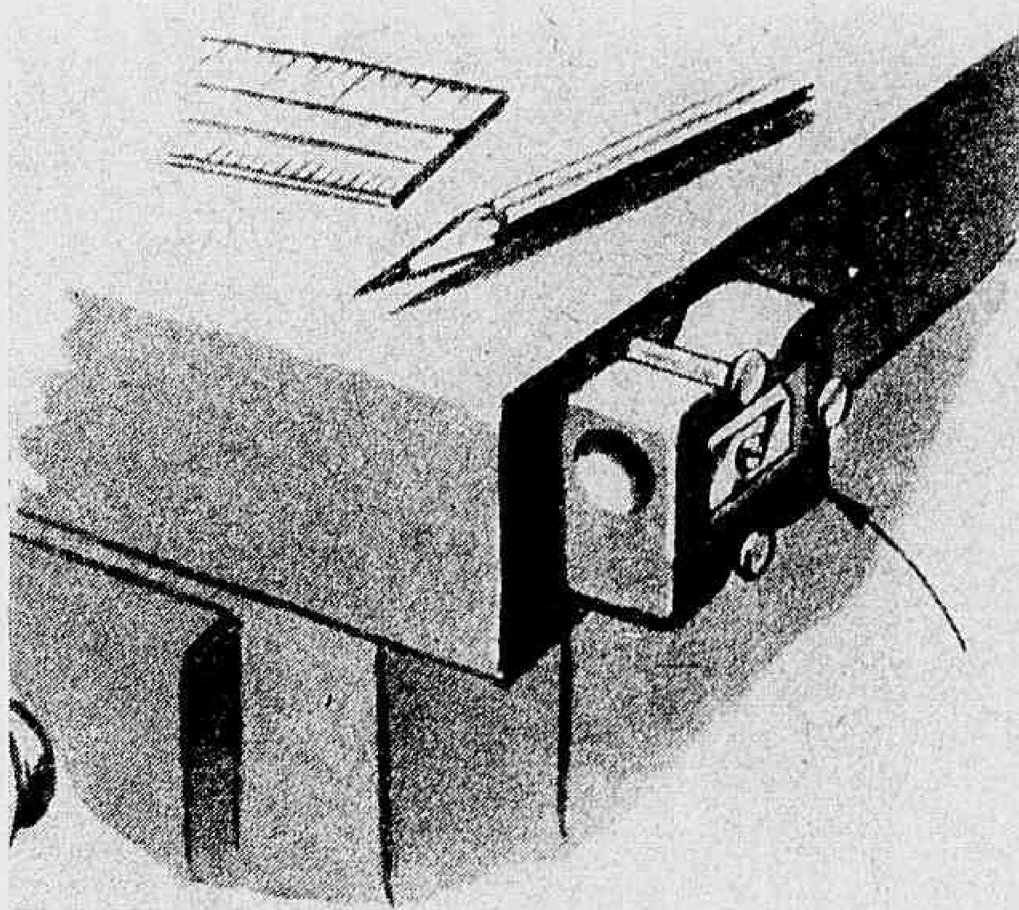
A VIDA MUDOU POUCO

SEGUNDO dizem os naturalistas, a vida no mar e no litoral atlântico da América do Norte não mudou durante os últimos dez ou quinze mil anos.

A maior parte dos sêres vivos — ostras, caracóis, caranguejos, camarões, peixes, etc. — que vivia na área da Baía de Chesapeake, perto de Washington, continua a existir.

Essas conclusões foram deduzidas dos estudos realizados pelo Dr. S. F. Blake, do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, nos depósitos de fósseis do Estado de Maryland.

PEQUENAS COISAS QUE AJUDAM MUITO



Uma coisa simples e que traz vantagens: fixa o apontador de lápis manual no canto externo da mesa. Facilita o trabalho e não suja os dedos...

EFEITOS DA INFLAÇÃO

JÁ não se diz «Um milhão de vêzes obrigado!», mas, sim, «Um bilhão de vêzes obrigado!»

★

VÔOS DA FANTASIA

— Um raio de lua, puro e tímido como uma noviça. — **Dr. Gabriel M. Plancarte**

— A amabilidade é, em muitos casos, a moeda falsa da bondade. — **Eugênio de Ochoa**

— O sol chegava ao travesseiro em claras cordas de harpa. — **Alfonso Cuesta y Cuesta**

A FÔRÇA DE UM JURAMENTO

PAUL FÉVAL

— Há-de escapar — interrompeu o gascão. — Aquêle rapaz tem o diabo no corpo. Se quisesses, podíamos ir procurá-lo e fazer-lhe presente das nossas humildes pessoas...

Passepoil era prudente. Não pôde reprimir uma careta e dizer:

— Não me parece que seja o momento oportuno...

— Então atreves-te a discutir comigo?... — respondeu Cocardasse, muito ofendido. — Pois não vês que não há escolha?... Agora ou nunca!... Se êle não tivesse necessidade de nós recebia-nos com aquela estocada de Nevers, mas assim...

— Tens razão — concordou Passepoil.

E desta conversa resultou que o pobre barão de Barbanchois não foi deitado na sua cama... Cuidadosamente colocado sôbre a relva, ali continuou o sono interrompido. Mais tarde saberemos como despertou...

Cocardasse e Passepoil principiaram as suas pesquisas. A noite estava escuríssima e no jardim as únicas luzes ainda acesas eram as que se encontravam junto às tendas indianas.

Em determinado momento viram acender-se as luzes do pavilhão do Regente. Abriu-se uma janela.

Sua Alteza assomou à varanda e disse aos seus servidores invisíveis:

— Senhores, a vossa cabeça responde por êle... Quero-o vivo!

— Deus do Céu! — resmungou Bonnivet, cuja patrulha, entretanto, chegara junto à estátua de Diana. — Se o maroto ouviu isto, faz-nos em bocados!

Somos forçados a confessar que os soldados não iam de boa-vontade para êste serviço... Lagardère tinha uma reputação terrível e o próprio Bonnivet preferiá ver na sua frente duas dúzias de

---

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Estamos no vale do Luron, junto ao castelo de Caylus-Tarrides. Para ali, em 1699, o marquês, viúvo, se retirara com sua filha, Aurora. Pouco depois, Felipe de Lorena, duque de Nevers, foi repousar em suas terras, no Jurancon, onde se enamorou de Aurora, havendo quem murmurasse que aquêle amor «avançara muito». Quatro anos depois, Nevers já não habitava no Jurancon, porém outro Felipe ali surgira: Felipe Polyvene de Mântua, príncipe de Gonzaga, com quem o marquês queria casar a filha, pois Gonzaga era o único herdeiro de Nevers, que era solteiro e possuía uma das maiores fortunas da França. Em uma tarde de outono de 1693, em uma estalagem próxima ao castelo, se reúnem vários espadachins, contratados por Peyrolles, secretário de Gonzaga, com o fim de atacar e assassinar Nevers, dando, assim, ao príncipe, a fortuna de sua vítima. Entre os «bravos» se encontram Cocardasse e Passepoil, que têm um único ídolo na vida: o jovem cavalheiro Henrique de Lagardère, o maior espadachim de França. Nesse dia, aparece, também, junto às muralhas, o cavalheiro Lagardère que, sendo recebido festivamente pelos espadachins, lhes comunica estar de viagem para o exílio, porém que, antes, pretende cruzar a espada com Nevers. Os bandidos dizem ao cavalheiro o que vão fazer e propõem ajudá-lo. Lagardère recusa indignado, expulsando-os do local. Permanece, porém, junto às muralhas e vê chegar dois homens: Gonzaga e Peyrolles. Ouve quando o secretário diz ao príncipe que «tudo estava arranjado, mas que não pudera apoderar-se das fôlhas do registro do casamento, porque tinham sido arrancadas, mas que, morto Nevers, Gonzaga desposaria Aurora, ficando com tôda a fortuna do duque». Peyorlles então, julgando ser Lagardère um dos capangas, chama-o e lhe dá uma «senha», mandando-o esperar junto à janela da muralha. Quando êles se retiram a janela se abre e surge Aurora que, julgando falar com Nevers, entrega a Lagardère sua filha e o registro de casamento. Pouco depois chega Nevers, a quem o cavalheiro informa o que se passa, prometendo ficar ao seu lado. Trava-se a luta e Gonzaga, vendo as coisas mal paradas, ataca e mata Nevers, pelas costas, covardemente. Mas Lagardère foge com a criança, tendo antes ferido o príncipe numa das mãos. Passam-se os anos. Obrigada pelo pai, Aurora desposara Gonzaga. Êste abre um banco nos jardins de seu palácio, e vende bancas para quem queira especular. Entre os compradores surge um corcunda — Ésopo, que compra a última banca que restava e vê o príncipe contratar os serviços de Cocardasse e Passepoil, que ali apareceram. Gonzaga havia pedido a reunião de um Conselho de Família para, entre outras coisas, apresentar à Aurora a sua filha, Aurora de Nevers. Para isso, Peyrolles havia arranjado uma jovem espanhola, a quem o príncipe convencera ser a filha de Nevers. A espanhola, cujo nome era Flor, declarou que conhecera, na Espanha, uma mocinha da sua idade chamada Aurora, e que a havia visto em Paris, à rua da Chantre. Começada a reunião Gonzaga, após hábil discurso, manda entrar Flor, que não é reconhecida por Aurora como sua filha. Para maior assombro de Gonzaga, Aurora anuncia que irá ao baile oferecido pelo Regente de França. Isto porque, uma voz misteriosa repetira a divisa de Nevers — «Aqui estou» — e lhe prometera apresentar-lhe a filha no baile. Terminada a reunião, Peyrolles informa ao príncipe que Lagardère está em Paris, pois Faenza e Saldanha foram mortos pelo «bote de Nevers». Quando Gonzaga ordenava que Cocardasse e Passepoil fôssem ao endereço de Aurora, fornecido, inocentemente, por Flor, surge o corcunda, que se prontifica a falsificar a assinatura de Lagardère num bilhete para Aurora. Faz mais: pede a Gonzaga um salvo-conduto

cadetes, do que ter de cumprir semelhante tarefa.



Lagardère e Aurora acabavam de resolver fugir.

O cavalheiro não calculava o que se passava no jardim e esperava poder fugir, com Aurora, pela porta onde estava Le Bréant. Tornou a envergar o dominó prêto e disse à sua companheira para ocultar novamente o rosto.

Quando saíram do pavilhão encontraram dois homens ajoelhados à porta.

— Fizemos tudo quanto nos foi possível, senhor cavalheiro — disseram Cocardasse e Passepoil ao mesmo tempo. — Perdoe-nos!...

— O dominó parecia um fogo-fátuo, porque desapareceu sem sabermos por onde... — acrescentou Cocardasse.

— Santo Deus!... — exclamou Passepoil. — Ali está êle!...

Cocardasse esfregou os olhos.

— De pé! — ordenou Lagardère.

Depois, avistando os mosquetes dos guardas franceses na extremidade da alameda, perguntou o que significava aquilo.

— Quer dizer que está bloqueado! — respondeu Passepoil.

Lagardère não pediu mais explicações. Adivinhou tudo. A festa terminara, as horas tinham passado como minutos; não calculara bem o tempo... O tumulto da festa ter-lhe-ia favorecido a fuga...

— Posso contar convosco? — perguntou Lagardère.

— Para a vida e para a morte! — responderam os dois espadachins, com a mão sôbre o coração.

Eram sinceros. Aurora tremia por Henrique e não pensava nela.

— Já retiraram as guardas das portas? — interrogou o cavalheiro.

— Pelo contrário... reforçaram-nas!

— Conhecem, por acaso, Le Bréant, o porteiro dos aposentos de Sua Alteza o Regente?

— Tão bem como a nós próprios — responderam os espadachins ao mesmo tempo.

— Então não lhes abrirá a porta! — disse Lagardère, desanimado.

---

para Lagardère, prometendo, assim, atraí-lo a uma cilada. Em casa, Aurora aguardava a chegada do seu amigo, fazendo anotações em seu «Diário», onde contava o que fôra a sua vida, em companhia de Henrique, desde que começara a ter entendimento das coisas e até onde lhe permitia a memória. Nesse diário conta, entre outras coisas, a viagem que havia feito com Henrique aos fossos de Caylus, quando lhe foi revelado que ali mesmo ela nascera e que êle próprio a recebera das mãos de sua genitora, numa noite trágica. Termina seu manuscrito apelando para essa mãe desconhecida, para que, enfim, aparecesse e que a amasse e também a Henrique. Pouco depois, estando Aurora a sonhar com o seu amado protetor, surge Flor, a ciganinha. Como pôde descobrir onde Aurora morava? Um corcunda a guiara até ali! Conta a sua amiga que dentro de duas horas seria princesa. Seu verdadeiro nome era Nevers. Aurora estremece, mas a ciganinha conta-lhe a revelação que ouvira do sr. de Gonzaga (o que mais assusta Aurora, porque êsse nome estava ligado a certa aventura sofrida por Lagardère, em Pamplona). Depois de D. Cruz, surgem dois emissários com caixas contendo vestidos belíssimos e prendas adoráveis. Acompanhava tudo isso uma carta com a letra de Henrique, convidando-a a vestir-se, fazer-se bela e acompanhar os dois pagens que a esperavam, embaixo, com duas liteiras, sendo uma para ela própria e outra para D. Cruz. Enquanto se veste, chegam dois personagens, Cocardasse e Passepoil, que encontram alguma resistência da parte de Berrichon e sua mãe, que serviam a Lagardère. Mas, dominam a situação, embora de algum lugar, na sala, um rosto os fitava, um rosto muito pálido, o do corcunda. Êste lhes fala como se fôsse o patrão e, apesar de tudo, êles obedecem, conduzindo Aurora até à liteira, que parte para o palácio do Príncipe, onde todos se espantam porque horas a fio o Regente faz esperar as maiores figuras do reino, para receber secretamente o corcunda, que lhe diz ser enviado por Lagardère e conta como ocorreu o assassinato de Nevers. A seguir, solicita e consegue do regente um salvo-conduto, prometendo levar a palácio, naquela noite, o próprio Lagardère, o vingador de Nevers. Mais tarde, todo de negro, o corcunda se intromete numa brilhante roda de fidalgos, aos quais impressiona com relatos que a todos assombra, parecendo conhecer a vida de todos êles e suas ligações com o falecido duque de Nevers. Peyrolles corre a prevenir Gonzaga do que discursava o corcunda, porém o príncipe fica ou finge ficar satisfeito, declarando que o aleijado apenas o ajudava, proporcionando-lhe o ensejo de apanhar Lagardère e apresentá-lo ao regente e à viúva de Nevers como o assassino do duque. A êsse tempo, no jardim do palácio, o grupo de loucos, formado por Oriol, Nocê, Girone, Choysi, Navailles e Chaverny descobriu o lindo dominó guardado por Cocardasse e Passepoil e decidira raptar a bela criatura. Já conseguiam o que desejavam quando um dominó alto, vestido de negro, surgiu e, num relance, desbarata os atacantes, desaparecendo com Aurora antes de que surgissem os guardas. Pouco depois, no salão, Gonzaga estando entre seus comparsas, tendo ao lado a princesa de Gonzaga, que fôra a viúva de Nevers, ouve junto de si uma voz anunciar: Aqui estou. Era Lagardère, que afastando-se do grupo aperta-lhe o punho e apontando para a cicatriz na palma da mão do seu inimigo, diz: — «Fui eu quem fêz isto. Nevers será vingado». A seguir, volta ao encontro da princesa, a quem relata tôda a longa aventura, desde o drama dos fossos de Caylus. Não se entendem, porém, e Lagardère receia que a mãe de Aurora não seja sincera. Promete-lhe, porém, entregar Aurora, no correr da festa do Regente. De fato, a viúva de Nevers pretendia prender Lagardère e recuperar a filha e, para isso, tôdas as luzes do jardim logo se apagam e Cocardasse e Passepoil ouvem a guarda confabular sôbre o cêrco e prisão do seu ídolo.

Ambos aprovaram com um gesto a lógica conclusão... Só quem não os conhecesse abriria!

Entretanto, por detrás da folhagem, ouviu-se um vago rumor. Dir-se-ia que de todos os lados se aproximavam, com precaução. Lagardère e os companheiros nada viam. O sítio onde se encontravam tinha tanta luz como as áleas vizinhas. Quanto aos maciços, estavam envoltos nas mais profundas trevas.

— Escutem — disse Lagardère — vamos jogar as últimas. Não se preocupem comigo, pois eu bem sei como me hei de tirar de apuros; tenho ali dentro um disfarce que me livrará dos meus inimigos. Levem esta senhora. Entrem com ela no vestíbulo dos aposentos particulares do Regente, voltem à esquerda, a porta de Le Bréant é no final do primeiro corredor. Então, digam: "Da parte da pessoa que está no jardim, no seu pavilhão..." Êle abrirá a porta e quando saírem esperem-me por detrás da capela do Louvre.

— Combinado! — disse Cocardasse.

— Só mais uma pergunta: são capazes de se deixarem matar de preferência a entregar esta senhora?...

— Desta vez ficará satisfeito conosco! — responderam os dois espadachins ao mesmo tempo.

Lagardère beijou a mão de Aurora e disse-lhe:

— Coragem!... Esta é a nossa última prova!

Escoltada pelos dois inseparáveis, Aurora partiu. Era necessário atravessar a clareira junto à estátua de Diana, alguns metros adiante, dois soldados detiveram-nos.

— Meus caros — disse Cocardasse — acompanhamos uma dama do corpo de baile.

E com a mão afastou os que se tinham colocado diante dêles, acrescentando com ar misterioso:

— Sua Alteza Real espera-nos!

Os soldados principiaram a rir e deram-lhes passagem; porém, na sombra de um maciço, no ângulo do pavilhão, havia dois homens à espreita.

Eram Gonzaga e o seu *factotum*, que esperavam ver aparecer Lagardère de um momento para o outro. Gonzaga disse algumas palavras ao ouvido de Poyrolles e êste, com meia dúzia de homens armados seguiu Cocardasse e Passepoil, que escoltavam o dominó côr-de-rosa.

Como Lagardère esperava, o porteiro abriu a porta, mas... com uma diferença: abriu-a duas vêzes. A primeira para Aurora e seus companheiros; a segunda para Peyrolles e seus sicários.

Quanto a Lagardère, deslizou até à extremidade de um caminho para ver se a noiva atingia o pavilhão sem maus encontros e quando quis voltar à casa do porteiro tinha o caminho barrado: um piquete de guardas saiu ao seu encontro.

— Cavalheiro — disse o chefe, com voz um pouco alterada — peço-lhe que não ofereça resistência, está completamente cercado.

E era verdade. De todos os maciços vizinhos se ouvia a coronha dos mosquetes batendo no solo.

— Que desejam de mim? — perguntou Lagardère, sem ao menos tirar a espada.

O valente Bonnivet, que avançara a passos furtivos por detrás dêle, agarrou-lhe os braços. Lagardère nem sequer tentou desprender-se e perguntou pela segunda vez o que desejavam dêle.





— *Adivinhe quanto custou "isto"?*

— Já vai vèr — respondeu Bonnivet.

E, voltando-se para os soldados, acrescentou:

— Para a frente, senhores! Vamos para o Palácio. Espero que sejam minhas testemunhas em como eu sòzinho fiz esta importante captura!

Sessenta soldados rodearam Lagardère, que foi conduzido aos aposentos de Filipe de Orléans. Depois, fecharam-se as portas do vestíbulo e no jardim não ficou viva alma, à exceção do pobre barão de Barbanchois, dormindo como um justo sôbre a erva fresca...

XXXVIII

A EMBOSCADA

O gabinete de despacho do Regente era um salão bastante vasto onde se costumavam receber os ministros e o Conselho da Regência.

Era ali que todos os dias se discutiam os assuntos do reino, talvez um pouco à pressa, depois do jantar, porque o Regente jantava tarde, a ópera principiava cedo e, na verdade, não havia tempo...

Quando Lagardère entrou, estava o salão cheio de gente e parecia um tribunal.

O Regente estava sentado e a seu lado viam-se os senhores de Lamoignon, de Tresmes e de Machault. Os duques de Saint-Simom, de Luxembourg e d'Harcourt estavam presentes. Às portas havia guardas e Bonnivet, o grande triunfador, enxugava o suor.

— Ofereceu muita resistência? — perguntou Machault, o chefe da Polícia.

— Se eu lá não estivesse, não sei o que teria acontecido... — respondeu Bonnivet.

De entre os assistentes viam-se o velho Villeroy, o cardeal de Bissy e alguns dos cortesãos de Gonzaga.

Por detrás de Lagardère havia uns doze ou quinze homens armados até aos dentes. Na sala via-se apenas uma senhora: a princesa de Gonzaga, sentada à direita do Regente.

— Senhor — disse Sua Alteza, logo que avistou Lagardère — não estava estabelecido nas nossas condições que não viria perturbar a nossa festa e insultar na nossa própria casa um dos maiores senhores do reino? A acusação que lhe fazem de ter desembainhado a espada dentro do recinto do Palácio Real obriga-me a arrepender-me muito cedo da nossa clemência a seu respeito!

Depois de ter sido prêso, o rosto de Lagardère parecia de mármore. Num tom frio e respeitoso, respondeu:

— Monsenhor, não receio que lhe repitam o que se disse na entrevista entre mim e o senhor de Gonzaga. Quanto à segunda acusação, desembainhei a espada, é verdade, mas para defender uma senhora. De entre os presentes, alguns há que poderiam servir-me de testemunhas...

Embora, realmente, ali houvesse pelo menos uma meia dúzia, só Chaverny respondeu:

— Êste senhor diz a verdade!

Lagardère olhou-o surpreendido e viu que os companheiros o censuravam.

O Regente, que estava fatigado e cheio de sono, prosseguiu dizendo:

— Muito bem. Tudo isso se lhe poderia perdoar, mas há uma coisa que não se perdoa: é verdade ter prometido à senhora princesa de Gonzaga entregar-lhe a filha?

— Sim, Monsenhor, prometi!

— Enviou-me em seu nome um mensageiro que me fêz igual promessa, não é verdade?

— Sim, Monsenhor.

— Como deve calcular, encontra-se perante um tribunal e juro que, se o merecer, ser-lhe-á feita justiça. Onde está *mademoiselle* de Nevers?

— Ignoro-o — respondeu Lagardère.

— Mente! — exclamou impetuosamente a princesa.

— Não, senhora!... Prometi mais do que devia...

Ouviu-se na assembléia um murmúrio desaprovador e Henrique de Lagardère continuou, elevando a voz e olhando em volta:

— Não conheço *mademoiselle* de Nevers!

— É descaramento! — disse o duque de Tresmes, governador de Paris.

E todos os cortesãos de Gonzaga repetiram:

— Que descaramento!

O Regente olhou Lagardère com severidade, e perguntou-lhe se pensara bem no que dissera.

— Sim, Monsenhor. A verdade, nada mais...

— Monsenhor permite uma coisa destas?! — exclamou a princesa que não pôde conter a sua cólera. — Palavra de honra!... Juro pela minha salvação que êle mente!

— Responda! — ordenou o Regente.

— Nessa ocasião, esperava poder cumprir a minha promessa.

— Mas... agora? — balbuciou a princesa.

— Agora, perdi as esperanças.

A princesa deixou-se cair na cadeira.

Os ministros, os membros do Parlamento, os duques, uma grande parte daquela assembléia, olhava para Lagardère, examinando com atenção êsse estranho personagem, cujo nome tanto lhes estivera no ouvido no tempo da mocidade.

— Foi então — prosseguiu Sua Alteza — baseando-se em vagas esperanças que escreveu ao Regente de França e lhe disse: "Ser-lhe-á restituida a filha do seu amigo?"

— Esperava que assim fôsse...

O Regente consultou com o olhar Tremes e Machault, que pareciam ser os seus conselheiros.

— Mas — exclamou a princesa — Monsenhor não vê que êle mente?! Que quer roubar-me a filha?... Foi a êle a quem eu a entreguei na noite do crime! Lembro-me perfeitamente...

— Ouve? — perguntou o Regente a Lagardère.

Um movimento imperceptível agitou os temporais do cavlheiro. Algumas gôtas de suor perolaram-lhe a fronte, mas, sem desmentir a sua calma, disse, apenas:

— A senhora princesa está equivocada!

— Bastava que uma testemunha... — principiou o Regente.

Mas interrompeu-se por que Henrique de Lagardère endireitara-se, provocando com o olhar o príncipe de Gonzaga, que acabava de se mostrar na porta principal.

O olhar cruzou-se com o de Henrique, que pronunciou em ar de desafio:

— A testemunha que apareça e ouse reconhecer-me!...

Os olhos de Gonzaga bateram como se em vão tentasse sustentar o olhar do acusado.

Entretanto, reinava um profundo silêncio em tôda a sala. De súbito, Gonzaga aproximou-se mais da porta. Peyrolles acabava de chegar e disse ao ouvido do príncipe:

— Já a temos em nosso poder!

— E os papéis?

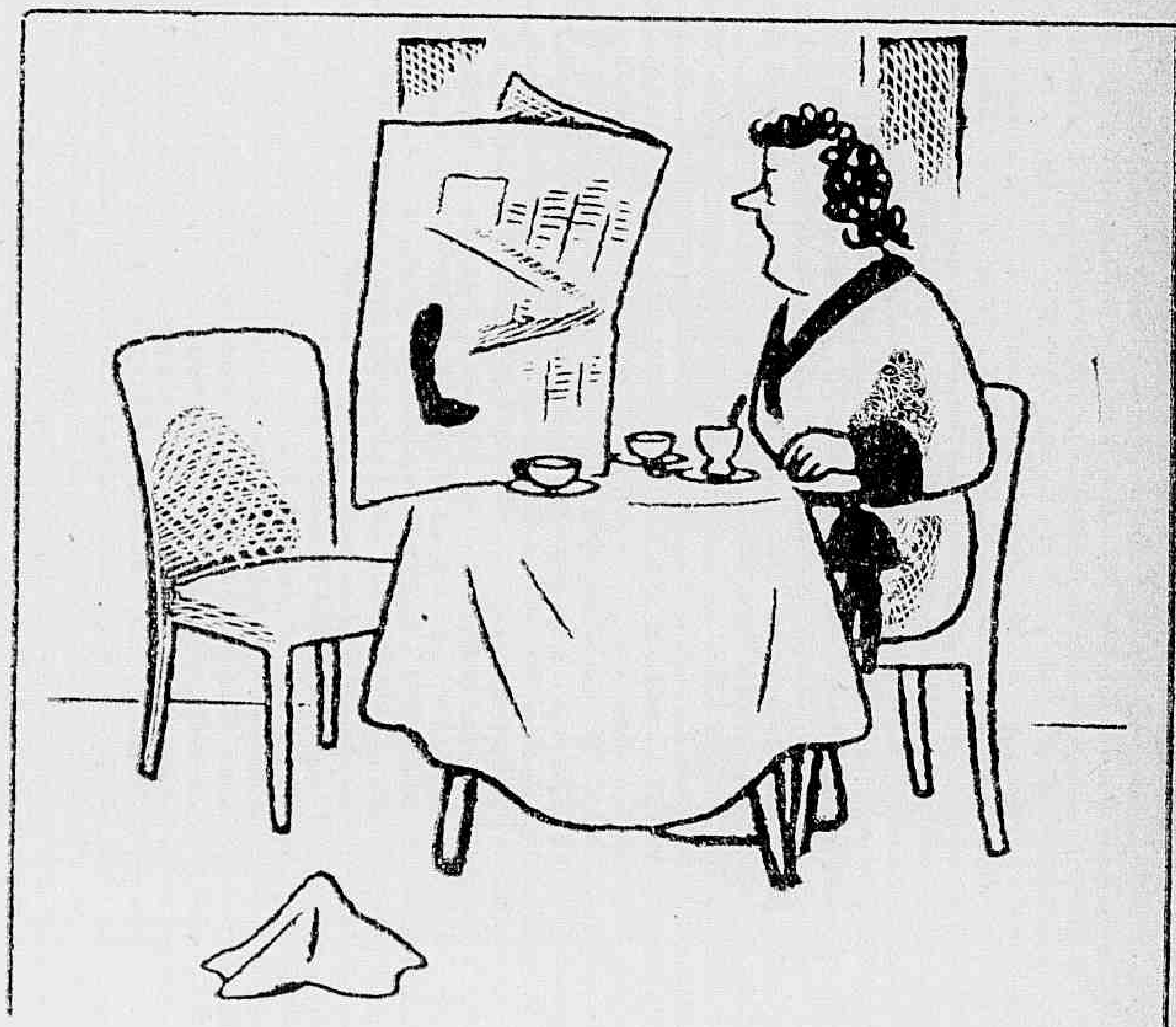
— Também.

O príncipe tornou-se vermelho de júbilo.

— Eu não te dizia que o corcunda valia quanto pesava? — exclamou Gonzaga.

— Confesso que o julguei mal.





— Desconfio que você não ouviu nem uma só das minhas palavras!

— Como vê, Monsenhor, ninguém responde — dizia Lagardère, entretanto. — Uma vez que é juiz, seja justo! Quem tem diante de si? Um pobre homem enganado nas suas esperanças como Monsenhor. Julguei poder contar com um sentimento que, geralmente, é o mais puro e o mais ardente de todos... prometi com a temeridade do homem que deseja a sua recompensa...

Deteve-se e repetiu com esfôrço:

— Sim, porque eu pensava ter direito a uma recompensa...

Lagardère fêz um grande esfôrço sôbre si mesmo e prosseguiu:

— O destino brincou comigo, Monsenhor; aqui tem o meu crime. Pensava ter direito à liberdade: castigo-me a mim mesmo e volto para o exílio!

Machault disse qualquer coisa ao Regente, em voz baixa.

— Senhor — disse Filipe de Orléans — é fidalgo, segundo disse, mas a sua ação é indigna de um nobre. Receba, pois, como castigo a sua própria vergonha: entregue a sua espada!

Lagardère enxugou a fronte banhada em suor e, no momento em que desapertou o cinturão, uma lágrima rolou-lhe pelas faces.

— Santo Deus! — murmurou Chaverny, sem saber por quê. — Era melhor matarem-no!

E no momento em que Lagardère entregava a sua espada ao marquês de Bonnivet, Chaverny desviou o rosto para não o ver.

— Já não estamos no tempo — prosseguiu o Regente — em que se quebravam as esporas dos cavalheiros acusados de deslealdade, mas, graças a Deus, a nobreza ainda existe! Cavalheiro, perdeu o direito de usar uma espada. Afastem-se, senhores, e dêem-lhe passagem: êsse homem não é digno de respirar o mesmo ar que nós!

Por um instante pareceu que Lagardère ia arrancar as colunas da sala e, como Sansão, fazer perecer os filisteus sob as suas ruínas. O rosto exprimiu primeiro uma cólera tão grande que todos se afastaram mais por mêdo, do que em obediência à ordem do Regente. A angústia, porém, em breve se sucedeu à cólera e o seu semblante tornou a exprimir aquela fria resolução do princípio da cena.

— Monsenhor, respeito a sentença de Vossa Alteza e não apelarei.

E diante dos seus olhos desenhou-se o quadro de uma longínqua solidão e do amor de Aurora...

Lagardère dirigiu-se para a porta.

Entretanto, o Regente disse ao ouvido da princesa:

— Nada receie, vai ser seguido!

No meio da sala, Henrique encontrou na sua frente o príncipe de Gonzaga.

— Alteza — disse Gonzaga dirigindo-se ao duque de Orléans — permita-me que impeça a saída a êste homem!

— E porque razão vai impedi-lo de sair? — perguntou o Regente.

— Porque Vossa Alteza se enganou! A degradação não é o castigo que se dá aos assassinos!

Produziu-se um grande tumulto em tôda a sala e o Regente levantou-se.

— Êste homem é um assassino! — acrescentou Gonzaga tocando com a sua espada o ombro de Lagardère.

Lagardère não tentou desarmá-lo, mas no meio daquele tumulto soltou uma gargalhada convulsiva, e limitou-se a afastar a espada e pegar no pulso do príncipe apertando-o tão violentamente que a arma caiu. Então, levou Gonzaga, ou antes, arrastou-o até junto da mesa e, mostrando a mão que a dor obrigava a estar aberta disse, pondo o dedo sôbre a profunda cicatriz:

— A minha marca!... Esta é a minha marca!

O olhar do Regente ensombrou-se.

— Gonzaga está perdido! — murmurou Chaverny.

Mas o príncipe era de uma audácia incrível e disse:

— Alteza! Há dezoito anos que eu esparava por êste instante! Nosso irmão Filipe vai ser finalmente vingado! Recebi êste ferimento ao defender a vida de Nevers.

A mão de Lagardère largou a prêsa e o braço descaiu ao longo do corpo, num gesto de desânimo. Estava aterrado. Na sala elevou-se um grito:

— O assassino de Nevers!...

A princesa cobriu o rosto com as mãos, cheia de terror. Depois, desmaiou.

Lagardère pareceu despertar do seu sonho quando os soldados de Bonnivet o cercaram, a um sinal do Regente.

— Infame! — rugiu como um leão. — Infame!... Infame!...

Depois, obrigando Bonnivet a recuar dez passos, ao pretender agarrá-lo, disse em voz terrível:

— Fora daqui!... E ai daquele que me toque!...

E voltando-se para Filipe de Orléans:

— Monsenhor, tenho um salvo-conduto de Vossa Alteza!

Ao mesmo tempo tirou da algibeira o pergaminho que o Regente entregara ao corcunda.

— "Livre, haja o que houver" — leu, em voz alta. — Monsenhor escreveu e assinou...

— Mas, desde o momento que houve embuste... — disseram de Tresmes e de Machault.

O Regente impôs-lhes silêncio com um gesto.

— Querem dar razão aos que dizem que Filipe de Orléans não tem palavra? Está escrito!... Está assinado! Aquêle homem é livre. Tem quarenta-e-oito horas para passar a fronteira.

Lagardère não se moveu.

— Não ouviu? — perguntou-lhe o Regente, em voz dura. — Está livre!... Saia!...

Henrique principiou a rasgar em bocadinhos o pergaminho.

— Monsenhor não me conhece! — exclamou. — Restituo-lhe a sua palavra! Da liberdade que me outorga e que me é devida, apenas quero vinte-e-quatro horas, é tudo quanto preciso para desmascarar um celerado e fazer triunfar uma causa justa!... Basta de humilhações!... Ergo a cabeça e, pela honra do meu nome, eu, Henrique de Lagardère, prometo e juro que amanhã a esta hora, a senhora princesa de Gonzaga terá sua filha, e o duque de Nevers estará vingado, ou, então, considerar-me-ei prisioneiro de Vossa Alteza!... Pode convocar os juízes!

Saudou respeitosamente o Regende e afastando com a mão aquêles que o cercavam, disse:

— Deixem-me passar!... Uso do meu direito!

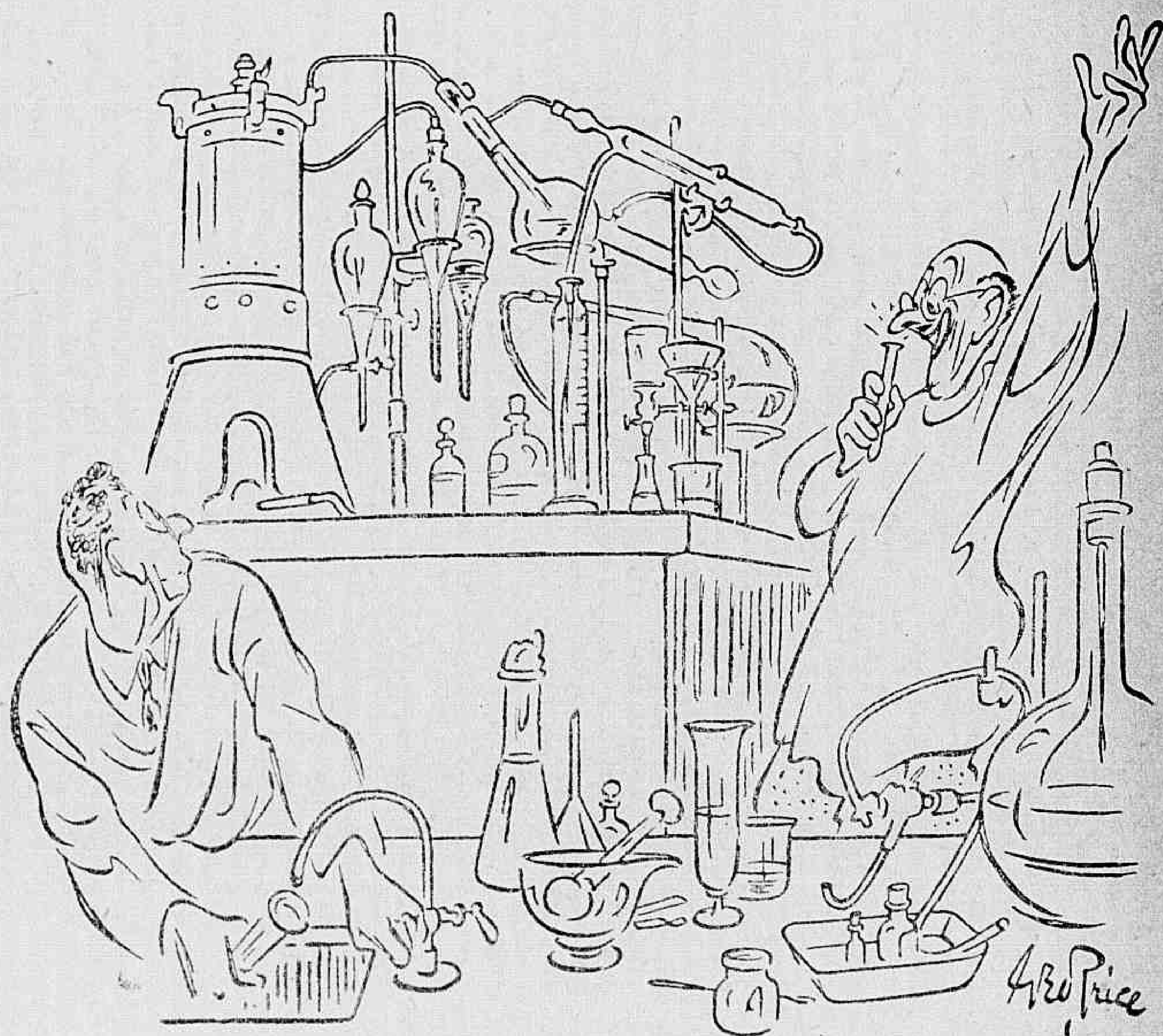
Gonzaga precedera-o, desaparecendo.

— Deixem-no passar! — repetiu Filipe de Orléans. — Senhor! Amanhã a esta hora comparecerá diante dos juízes e em nome de Deus prometo que se fará justiça!

Os partidários de Gonzaga deslizaram em direção à porta, o seu papel terminara.

O Regente ficou pensativo e depois encostando o rosto à mão, disse:





"Eureka! Filé-mignon!"

— Meus senhores, eis aqui um assunto muito estranho...

— É um grande velhaco!... — murmurou o chefe da Polícia.

— Ou, então, um valente dos nossos tempos... — pensou o Regente. E, em voz alta, disse:

— Amanhã veremos...

Lagardère desceu sòzinho e sem armas a escadaria do pavilhão. No vestíbulo, encontrou reunidos Peyrolles e os amigos do príncipe.

Gonzaga estava no meio do vestíbulo com a espada desembainhada. A porta que dava para o jardim estava aberta. Tudo isto indicava uma forte cilada. Lagardère não se importou. Marchou direito a Gonzaga, que cruzou a espada na sua frente.

— Não seja tão apressado, senhor cavalheiro de Lagardère — disse-lhe o príncipe de Gonzaga — temos muito que conversar... Tôdas as saídas estão guardadas e ninguém nos ouve, a não ser os meus amigos. Falemos, pois, à vontade!...

E, ao dizer isto, o príncipe ria irônicamente; Lagardère parou e cruzou os braços.

— O Regente abre as portas — prosseguiu Gonzaga — mas eu as fecho! Eu era o amigo de Nevers, tal como Sua Alteza e também tenho o direito de vingar a sua morte. Não me chame infame; não vale a pena! Sabemos que os que perdem no jôgo costumam sempre injuriar os que ganham... Senhor de Lagardère, deseja que eu lhe diga uma coisa que o vai deixar ficar bem disposto e tranquilo com a sua consciência?... Julgou mentir ao dizer que Aurora de Nevers não se encontrava em seu poder...

O rosto de Henrique alterou-se.

— ...Pois bem! — continuou Gonzaga, gozando cruelmente o seu triunfo. — Só cometeu um pequeno deslize... devia ter dito *agora já não está*, em vez de *não está* em meu poder...

— Ah! se isso fôsse verdade!... — principiou a dizer Lagardère, apertando os punhos. — Mas não!... Mentes!... Conheço-te!...

— ...Pois se tivesse dito isso — terminou Gonzaga — teria dito a pura verdade.

Lagardère parecia querer precipitar-se sôbre êle, mas Gonzaga colocou-lhe a espada entre os olhos e murmurou:

— Atenção!... estejam preparados!...

Depois, continuou com o mesmo acento zombeteiro:

— Pois é verdade!... Ganhamos uma esplêndida partida: Aurora está em nosso poder...

— Aurora!... — exclamou Lagardère, em voz estrangulada.

— Aurora e certos documentos...

Ao ouvir estas palavras, Lagardère estremeceu e precipitou-se sôbre Gonzaga, que caiu pesadamente no solo. Dum salto, Lagardère passou-lhe por cima do corpo e desapareceu no jardim. Gonzaga ergueu-se, sorrindo, e perguntou a Peyrolles:

— Não há nenhuma saída?

— Nenhuma.

— Quantos estão no jardim?

— Cinco — respondeu Peyrolles.

— Está bem... chegam! Êle não tem espada!

E ambos saíram para ouvir mais de perto. No vestíbulo, os partidários, pálidos e anelantes, esperavam. Desde a véspera só o ouro lhes sujara as mãos, mas Gonzaga queria habituá-los também ao cheiro do sangue... Gonzaga e Peyrolles pararam ao fundo da escadaria.

— Demoram!... — murmurou Gonzaga.

— O tempo parece longo quando se espera... — disse Peyrolles — êles estão por detrás da tenda...

O jardim estava escuríssimo. Só se ouvia o vento de outono chicoteando o pano das armações.

— Onde conseguiram apanhar Aurora? — perguntou Gonzaga, como se quisesse enganar a sua impaciência com o som das palavras.

— Na rua de Chantre, à porta de casa.

— Foi bem defendida?

— Duas espadas valentes que principiaram a fugir logo que dissemos que Lagardère morrera.

— Viram-lhes as caras?

(*Cont. no próximo número*)



O GÊNIO DOS BALÕES

O caso de David Cecil merece realmente ser contado. Quando foi levado para o hospital, atacado de reumatismo intercostal de caráter grave e que sucedera a uma forte congestão pulmonar, ali — após recuperada a saúde — os médicos recomendaram que David Cecil, da manhã à tarde, à guisa de distração, soprasse balões de borracha, pois assim fortaleceria os pulmões.

O enfêrmo assim fêz e, com o tempo — e ajudado por seu espírito inventivo

— acabou fazendo rir todo o hospital e principalmente seus companheiros de sala, porque conseguia dar aos balões formas inesperadas, lembrando pessoas, animais e coisas engraçadíssimas. Hoje, com uma "calva postiça", como a dos palhaços, e a cara pintada grotescamente, David Cecil é homem riquíssimo, graças aos seus balões, exibindo-se em teatros, cassinos e também figurando como principal atração num programa de televisão, onde executa, para divertimento dos telespectadores, verdadeiras maravilhas como girafas, cisnes, figuras políticas, etc. Por tudo isso, podemos dizer, agora, com a maior convicção: — Há males que nos chegam para beneficiar!



NATURALMENTE, Júlia Simms podia distinguir seu namorado de qualquer outro rapaz, mêsmo a boa distância e numa rua cheia de transeuntes. Isto porque êle era alto, atlético e tinha um rosto espetacular, onde perdurava teimosamente a inocente expressão de um menino. Em segundo lugar, porque já o aguardava bem uns dez minutos.

Júlia endireitou sua deliciosa cabecinha, brilhando sob o sol e coroada por uma *coisinha adorável* de chapéu, que comprara aproveitando a hora do almôço. Ao se aproximar, Donald notou o olhar escandalizado daqueles lindos olhos azuis, voltados para o relógio pulseira.

— Querida... Juro que não imaginava estar novamente atrasado!

Tratou de apoderar-se das mãos dela — das duas mãos, que quase esmagou nas suas mãos, grandes e ásperas.

— Devo ter pensado muito em você, pensado demais, hoje! Sempre que isso acontece, perco muito tempo...

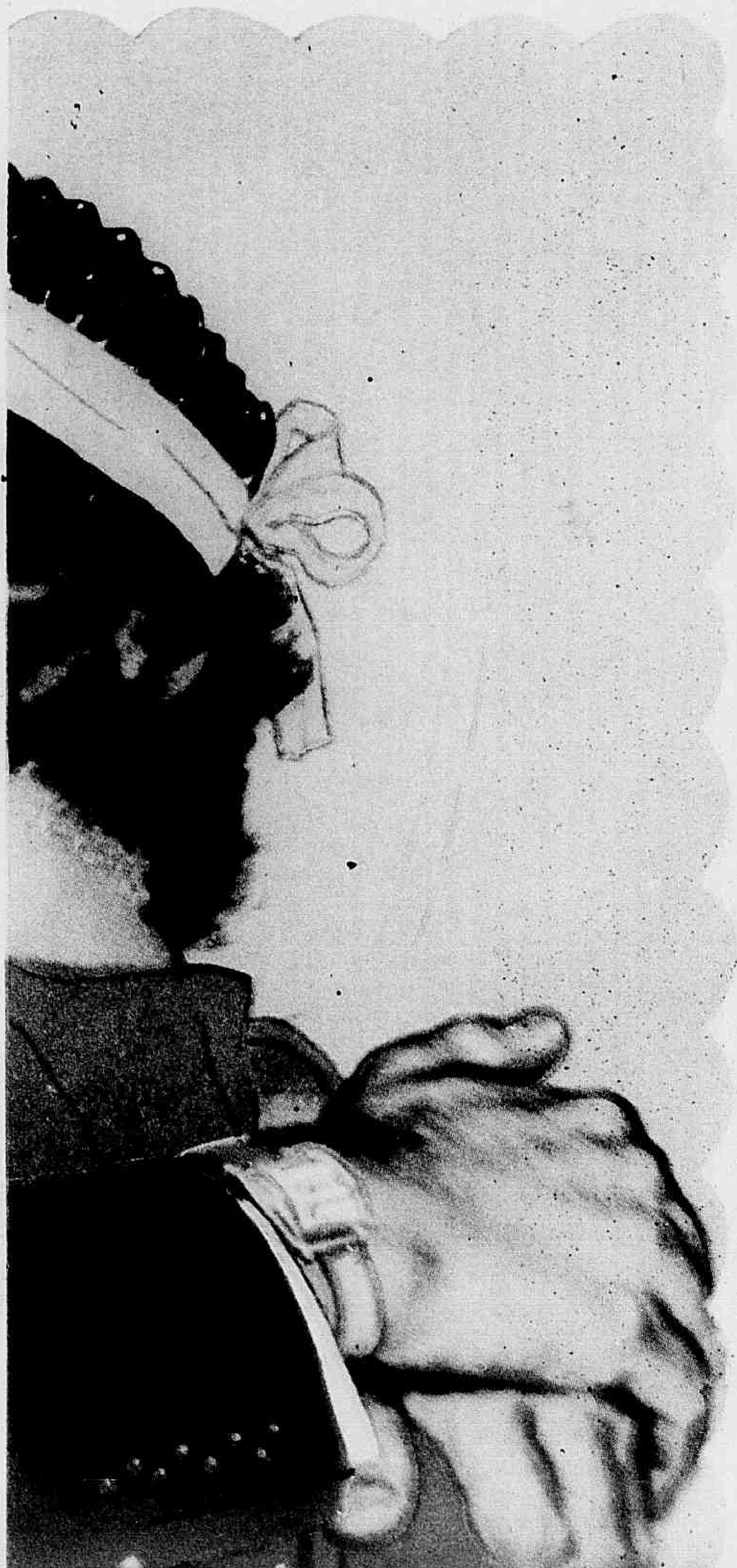
— Há coisas que jamais consigo entender em você — disse ela com nobre seriedade. — Se tem tanto tempo para pensar em mim, por que não aproveita para ser pontual...



Donald estava sinceramente acabrunhado, mas era homem que sabia tirar proveito do próprio equipamento físico. Em vez de mostrar remorso, olhou para Júlia com seu ar mais alegre e o tom de sua voz harmonizava com sua expressão.

— O que você tem que fazer, na próxima vez, é comprar um revólver e dar-me um tiro.

— Engraçadinho! Tentarei chegar mais atrasada do que você, e assim me vingarei... Aliás, tentei fazer isso hoje; mas você chegou ainda mais atrasado do que eu!



Dar um *Beijo* na Eva

Não é fácil para um rapaz, quando sua pequena é um poço de virtudes!

Novela de GEORGE NEWTON

Foi a última vez! — prometeu Donald... pela vigésima ou trigésima vez. — Agora fale-me de você, querida... (Tomou-a por um braço e dirigiu-lhe os passos pela calçada repleta.) Não a vejo desde esta manhã.

— Bem, Mr. Taylor...

— Fale-me *de você*! — interrompeu Donald. — Não me interessa o que Mr. Taylor tenha feito!

— Você sabe... Durante o dia, os interêsses de Mr. Taylor são a minha única preocupação — respondeu Júlia, com sinceridade.

— Mas, agora, acabou o expediente...

— Não para Mr. Taylor... Como trabalha aquêle homem! Realmente, não se poupa, Donald! — declarou ela, com sincero entusiasmo. Porém êle a interrompeu, com ar decisivo:

— Escuta, meu bem. Até parece que você está apaixonada por seu patrão. Isso acontece a muitas secretárias, que chegam a ganhar o apelido de "Espôsas de Escritório". Talvez você esteja entrando nessa fase...

— Eu! — disse ela, quase gritando e abandonando o braço que êle lhe oferecia. — Você... Oh! Nunca pensei que...

(Lá vem você, outra vez! — refletiu Donald, censurando-se. — Quando tenta ser engraçado, vai tudo bem. Os outros sempre esperam que você os divirta. Quando procura ser sério... ofende! E agora ofendeu... Júlia! Júlia que era tudo, que era *a sua querida!*...)

— Ficou zangada? — perguntou, indeciso.

— Apenas desapontada.

Donald entendeu que isso era bom sinal e aproveitou o instante em que ela voltava a fitá-lo para dizer com seu ar mais sincero:

— Você está simplesmente um encanto, hoje — afirmou, com ênfase. Depois, realmente inspirado, perguntou: — Estarei vendo um chapèuzinho novo?

Júlia sorriu:

— Gosta?

— Adoro! (Procurou retocar qualquer coisa nos belos cabelos e indagou:) Você... você o comprou só por que ia sair comigo?

— Sempre passeio com você...

— Talvez tivesse comprado para agradar a Mr. Taylor? — disse, irrefletidamente.

Júlia esboçou uma impaciência lisonjeada e explicou:

— Mr. Taylor não me olha como a mulher. Observa, apenas, minha eficiência e boa ordem.

Sem querer, olhou para as calças não muito bem passadas de Donald e para o canto do bôlso superior do paletó, que começava a descoser.

— Acima de tudo, gosta de ordem... Mas você não compreende (acrescentou imediatamente, notando o ar zombeteiro de Donald)). Êle é um gênio dos negócios... e, apesar de tudo, não esquece o mais ligeiro detalhe pessoal...

Donald segurou-a, repentinamente, pela cintura, levantando-a do solo, para lhe dar um beijo rápido na bôca... ali, em plena calçada!

— Êste sim, é um ligeiro *detalhe pessoal!* — afirmou. — Se Mr. Taylor desconhece êste meu estilo é digno de piedade...

— Mr. Taylor é um chefe de família! — protestou Júlia. — Por Deus nunca vi homem mais sensato, tão atencioso... não apenas com a espôsa e filhos, mas, também, com seus amigos e conhecidos. Também sou encarregada de preparar os cheques e de comprar os presentes, que êle vive distribuindo. Nunca vi homem igual para se lembrar de todos!

"Esta manhã, por exemplo — prosseguiu Júlia, com o dedinho em riste — comprei um copo de prata para um garôtinho que nasceu, filho de um dos nossos clientes, em Edinburgh. Dificilmente, passa um dia sem que Mr. Taylor envie alguma coisa a algum amigo ou parente de amigo — flores, chocolates, livros, brinquedos...

— Isto, com certeza, faz parte dos negócios... — disse Donald, displicente.

LEVOU Júlia para o seu restaurante favorito. Tôda quarta-feira, êles se deixavam ficar na cidade, para jantar, em vez de tomar o trem de volta a suas respectivas casas, no mesmo bairro. Júlia não aparentou estar contrariada, embora qualquer sombra tivesse descido sôbre seu rostinho bonito. Parecia interessada no estudo do *menu*, escrito à máquina, com fita violeta; mas Donald sabia que Júlia procurava esconder suas emoções. Azar! Duas vêzes, na mesma noite, êle fôra infeliz em seus comentários.

No instante em que o garção desapareceu, depois de ouvir os pedidos, Donald tratou de reconquistar o sorriso de Júlia.

— Meu bem, há três meses que você trabalha... — começou êle.

— Três meses e uma semana, justamente. Desde que Mr. Taylor me admitiu, entre muitas candidatas... Êle costuma dizer que teve sorte na escolha... Já tinha dito isso a você?

— Não, querida. Contou-me, apenas, a côr do tapête da sala de Mr. Taylor...

— Disse isso — explicou Júlia — porque gostaria de ter um igual, algum dia...

— Havemos de ter... desde que Mr. Taylor não esteja pegado ao tapête!

— Você é impossível, Donald! Implica com um homem que nem sequer conhece... E sem nenhuma razão para isso... *exceto porque eu o admiro!*

— Não é preciso conhecê-lo pessoalmente — replicou Donald. — Já sei muito bem como êle é! Tem uma espôsa, dois filhos adoráveis...

— *Roast-beef*! — anunciou o garção, colocando os pratos no centro da mesa.

O *roast-beef* estava quente. Porém, o tom de voz de Júlia por certo o esfriou, quando disse:

— Cuidarei de não aborrecê-lo mais, Donald.

— Você não me aborrece, meu anjo! Mr. Taylor, sim, me enerva. Todo o homem meticuloso e cheio de mesuras, com minutos contados para isto e aquilo, me ataca os nervos!

— Mr. Taylor não se esforça por ser assim. Tudo corre, com êle, normalmente, por fôrça de hábito.

— Se eu fôsse assim, trataria de procurar um médico.

Deteve-se, notando a expressão de surprêsa e desagrado no rostinho adorado.

— Você não acredita, realmente, que eu venha, algum dia, a ser um homem... dessa espécie, hein Júlia?

— Não acredita que você *queira ser assim* — foi a cautelosa resposta.

— Pois tratarei de ser! Isto é: no caso de possuirmos uma linda residência na cidade, como Mr. Taylor; e um *bungalow* na praia...

— Não é isso o que eu quero. Bem sabe que admiro Mr. Taylor pelo que êle é e não pelo que êle tem!

— Um dínamo! Uma bola de fogo! — exclamou Donald, após engolir uma boa porção de suculento "roast-beef". — Um homem que não desperdiça um minuto!

"Escreva-me lembrando o perfume para Eva..."

— É isso o que o torna repulsivo a você? — perguntou Júlia, com ligeiro desmaio na voz.

Donald tentou apoderar-se da mão de Júlia. Esta, porém, esquivou-se, ràpidamente. Seus olhos, porém, pediam uma resposta.

— Tenho o maior entusiasmo pelo progresso. — disse êle, com ar sincero.

NOTOU novamente a sombra invadindo o rosto de Júlia e teve vontade de morder a própria língua, como castigo por ser tão pronta em falar.

— Apenas aponto os fatos — acrescentou noutro tom, mais amistoso. — Não creio que o homem deva ser como a máquina. Tudo tem seus limites e inclino-me pelo razoável...

Júlia calou, deixando que o garção levasse o seu prato sem terminar o *roast-beef*.

— O pior é que você prefere sempre gracejar... sôbre tudo e com todos, não apenas comigo — disse ela com ar

(*Cont. na pág.* 114)




TEMPERATURA

MAGIA NEGRA — *A côr da roupa pode dar maior confôrto ao corpo.*

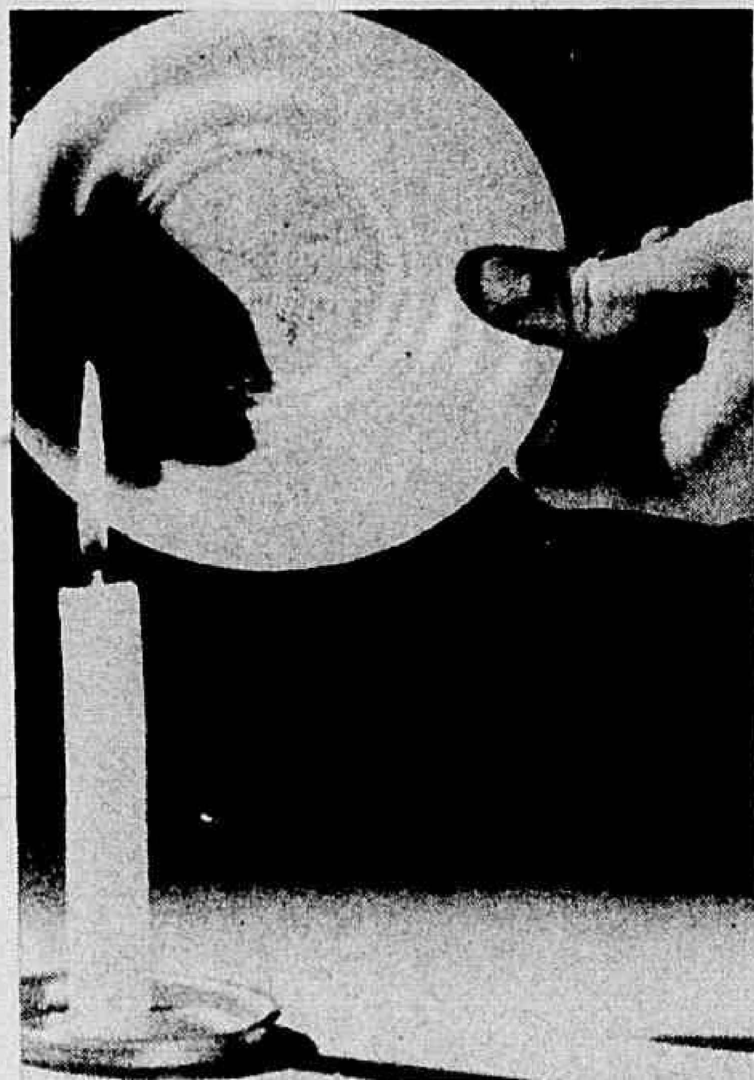


[illegible] lâmpada. — Que [illegible]

AS latas pretas conservam a temperatura mais tempo que as claras? Pode a côr da pintura dar maior calor a um radiador? E a côr das roupas? Dão mais ou menos calor ao corpo?

Façamos a experiência. Tomemos uma lata pequena e manchemos com fumaça metade da mesma, por meio da chama de uma vela. A seguir introduzam nela uma lâmpada de 100 watt. Coloquemos, então, as duas mãos espalmadas, como indica a gravura, e sentiremos que a parte escurecida esquenta mais depressa e permanece quente mais tempo que a outra, branca.

Por isso, se pintar o telhado de zinco de côr clara teremos um interior mais fresco, porque, em vez de absorver os raios do sol, o telhado repelirá o calor dos mesmos. Da mesma forma uma roupa de côr clara nos protege melhor dos raios solares, no verão.



Escureçam um prato com a fumaça da chama de uma vela. A fumaça é devida à combustão incompleta.

FUMAÇA CARA — *A fumaça custa dinheiro porque é combustível não aproveitado.*

QUANDO a fumaça negra sobe da chaminé, perdendo-se no espaço é dinheiro que perdemos com ela. Porque a fumaça não é apenas um incômodo, mas também a visível prova de combustível desperdiçado.

Podemos provar isso, fàcilmente, colhendo o depósito de fumaça provocado pela chama de uma vela, no fundo de um prato.

Essa leve capa de partículas de fumaça é combustível que poderia ser queimado, conforme se demonstra, dirigindo contra ela uma chama, endereçada pelo sôpro através de um canudo de palha.

Dobrem uma extremidade do canudo, fechando-o. Façam um orifício a dois centímetros dêsse ponto que deve ser molhado para não correr o risco de queimar.

Então, aproximem o orifício da chama e soprem do outro extremo, dirigindo a chama horizontal contra o depósito de fumaça, que logo queimará brilhantemente, deixando o prato limpo.

Assim, também, a fumaça do petróleo, do carvão e dos fogões a gás tem um só motivo. A incompleta combustão.

Com o ajuste próprio de suprimento de ar, faremos com que êsse combustível queime completamente.

Se o leitor faz uso de quaisquer dêstes combustíveis não deve esquecer o ensinamento, pois assim agindo estará defendendo o seu dinheiro.



Um tubo de palha serve para soprar a chama como bomba de oxigênio e queima a fumaça.

MISTERIOSO CALOR — *Dois objetos de substâncias diferentes podem ter a mesma temperatura, embora pareçam diferentes.*

PODEMOS tocar o asbestos quente, porém um metal, com a mesma temperatura nos fará retirar o dedo com um grito de dor. Para provar isso, coloquem asbestos sôbre um fogão elétrico, colocando uma moeda sôbre êle. Depois, periòdicamente, toquem a moeda com um dedo e o asbestos com outro. Embora pareça exagêro, a moeda ganhará calor muito mais depressa do que o asbestos. E poderemos continuar com o dedo encostado no asbestos, mesmo quando a moeda, muito quente, tornar-se intocável. Pode o calor, passando através do asbestos, chegar mais a um ponto do que em outro? Não. Um termômetro nos dirá que a moeda e o asbestos têm aproximadamente a mesma temperatura. A diferença está na condução. O metal conduz calor mais depressa para o dedo, enquanto o asbestos o faz muito lentamente. Por isso os metais são bons condutores e radiadores, enquanto os asbestos bons isoladores.

A moeda conduz calor mais depressa do que o asbestos, fazendo parecer mais quente... com a mesma temperatura.

O PAPEL-CHALEIRA — *Em três segundos ferve-se água numa cartolina, com um fósforo.*

TALVEZ um observador menos avisado sorria, se o leitor apanhar um pedaço de cartolina, dobrar-lhe os quatro cantos, e deitar água no seu interior, avisando que vai ferver água em 2 ou 3 segundos. Mas, de fato, assim será feito. E o fundo da cartolina apenas ficará manchado de fumaça, mesmo que se ferva a última partícula de água. A razão? Antes de tudo: a água não pode, normalmente, ser aquecida acima de seu ponto de fervura, que, ao ar livre e no nível do mar é de 100 graus centígrados (212 Fahrenheit). Depois dêsse ponto, todo o aquecimento é utilizado para transformar a água em vapor. Como a água resfria a cartolina abaixo de sua temperatura normal e êste não recupera essa mesma temperatura, não poderá queimar. Isto também explica porque não podemos cozinhar batatas mais depressa aumentando a fôrça do gás.

Uma pequena chama, que mantenha a água em fervura contínua, fará isso tão depressa como um grande fogo — e com a vantagem de poupar gás e dinheiro.

Embora a água ferva, o papel não queima, pois não atingirá a temperatura de fervura.

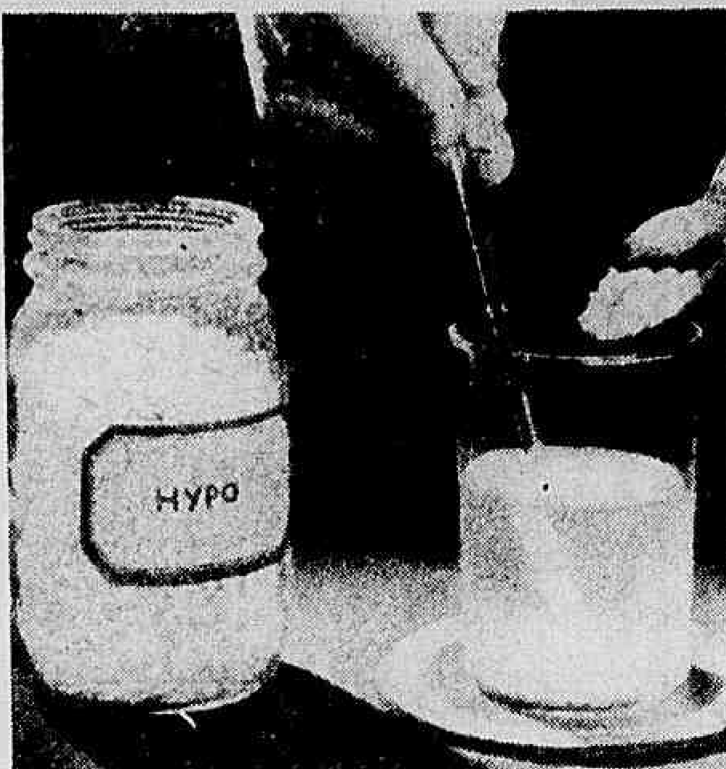
GÊLO PESCADO — *Eis um truque de mesa que, por certo, surpreenderá seus amigos...*

DEITEM um cubo de gêlo num copo ou xícara cheio dágua e desafie alguém a remover o gêlo apenas com um curto pedaço de barbante. Poderá apelar para alguma coisa normalmente existente na mesa, menos o garfo, a colher, palitos ou outros objetos similares. Quando o desafiado desistir, encoste, simplesmente a ponta do barbante sôbre a parte emergida do gêlo, deitando um pouco de sal sôbre o ponto de contato. O sal baixa mais o ponto de congelação do gêlo e solda o barbante ao mesmo. Em poucos segundos, roubando calor das partes adjacentes do gêlo e da água, o barbante ficará também gelado e, em poucos segundos, suspendendo-o, suspenderemos também o cubo de gêlo.

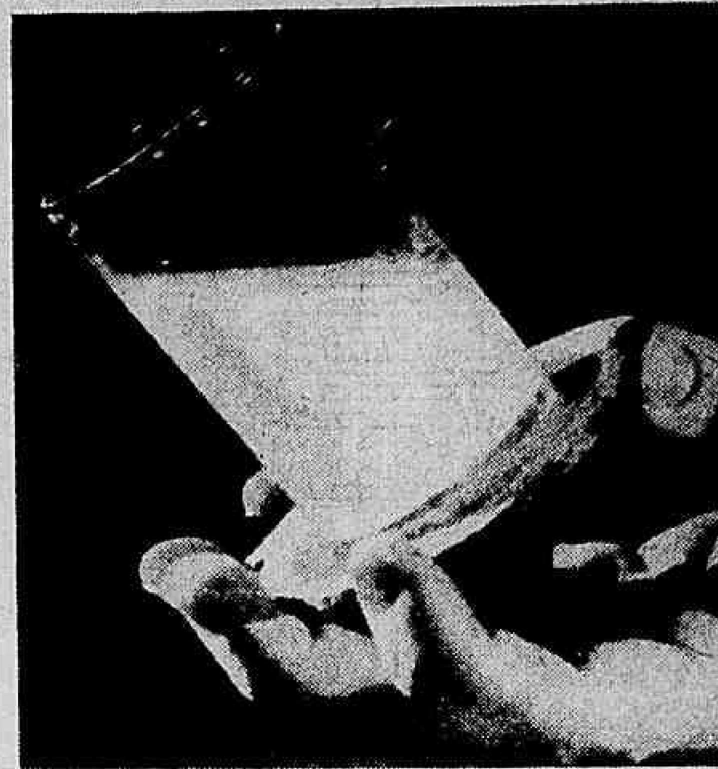
Um cubo de gêlo que esteja no interior de um copo com água pode ser pescado com um simples barbante. O sal o soldará.



O material necessário: — um copo com água, um frasco com hipo e uma bandeija de vidro, cortiça ou madeira.



Deitar algumas gôtas de água na bandeija, colocar o copo sôbre a mesma e proceder, a seguir, à mistura do «hipo».



Em segundos a mistura estará supergelada, a ponto de soldar copo e bandeija. Outros sais produzem o mesmo efeito.

GELAR SEM GÊLO

UM dos últimos recursos para gelar qualquer bebida engarrafada, consiste em colocar a garrafa... mais um misterioso pó dissolvido no líquido. Tão logo isso ocorre, a água fica gelada, fazendo a garrafa «suar». É um método caro, mas resolve numa situação de emergência. Para mostrar como ocorre o «milagre», deitem um pouco de «hipo» dos fotógrafos em água. Se a água já estiver um tanto gelada, a operação será imediata e tão intensa que o líquido poderá gelar uma rôlha de cortiça ou mesmo um pedaço de madeira.

Encham meio copo de vidro fino com água gelada, deitem algumas gôtas de água numa bandeija pequenina, colocando sôbre ela o copo. A seguir, deitem igual quantidade de «hipo» na água do copo e mexam até dissolver. A essa altura o copo estará soldado à bandeija. O nitrato de amônia baixa a têmpera mais que o «hipo». Outros sais produzem similar efeito. Quando dissolvem, suas moléculas se libertam, como quando o gêlo se dissolve. Para obter essa liberdade, absorvem todo o calor em seu redor.

A ÁGUA NÃO FERVE

A água onde flutuem cubos de gêlo não ferverá, ainda que sôbre a chama forte.

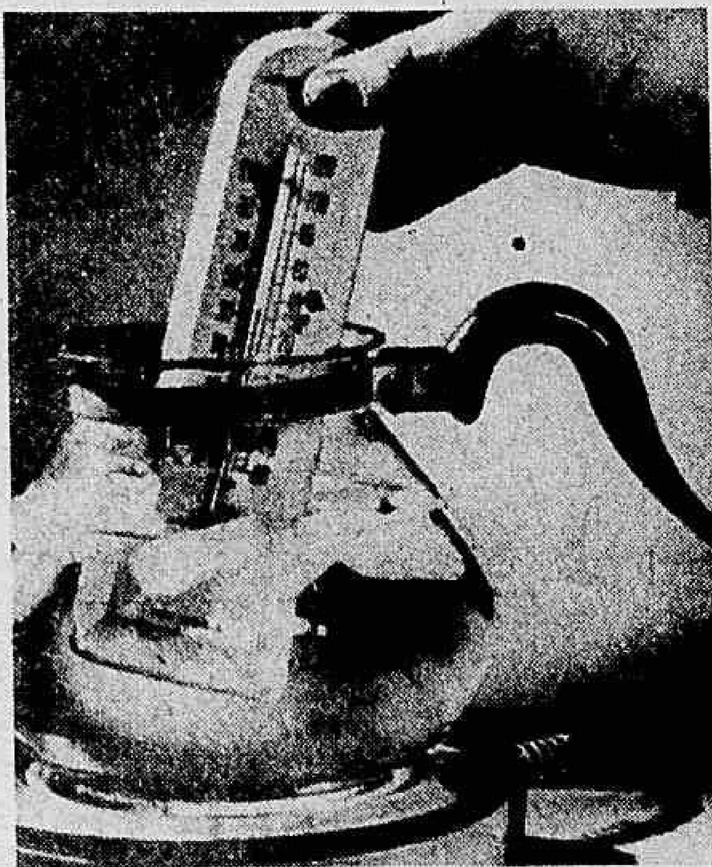
DEPOIS de gelar um líquido até ao ponto de congelamento, com generoso suprimento de gêlo, imagina-se, em geral, que será preciso adicionar mais e mais cubos para manter a mesma baixa temperatura. Teòricamente, não será preciso fazê-lo enquanto existir a menor fração de gêlo. Para prová-lo, deitem gêlo na água de um pequeno recipiente e verifiquem com o termômetro até que alcance zero graus.

Coloquem o recipiente sôbre um fogareiro elétrico e continuem observando o termômetro.

A temperatura não se elevará até que reste o menor pedacinho de gêlo, devido às condições que regem a congelação da água e a dissolvição do gêlo.

Para gelar a água temos que fazer muito mais que baixar a temperatura até o ponto de congelação.

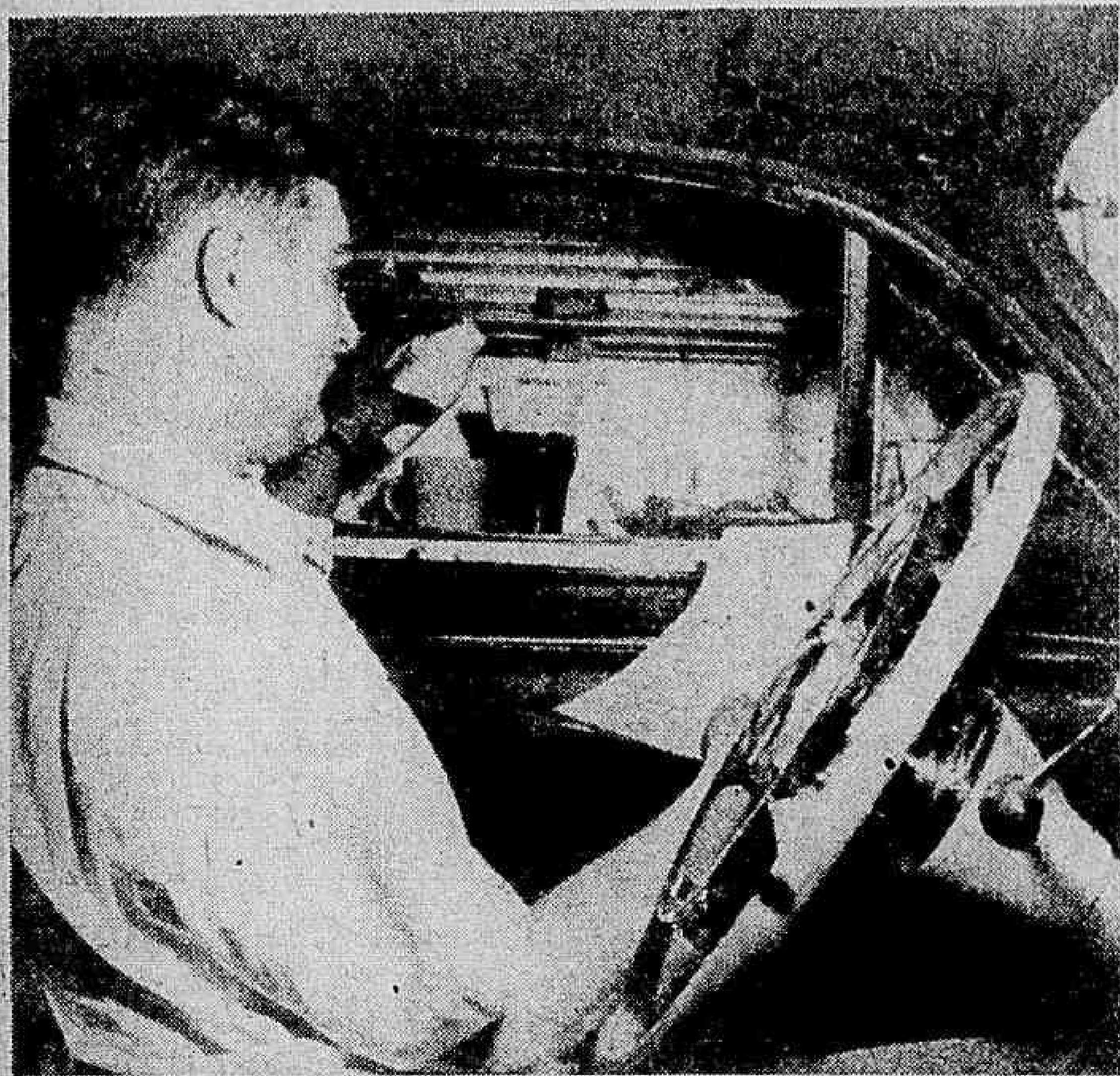
Para cada grama de água transformada em gêlo, oitenta calorias têm que ser removidas. Eis porque largas porções de água lançam fora considerável calor e conservam o ar em redor comparativamente morno enquanto congelam. Inversamente, para derreter o gêlo, adicionamos calor para remover a congelação. Em outras palavras, para transformar cada grama de gêlo em água com temperatura igual, devemos supri-la com oitenta calorias ou suficiente calor para elevar uma grama de água da temperatura ambiente ao ponto de fervura.



Coloquem o [illegible] água e gêlo sôbre um [illegible] reiro. O termômetro continuará marcando zero graus!

Enquanto existir qualquer gêlo na água em estado sólido, a temperatura do fogareiro terá primeiro que dissolvê-lo completamente antes de começar a aquecer a água, o que não é tarefa muito fácil ou que o fogo possa fazer depressa, porquanto o gêlo reage, à proporção que se dissolve... lançando em seu redor uma cortina de água mais fresca que a normal e que vai, por sua vez, resfriar as camadas mais próximas, que precisarão, também, por sua vez, de ser reaquecidas, para recuperar a temperatura que já tinha, antes.

O AUTOMÓVEL NA

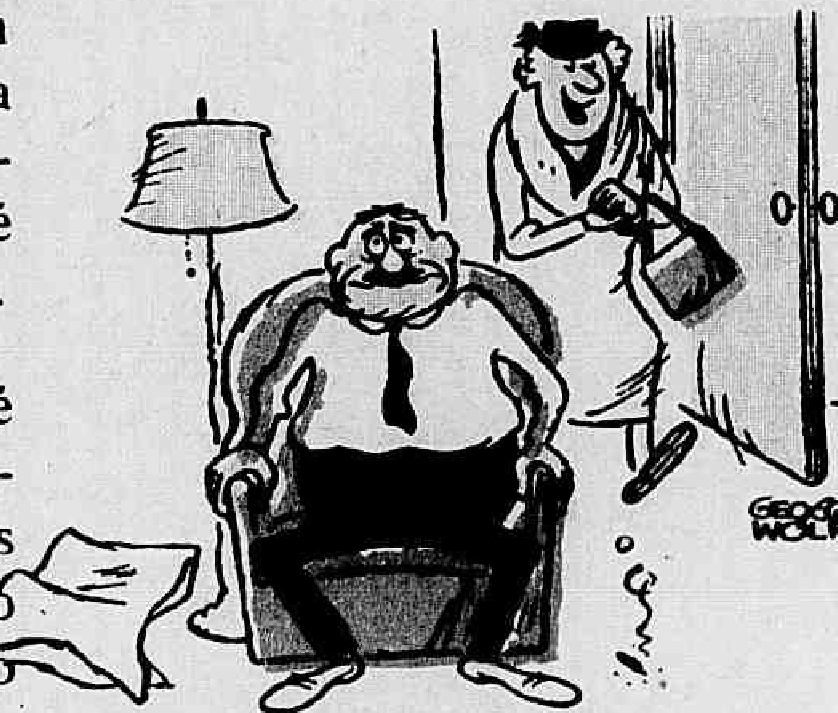


Restaurante mecanizado para motoristas. Sem abandonar o volante, enquanto confere os documentos de trabalho, o americano almoça.

O problema do automóvel no Brasil, principalmente para o carioca e o paulista, parece sem solução; isto é o que reconhecem os jornais, o povo, o próprio govêrno e, principalmente, as vítimas inumeráveis, que vão gemer nos hospitais quando não são levadas, diretamente e de rabecão, para o necrotério.

Mas... Há lugares piores neste mundo. Por exemplo: se dissermos aos nossos leitores que circulam nos Estados Unidos da América do Norte, atualmente, cinquenta e três milhões e meio de automóveis, o número causará espanto, pois significa que há um automóvel para cada três norte-americanos e, assim, o número ganhará importância, pois que se transforma em *humanidade*, estabelecendo-se uma relação *pessoal*. Mesmo assim, não se alcança com facilidade o que representa o automóvel para um cidadão norte-americano, até que se o tenha visto nêle.

A América do Norte é ainda, apesar da urbanização, um país de planícies infinitas. Quando o símbolo americano era o cavalo procurava-se atender de qualquer forma, à necessidade de atingir limites.



— Ouviste o estrondo? Mas consegui passar entre os dois!

Hoje, o automóvel substituiu o cavalo em quase tôdas as partes, embora sua significação auxiliar continue sendo a mesma. Deixado à porta de casa por uns momentos, será assaltado por seu dono e precipitado numa direção qualquer, em busca de alguns minutos de vantagem sôbre o competidor, seja em busca de alguns minutos de vantagem sôbre o competidor, seja em amôres ou em negócios. O importante é *chegar antes* para a assinatura do contrato. Porque o norte-americano sempre tem pressa. E a analogia do cavalo com seu sucessor todos vimos claramente na última guerra; o meio de locomoção, mesmo atendendo ao modernismo mais exigente, representava, por sua ductilidade e acomodação a qualquer terreno, à solução intermediária. Deixando a estrada, o veículo se atirava para as montanhas, se precipitava em terraplanos, saltava sôbre pedras, varava rios! A elegância cedia à resistência. Assim nasceu o "jeep", o *automóvel-cavalo*. E quando os soldados de ocupação, na África ou Europa, o deixavam encostado ao meio-fio, quando iam tomar alguma "coca", a semelhança com o equino de seus avós não podia ser mais absoluta.

O AUTOMÓVEL E A FAMÍLIA

Três norte-americanos para um automóvel... Pràticamente, um veículo para cada família. Nos Estados Unidos vemos muitas casas pobres, abandonadas. Nos quintais modestos, mulheres vestidas com abandono, lavam e estendem roupa.

Mas quase nunca falta, num cantinho a silhueta de um velho Ford ou Chevrolet, talvez com vinte anos de rodado, mas ainda útil para transportar o marido ao trabalho e a mulher às compras. Porque o automóvel é o elemento man-

VIDA DO NORTE-AMERICANO

DA VIDA PALPITANTE NOS ESTADOS UNIDOS

comunado de ambos, enquanto os filhos não crescem o suficiente para pedir o veículo e sair com a namorada, para uma voltinha. Marido e mulher têm os mesmos direitos ao automóvel e cada vez que um dêles sai é combinado um rigoroso horário que, em geral, é o seguinte: se ela não tem que sair, pela manhã, para compras, sendo suficiente que êle traga, de volta, parando no armazém, é êle quem leva o automóvel. Se ela tem que ir a algum lugar, acompanha primeiro o marido até ao escritório, usa o carro em seguida e vai apanhá-lo, quando termine o serviço.

Para acompanhá-lo — e porque não pretende sair do automóvel, sobe para êle sem cuidar da *toilette*, os cabelos em desordem, presos por um lenço, e os pés metidos em chinelos. Porque o norte-americano passa do seu *living-room* para o automóvel como quem cruza por uma porta divisória de sua própria casa.

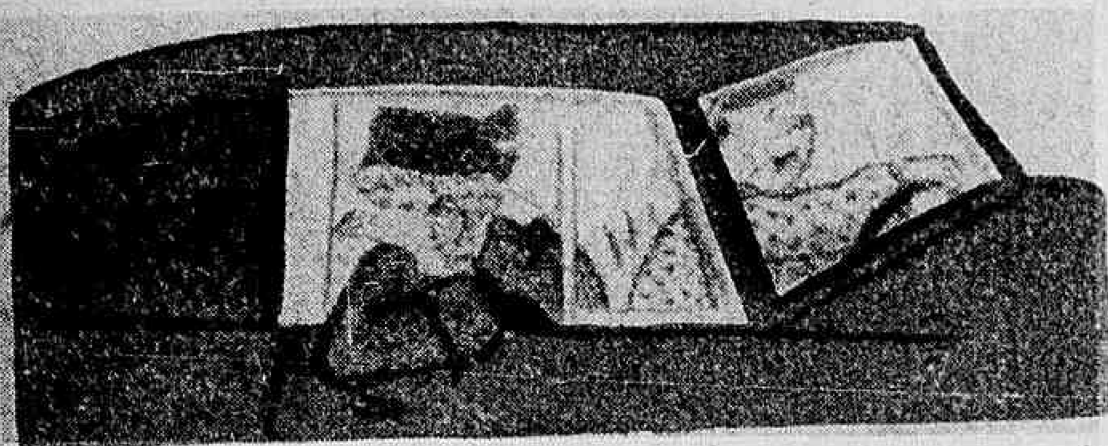
"— Se me tirarem o automóvel ficarei como se me tivessem cortado as pernas!... — dizia o protagonista de "Sunset Boulevard". E para ir cem metros além de sua casa, oitenta por cento dos norte-americanos levarão o automóvel *"para qualquer evetualidade"*. Sem êle o norte-americano se sentirá inseguro e vacilante.

ONDE O DEIXAMOS?

— "Pare na loja tal" — dizem os anúncios do rádio. Porque, para o lojista,

Êsses restaurantes têm lugar próprio para estacionamento, que é outra facilidade para quem dirige um automóvel como se fôra um prolongamento do lar ou do escritório do motorista.





Torce um pouco mais... Assim! Endireita... mais... mais! Agora para a direita... Pára! Já está bem, muito bem, não há dúvida.



o futuro cliente não pode ser imaginário como um transeunte atraído pela propaganda para um determinado lugar, mas como um ser que passa veloz, por diante de sua loja para atender a suas obrigações. *"Pare na loja tal"* e, como possibilidade amável, algumas vêzes, a indicação tentadora: "Local especial para estacionar automóvel". Porque comodidade-velocidade é o principal, em matéria de automóvel, nos Estados Unidos. A pergunta *"Onde deixaremos o automóvel?"* é capaz de azedar a excursão mais interessante, a mais aguardada partida de *base-ball*, o mais luxuoso espetáculo teatral, a película mais famosa, o baile mais brilhante.

"Onde deixaremos o automóvel?". Por trás dessa frase estão mil recordações funestas, de sucessivas voltas pelos quarteirões, em busca de uma vaga, a ampliação desesperada dêsse circuito e, finalmente, as centenas de metros feitos a pé, sob a chuva, à neve ou ao sol excessivo, estropiando, às vêzes, as *toilettes* de luxo e amaldiçoando a própria sorte.

"— Um pedestre — disse um humorista norte-americano — é um ser feliz *que encontrou lugar onde deixar o automóvel!"*



— Ah! Foi uma coincidência interessante! O homem que dirigia o outro carro trabalha na mesma companhia que você. Segundo parece é o vice-presidente...

O problema, naturalmente, adquire aspecto mais grave em New York, especialmente em Manhattan, onde milhões de cidadãos aspiram a concentrar em poucos milhares de metros tôda sua atividade comercial, e onde o minuto de conferência deve ser "share", isto é, *afiado* na precisão. Entre chegar tarde e perder uma oportunidade ou pagar uma multa, os norte-americanos não vacilam nunca: pagam a multa e, como dizia um policial norte-americano, o problema se torna cada vez mais grave; as autoridades chegaram a elevar a multa para 15 dólares (uma enormidade) sem qualquer resultado. Porém o problema é total, na América do Norte, porque (como no Brasil) tôdas as cidades, por uma emigração constante do campo, vão crescendo e suas ruas logo se tornam insuficientes ao tráfego. Não resolvem os curiosos postes reguladores da parada, que, depois do motorista haver depositado seus cinco centavos, marcam "vermelho", isto é, significando que o mesmo está *sob o lápis* do primeiro guarda que passar. Não resolve isso, nem as garagens de vários andares, que se multiplicam por todo o país. O problema do estacionamento continua a atropelar as ilusões do condutor de automóvel.

Para resolver essas dificuldades, os vários líderes da economia, procuram facilitar as necessidades do motorista, para que não seja forçado a descer do veículo.

Assim nasceram os restaurantes de estrada, diante dos quais é bastante buzinar para que logo surja uma *miss*, geralmente bonita e de *short* e que prende à porta, junto do condutor, uma bandeija onde deposita tudo quanto se queira comer ou beber.

Assim, também, um banco de Filadélfia acaba de mandar construir em seu novo edifício um túnel com quatro janelinhas, onde o norte-americano poderá ser atendido sem ter que sair do seu automóvel.

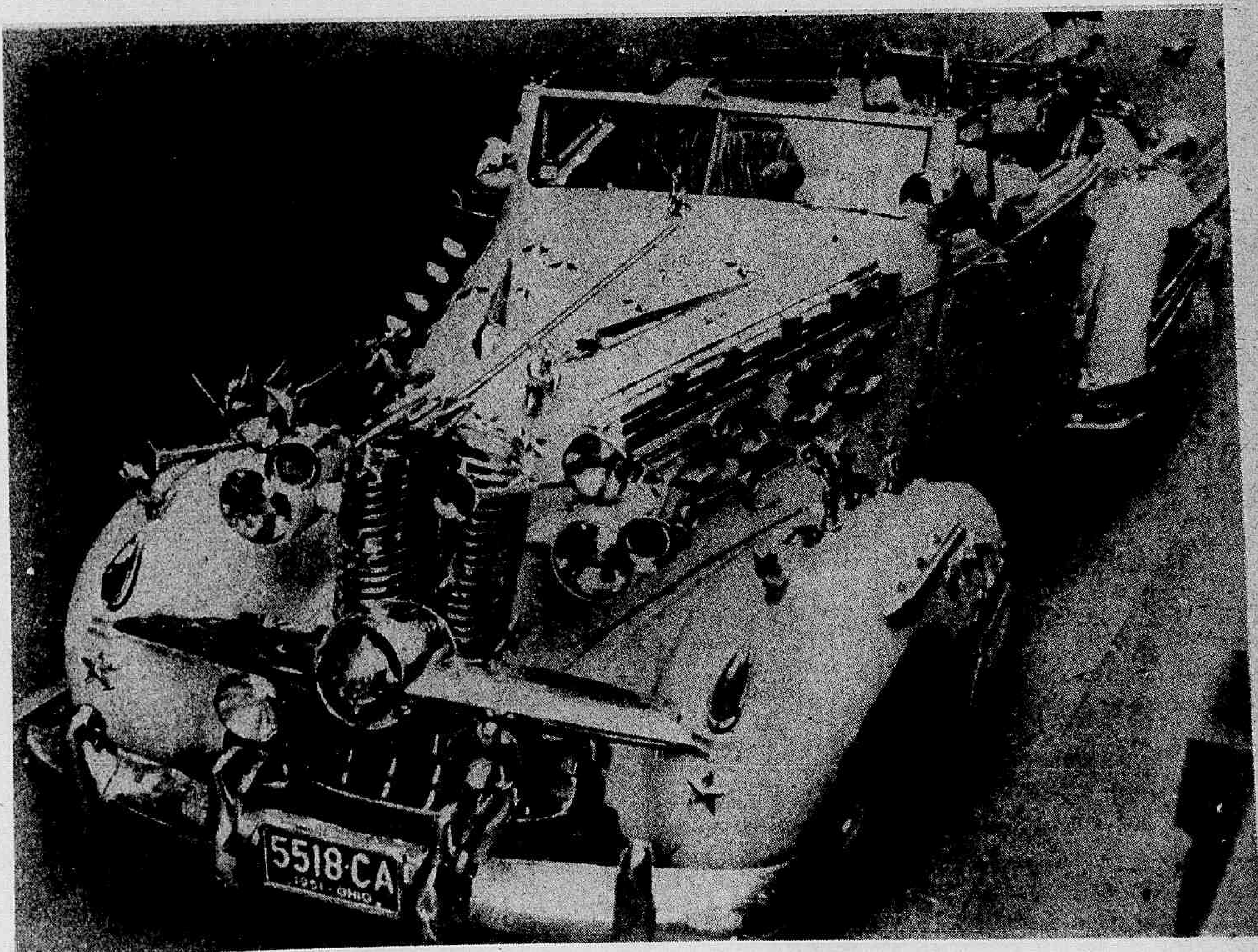
AUTOMÓVEL DE ESTRADA

O reduzido preço da gasolina e o bom estado da maioria das estradas permitem que todos tenham automóvel espaçoso. A tentativa de fabricar veículos pequenos, o Crossley, por exemplo, não alcançou êxito, e, aproveitando as condições de pagamento, realmente vantajosas, que apenas exige uma têrça parte à vista e o resto a prazos que vão até dezoito meses, todo norte-americano compra automóvel grande, desde o mais modesto Ford, Chevrolet, etc., até aos luxuosos Buick, Cadillac, Packard, passando pelos intermediários Pontiac, Dodge, Studebaker, marcas que dominam entre as mais vendidas nos Estados Unidos.

O norte-americano quer automóvel grande e cômodo. Isto é lógico porque, conforme já dissemos, êsse veículo é como o prolongamento de sua casa e que nêle passa muitas das vinte e quatro horas de cada dia. Porém, o mais assombroso é que o quer veloz, como motor poderoso, embora a velocidade esteja regulada, em quase todos os Estados da União, em um máximo de 80 quilômetros horários. Assim, ter um motor capaz de desenvolver 160 sob a simples pressão do pé direito, é simplesmente uma vaidade e, ao mesmo tempo, uma segurança potencial que não convém demonstrar muitas vêzes, se não se quer ouvir a incômoda sereia da Polícia. A imagem, tantas vêzes mostrada na tela dos cinemas, do guarda do tráfego, escondido atrás de alguma moita, aguardando a passagem do incauto condutor, é totalmente verdadeira.

As espantosas estatísticas de acidentes publicadas na imprensa norte-americana, com um total de vítimas superior às que

É muito comum encontrar «coisas» assim, numa estrada norte-americana. Como o «cow-boy», que enfeita o seu cavalo, o norte-americano moderno gosta de enfeitar seu automóvel, como êsse cidadão de Ohio, cujo carro tem seis faroletes laterais (12 no total) cinco sistemas de freios, oito exaustores, vinte e dois faróis, dez sinais de «stop» e dezenove buzinas, além de variados ornamentos, tais como estrêlas, estatuetas, emblemas, pára-choques, botões, frisos, divisas, etc., etc.



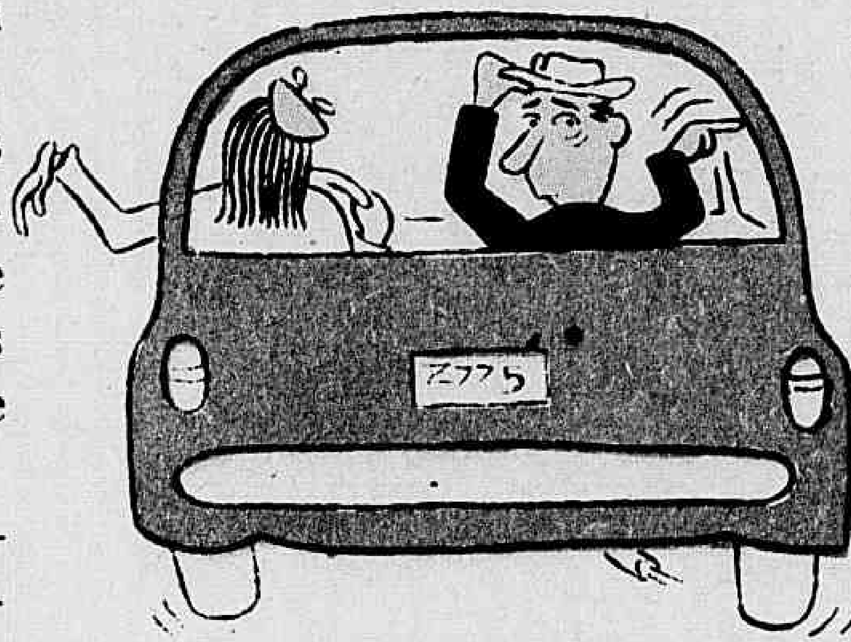
caem nas guerras que o país sustenta no exterior, dá aos motoristas norte-americanos uma fama injusta. Em nenhum outro país se dirige automóvel com maior cautela do que na terra de Tio Sam. É suficiente o letreiro *"stop"* numa encruzilhada para deter um veículo. Não importa que possam ser vistas as duas estradas abertas, à direita e à esquerda, até perder-se no horizonte. O condutor freia, observa, muda a marcha e segue lentamente até recuperar velocidade, embora tenha a certeza de que nenhum guarda o espreita.

O PERIGO ALCOÓLICO

Trata-se, porém, do condutor sereno. E a facilidade com que um norte-americano salta para seu automóvel torna-se fatal quando o faz em estado alcoólico; as severas penalidades dos juízes, considerando a embriaguês uma agravante em caso de acidente, não logram impedir a alegre irresponsabilidade com que um cidadão, depois de uns tantos "whiskies", afirma que está *okay* e que pode dirigir seu automóvel.

Aqui é bom recordar a frase de uma certa senhora. Era sábado, ao meio-dia e fazia bom tempo. Disse então: *"Desejaria poder chegar a casa, antes de uma hora! A essa hora fecham os bares, compreende?"*

De fato, as estradas se enchem de automóveis conduzidos por bêbedos. Além do mais, a estatística lhe dava razão. O alcoolismo causa a maioria dos acidentes de estrada. A seguir vem a ousadia dos rapazolas de quinze a dezoito anos, que gostam de provar os nervos de seus acompanhantes, geralmente femininos.



Também o clima é responsável, em certos Estados, onde a neve e o gêlo cobrem as estradas, tornando-as escorregadias, apesar dos cuidados do serviço de tráfego, dos pneumáticos especiais, das correntes nas rodas, etc. Constantemente pode ser ouvido pelo rádio o aviso: *"As estradas estão más. Se o ouvinte não tem premente necessidade de fazê-lo, hoje, não deve transitar."*

A MARAVILHA DE VIAJAR

Porém, quando o tempo é luminoso, circular pelas estradas da América do Norte é um encanto. Firme a estrada, boa a paisagem, quase sempre selvagem e majestosa, logo que se abandona qualquer concentração industrial. Continuamente se encontram parques, do Estado ou Nacionais, nos quais, tutelando antecipadamente o desejo do excursionista, há, junto dos rios ou dos lagos, grandes fornos de pedra para nêles o viajante cozinhar os *"hamburgers"* que sempre levam para o piquenique. A lenha que o viajante deva usar já está cortada e amontoada junto dos fornos, só restando o trabalho de apanhá-la e deitar-lhe fogo. Se anoitece e o viajante está fatigado, sempre encontram um *"motel"*, série de cabines individuais, com banho de banheira e de chuveiro, quente ou frio, além de bar e refeições ligeiras. Tudo pequeno, mas confortável. No dia seguinte a marcha é reencetada. Tudo de primeira ordem, em razão da concorrência.

A MULHER E O AUTOMÓVEL

Se fizermos um estudo atento das anedotas e caricaturas zombeteiras, publicadas pelos semanários norte-americanos, veremos que 90% se refere ao lar e ao automóvel. Lògicamente, aliás, pois que num e noutro se desenvolve a vida do norte-americano e o "humour" atua, por assim dizer, num campo familiar, onde a caricatura da própria vida é fácil e faz rir a própria vítima. Mas, se examinarmos as anedotas referentes ao automóvel e seus ocupantes, descobriremos que o 90 ou quase 95 por cento se refere à mulher como motorista. E tôdas para zombar de

(*Continua na página* 113)

MARAVILHAS DA CIÊNCIA

Só a Razão Descobre a Verdade Universal

OS HOMENS QUE OUSARAM MEDIR A GRANDEZA DO NOSSO MUNDO

Por DE MATTOS PINTO

A vaidade dos poetas que cantam o destino em ansiosas odes, quer improvisar para o globo terrestre, uma especial posição na sequência das leis, que regem o sistema planetário. Ambicionam reservar uma deferência em pleno Universo, só porque respiram o oxigênio da sua atmosfera e se nutrem das vita minas dos seus vegetais.

Produto da soberba humana, o universal prestígio da Terra existe, ùnicamente, na fantasia dos sonhadores, afastados da verdade física. Os climas que marcam as latitudes, o frio e as flores, o ciclo das estações e as chuvaradas que fertilizam os continentes, as horas do dia e da noite, os lagos e as florestas, os rios e as espêssas vegetações dos vales, dependem de um corolário de fenômenos extraterrestres.



[illegible]

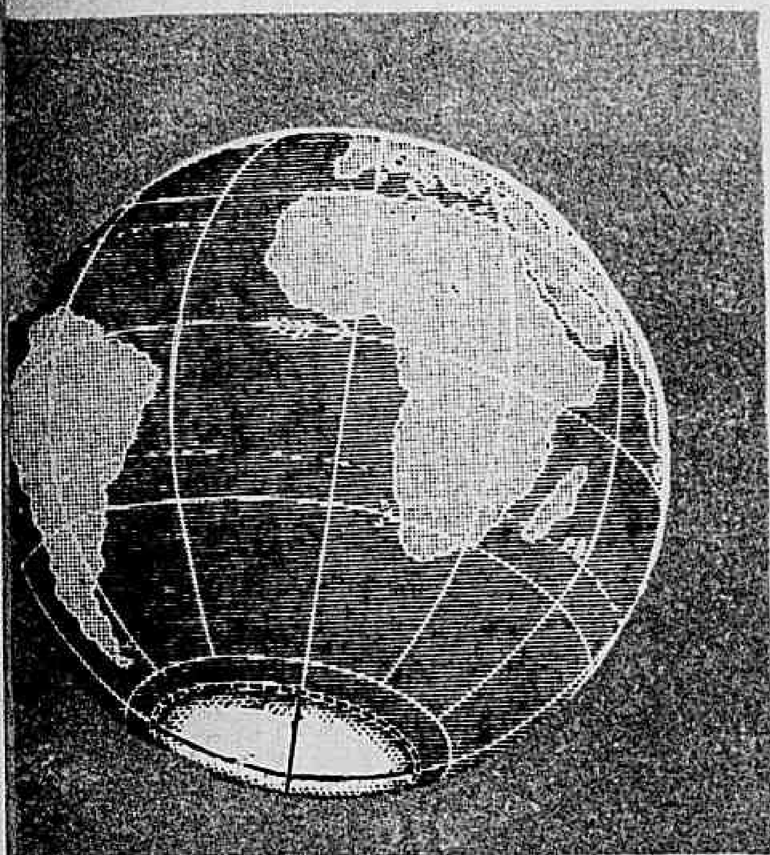
Planêta governado por efeitos mecânicos, como qualquer outro corpo celeste, a Terra voga com a sua civilização, fiel à solidariedade do Cosmos, cujos princípios acompanham as menores fases da matéria, no domínio dos átomos e das nebulosas. E ao homem só cabe fixar as causas, conhecer os movimentos gerais, que coordenam os fatôres da sua vida efêmera.

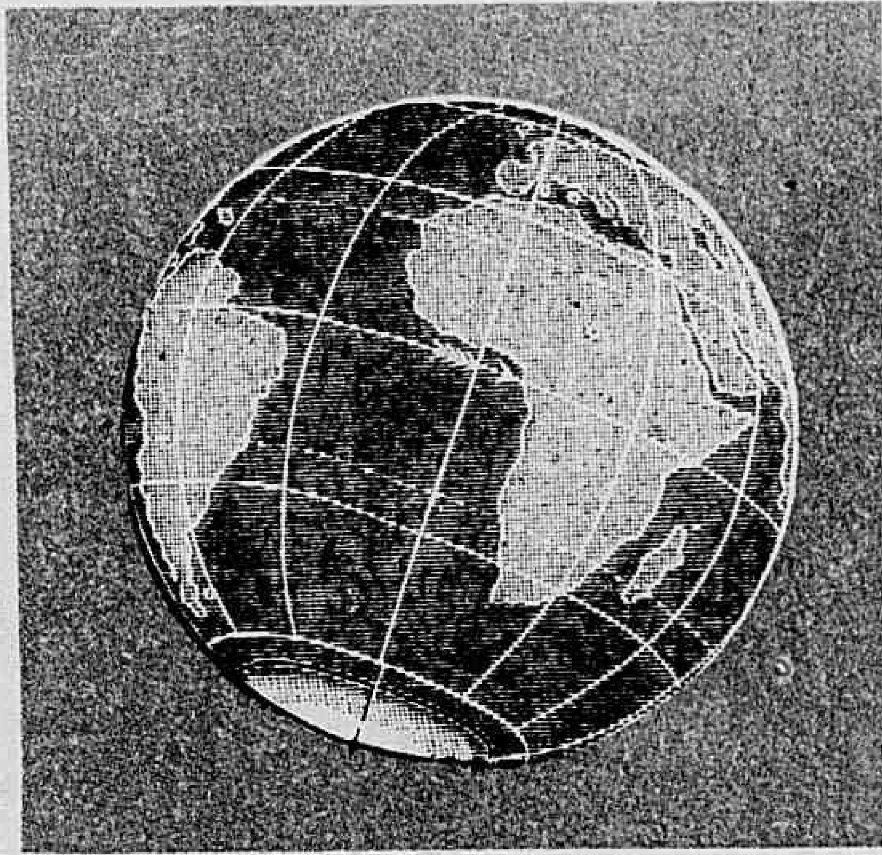
Mas a criatura humana justifica assim, com a filosofia que investiga, a sua razão de viver e a sua paixão pela verdade universal.

AS DIVERGÊNCIAS DE HORA ENTRE PARIS E RIO DE JANEIRO, BERLIM E TÓQUIO

Fixo sôbre o solo pela fôrça da gravidade, o homem interroga o firmamento que se curva, para saber dos seus limites. Tôdas as gerações ficam perplexas diante

do mesmo espetáculo, que intrigou os egípcios, os gregos e os indus. Acreditar na imobilidade do nosso mundo e na sua superfície plana, constituem os primeiros





Posição da Terra, durante os meses de janeiro e de fevereiro, [illegible] Dêsse [illegible] notável [illegible] quente

impulsos dos sentidos. Aos incrédulos de que um corpo possa se manter no espaço, suspenso só pela gravitação, replicaremos que as viagens em volta dos continentes desmentem a hipótese de um ponto de apoio, como supunham os antigos.

Os circunavegadores nunca encontraram suporte material algum. Em 1519, o navegante Fernão de Magalhães saiu de Portugal e executou a primeira viagem de circunavegação, tocou na extremidade meridional da América e passou do Atlântico para o Oceano Pacífico. Depois da sua morte, nas Ilhas Filipinas, os companheiros regressaram à Europa, sem verificar nenhuma ligação entre o orbe e outro corpo celeste. Longe de ser uma ilusão, a curva do horizonte baseia-se numa realidade geométrica, confirmada por outros fenômenos. O farol com altura de cinquenta metros estende a sua luz até dezoito quilômetros e duplicando-se a altura para cem metros, o facho luminoso brilha a trinta e seis quilômetros.

A linha horizontal amplia-se em qualquer parte da esfera terrestre, desde que se eleva a altitude. Se no Oceano vemos surgir primeiro o mastro dos navios, depois o tombadilho, em seguida o casco, nas largas planícies da França, Alemanha, Rússia, as vilas e as cidades aparecem aos poucos, nunca de repente.

O círculo que há para o marítimo, existe também para o andarilho dos desertos. As diferenças de nível entre os rios que descem das montanhas e os mares que bordam as massas continentais, anula-se nas dimensões da Terra.

Já se repetiu à saciedade, que reduzindo o diâmetro do planêta ao volume de uma laranja, todos os seus cimos, como os Andes e o Himalaia, os Apeninos e o Monte Branco, os Alpes e os Pirineus, ficariam como simples asperezas, mal sensíveis ao tato. A enormidade do raio terrestre absorve as mais elevadas altitudes. O passeio diário que fazem o Sol e as Constelações, do Oriente ao Ocidente, demonstram que circulamos num espaço cilíndrico como quer o matemático Einstein. Os astros, que se elevam e se abaixam, significam que alguma coisa se move e êsse movimento só pode ser a rotação da Terra.

Vemos a visibilidade sideral se modificar com as latitudes e com as regiões geográficas. Quando dizemos que nasce o Sol, na realidade nos movemos ao encontro do Sol, o nosso hemisfério sai da sombra da noite e rola no sentido dos raios solares, enquanto o hemisfério antípoda



Nos meses de maio e de junho, o nosso planêta muda de posi-

começa a se obscurecer. As divergências de hora entre Paris e Rio de Janeiro, Berlim e Tóquio, a Austrália e os Estados Unidos, resultam da curvatura da Terra, porque num mundo plano e reto, a luz brilharia simultâneamente para tôdas as zonas.

Na Lua, o astrônomo perceberia o nosso globo quatorze vêzes mais volumoso, do que o disco aparente do nosso satélite.

Para o espectador que se colocasse num astro vizinho do Sol, o globo terrestre brilharia como uma estrêla, com o fulgor aparente que admiramos em Vênus.

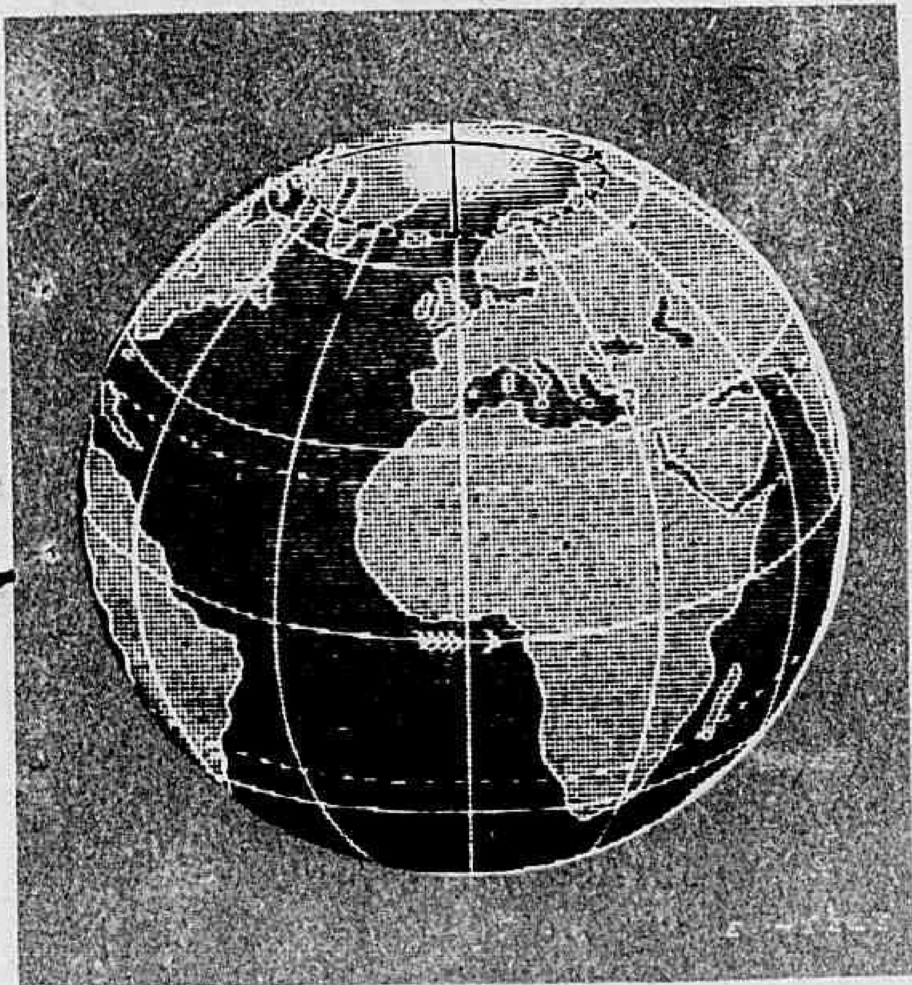




Girando em volta do Sol, o globo terrestre muda de [illegible] e também muda a área iluminada [illegible]. A [illegible] publicamos representa a Terra nos meses de março e [illegible]

CIRCULAMOS NUM ESPAÇO CILÍNDRICO

O conhecimento da geometria celeste, hoje aparentemente simples e fácil, consumiu milênios de reflexão e mesmo nos dias atuais quanta coisa nos escapa. Recuemos à antiguidade e ao tocarmos no astrônomo grego Hiparco, criador da trigonometria, assinalaremos o observador ousado, cuja inteligência insistiu, pela primeira vez, que as estrêlas não se mantêm fixas relativamente ao globo terrestre. Notou Hiparco que a posição dos astros varia no transcurso dos séculos e que há qualquer relação com o plano do Equador. Comparou as observações pessoais com os dados do seu antecessor Tymocharis, viu que a altura acima do plano da eclítica se conserva a mesma, ao passo que o inverno sucedia com relação ao equinóxio, onde as modificações se faziam sentir. Nasceu a idéia de que a esfera celeste se desloca em tôrno do pólo da eclítica, cria as ascensões e declinações das estrêlas.



ção e a iluminação solar banha outras partes do globo.

Uma das grandes virtudes mentais, que impuseram o triunfo de Nicolaus Copernicus, consistiu em não se deixar iludir por falsas realidades. O astrônomo de Thorn substituiu os movimentos ilusórios pelas variações reais, inverteu o conjunto de Hiparco e raciocinou que em lugar do movimento da abóboda sideral, há, nos pólos da Terra, um movimento de rotação em volta dos pólos da eclítica. Se proclamarmos a imobilidade do nosso planêta, os fenômenos nos obrigam a sair do domínio da razão e entrar em plena fantasia, para conferir ao Sol e aos seus membros incríveis velocidades, puramente fantásticas.

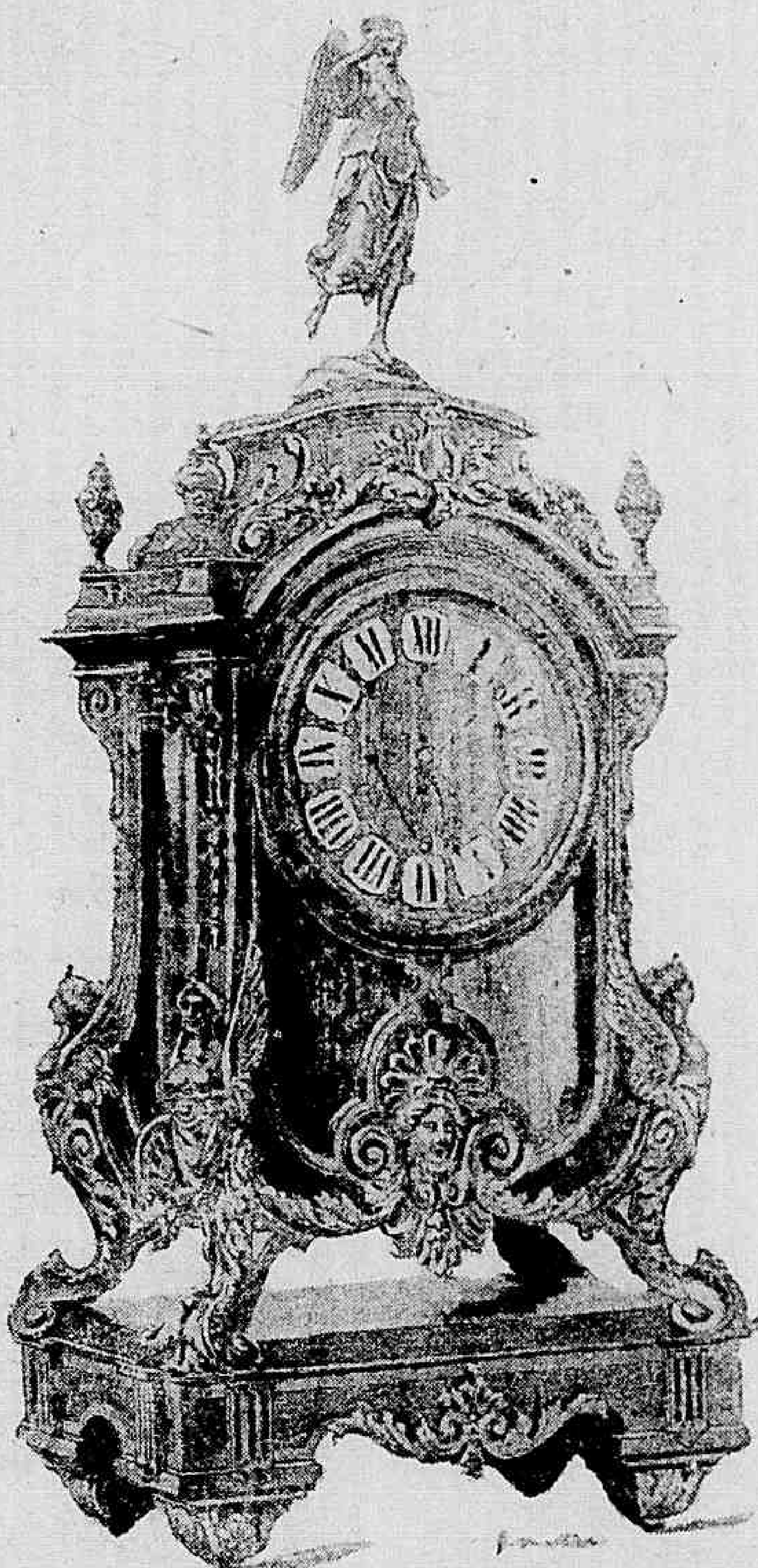
Como explicar a presença quotidiana de corpos afastados, como Saturno e Netuno, acima do horizonte?

O firmamento reaparece todos os dias, porque a orbe gira em tôrno do seu eixo, no período de vinte e três horas, cinquenta e seis minutos e quatro segundos. Habitamos entre dois fluidos, o núcleo central ignescente e a atmosfera

sempre inquieta. Sabendo-se que a espessura da crosta terrestre, estratificada e sólida, marca apenas quarenta quilômetros, compreendemos porque a Terra se comporta como um volume elipsoidal, com as extremidades achatadas. O contraste das latitudes e os climas que se opõem necessitam de um corpo móvel, que os justifique nas suas variações anuais. Três quartos da superfície terrestre acham-se revestidos pelo elemento aquoso, os oceanos e os mares fechados, cujas águas jogadas pelo Sol e pela Lua, produzem a maré. O mesmo fenômeno deve ocorrer no interior, onde a matéria em estado de fusão obedece ao fluxo e refluxo lunisolar.

Assim, muitos geólogos querem dar aos terremotos uma origem astronômica e nunca causas físicas locais, incapazes de desencadear abalos generalizados, atribuindo-os às marés do fluido candente, que ferve a quarenta mil metros abaixo dos nossos pés, conforme a teoria do movimento da Terra.

Mas, ao conceito de que o globo se move, a imaginação vulgar logo acrescenta que o mesmo deveria cair no espaço. O planêta não se acha isolado no éter, como tantas vêzes se repete, por uma errônea concepção das leis da mecânica celeste. Se não existe algum animal místico a sustentar o orbe sôbre o seu dorso, como inventaram os mitólogos indus, há uma energia mil vêzes mais prestigiosa, rica em poder, a gravitação que reúne todos os astros.



[redacted]

No seu avanço de translação, em que percorre trinta mil e quatrocentos metros por segundo, a Terra não pode tombar, porque a isso se opõe a lei da atração universal, como a estatuiu Isaac Newton e a desenvolveu Laplace. Os astros não caem, gravitam e descrevem órbitas infalíveis. O espírito humano só conquistou a verdade quando se emancipou das aparências sensoriais, reuniu os fatos particulares e desenvolveu um conjunto de idéias capazes de interpretar as leis universais. Edificada sôbre a coletividade dos gênios, a ciência marcha para novas descobertas e novas conquistas.

ERATÓSTENES ENCONTRA A VERDADE NOS POÇOS DE SIENA E DE ALEXANDRIA

A idéia de medir o mundo terrestre e fixar o diâmetro, limitar o volume e determinar a curvatura, germinou na antiguidade, antes de preocupar os tempos modernas.

De 384 a 322 antes do Cristianismo, viveu o filósofo de Stagira na colônia grega da Trácia. Aristóteles, que se considera o criador da história natural, incluiu a astronomia entre a universalidade das suas reflexões. Falou claramente na circunferência do mundo e deu-lhe mesmo uma medida, quatrocentos mil estádios, cifra cujo valor muito se discute. Como há estádios de mais e de menos de cento e vinte e cinco pés geométricos, não se pode avaliar hoje a exatidão da medida que nos legou o chefe da escola peripatética.

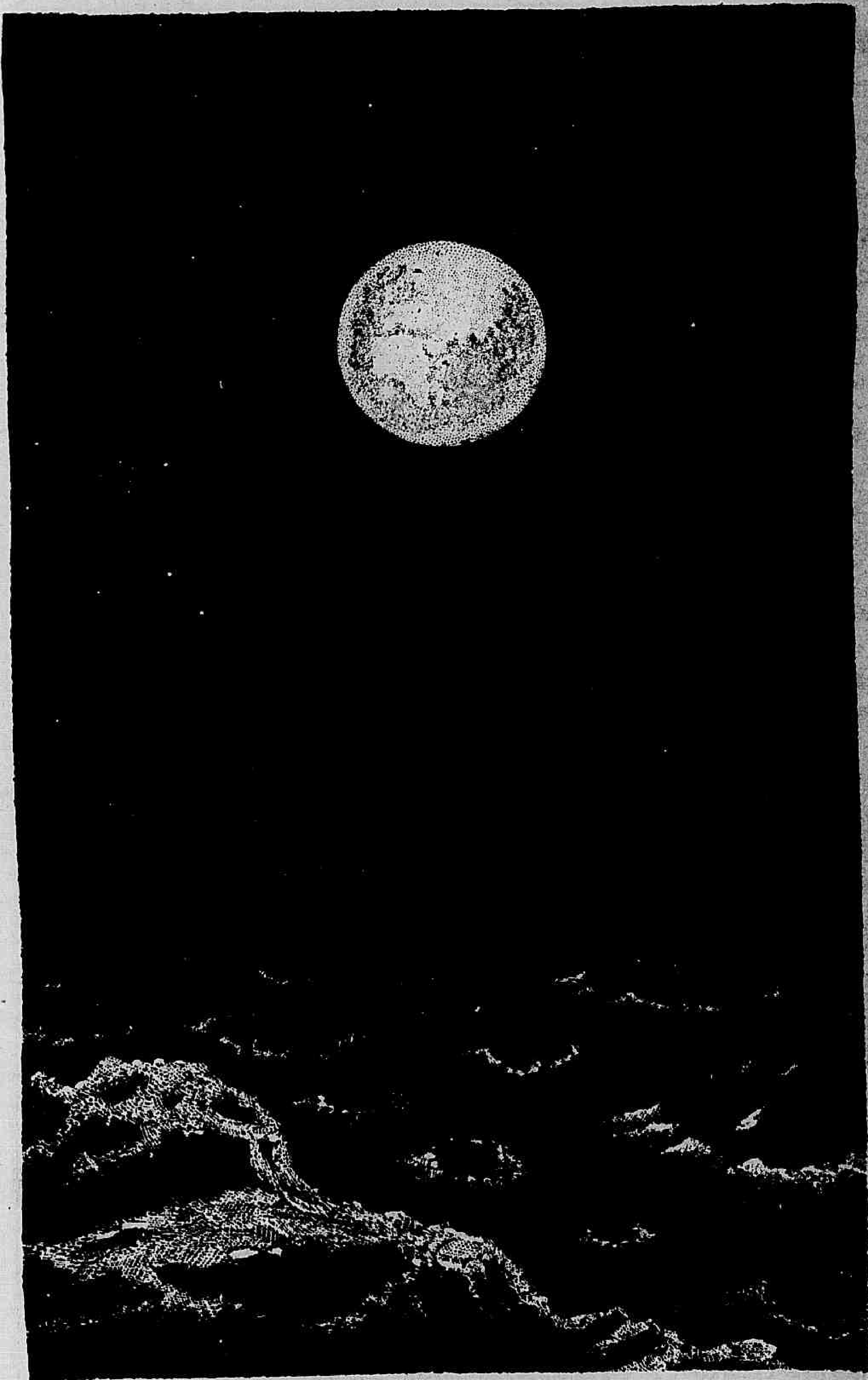
Se dermos ao estádio o valor de cento e oitenta metros, obteremos setenta e dois milhões de metros para a circunferência terrestre.

A tentativa do sábio grego indica que o espírito humano, num dos seus melhores representantes, se rebelara dois milênios antes de Copernico, contra a suposição de uma Terra plana e com-

pletamente chata. Eratóstenes de Alexandria, nascido em 276 e morto em 194, antes da era atual, se bem que menos profundo e amplo do que Aristóteles, não deixou por isso de se manifestar uma alma deveras curiosa, ávida de todos os gêneros intelectuais.

Diretor da histórica e inolvidável Biblioteca de Alexandria, dedicou-se à poesia e à ciência com a mesma tenacidade. Nas viagens entre Siena e Alexandria, um interessante fato atraiu seu raciocínio. No solstício do verão, ao passar no meridiano, o Sol não projeta nenhuma sombra no fundo dos poços dessa cidade, circunstância que deixa de suceder em Alexandria. O fenômeno mereceu de Eratóstenes o necessário estudo, cuja conclusão o fêz saber que há entre Siena e Alexandria a distância de cinco mil estádios.

Dêsse cálculo se dirigiu a outro, que o meridiano mede duzentos mil estádios de circunferência. Dá-se a êsse número o equivalente de quarenta e cinco milhões de metros. Oitenta e quatro anos, de 135 a 51 antes de Cristo, marca a vida do filósofo estóico Posidônio. Em Rhodes, ministrou lições a Cícero, fugitivo do imperador Sila. Posidônio dedicou-se à contemplação do firmamento, observou as fases da Lua, as estrêlas e o diâmetro do Sol. Ao examinar a estrêla Canópus, verificou que êsse astro, visível no horizonte de Rhodes, passa muito acima do céu de Alexandria. Compreendeu que a cidade de Alexandria deveria ficar situada numa latitude mais alta. Com Eratóstenes de Alexandria, que procurou dar bases matemáticas à geografia, podemos incluir Posidônio entre os antigos, que tentaram medir a grandeza



O globo terrestre brilhando no espaço, visto da [illegible] da Lua. Várias expedições geodésicas e astronômicas [illegible] arduamente, para determinar a forma e grandeza da Terra.

da Terra. Segue Al-Mamoun, príncipe islamita, que existiu de 786 a 834, considerado o Péricles dos Árabes, porque cultivou o espírito e as ciências. Al-Mamoun mandou refazer as medidas an-

teriores e, para êsse fim, os geômetras trabalharam na Mesopotâmia, entre as planícies de Sennaar. Obteve na extensão do grau, cinquenta e seis milhas árabes. Supõe-se que isso significa quarenta e dois milhões de metros, mas reinam dúvidas sôbre o verdadeiro alcance da milha árabe usada por Al-Mamoun.

Ao astrônomo e geógrafo grego Cláudio Ptolomeu, dois séculos depois de Cristo, coube a paciência de coordenar essas medidas, compará-las entre si, sem conseguir nenhum resultado positivo. A idade moderna prosseguiria no mesmo esfôrço, de fixar as dimensões do mundo.

OS SÁBIOS QUE MEDIRAM A TERRA

A questão da grandeza terrestre voltou a impressionar o entendimento humano, na primeira década do século XVIII. Como ampliar as investigações sôbre a astronomia sideral e abandonar o estudo da figura do nosso globo? Impunha-se adquirir uma noção mais firme, acêrca da esfera que habitamos. Na Holanda, apareceu Villebrord Snell van Roijen, mais conhecido por Snelluis, que tentou resolver o problema. Matemático de real capacidade, travara relações com Johann Kepler e Tycho-Brahe, bem como mantinha-se em contato com os progressos intelectuais.



O sábio e viajante francês Charles Marie de La Condamine, que participou de uma expedição ao Peru, para determinar a forma e também a grandeza do globo terrestre.

Em 1617, registrou as latitudes de três cidades, Alcmaer, Ieyde, Berg-op-Zoom, com feliz resultado. Consideraram-no, històricamente, o primeiro que executou uma medida trigonométrica da Terra.

Richard Norwood, que escreveu na Inglaterra, a "Doutrina dos Triângulos", assinalou, em 1635, a extensão do arco do meridiano, que separa os paralelos de Londres e York. No ano de 1651, deparamos, na Itália, com o notável Giovanni-Battista Riccioli, autor do "Novo Almagesto", título inspirado na obra capital de Cláudio Ptolomeu. Deve-se-lhe a determinação de um arco do meridiano, em Barcelona. Snelluis marcou cinquenta e cinco mil e vinte e uma toezas para o grau terrestre, nas respectivas latitudes.

Norwood mediu cinquenta e sete mil e trezentas toezas. Riccioli anotou sessenta e duas mil e novecentas toezas, para o grau terrestre nas respectivas latitudes. A academia de Ciências de Paris, que se fundara em 1665, decidiu apurar os dados contraditórios e refazer as determinações. Entregaram a difícil missão a Jean Picard, colaborador do filósofo e matemático Pierra Gassendi, geômetra hábil e prático, que se dirigiu, em 1669, a Soudon e Malvoisine, onde procedeu aos necessários estudos.

Averiguou que na latitude quarenta e nove graus e vinte e três segundos, o grau terrestre mede cinquenta e sete mil e sessenta toezas . Jean Picard publicou; em 1671, a sua obra intitulada a "Medida da Terra", que representa o objetivo de pesquisas seculares. Todos êsses trabalhos pecavam na base, porque admitiam a completa esfericidade do planêta, como incontestável verdade. Isaac Newton contestou a redondeza integral da Terra, que possui a figura de um elipsóide de revolução. Estabeleceu a geodésia, que se o nosso orbe ostentasse um molde esférico, real e justo, as verticais de todos os lugares se reúnem num ponto comum. Mas, como isso não acontece, ficamos convencidos da razão de Newton: — a forma elipsoidal predomina sôbre a outra. A França resolveu esclarecer o assunto definitivamente.

Sob a designação oficial do govêrno, Filipe de La Hire reservou para si o Norte, até Dunquerque, e Dominique Cassini se dirigiu para o Sul, a Collioure. Cassini e La Hire trabalharam, de 1683

a 1718, registrando cinquenta e sete mil e sessenta e uma toezas.

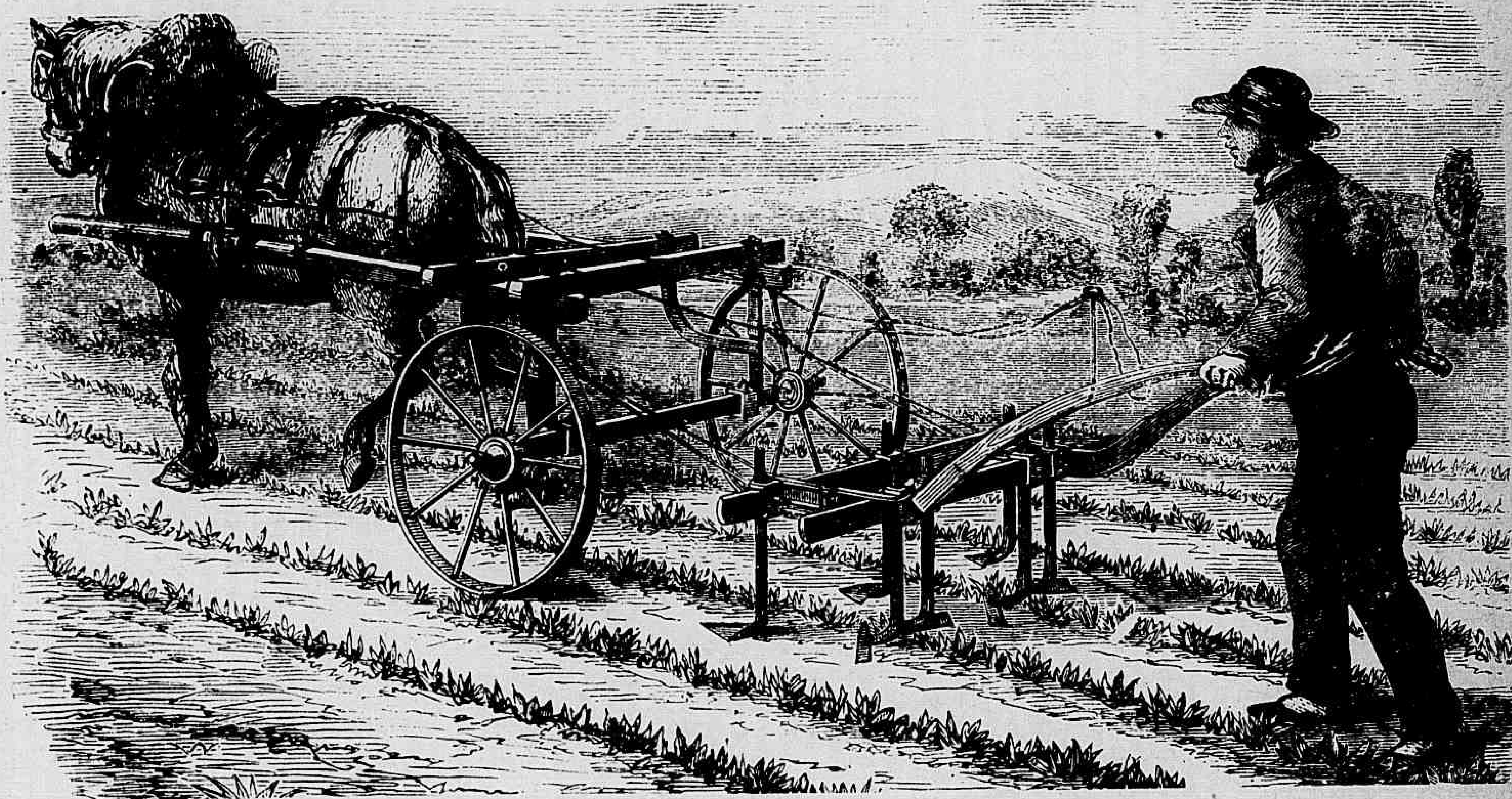
Seis anos depois, com o fim de resolver os fundamentos da verdade newtoniana, o govêrno francês subdiviu duas expedições com destino às zonas equatoriais e às zonas circumpolares. A expedição, composta por Louis Godin, Pierre Bouguer, Charles de La Condamine, encaminhou-se, em 1735, com destino ao Peru. A segunda expedição, que se formou de Pierre de Maupertuis, Alexis Clairaut, Charles Camus, Pierre Le Monnier, partiu para a Lapônia. Maupertuis regressou depois de um ano e três meses, enquanto

De 1801 a 1803, Svanberg, Oefverbon, Holmequist, efetuaram novas determinações na Lapônia.

François Arago e Baptiste Biot trataram do mesmo problema de 1806 a 1808. Ficou demonstrado que o arco do meridiano acusa uma média menor na Lapônia, do que no Peru, verdade que prova o achatamento nas extremidades polares da Terra.

OS CORPOS PESAM MENOS NO EQUADOR E PESAM MAIS NOS PÓLOS

Ao lado dêsses trabalhos geodésicos, buscava a astronomia outras provas da



No campo, o camponês observa, com mais intensidade, o deslocamento do Sol, as variações da sombra das árvores e contempla — à noite — o desfilar das estrêlas no firmamento.

Louis Godin só voltou depois de sete anos. Mais tarde, J. B. Joseph Delambre e P. F. André Mechain procederam, em 1792, a medida do arco do meridiano entre Dunquerque e Barcelona.

O sistema métrico, que nasceu em 1799, baseia-se nas dimensões do quarto do meridiano, êsse círculo que passa pelos Pólos e corta o Equador. Sabe-se que o metro marca a décima-milionésima parte do quarto do meridiano terrestre. Mesmo depois de instalado o sistema métrico, realizaram-se muitas outras medidas na Prússia, Inglaterra, Estados Unidos, Rússia, Itália, Dinamarca, Índia e África.

rotação terrestre. Trouxe-a, em 1672, a investigação do astrônomo francês Jean Richer, na sua viagem à América do Sul.

Ao pisar nas terras de Caienna, expressivo fenômeno absorveu tôda a meditação do seu espírito, tanto mais que parecia absurdo e inexplicável pelos conhecimentos clássicos.

O pêndulo dos relógios atrasa-se dois minutos e meio por dia em Caienna, sôbre o pêndulo regulado noutra latitude, em Paris. Isaac Newton forneceu a explicação quinze anos depois, em 1687, com a sua inigualável argúcia.

A gravidade acelera as oscilações nos países vizinhos da calota polar e retarda-as nas zonas próximas da linha equatorial. Os corpos pesam menos no Equador, porque se acham mais afastados do centro da Terra e pesam mais nos Pólos, porque se aproximam do núcleo da gravidade.

O giro terrestre em volta do seu eixo cria fôrça centrífuga e essa fôrça quase nula nas zonas circumpolares, progride quando se desce às latitudes e atenua dêsse modo, os efeitos atrativos da rotação. Satisfeitos com essa insofismável demonstração da mobilidade do nosso planêta, os físicos empenharam-se em procurar novos indícios.

Léon Foucault se utilizou da experiência do pêndulo, em 1851, com excelentes resultados. Serviu-se de um globo de chumbo pesando dezoito quilos, suspenso na cúpola do Partenon, por um fio de aço de setenta metros de extensão. A esfera metálica que oscila na extremidade de uma linha, uma vez em movimento, não muda de sentido, continuando na mesma direção. Mas se realizarmos a experiência no Pólo e tomarmos como ponto de referência uma estrêla qualquer, obteremos o efeito consequente.

Marcando o plano da oscilação com uma baliza fixa no solo, notaremos que o pêndulo coincide com a marcha do astro. Ora, se a terra permanece imóvel, como queria Cláudio Ptolomeu, e o firmamento circula em tôrno de nosso mundo, o movimento do pêndulo não poderia acompanhar a estrêla. Léon Foucault realizou a experiência sem abandonar Paris, dentro do Partenon. Agora, sabemos, mais minuciosamente, que a rotação terrestre acusa um movimento de trezentos e seis metros por segundo em Paris, elevando-se a quatrocentos e sessenta e cinco metros por segundo no Equador, para se anular nos Pólos, cuja calota marca um deslocamento muito fraco. Conhecemos, também, que um corpo ao cair de grande altura, sofre, na sua vertical, um desvio, oriundo do movimento da Terra, como demonstraram Domênico Guglielmini, Bezomberg e Schlebusch. Os financistas esquecem que as condições econômicas do mundo dependem mais da rotação do planêta do que das suas profecias numéricas e que um pequeno desvio em nossa órbita bastaria para fulminar o progresso.

Só a razão descobre a verdade e se o conjunto da vida social não evolui perfeitamente, isso se deve à ausência de método científico na edificação do Estado, governado pela sandice das paixões políticas.

CONSELHOS DE UMA QUITUTEIRA



ANITA LA TORRE

HOJE, apresentarei às minhas leitoras uma boa receita que srá muito apreciada. A «Salada Waldorf Gelada», tem a particularidade de ser preparada **sem ir ao fogo**.

Ao contrário, essa receita, como indica o nome, é preparada com auxílio de um refrigerador e é fácil adivinhar, portanto, que se trata de algo muito apropriado aos climas tropicais.

Ingredientes:

Dois ovos; meia xícara de açúcar; 1/8 de colherinha de sal; 1/4 de xícara de suco de limão; duas maçãs (sem descascar); meia xícara de cerejas em conserva; meia xícara de abacaxi ralado (em conserva); uma xícara de creme batido; meia xícara de suco de abacaxi.

Bater os ovos, se possível, com batedeira elétrica e ajuntar o açúcar, o sal e os sucos de fruta. Deixar esfriar a mistura. Cortar as frutas, sem descascá-las, para que as cascas dêem colorido à salada, e ajuntá-las à mistura. Bater o creme até tomar a consistência de suspiro e ajuntá-lo à massa feita anteriormente. Colocar a massa na vasilha de fazer gêlo mais funda que exista no refrigerador e deixar endurecer.

A salada é servida sôbre alface, enfeitada com morangos ou outra fruta decorativa.



Não esquecer que somos animais...

Todos hão de sofrer os efeitos da aclimatação.



DESDE que existe o que chamamos vida civilizada, existem também as férias, isto é: o êxodo fora das cidades. Os escritores latinos nos deixaram a descrição dos dias ociosos que costumavam passar em suas casas de campo ou às margens do mar os ricos cidadãos romanos e os homens políticos, esgotados pelo trabalho e as responsabilidades. E, desde então, embora seja dito geralmente que "o sentido da natureza" foi uma invenção ou um descobrimento dos românticos do século XVIII — ou XIX, todos os séculos nos deixaram páginas deliciosas, inspiradas pelo doce tempo das férias ou por sua grata recordação.



Tempo de "farniente", de ocupações bucólicas, como colhêr flores ou cultivá-las, segar o feno; tempo de caçadas e pescarias; tempo de ler poesias ou de escrevê-las.

A vida, nas cidades modernas, com seu incessante bulício, sua atividade febril, as luzes artificiais que prejudicam a vista, os gases e olores perniciosos, respirados dia após dia, a repetição de gestos e trabalhos sempre iguais, a falta de espaço, tornam as férias mais necessárias ainda do que antanho, pôsto que tôdas e cada uma dessas características de nossas grandes cidades esgotam os nervos e mesmo o organismo inteiro do homem.

Mudar de modo de vida sempre foi uma terapêutica excelente contra as enfermidades nervosas. Não é absolutamente necessário passar de uma vida ativa para uma vida ociosa; o essencial é mudar, e muitas vêzes a mente descansa melhor empregando-se em atividades até então desatendidas que se ficar ociosas.

É também indiferente que nossas férias transcorram no campo, na montanha ou na praia; o essencial é que o lugar



escolhido nos proporcione a tranquilidade, a paz do espírito.

A ENFERMIDADE DAS FÉRIAS — No entanto, ocorre muitas vêzes que, no princípio das férias, sentimos um cansaço muito pior que o anterior. Em geral, isso é erradamente atribuído à viagem ou à mudança da alimentação.

Dois médicos franceses, os Drs. Cuénod e H. Laborit, se encarregaram, recentemente, de investigar êsse fenômeno, com a idéia de verificar se sua existência era cientìficamente demonstrável ou se apenas se tratava de uma impressão sem base.

Acabam êles de revelar os resultados de sua investigação em "La Presse Médicale Française". Com êsse estudo, a medicina social provou, mais uma vez, sua grande utilidade, pôsto que os dois especialistas fizeram uso das observações recolhidas durante vários anos em centros oficiais, colônias infantis, etc.

Baseando-se em numerosas análises e exames de sangue, urina e hormônios, confirmaram a existência de uma verdadeira "enfermidade da aclimatação", expressão justificada pela importância das modificações humorais, endocrinianas e metabólicas, causadas pela mudança de lugar de residência, embora estas nem sempre se manifestem claramente.

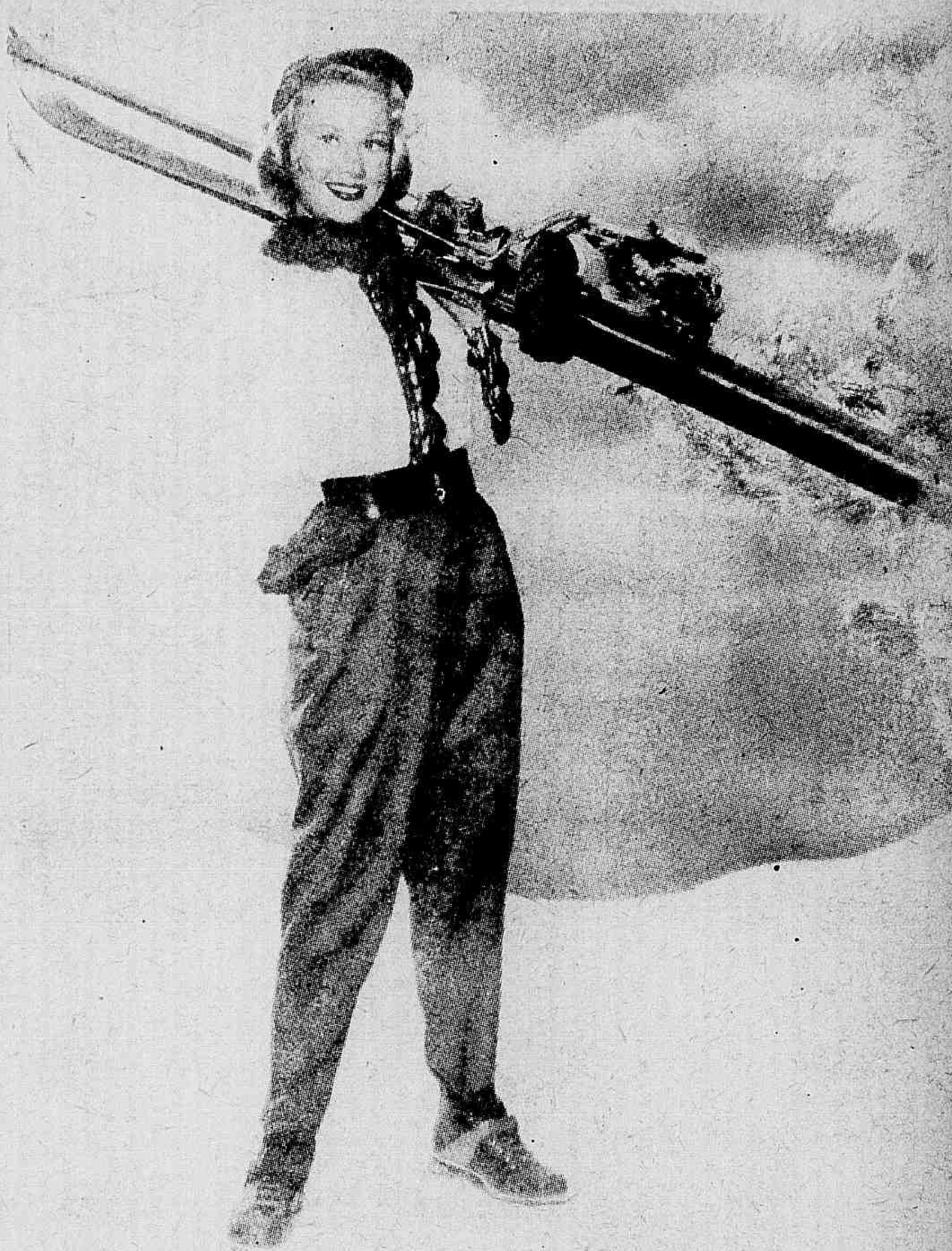
As alterações aparecem nas primeiras horas da "transplantação" e são consequência de um "ataque" dirigido contra o organismo humano pelos elementos inabituais do meio ambiente, isto é: muito provàvelmente pelos alergenos do aerosol ambiente.

O novo meio em que nos encontramos, o ar novo que respiramos, perturbam nosso organismo, causando, provàvelmente — segundo os citados médicos — uma enfermidade alérgica.

Isto não deve causar espanto, estando tão de moda a alergia. Segundo sabemos, a alergia se desenvolve em duas fases. A primeira dura uns oito dias e é caracterizada por uma ligeira apatia e tendência para o sono. Ao fim de oito dias entramos na fase da "crise climática", quando nosso organismo começa a imunizar-se pela produção de anticorpos. Esta fase poderá ser assinalada por alterações mais graves



que a primeira: diarréia, congestão, hemoptises nos tuberculosos, etc. Ao fim de quinze dias o organismo recupera seu equilíbrio, embora as modificações metabólicas possam continuar ocorrendo de maneira imperceptível.



O alpinismo mesmo que não seja a grandes altitudes, exige aclimatação.

A MUDANÇA DE ALIMENTAÇÃO — Porém a velha teoria, segundo a qual a mudança radical de alimentação é a causa principal do que poderíamos chamar "a enfermidade das férias" ainda tem defensores.

Na realidade, é pouco conhecida a influência do tipo de alimentação sôbre o desenvolvimento do organismo. Notou-se, por exemplo, que o esqueleto dos homens que vivem nos países onde a água é rica em cálcio é mais pesado. Uma alimentação que consista principalmente em leite, derivados de leite e cereais produzirá tipos de homens diferentes dos produzidos por uma alimentação à base de carne e vinho.

"— *É provável* — escrevia Carrel — *que a constituição das glândulas e do sistema nervoso se modifique segundo os tipos de alimentação*". (Portanto, a mudança de alimentação poderia explicar também as modificações nervosas e humorais, observadas pelos dois especialistas franceses. Porém, sendo verdadeiras e importantes as perturbações causadas pelas férias, *como é possível explicar, então, seu bom efeito sôbre a saúde do homem?*

TREINAMENTO E VACINA — Muito fàcilmente — dizem os médicos. O fato de submeter-se a um ambiente novo, que provoca por parte de nosso organismo reações novas, constitui uma espécie de treinamento orgânico, suave e contínuo.

Do mesmo modo, para um empregado que passa onze meses do ano prêso à cadeira, inclinado sôbre a mesa, um mês de férias, escalando montanhas, constitui um treinamento muscular excelente, embora, de início, o "alpinista" revele grande fadiga.

Nos dois casos, a mudança se traduz pelo repouso de elementos fatigados do





A mulher de ontem, quando ia à praia era como se ficasse em casa, bem protegida contra o ar e o sol. Hoje, ao contrário, quase tudo fica em exposição. Daí o maior cuidado que é exigido.

organismo e a atividade dos que estavam quase atrofiados por um longo repouso.

Depois das férias, podemos dizer que nosso organismo se encontra na situação do homem que acaba de aprender uma arte nova, sem haver esquecido a que possuía anteriormente: possui ainda a arte de reagir ao ambiente da cidade e aprendeu, além disso, a corresponder a solicitações e excitações diferentes, sejam as do ar, do clima ou da alimentação.

Se se considera que a saúde mental e física consiste em saber e poder atender — sem dificuldade nem perturbações graves — a condições exteriores diferentes e variáveis, então se reconhecerá o efeito saudável das férias.

Tendo em conta a teoria dos Drs. Cuénot e Laborit, segundo a qual a mudança de lugar produz uma enfermidade alérgica, que se cura, naturalmente, pela produção espontânea de anticorpos necessários, poderemos também comparar as férias a uma espécie de vacina, pôsto que o papel da vacina é, justamente, o de provocar a produção de *anticorpos* no organismo.

Assim como a vacina contra a varíola nos imuniza contra essa enfermidade, um mês em S. Lourenço ou Friburgo nos imuniza contra... S. Lourenço ou Friburgo — mas também contra as grandes cidades.

★ ★

INVENÇÕES...

EIS as mais inesperadas, entre as últimas invenções que nos foram reveladas pelo telégrafo internacional.

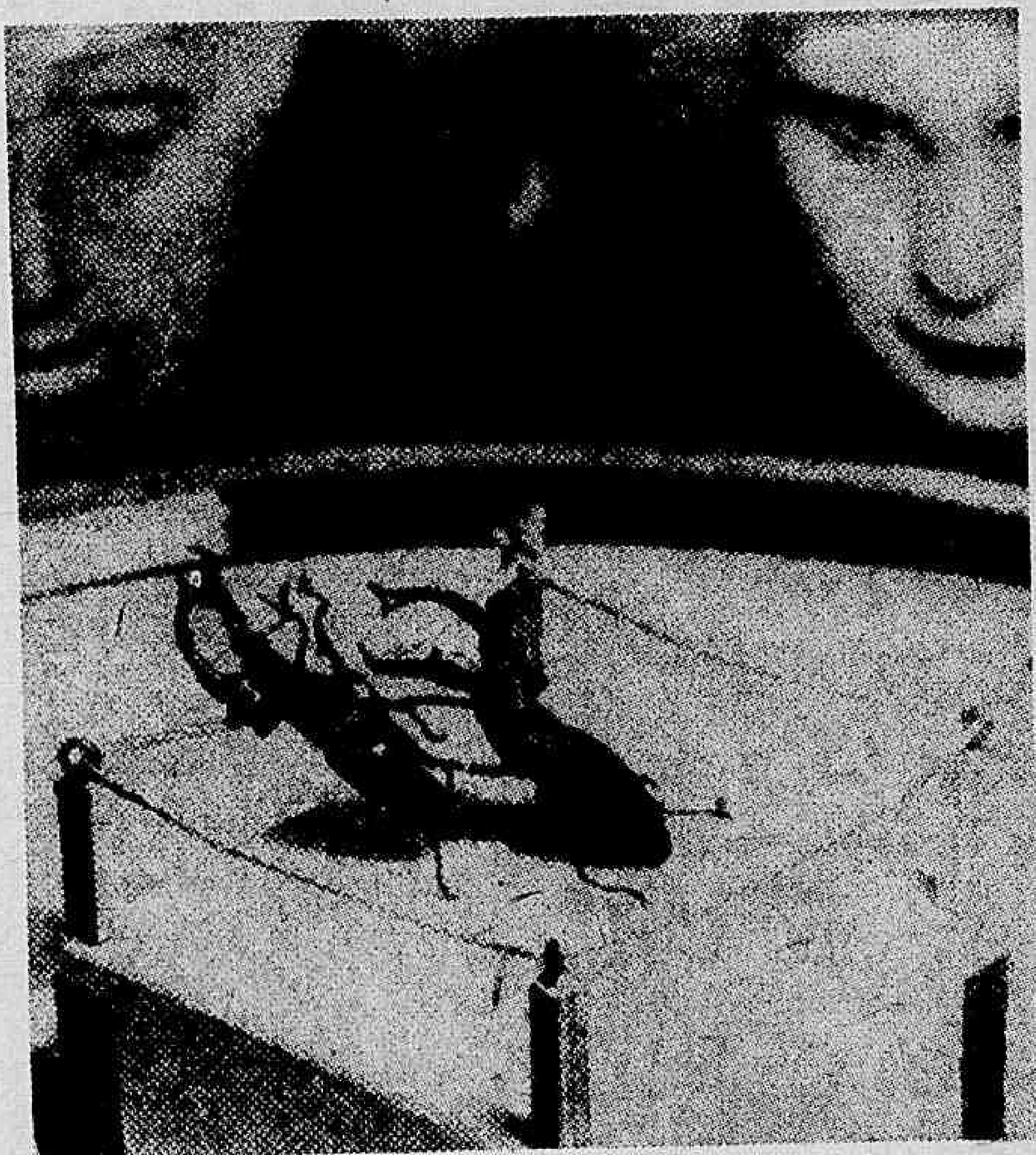
Dos Estados Unidos, anunciam um novo pneu para automóvel. Sua banda de rodagem possui um número incalculável de pequenos blocos de borracha flexível e em relêvo, que se agarram no asfalto e fazem o veículo parar imediatamente e dispensam as «correntes» para os dias de lama ou neve. Além do mais, o pneu tem dos lados uma saliência circular que evita o desgaste devido ao roçamento contra o meio-fio das calçadas.

Da Inglaterra anunciam a criação, nas igrejas, de verdadeiros **alvéolos** para mães de família. Nêles instaladas com os filhos, podem seguir o ofício por meio de um altofalante. Dessa maneira, as crianças podem chorar e gritar à vontade, sem perturbar os demais fiéis.

Ainda da Inglaterra nos chega a notícia de outra iniciativa ousada: — Um vendeiro, depois de premiar suas vendedoras com banhos solares, largamente dispensados por lâmpadas especiais, estendeu êsses benefícios aos seus fregueses.

— É dever de nossa casa — explicou êle — manter nossa clientela em boa saúde. Quem tem saúde come mais e, portanto, compra mais!

NUM CIRCO PARISIENSE...



Sensacional combate de besouros, em 4 «rounds».

RECENTEMENTE, anunciaram num circo parisiense um "match" entre os lutadores Paopino e Pedro. Não se tratava, porém, de pêso-pesado e nem mesmo de pêso-môsca, mas simplesmente de pêso... inseto.

Eram, realmente, dois besouros, que se entregaram a um combate mortal.

Êsses coleópteros se caracterizavam por mandíbulas formidáveis e dentadas, surgindo muito além da cabeça, chegando a atingir dimensões quase tão grandes como as do próprio corpo do animal. As larvas dêsses besouros (lucanos) vivem durante dois ou três anos nos troncos das velhas árvores. O "ring", na escala dos lutadores, teve a vigilância de um árbitro e a assistência de várias dezenas de jornalistas e fotógrafos.

A MAIS CARA

DEVIDO a um ultravírus tão ínfimo que seria necessário aumentá-lo trinta mil vêzes para poder distingui-lo a ôlho nu, o resfriado é a mais comum, a mais banal e a mais benigna das enfermidades.

Mas, provàvelmente, a que maiores prejuízos causa!

Em um ano, por exemplo — segundo recente estatística — 100 milhões de dias de trabalho são perdidos por culpa do resfriado. Baseando-se na média dos salários, isto representa uma perda calculada entre 1 e 2 bilhões de dólares!

★

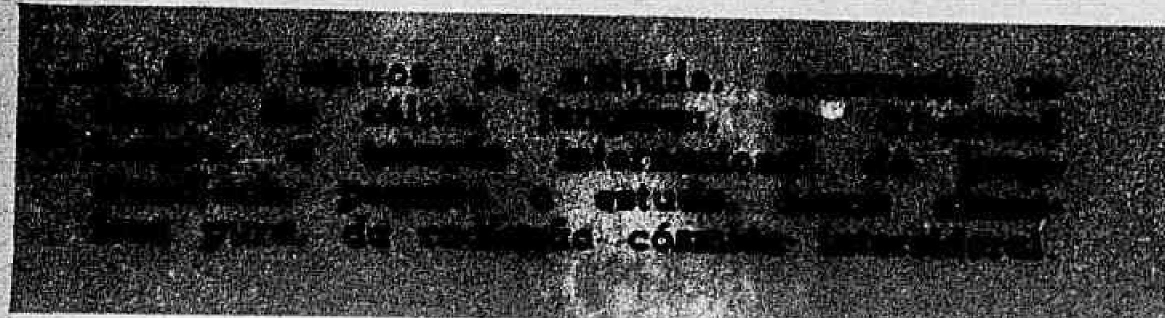
RELÓGIO QUE ANUNCIA A HORA EM VOZ ALTA

UM relógio falante, que diz literalmente a hora que é, foi inventado por Domingo Delgado, de Havana.

As palavras são registradas sôbre uma fita elètricamente sincronizada com o mecanismo do relógio.

À hora desejada, essa fita dirá naturalmente tudo o que seu proprietário deseja. Pode lembrar que é hora do almôço, de ir dormir ou de sair para um encontro com hora marcada. Um mecanismo permite substituir a fita gravada, diàriamente. No campo do anúncio comercial, seu emprêgo tem vastas possibilidades.





50 BILHÕES ATRAVESSAM O

A imprensa noticiou um fato realmente extraordinário: um balão-sonda, navegando a 30 000 metros acima da região parisiense, conseguiu captar três "mesons Kappa", isto é: três partículas entre as mais importantes e as mais misteriosas da radiação cósmica. E o público soube, na mesma ocasião, que em todos os países do mundo, equipes de físicos se entregam a essa caçada aos corpúsculos cósmicos e que, anteriormente à operação sôbre Paris, só haviam conseguido captar dois outros "mesons Kappa".

Que vem a ser a radiação cósmica?

Ínfimas partículas que caem do céu em massas serradas, crivando a superfície da Terra, dia e noite, seja qual fôr a hora, a estação, o lugar e as circunstâncias atmosféricas.

Ésses grãos de matéria medem alguns milésimos de milímetro e são animados de velocidades muito grandes. Atravessam tudo em sua marcha: árvores e casas, água e chumbo, rôchas as mais duras e, também, naturalmente, o corpo humano, que, desde o nascimento, até à morte, recebe entre 50 a 60 bilhões dessas partículas, a razão de 20 a 25 por segundo.

Os corpos mais densos são ainda composto de matéria assaz mole, de átomos muito dispersos, para opor um obstáculo a êsses projétis minúsculos.

Ésse bombardeio que nos criva, era por nós ignorado até o dia — de 1910 — em que o físico suíço Gockel descobriu, por acaso, êsse fenômeno espantoso.

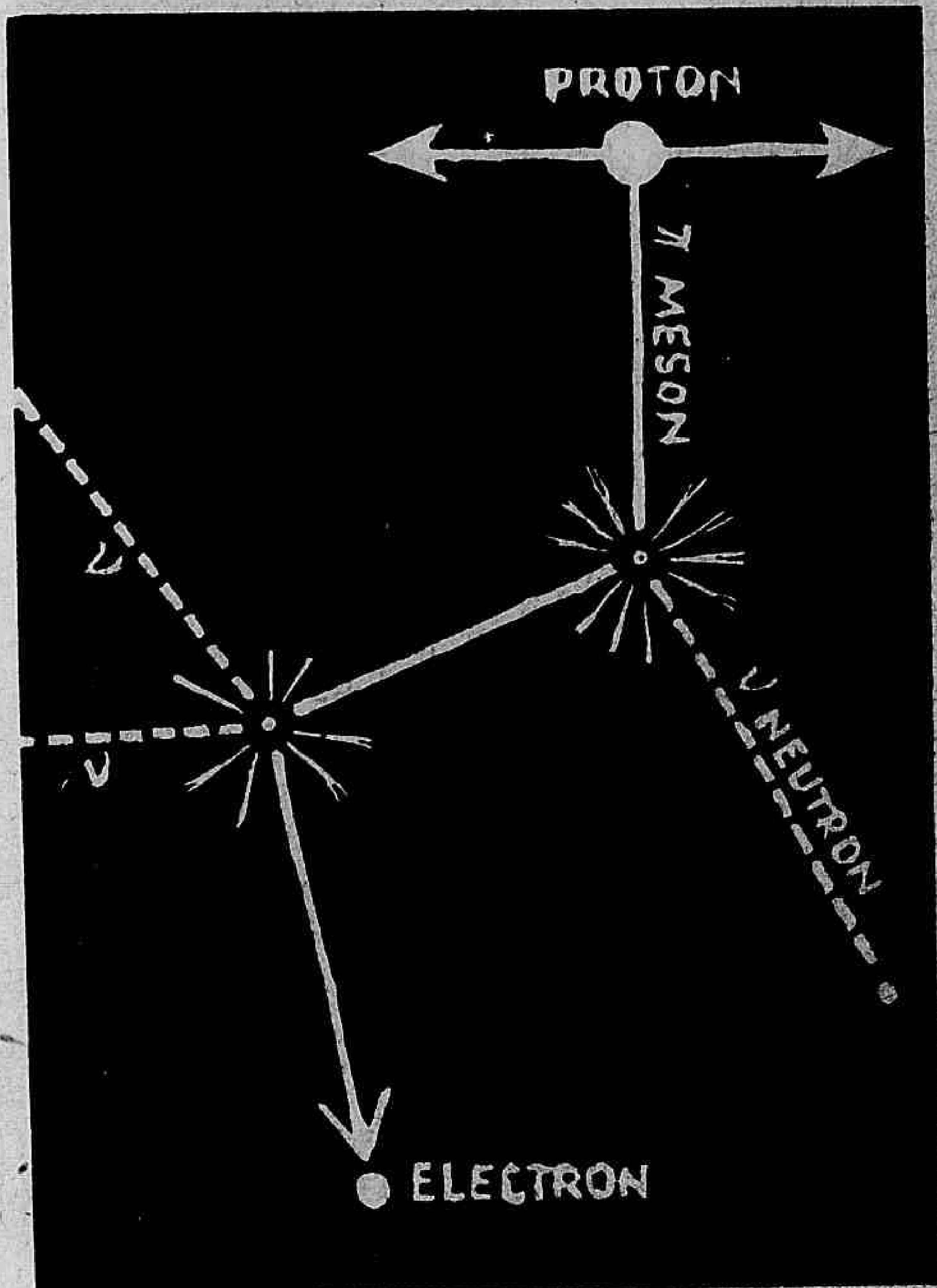
Mme. Curie acabava de descobrir o rádio e o mundo estava fascinado pelos raios X. A radioatividade dos corpos inaugurava um capítulo apaixonante da física. Mas os sábios pensavam que essa radioatividade era uma propriedade da terra e de suas rochas — *e que não existia, a partir de uma certa altitude.*

Gockel procurava, justamente, saber a que altitude cessava essa radioatividade. Elevou-se em balão esférico a 4 500 metros

DE PROJETIS CORPO HUMANO

e ficou muito surpreendido ao verificar que nessa altura seu electroscópio (instrumento em forma de garrafa e permitindo indicar a presença e a espécie de eletricidade de que um corpo está carregado) se descarregava mais depressa que sôbre a terra. E, ainda mais: Gockel observou que os raios eram mais abundantes nas camadas superiores da atmosfera que no nível do solo. Viriam do Sol?

Dois outros sábios, o austríaco Hess e o alemão Kolhoerster, repetiram a experiência de Gockel, subindo a 5 000 metros, em 1911 e a 9 000 em 1913. Descobriram que a descarga era doze vêzes maior nessas altitudes que a verificada ao nível do mar, e que ocorria em qualquer hora do dia ou da noite. Portanto, *essa chuva de corpúsculos não vinha do Sol*.



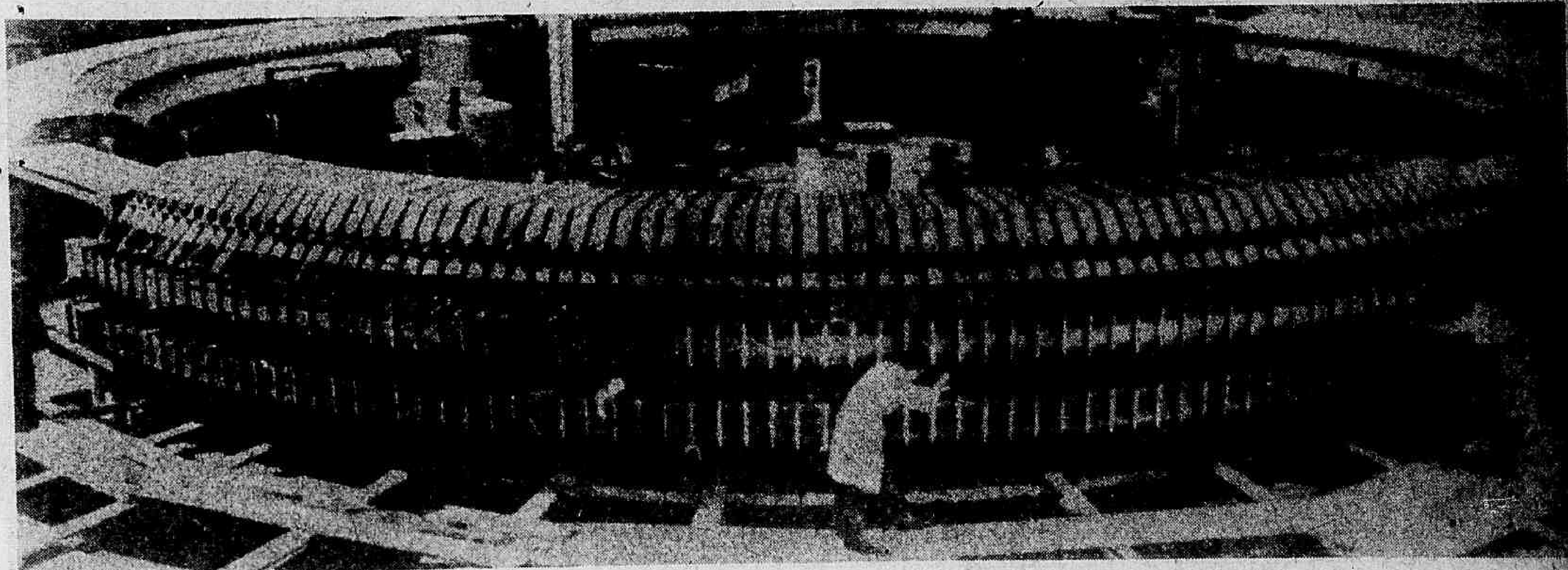
O meson, nascido de um próton, assim se desintegra: um neutron escapa e perde um têrço de sua massa. Uma nova desintegração dá dois neutrons. O meson continua em seguida, na sua queda para o solo.

SEMPRE MAIS ALTO

Todo um capítulo da física ficava transtornado. Foram lançados balões-sondas a 15 000 metros, mergulharam electroscópios nas águas dos lagos das mais altas montanhas e até mesmo as geleiras foram sondadas... Não restava mais nenhuma dúvida: o *infinito bombardeava a terra e os homens, num ritmo implacável e uma chuva invisível nos envolvia cada hora e cada segundo*.

A origem dessa chuva?

O cosmotron de Brookhaven, o mais poderoso do mundo, tem 2 200 toneladas e 20 metros de diâmetro, acelera as partículas e reconstitui, artificialmente, os mesons: primeira etapa para a transmutação.





A França tem, no Pic du Midi de Bigorre, nos Pirineus, um Observatório, onde, além dos estudos referentes aos astros, os técnicos daquele país estudam a radiação da alta atmosfera.

Vinte teorias, cada qual mais ousada que a outra, foram emitidas. Sabemos que essas partículas possuem um grande poder penetrante, independente do tempo que faça, das estações, do movimento da Lua, do Sol e das estrêlas.

Se a radiação cósmica tivesse o Sol por origem, teríamos que observar variações no fluxo, segundo a posição do observador, com relação ao astro: revolução do Sol sôbre si mesmo, em 27 dias, alternativa dos dias e das noites.

São, ao contrário, as *novae* e as *supernovae*, essas estrêlas que aumentam e explodem em poucas semanas, que projetam nos espaços interplanetares, onde reina o vazio absoluto, suas formidáveis descargas de energia pulverizada? Ou existirá, nos espaços infinitos, imensos campos magnéticos *que ignoramos?*

Se soubéssemos de onde vem essa chuva cósmica, não teríamos ainda que indagar como nascem êsses corpúsculos eletrizados, dotados de energias cinéticas ultrapassando, às vêzes, bilhões de *electrons-volts?*

Há mais de quarenta anos, portanto, que os sábios estudam êsse fenômeno. Apesar de tudo, os pesquisadores cósmicos ainda não o decifraram. Sabem, quando muito, que somos quotidianamente crivados pelos corpúsculos eletrizados; nada mais!

Já são hoje quinhentos cientistas, disseminados por todos os países do mundo, tentando caçar, noite e dia, essas partículas. Por tôda parte, laboratórios especiais foram instalados. Estão dotados de "Câmaras de Wilson", isto é: caixas enormes, cheias de gás, divididas por cortinas de chumbo, que as partículas cósmicas atravessam, depois que o campo magnético de um electroímã tenha curvado sua trajetória, no momento de sua chegada sôbre a terra, a fim de poder fotografá-las.

Tais laboratórios cósmicos, como dissemos, existem em quase todos os países do mundo moderno. Os norte-americanos e os russos se dedicam com maior empenho que os demais povos a êsse estudo, tendo instalado por tôda parte dezenas de estações controladoras, com as quais gastam quantias enormes. Mas, nesse domínio — ao contrário do que ocorre com

a astronomia — não há qualquer colaboração entre os Ocidentais e os russos.

LABORATÓRIOS EM ALTAS MONTANHAS

A radiação cósmica é mais intensa nas grandes altitudes e, por tal motivo, nas mais elevadas montanhas estão instalados os maiores laboratórios. O maior, mais moderno, com equipamento elétrico completo, é o que foi instalado, em 1934, por subscrição internacional, na garganta da Jungfrau, Suíça, a 3 575 metros de altitude. Os pesquisadores ali vivem, no verão como no inverno.

Além de quase três dezenas, instalados em diferentes países da Europa, da Ásia, África do Sul e Américas do Norte, Centro e Sul, devemos citar dois outros, importantíssimos. O do cume de Pikespeack, norte-americano, a 4 300 metros de altitude, e o que os russos instalaram num cume do Cáucaso, sem que o mundo disso houvesse sequer suspeitado até recentemente. Foi ali que os russos estudaram a "poeira cósmica".

Por sua vez, no Pikespeack, os norte-americanos estudam em segrêdo a ionização específica das partículas de grande velocidade e as "cascatas" de raios cósmicos.

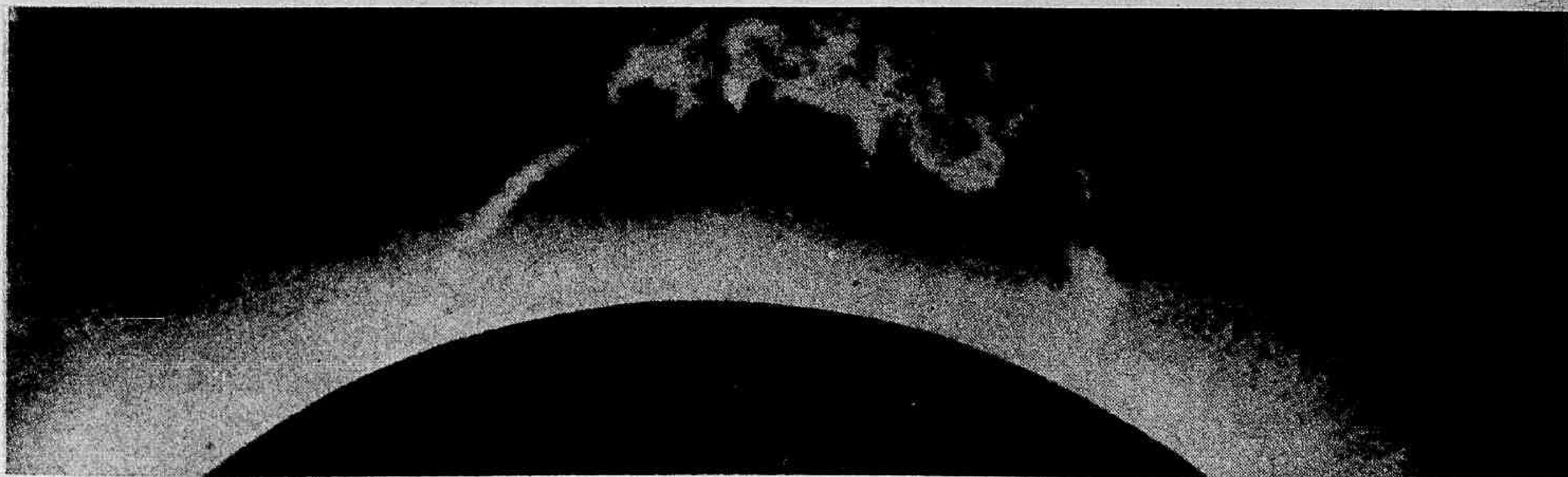
Porém, a profissão de físico, em elevadas montanhas, é arriscada e a jovem ciência cósmica já possui seus mártires: todos os membros da missão do Alaska, que se entregavam, aos 68 graus de latitude norte, ao estudo da radiação cósmica, morreram por haver tombado num abismo, onde, além dos seus corpos mutilados,



César Lattes, o jovem cientista brasileiro que conseguiu produzir a partícula atômica «mesons» no ciclotron de propriedade do professor Lawrence, localizado na Califórnia.

foram encontrados os registros que já haviam efetuado.

Após longos estudos e comparações minuciosas, os cientistas conseguiram estabelecer diferenças entre essas partículas e dar-lhes nomes. Chamam-se: *eléctrons, próton, nêutron, pósitron, méson*. A descoberta do *eléctron* positivo ou *pósitron*



Algum tempo os sábios acreditaram que o Sol fôsse responsável por essa chuva de partículas cósmicas.

foi uma das mais sensacionais dos últimos vinte anos.

Numa noite de agôsto de 1932, o físico Carl Abderson, conseguiu, por acaso, um clichê do *eléctron*, que atravessara uma cortina de chumbo, *sôbre a qual as curvaturas eram invertidas*! Tôda a noite passou em estudos febris. Finalmente, o sábio compreendeu o que havia ocorrido: pela primeira vez no mundo, uma partícula carregada positivamente fôra fotografada. Êle acabara de descobrir o *pósitron*!

Existem várias espécies de *"mesons"*: o *pi*, o *mu*, o *tau*, o *"Kappa"*, cuja descoberta é recente. Só puderam ser colhidos, até o presente, apenas cinco em todo o universo, incluídos os três capturados sôbre a região parisiense. Cada um dêles é de massa diferente e tem suas propriedades particulares.

Os "mêsons" podem desintegrar os núcleos da matéria. Sua energia de massa é superior a cem milhões de *eléctrons-volts*, sendo assim formidável agente de transmutação dos corpos, permitindo um desenvolvimento rápido da física nuclear. Hoje, graças aos grandes betratons e ciclotrons, os homens conseguem criar artificialmente os "mêsons".

AO ASSALTO DO COSMOS

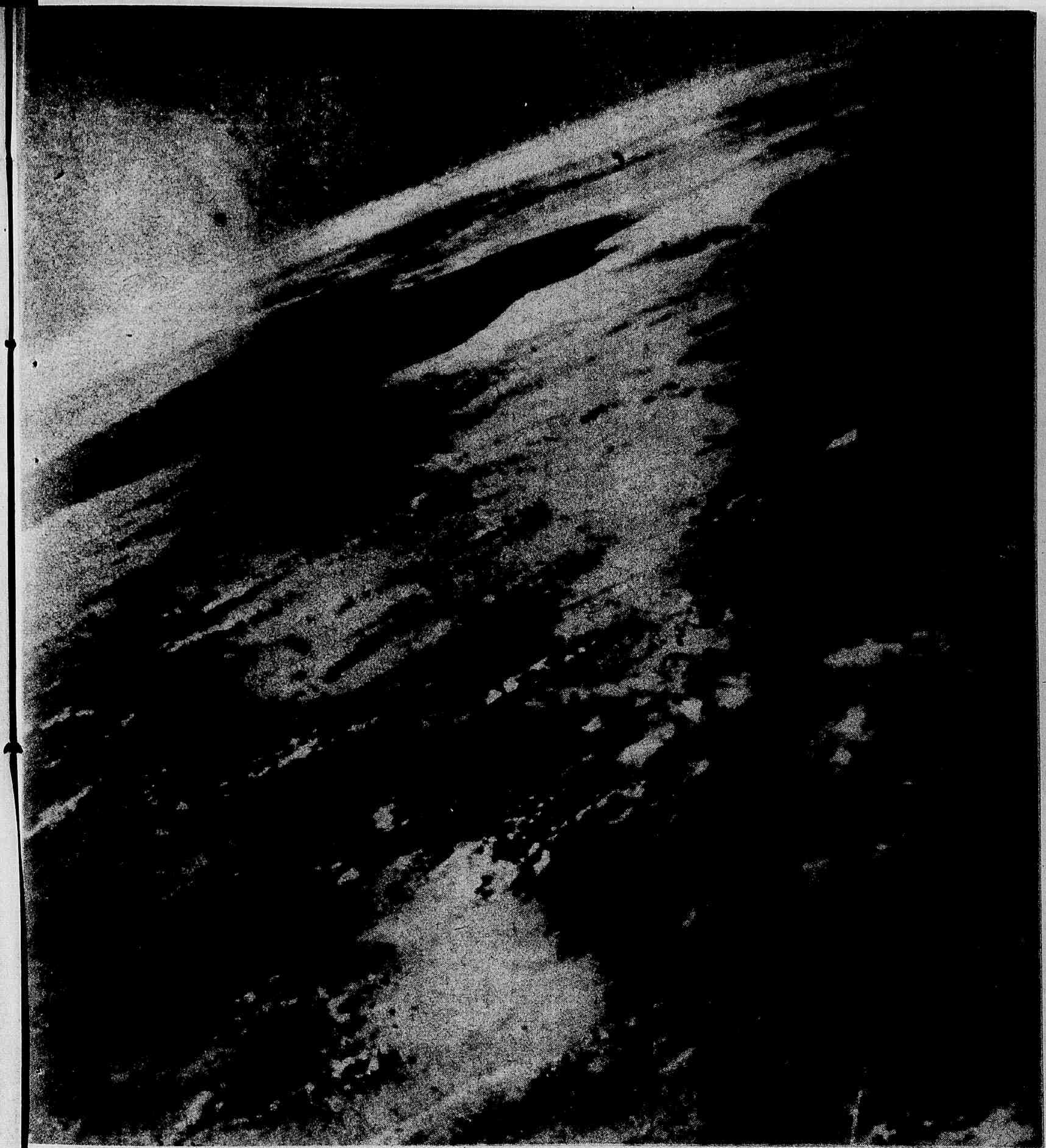
Essa jovem ciência cósmica se esforça tenazmente para forçar o segrêdo do cosmos. Como é necessário ir sempre mais alto, pensou desde logo no avião estratosférico e, realmente, o físico Herzog pôde fotografar, de um dêsses aviões, a 100 000 metros de altitude, as primeiras trajetórias dos raios cósmicos.

Mas, em geral, o avião pouco serviço prestou aos sábios. Primeiro, porque não pôde ir além dos 14 000 metros e só pôde permanecer poucas horas nessa altitude. Por outro lado, tais aviões de estudo, munidos de uma "Câmara de Wilson", com contadores de partículas e seletores, não podem transportar um electroímã, bastante pesado para conseguir um campo magnético suficiente. Êste último, por menor que possa ser, perturba os aparelhos de bordo e que devem controlar a marcha do avião. Por isso, os sábios abandonaram definitivamente êsse modo de exploarção. Voltaram-se, então, para os balões esféricos. Os norte-americanos subiram a 22 066 metros e os russos a 22 607. Essas experiências permitiram registrar o número de raios cósmicos que chegam sôbre a terra, em um tempo dado, sob diversos ângulos, além das "salvas" de partículas. Porém, o esférico apresenta os mesmos inconvenientes do avião: não pode transportar um electroímã pesado e os cientistas só dispõem, a bordo, de fraquíssimos campos magnéticos.

Então, um terceiro método foi tentado: o dos balões-sonda, sem tripulante, possuindo um dispositivo de rádio, que permite receber, em terra, pelo sem-fio, sinais dando tôdas as indicações sôbre o desenvolvimento dos registros durante a ascensão. O observador, no solo, pode assim anotar as indicações no próprio instante em que são obtidas a bordo do balão, nas altas atmosferas. Dessa maneira, um balão-sonda pôde captar, acima da região parisiense, os três "mesons" Kappa, orgulho dos cientistas cósmicos. Mesmo as chapas fotográficas contidas numa caixa hermèticamente fechada, registram os traços de partículas pesadas e sua desintegração. O "meson" Kappa tem esta particularidade: desintegra-se em três partículas.

OS FOGUETES SÃO METRALHADOS!

Mas era preciso fazer ainda mais e os cientistas cósmicos, após a última guerra, utilizaram o foguete estratosférico, a antiga "V-2" alemã, e a aperfeiçoaram. Norte-americanos e russos conhecem o segrêdo. Tais foguetes podem elevar-se a 100 000 metros, isto é, muito além da atmosfera. Um dêles conseguiu fotografar nosso globo a 402 000 metros de altitude, onde a radiação cósmica está quase em estado puro. Porém, êsses foguetes, que voltam à terra em brasa, devido ao atrito com a atmosfera e cujo metal se encontra, às vêzes, no limite de seu ponto de fusão, são, além do mais, metralhados pelas partículas cósmicas, das quais trazem sinais visíveis. É preciso, portanto, que



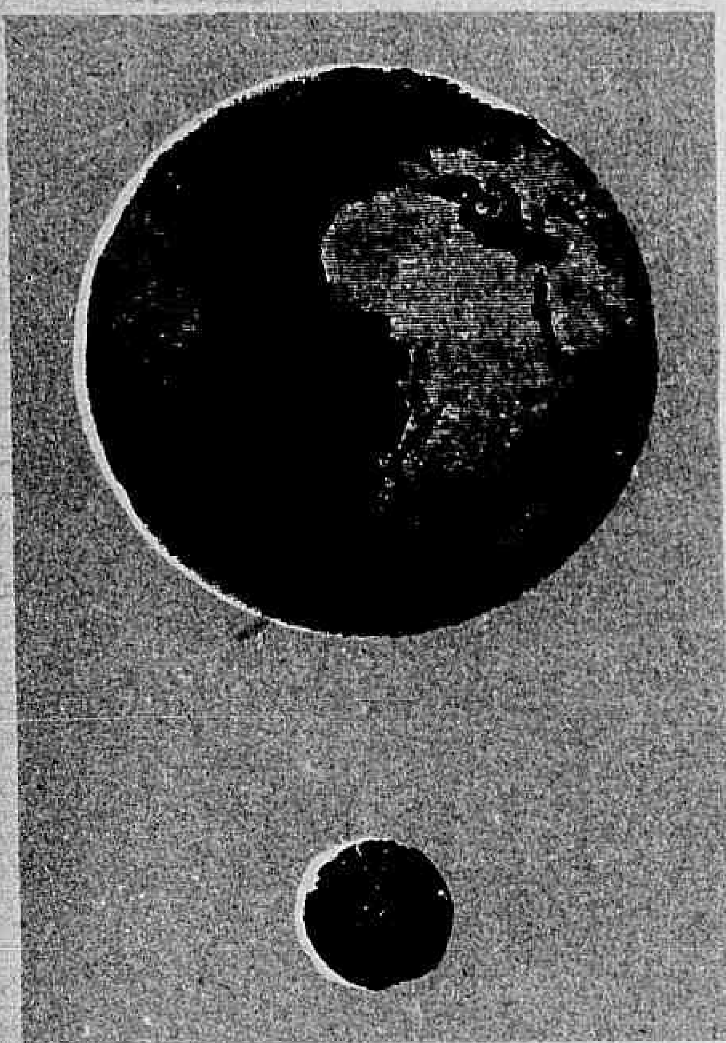
Fotografia da Terra tirada de um foguete a cento e quatro mil metros de altura.

êsses corpúsculos sejam fortes e suas velocidades consideráveis nessas altitudes para deixar sôbre um dos aços mais duros que o homem fabrica, impressões tão visíveis! Êsse fato confirma as teorias emitidas pelos astronautas no último Congresso de Stuttgart, segundo as quais as partículas cósmicas começam a desintegrar-se no limite de nossa atmosfera terrestre e mesmo em seu interior, mas que, acima dela, estão ainda dotadas de tôda sua energia.

Isto significa que só recebemos sôbre a terra os destroços de partículas desintegradas. As futuras naves do espaço, os grandes foguetes interplanetários do futuro, terão que considerar êsse fenômeno perigoso!

O ENIGMA DA LUA

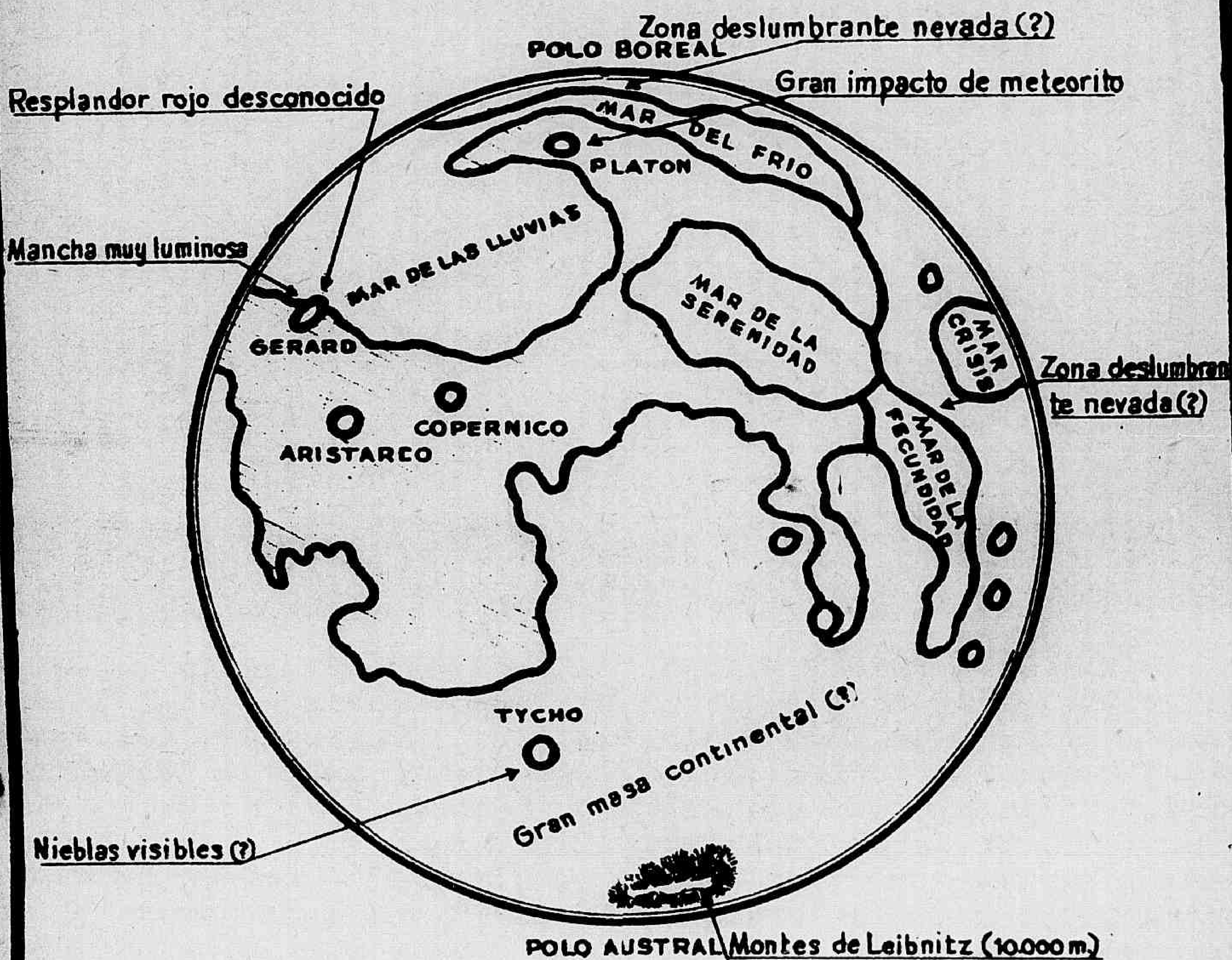
UMA NOVA TEORIA PARA EXPLICÁ-LO?

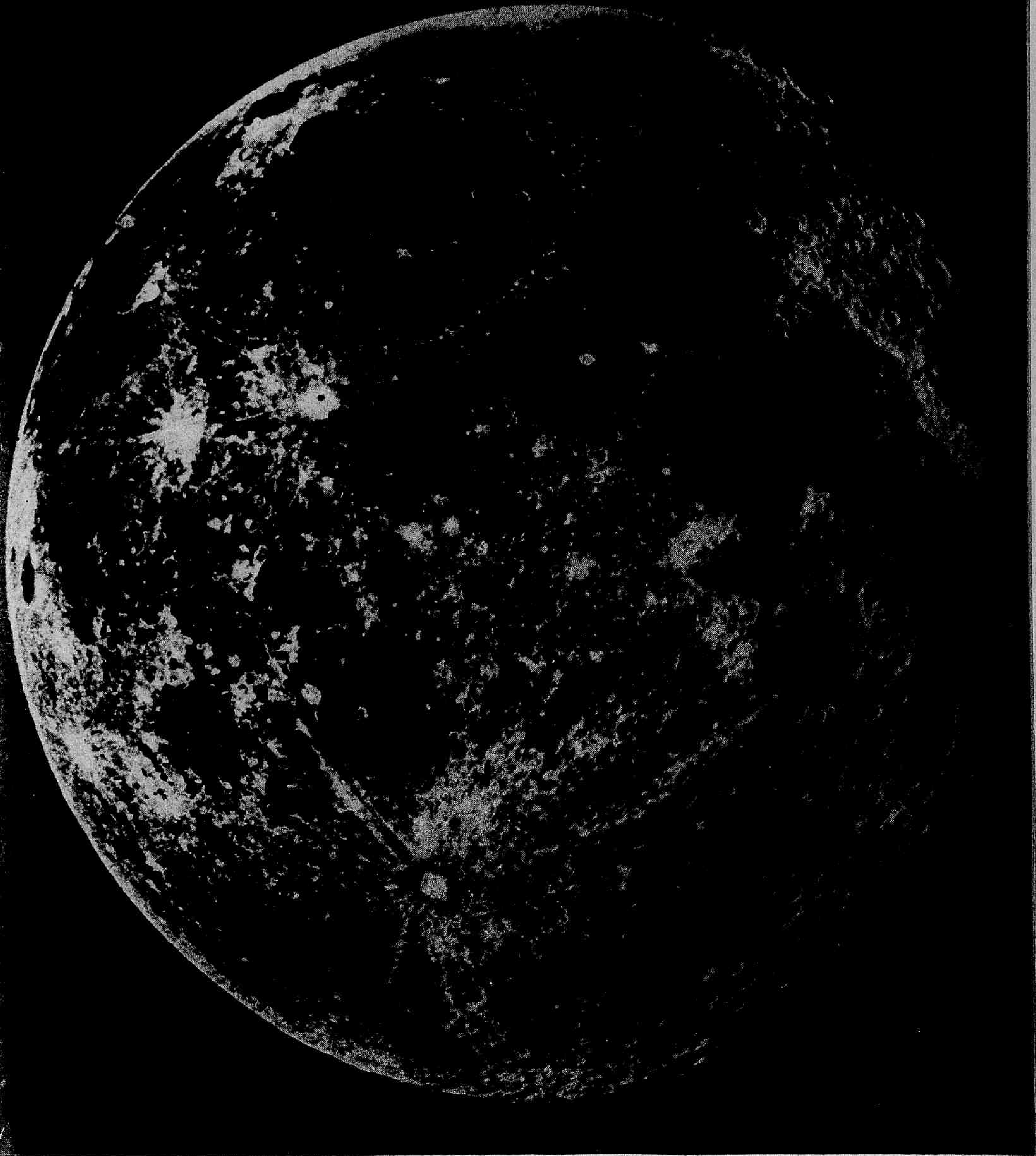


Grandeza comparada da Terra e da Lua.

DESDE que Galileu, com seu primeiro aparelho de lente, pôde observar, com maior detalhe, a superfície lunar, já estranhou seu aspecto, tão diferente do que podiam os demais sábios imaginar, com a contemplação a grande distância, tal como poderia aparecer a nossa Terra.

E mesmo hoje, quando já foram traçados mapas da cartografia lunar, como o de Wilking, da "Associação Astronômica Britânica", que pretende assinalar objetivos até de algumas centenas de metros de diâmetro, e apesar do gigantesco telescópio do Monte Palømar, hoje mais dedicado ao estudo das nebulosas e dos restantes universos, sem que seja possível explicar, verdadeiramente, porque os seus responsáveis não precederam êsse exame do estudo dos mundos que nos rodeiam, começando por nosso satélite, a verdade é que, quanto a isto se refere, continuamos com as mesmas angústias e dúvidas como há um século. Vamos, por isso, esquecer





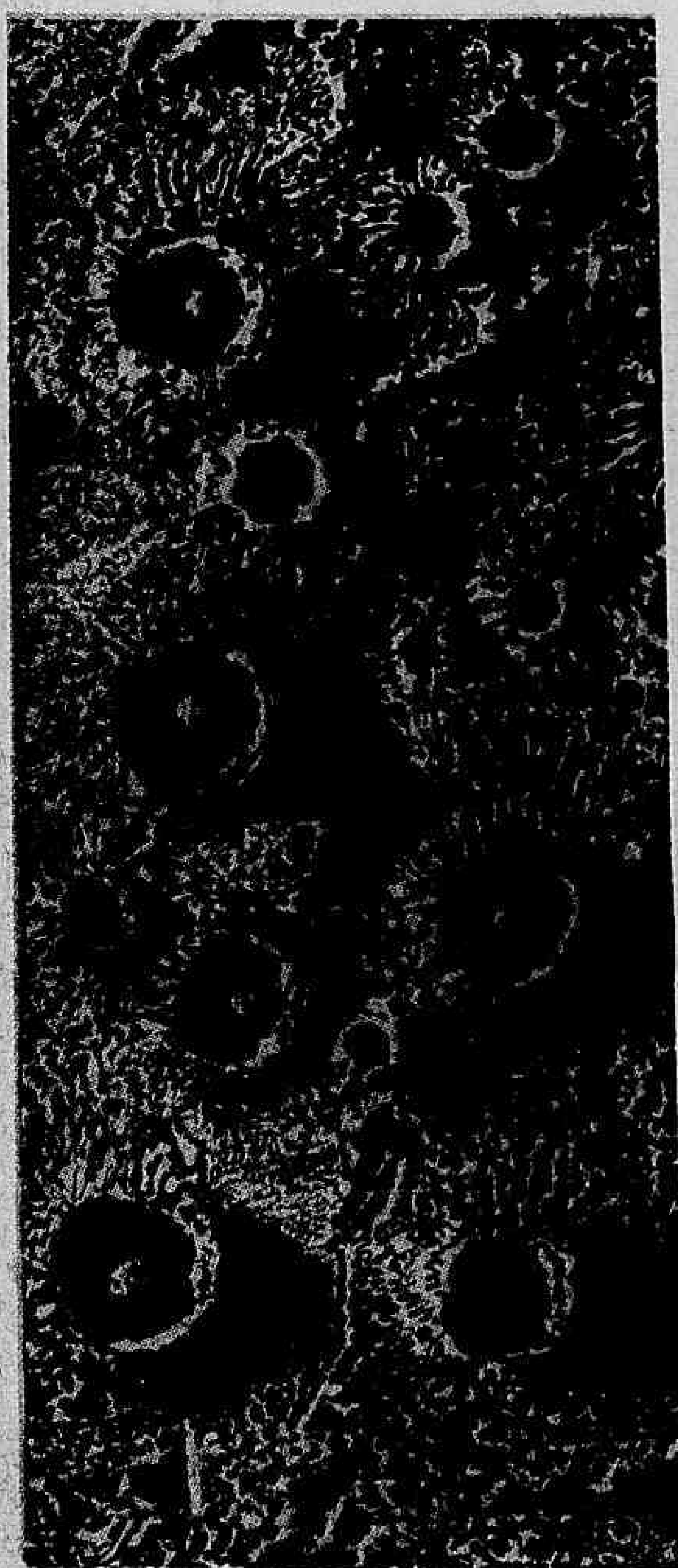
a alta astronomia e contemplar a superfície da lua na magnífica fotografia que reproduzimos para guia dos nossos leitores, auxiliando-nos com o esquema cartográfico, que acompanha êste artigo, e pensando, num plano científico bem modesto, que, muitas vêzes, uma simples lente deixa ver mais claramente que o mais poderoso microscópio.

A superfície lunar se compõe, como pode ser observado, primeiro, de certas manchas ou zonas obscuras, que os astrônomos denominam "mares", e entre êstes, de coloração mais escura, surgem o *mar das Chuvas*, o *da Serenidade*, o *da Fecundidade*, o *da Crise* e o *Frio*, entre outros.

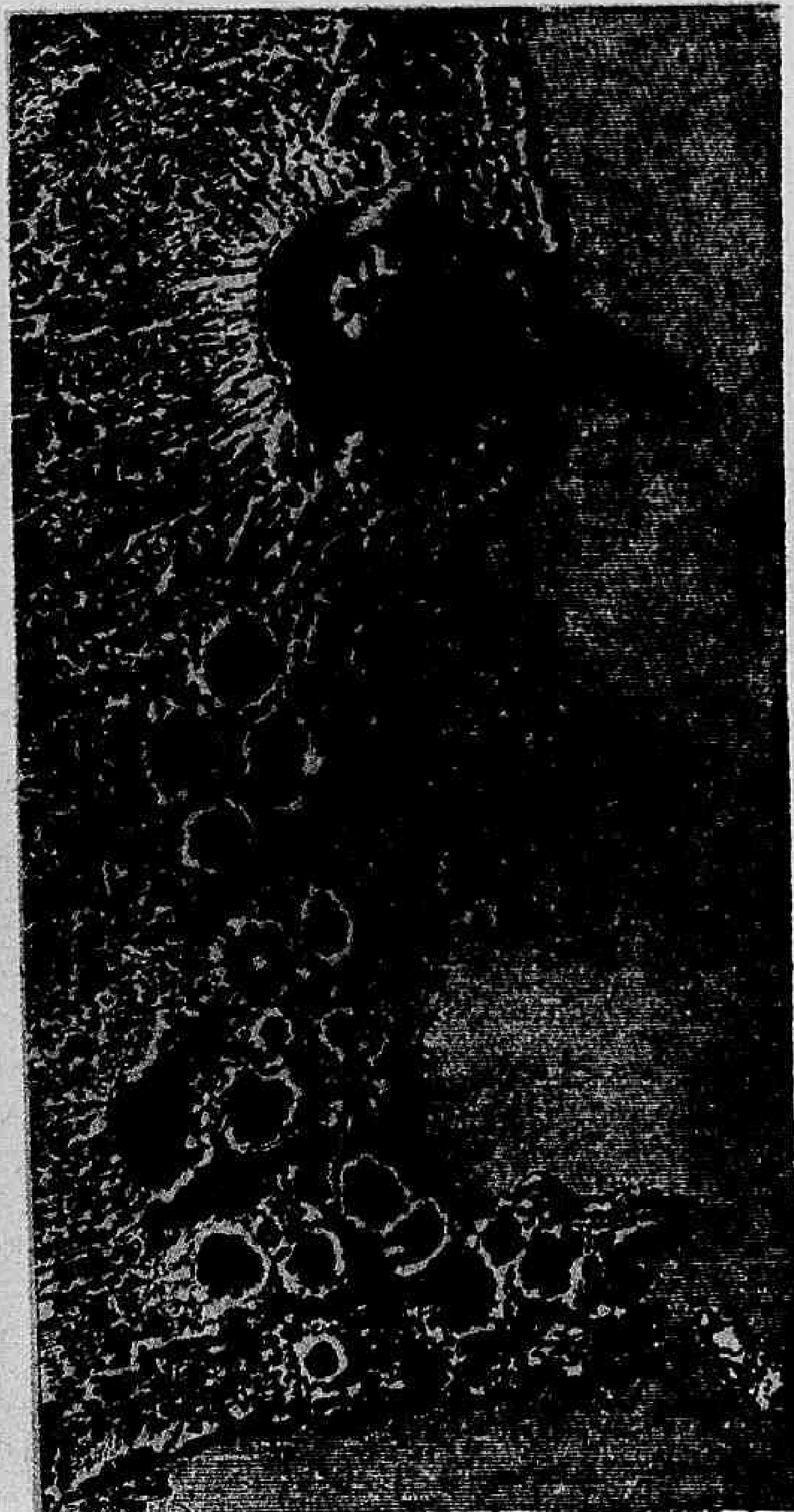
Em segundo lugar, existem uns espaços de côr também escura, porém de tom mais apagado que o anterior, ocupando superfície maior do que os anteriormente citados.

Finalmente, uma imensa região continental, de brilho embranquiçado, mesmo deslumbrante em algumas zonas, como a que rodeia o mar *da Crise* e que, por certo, não é o pólo boreal lunar, mas significando, apenas, que se encontra

TOPOGRAFIA DE UM DISTRITO VULCÂNICO LUNAR COMPARADO COM UM DISTRITO VULCÂNICO TERRESTRE



DISTRITO VULCANICO LUNAR



RELÊVO VULCANICO DOS ARREDORES DE NÁPOLES

numa latitude equivalente à da Espanha, no globo terráqueo.

Nessa grande massa continental, que ocupa mais da metade da superfície lunar visível (pois, como todos sabem, jamais podemos contemplar o hemisfério oposto) é onde se encontram espalhados os círculos e crateras, entre êles *Tycho,* com seu deslumbrante resplendor; *Aristarco, Copérnico* e o misterioso *Gérard,* onde se pretendeu observar um reflexo rubro intenso, de origem desconhecida.

Na lua não existe atmosfera, ou pelo menos vapor de água, fato absolutamente comprovado e certo. Carece de luz própria, como todos os planêtas e seus satélites. Assim é que a análise espectral que nos permite conhecer a composição do Sol e mesmo das estrêlas mais afastadas, é inapreciável neste caso e só pelo estudo de seu espectro de reflexão comparativo à sua alvura, naturalmente muito menos exato, podemos deduzir alguma consequência, como a de existir em sua superfície rochas pulverizadas e destruídas, similares às vulcânicas, como a obsidiana e análogas.

Pois bem; agora, perguntamos: *Não será o brilho deslumbrante, já que não o podemos atribuir à neve, a reverberação de imensas quantidades de sal, procedente da evaporação total de seus antigos mares, e que os que hoje assim são denominados na cartografia lunar não sejam mais que as massas continentais antigas?*

Supondo que nossos oceanos chegassem a evaporar-se completamente, não formaria a capa de sal um depósito de muitos metros de altura?

E depois dêsse processo, o vulcanismo interno quebrou a débil crosta sólida, justamente nessas regiões dissecadas, onde é presumível fôsse mais débil e menos grossa, deixando as zonas continentais com as escassas manifestações vulcânicas que aparecem nos denominados "mares lunares".

Em tal caso seríamos forçados a mudar completamente as denominações, e os que hoje chamamos "mares" seriam os continentes e, ao inverso, as massas deslumbrantes dos continentes seriam fundos dos antigos oceanos lunares, secos e cobertos por espêssa capa de sal.

Para que esta teoria fôsse perfeita seria necessário esclarecer, ainda, numerosas dúvidas. Por exemplo, o brilho extraordinário do circo de *Tycho* teria que ser

explicado como um depósito salino concentrado por evaporação, depois de elevado eruptivamente o ânel montanhoso que o rodeia. Ao contrário, a zona escura intensa do mar de Crise, rodeada de um circo deslumbrante e que também surge em outros, embora com menor intensidade, poderiam ser restos continentais, elevados depois da evaporação dos mares, como ocorreu com os levantamentos dos bordos geosinclinais da Terra.

Suponhamos que secou o Oceano Pacífico e que uma capa de sal brilhante ocupa tôda a sua atual superfície.

Se, depois, o grande vulcanismo da grande cordilheira andina provocasse um levantamento dos bordos continentais, elevando ao mesmo tempo a capa de sal até os altos cimos que o rodeiam, então, um observador, colocado na lua, contemplaria um espetáculo similar ao que observamos ao fitar o mar *da Crise*.

A mancha branca de sal, do circo de *Tycho* é muito uniforme e dá a sensação de um depósito de concentração de massa liquida em repouso e foi, portanto — segundo a teoria que hoje apresentamos — posterior ao levantamento. Ao contrário, o interior do mar da Crise, precedeu àquele.

Se tudo isso fôsse certo, poderíamos considerar a Lua como um pedaço da nossa antiga Terra, confirmando a teoria de que nosso satélite procede do Pacífico, pedaço terrestre com seus mares e talvez com sua vida. E ainda — quem sabe se aquêle desmembramento gigantesco não provocou os grandes transtornos e cataclismo que a geologia terrestre nos revelou e que a rebelião dos anjos rebeldes da Sagrada Escritura não se refira a êste acontecimento extraordinário na Criação?

Que a Terra se vai dissecando lentamente não resta hoje a menor dúvida e, portanto, nada tem de estranho que



Circulos lunares, obliquamente iluminados ao nascer do sol.

um mundo muito menor, como é o lunar, perdida a sua atmosfera e submetido, por isso mesmo, a uma intensíssima radiação solar, se evaporassem ràpidamente os seus mares e ficasse no atual estado em que a observamos.

Resta ainda vida na lua?

Para existir organismos similares aos nossos, teriam que estar concentrados nas grandes profundidades de seu subsolo, para tentar subsistir com a água escassíssima que ainda possa circular por suas

grandes furnas e correntes subterrâneas. Entretanto, em sua superfície, por falta absoluta de atmosfera, nem animais nem vegetais poderiam existir.

Também poderíamos explicar o brilho deslumbrante de grande parte da superfície lunar atribuindo-o não ao sal depositado pela evaporação de seus oceanos, mas, sim, à "neve carbônica" do anidrido carbônico contido, em sua primitiva atmosfera.

Se, ao desprender-se de nosso mundo o mundo lunar, o tivesse sido em estado incandescente, o lógico é pensar que o oxigênio e o nitrogênio da parte da atmosfera que tivesse arrastado, ao ter um pêso específico oitocentas e sessenta e umas vêzes maior que o do anidrido carbônico, ter-se-ia separado dêste último e, ao sofrer uma temperatura muito inferior aos 57 graus abaixo de zero, que com cinco atmosferas de pressão são suficientes para transformá-lo em neve carbônica, ficasse esta depositada na superfície da lua, e o brilho observado fôsse devido a esta e não ao sal marinho depositado por evaporação, de seus mares.

Isto, porém, não é possível, pois com um mês lunar (quase um mês terrestre, como é sabido) sua exposição à ação do sol, elevando sua temperatura a mais de 100 graus, liquidificaria imediatamente o carbônico solidificado, que recobraria seu estado gasoso.

Ao contrário, o sal marinho nao sofreria, por isso, a menor alteração, e como de tôdas as observações conhecidas desde a mais remota antiguidade não sofreram a menor mudança, cabe presumir que tal teoria pode ser certa e achar-se muito mais próxima da realidade.

Se assim fôsse, nossa lua nos mostraria o fim da própria terra, quando causas imprevistas, mas talvez mais próximas do que imaginamos, possam provocar a evaporação completa de nossos oceanos e a fusão das grandes massas líquidas, hoje congeladas, que cobrem nossos dois capacetes polares.

Algo semelhante pode ocorrer em Marte, onde são visíveis as neves de seus pólos e onde, ainda, não se observa o aspecto deslumbrante de seus sais marinhos, embora sua atmosfera, por mais leve que possa ser, nos apresente com diferente aspecto a coloração de sua superfície.

A Lua, Marte e a Terra podem ser três mundos de nosso sistema em diferentes períodos de evaporação de suas águas... e, portanto, de extinção; e, entre êles, a Lua, por seu menor volume, a que se segue Marte e, finalmente, a Terra, devem encontrar-se em diferentes períodos para sua habitabilidade. Nula para a primeira, muito avançada para o segundo e em pleno florescimento para a terceira.

Chegará o dia em que possa ser comprovada esta hipótese?

É muito possível que esteja próximo, porém, então, a Humanidade terá perdido o encanto do desconhecido, que muitas vêzes é preferível ao frio materialismo da ciência.

★ ★

BALBÚRDIA E CRIME A DOMICÍLIO

NOVOS detalhes nos chegam sôbre o fenomenal desenvolvimento da televisão nos Estados Unidos. Não se trata mais de uma conquista. É uma invasão.

Segundo as estatísticas, existirão, dentro de poucos meses, 132 estações de emissão, número que se elevará a 1 000 em sete ou oito anos. A produção de aparelhos receptores, que havia atingido a 10 000 em 1946, chegou a 2 milhões em 1949 e 18 milhões em 1953, todos funcionando nos Estados Unidos.

Porém essa conquista tem os seus inconvenientes. Os telespectadores não estão lá muito satisfeitos com os programas que lhes são oferecidos. Julgam perigosos para a juventude e proclamam que constituem um convite à balbúrdia, ao pecado e ao crime! A título de exemplo, eis a lista que uma associação de possuidores de receptores de televisão, na Califórnia, acaba de enviar à Comissão Federal das Comunicações, responsável por essas emisões:

«Numa semana, os seis postos de Los Angeles, apresentaram 91 assassinatos, 7 ataques a mão armada, 3 raptos, 10 roubos, 2 evasões, 2 suicídios, um atentado a dinamite, sem falar de um número incalculável de rixas, tumultos, troca de tiros, no cenário dos «dancings» de última classe, frequentados por mulheres de vida duvidosa, bandidos e bêbedos. Além do mais, tanto os inspetores de polícia quanto os juízes e os membros dos júris estavam todos ou embriagados ou «vendidos».

Agora surge a pergunta: A televisão, como certos filmes, vai ser proibida para menores de 14 anos?

POR TRÁS DA PORTA AMARELA

Romance de VALENTIM WILLIAMS

— Você só me tem dado satisfação, Rod! Obrigado, filho querido!

Capítulo XXX

DE UMA MANEIRA OU DE OUTRA

O grande automóvel desapareceu na sombra da praça. Rodney e Aline voltaram juntos para a porta, a tempo de ver Murch, que também assistira à partida de Lady Júlia e de Gerry, subir, precipitadamente, a escada.

— Que terá êle? — perguntou Rodney.

— Hein?

— Murchie... Não sei o que tem êle... Parece que me evita. Nada me falou a respeito de Sholto. E a cara que tinha... Você chegou a ver? Estava branco de mêdo. Êle deve saber alguma coisa.

Aline nada disse. Também ela suspeitava de Murchie. Tinha quase a certeza de que o velho servidor sabia alguma coisa. Estava quase convencida de que fôra êle quem ela havia surpreendido na estreita passagem, na noite anterior, em pleno campo de tênis. Mas, tendo perdido a coragem diante do ceticismo de Rodney não pretendia reabrir a discussão.

Êle pareceu adivinhar o seu pensamento, porque logo disse:

— Creio que temo que, esta manhã, eu tenha sido um tanto indelicado...

— Nada, nada... — respondeu êle, friamente. — Apenas me lembrou que eu nada tinha a ver com o caso.

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Miss Innesmore, Aline Innesmore, norte-americana, em visita a amigos em Londres, Sir Charles Rossway e Lady Júlia Rossway, vive com êles na majestosa e aristocrática mansão de Mayfair, conhecida por Frant House, onde também vivem os filhos do casal, Sholto, atualmente numa propriedade da Kenia, na África Oriental; Geraldine (Gerry), espôsa de Sholto e que não quis ficar ao lado do marido nas terras estranhas, e Rodney, o filho mais moço, solteiro. Num anexo de Frant House vive Barrasford Swete, solteirão, que alugou êsse apartamento a seus velhos amigos Rossway. Entre Sholto e Gerry a situação estava esfriando bastante, com grande desgôsto de Lady Júlia, que via também, com grande desagrado, as relações, exageradamente cordiais, entre Swete e sua nora, Gerry. À tarde, preparando-se para a grande recepção desta noite, no palácio real, onde seria apresentada à côrte, por Lady Júlia, Aline recebe um recado de Swete e, visitando-o, verifica que êle sofreu um acidente, ferindo-se num pé, o que o impediria de ir, à noite, apreciar a sua «toilette» de côrte, na casa dos Rossway. Aline promete-lhe, então, que, ao regressar de Buckingham Palace, iria visitá-lo, em companhia de Gerry, para que êle pudesse ver como era lindo o seu vestido. Tudo corre conforme o combinado, tendo apenas Gerry faltado ao encontro, por se haver aborrecido com Rodney que, em nome de Lady Júlia, pedira-lhe, e quase exigira, que deixasse de visitar Swete. Mesmo assim, Aline despede-se de Lady Júlia, que se prepara para dormir e sai para tirar fotografias e, em seguida, visitar Swete, embora ligeiramente, para cumprir a sua promessa. Ao chegar, porém, ao patamar superior, encontra a porta fechada e nota que a luz que vira brilhar, ao saltar do automóvel, se extinguira, reinando, agora, completa escuridão no interior do apartamento. Desce, decidida a voltar diretamente para casa, quando verifica, juntamente com o «chauffeur», que a barra do seu vestido está empapada de sangue, assim como os sapatos. Nesse instante, surge Rodney, que também regressava para casa e, ao ver o que ocorria, sobe com o «chauffeur», derrubam a porta e encontram Barry inanimado ou morto, banhado em sangue. Na sua mão direita está um revólver. Rodney manda o «chauffeur» chamar o Dr. Pargetter, médico da família, e procura acalmar Aline, que julga ter visto alguém sair do apartamento, perdendo-se logo no «fog». O Dr. Pargetter aumenta o alarma declarando que aquilo não fôra suicídio, mas assassinato, pois a pistola não está descarregada e o seu calibre não era o mesmo da arma com que Swete fôra assassinado. Rodney diz a Aline que esconda a sua visita ao apartamento, pois êle dirá à polícia que tinham ido juntos visitar Swete. Isto a livraria de aborrecimentos futuros. Pouco depois, surge um policial que, avisado pelo «chauffeur», vinha colhêr detalhes e, pouco depois, surge o próprio inspetor Manderton, com o legista e o técnico de impressões digitais. Manderton, o inspetor-chefe, interroga os criados, o médico, rebusca a casa inteira, auxiliado por Dene, um jovem policial, especialmente encarregado das impressões digitais e que encontra pó-de-arroz diante do grande espelho da lareira. Tudo isso assusta cada vez mais Aline, que pensa apenas em Gerry. Pouco depois, Manderton interroga Lady Júlia e esta, com superioridade e sorrindo, não deixa o detective tomar pé. O mesmo não acontece com Gerry, que se rebela contra a insistência com que o inspetor deseja saber detalhes e responde com altivez, irritando o policial, que, por sua vez, teima em apanhá-la em contradição. Quem mais se preocupa com a situação de Gerry é Aline. Para refletir melhor sôbre os fatos, recolhe-se ao «court» de tênis, onde é surpreendida pelo assistente de Manderton, que com ela conversa banalidades, embora, no fundo, quisesse sondar seus pensamentos. Quando vai mostrar uma curiosa «berlinda» do século XVII, que ali é guardada, recua e, com uma desculpa despede o policial. Surge Rodney e Aline faz uma trágica revelação. No interior da berlinda há um revólver, escondido sob uma almofada. Interrogam Larking, que se perturba, mas afirma ignorar a quem pertence a arma. A seguir, surge Gerry. Ao ver a arma declara que lhe pertence. Fôra um presente de Sholto. E essa arma

— Mas não era isso o que eu pretendia dizer. Sinceramente, Aline!

— De qualquer forma, vou deixá-los amanhã. Portanto, nada mais tem importância. Permita que eu vá cuidar de minha bagagem.

— Aline...

Ficou diante dela, impedindo-lhe a passagem.

— Nada de brigas entre nós. Deve compreender que estou vivendo um grande drama. Se você me abandona, neste momento, quem poderá me ajudar?

Ela levantou a cabeça, para fitá-lo, com ar muito sério.

— Devíamos trabalhar juntos. Você, porém, mudou de idéia...

— Não voltemos ao assunto, por favor. Aquela sua história de passagens secretas levou-me a tôda sorte de reflexões... que quase me enlouqueceram. Tentei fechar os olhos a uma hipótese terrível, embora pouco provável. Mas, em vão. Tenho que encará-la como bem possível. E diante dela, sinto um mêdo angustiante de me encontrar só.

Uma expressão de piedade encheu os belos olhos de Aline.

— Acha, talvez, que eu deva saber do que se trata?

— Não, Aline. Ainda não... E isso é o mais doloroso da minha situação. Não sei o que deva fazer, nem tenho coragem para confiar em alguém.

— Em que, neste caso, eu poderia ser útil?

— Você tem o dom da simpatia. É sensata e leal! Preciso de sentir você ao meu lado. Mas quero ter a certeza de que não me fará perguntas e que guardará segrêdo de tudo quanto puder entender ou mesmo ver.

Ela o fitou longamente, antes de indagar:

— Certamente vai empreender buscas no *court* de tênis?

Êle fêz um sinal afirmativo.

— Murchie?

---

só podia ter sido roubada, na véspera, da gaveta do seu «boudoir», onde o guardava. Quem sabia da existência da arma? Quem a tirara do quarto de Gerry? Rod declara que vai entregar o revólver a Chass e fará o que êste resolver que se faça. Depois do almôço, Aline e Rod vão à um jardim público, onde tratam de elucidar os próprios movimentos da véspera e chegam à conclusão de que possuem bons alibis. Os outros procurariam saber depois. Quanto a Gerry, seus passos pareciam bem esclarecidos. Rod informa nesse momento que, por conta própria, telegrafara a Sholto, em Nápoles, pedindo o seu imediato regresso. Decidem, a seguir, interrogar o velho Larking, que, para êles, além de Murchie, é o único que não tem os movimentos bem esclarecidos. O secretário revela realmente os seus passos, movendo apenas um pequeno lapso em que retornou, sem testemunhas, a Frant House. Mas, seu relato piora a situação de Larking, que saiu misteriosamente, de casa. Depois, rebuscando na copa, encontram um boné pertencente a Sir Charles, escondido numa gaveta. Aline afirma que êsse boné é igual ao que viu na cabeça do vulto misterioso, que saíra, furtivamente, na véspera, da casa de Barry. Voltam ao escritório, onde Rod esconde o revólver na gaveta. Contam ao baronete o que ocorreu e quando vão exibir a arma esta já desaparecera da gaveta da mesa da máquina e, retirando-se por alguns instantes, retorna quando chegava Sir Charles. Sir Charles, furioso, vai interrogar Gerry. Nada adianta com isso. Também Murch ignora tudo sôbre a arma. Sir Charles pede para que escondam o caso de Lady Júlia e todos acreditam na culpabilidade (ou cumplicidade) de Larking, que desapareceu de casa. Sir Charles tudo relata a Manderton, que se mostra reservado e retira-se para lançar seus homens no encalço do mordomo. Na mesma noite, procurando um livro, altas horas, para entreter sua insônia, Aline vai ao «court» de tênis e, após apanhar o que deseja, auxiliada pela luz de uma vela, nota que o tambor do paredão... desaparecеu. Cheia de mêdo, foge e esbarra com Rod, no corredor do «hall». Êste ouve sua história e volta para verificar o fato. O tambor lá estava novamente no lugar de sempre. Ligando êsse fato ao que lera, certa vez, nas Memórias de Phil, o Louco, Aline corre à biblioteca, a fim de reler as famosas cartas, não antes de surpreender o jovem Dene, agachado, no «court», examinando a muralha e que, ao vê-la, vem aconselhar a norte-americana a deixar quanto antes aquela casa. Impressionada, Aline começa a reler as cartas. É supreendida por Rodney nessa leitura e conta-lhe o que descobrira. Em Frant House havia uma passagem secreta, nas imediações da figura do tambor, no «court» de tênis. A êsse tempo, Manderton apresenta um relatório ao inspetor-chefe e prometia-lhe melhores resultados para breve, pois descobrira que Larking se chamava realmente Hornesse e já tivera contas a pagar à polícia, anos antes. Precisava apenas de encontrar certo «chauffeur», para completar seu esquema tático e apontar o criminoso. Isso é o que consegue, instantes depois, graças a seus auxiliares e, imediatamente retira-se para interrogar o homem.

Na mesma tarde, surge em Frant House, onde de novo interroga Gerry e declara-lhe que havia encontrado o «chauffeur» de um táxi, que a conduzira na noite do crime, de Covent Garden ao apartamento de Swete, ida e volta, ameaçando-a ainda com uma ordem de prisão, caso não contasse tôda a verdade. Nesse instante, para assombro geral, surge Sholto que, dirigindo-se a Manderton, apresenta-se e declara ser o verdadeira assassino de Swete. E apresenta a arma do crime. Ao mesmo tempo, em voz baixa, pede a Rodney que apanhe e esconda o seu passaporte, que deixara no sobretudo, na saleta. Sir Charles trata de telefonar para um advogado, enquanto, no meio da desolação geral, Sholto é levado pelo Inspetor. Gerry confessa, então, aos de casa, que estivera no apartamento de Swete para lhe dizer que desistisse, pois que continuava a amar o marido... porque aguardava um filho de Sholto! Sir Charles apressa a saída de Lady Júlia e Gerry para a casa de campo e a transferência de Aline para a casa dos Chamberlain. À hora da partida, vendo o passaporte de Sholto, que Rodney começava a examinar, Lady Júlia se apodera do documento.

Mesma resposta.

— Por que não o interroga desde agora?

— Êle negaria. É, justamente, para não ter que dar explicações que êle me evita. Preciso, primeiro, descobrir a verdade, sòzinho. Depois poderei enfrentá-lo em melhor posição.

Ofereceu a mão:

"— Continuamos amigos?"

Ela não respondeu ao seu gesto. Sòmente agora compreendia quão penoso fôra para ela própria aquêle ligeiro afastamento em que fôra mantida. Mas, ao mesmo tempo, sentia-se aliviada desde a cena provocada por Sholto. Com a confissão do irmão mais velho, Rod ficava fora de qualquer suspeita. E isso a fazia feliz. Sabia que a grande preocupação de seu jovem amigo, após as indicações fornecidas pelas cartas do sobrinho George, Rod suspeitava de alguém vivendo ali mesmo, em Frant House: Murchie ou (era forçoso admitir) ou mesmo Sir Charles ou a própria Lady Júlia, como responsável pela morte de Barry Swete!

E sua emoção era violenta, deixando-a quase tonta. Depois de se haver esforçado por banir de sua atitude todo vestígio de sua antiga camaradagem, ficava desorientada ao vê-lo tão infeliz e tão humilde. Sentia que se evaporava todo o seu rancor motivado pelo amor próprio ferido. E, então, com um gesto amplo e decisivo, estendeu-lhe a mão, dizendo:

— Amigos, sem dúvida!

— Sei — prosseguiu êle — a opinião que você tem de mim. Gerry me contou que você me considera... convencido. Pode estar certa de que me julgou mal. E isto me força a confiar-lhe um segrêdo. Você... me inspira um verdadeiro terror.

Ela riu francamente.

— Céus! — disse, por fim. — Sou assim tão medonha?

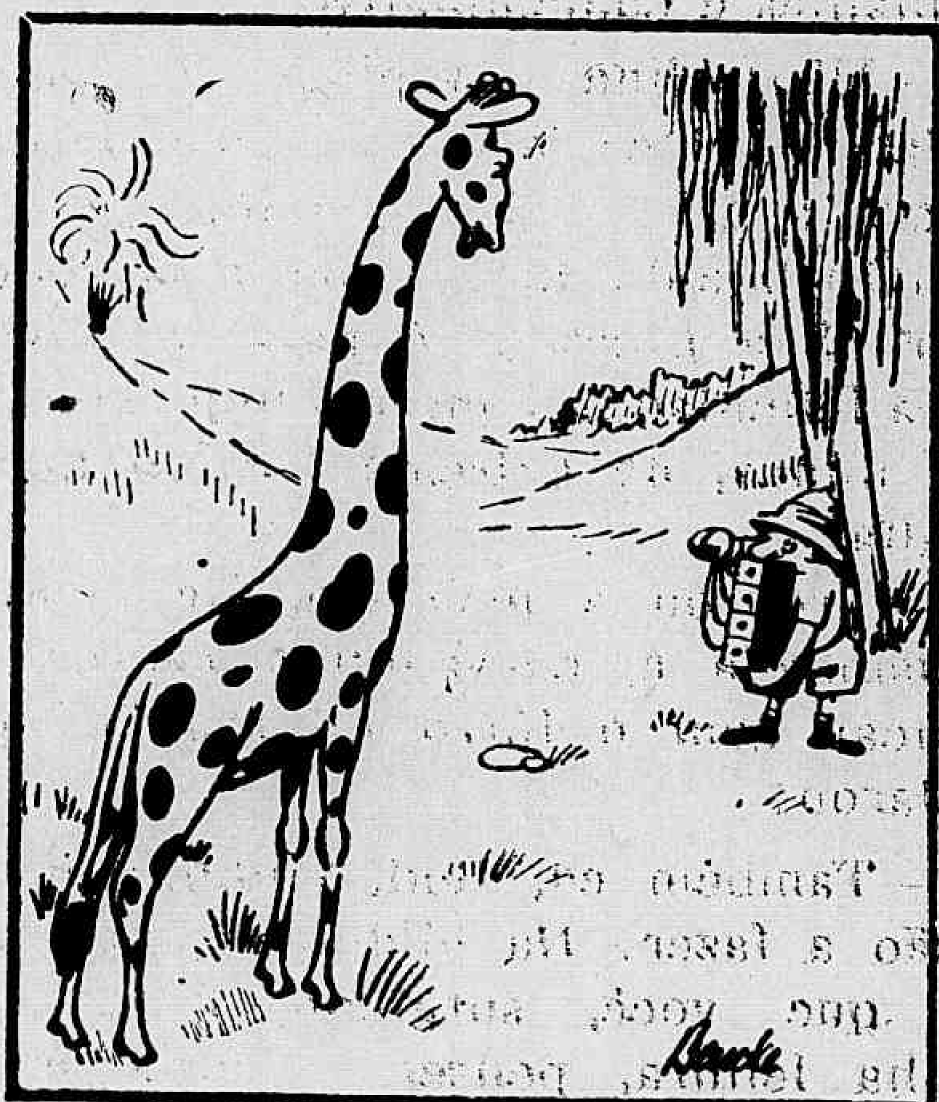
— Você não é, certamente, a primeira moça norte-americana que conheço... Mas é diferente de tôdas elas. Como deve ter notado, somos, todos, um tanto *snobs* nesta casa... Também eu não fugi à norma de Frant House. No entanto, tenho refletido muito, ùltimamente, e cheguei à conclusão de que em Frant House vivemos no passado, escravos de velhos preconceitos. Vejamos minha mãe, por exemplo: tôda a felicidade de sua vida foi perturbada por essa tradição...

— Porque a obrigaram a renunciar a Lord Ivinghoe?

— Justamente. Você acha que êle devia ter voltado as costas aos velhos costumes e fugido com o homem que amava? Devemos, antes, reconhecer que naqueles tempos as coisas eram bem diferentes das de hoje; e, mesmo agora, não creio que as coisas pudessem correr de forma muito diversa, nesta casa. Cada um desejaria manter sua posição. Tanto a família de minha mãe quanto a de Eric eram *snobs*, presos aos velhos costumes. Nunca nos referimos a isso por considerar a coisa de muito mau-gôsto. Isto, porém, não a impedirá de dizer que, se, desposando minha mãe, Chass não tivesse conseguido, com o seu dinheiro, salvar tio Eustáquio da prisão... Não pretendo insinuar que minha mãe lamentou haver desposado Chass, apesar da grande diferença de idade; mas, em certas ocasiões, quando a observo e examino sua beleza, seu encanto indiscutível, sua elegância adorável, e gôsto requintado, penso no par maravilhoso que teria formado com Eric ou qualquer outro fidalgo do tipo de Eric.

Respirou profundamente.

★



Fotografia difícil.

"— Ah! Triste farsa é a de quem pretende, dessa forma, petrificar-se no passado! Você, ao menos, foi formado num outro mundo e por outro modêlo. Esquece o passado e olha o futuro. Você, sim, vive! E por isso sabe ler o nosso pensamento. Sim... Sei que você leu todos os meus pensamentos... Não procure negar! Muitas vêzes estive observando seus gestos e atitudes e pude surpreendê-la... como que tirando a nossa fotografia interior. E isso é o que me amedronta!

Sorriu, com êsse ar de abandono familiar, que algumas vêzes tinha para ela. Aline, entretanto, permaneceu grave.

— Não... Realmente, não posso dar razão a nada disso — protestou ela. — É claro... Nós, norte-americanos, somos muito diferentes de vocês. Mas, em compensação, vocês têm um prodigioso pano de fundo e, forçosamente, têm que harmonizar com êle a própria vida. Nós não temos isso. Eis porque, naturalmente, olhamos para o futuro. Mas não pense, Rod, que não tenha sido feliz, aqui. E jamais, pode acreditar, pretendi fazer uma crítica do que via ou sentia. Com as suas palavras, você me tornou um pouco... odiosa, não acha?

Êle agora voltara a seu ar sério. E Aline ficou pensando que assim, com o rosto repousado, êle se parecia com Lady Júlia; os olhos, principalmente, que eram brilhantes e contemplativos como os dela.

— Não, Aline — replicou êle, com voz lenta. — Você jamais poderia tornar-se odiosa a quem quer que fôsse; a mim, principalmente, menos que a outro qualquer. Sua presença é para mim verdadeira felicidade... mesmo hoje, hoje mais que nunca, na extrema tristeza que me assalta.

Ela retirou a mão que êle mantinha aprisionada e, curvando a cabeça para brincar com o fôrro do seu "tailleur", declarou:

— Também eu, Rod, tenho uma confissão a fazer. Na biblioteca, na manhã em que você, surgindo, interrompeu minha leitura, pensei... acreditei que fôra de propósito... para impedir que eu descobrisse alguma coisa...

— Contra mim? Teria você suspeitado de mim, como assassino de Barry?

Ela fêz que não, com a cabeça, vigorosamente, porém sem nada dizer.

— E não suspeitará hoje, mesmo que eu não possa me confiar a você?

Ela respondeu, mais uma vez, pelo mesmo processo. Então, enlaçando-lhe a cintura com os dois braços e olhando-a bem nos olhos:

— Olhe para mim — pediu êle, como se suplicasse.

Ela obedeceu. Havia em Rod um tal aspecto de miséria e sofrimento, que o coração de Aline enfraqueceu. E, repentinamente, num movimento insopitável e quase selvagem, êle a apertou contra o próprio peito. Seus lábios se confundiram. Desesperadamente, assim ficaram, abraçados.

— Quando todo êsse drama tiver passado — murmurou êle — pretendo pedir-lhe uma coisa, Aline. Você quer esperar até lá?

Refugiada contra o peito dêle, a cabeça tombada sôbre o seu ombro, êle afagou-lhe o rosto.

— Daqui a pouco será noite no *court* de tênis — disse ela. — Não devemos esperar mais...



As primeiras sombras davam ao local um aspecto fantástico. O teto, caiado de branco, lançava sôbre o solo cimentado os últimos reflexos do dia, filtrando através das vidraças poeirentas. Mas todos os cantos estavam sombrios. Do pôsto do marcador, o tambor ainda se destacava nitidamente. O resto era sombra indecifrável.

"— De uma maneira ou de outra" — repetiu Rodney, quando se viram diante do paredão. Ah! Ali está uma coisa inclinada...

Da direita para a esquerda, um enfeite azul e branco, barrava o peito do tambor, quase à altura do ombro, terminando em dragonas, de onde pendia uma alça à qual estava prêso o tambor por meio de um anel de cobre, fixado às suas cordas. Aline avançou a mão. Mas a banda azul

e branca era apenas pintada; não escondia qualquer botão ou ressalto, não havendo qualquer mecanismo para ser acionado.

— Você não vê nada de particular? — perguntou Rodney, bruscamente.

— Não... Absolutamente nada — disse ela, após detido exame. — A não ser que se inclina um pouco, creio...

— Um pouco? Mas isso está totalmente atravessado! Veja como se inclina para a direita! Num tal ângulo, o próprio tambor cairia. Sempre entendi que êsse quadro tinha sido pintado segundo um modêlo vivo, algum tambor dos guardas. Sempre ouvi dizer que o menor detalhe do uniforme era de uma exatidão rigorosa. Nenhum artista cometeria o êrro que aponto e que teria impressionado, ao primeiro olhar, um antigo oficial dos Guardas, como *Phil, o Louco*. É o que afirmo: a inclinação da banda é intencional! Há nisso um indício... Mas qual?

Rodney percorreu com o olhar todo o *court*, agora invadido pela sombra.

"De uma maneira ou de outra" — murmurava êle. — "De uma maneira ou de outra"...

Repentinamente, correu para a rêde, que, atravessando o *court*, separava os dois campos. Pela primeira vez, Aline percebia um detalhe que não havia notado. A rêde só de um lado estava prêsa ao poste enterrado no solo, diante da casota do marcador; do outro lado, era sustentada por um enorme grampo e tentava manobrá-lo. Torcendo e empurrando, fazia a rêde dançar. Porém o grampo ficou firme.

— A banda do tambor é um fio condutor, uma indicação expressa, posso jurar! — exclamou Rodney, arquejante, a Aline, que se reunira a êle. — Mas como funcionará isto?...

Então, sem que nada o tivesse anunciado, um som ôco rolou por todo o "court". Aline cambaleou, recuando.

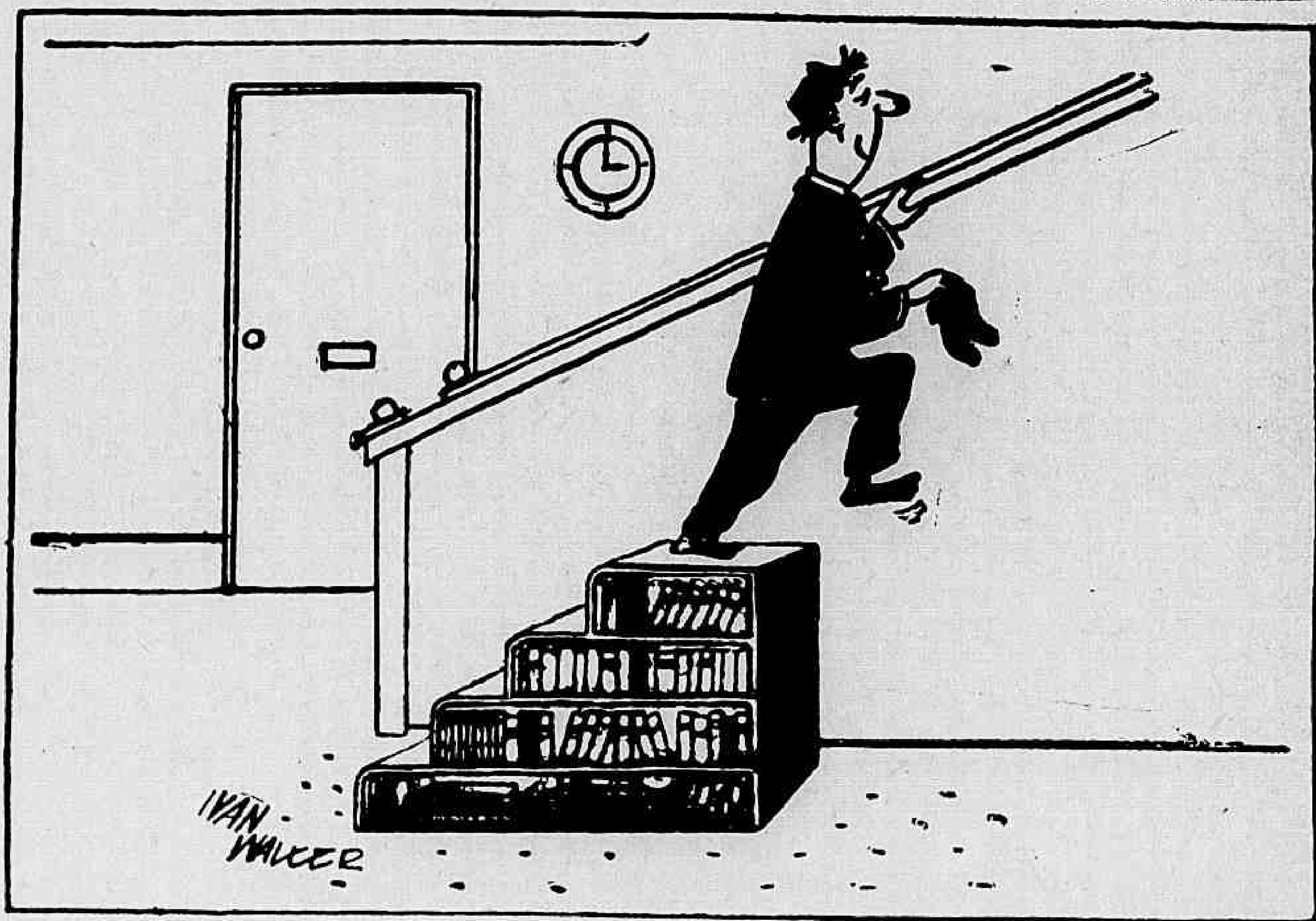
— Veja! — gritou ela, designando o paredão, com o braço estendido.

O local do saliente, em que estava pintado o tambor, abria-se, girando como uma porta. Em sua nova posição, formando ângulo com a parede, o tambor não era mais visível. Havia ainda bastante luz para que a cavidade pudesse ser vista com nitidez, mas Aline compreendeu muito bem que, na véspera, na escuridão maior, ela a tivesse confundido com o resto da parede.

O painel móvel era uma finíssima laje de pedra, recoberta de madeira e que se incrustava no saliente da muralha, a pouco mais de sessenta centímetros do solo. O artista, ao pintar o tambor, conseguira tão hàbilmente fundir em seu desenho as juntas do painel, que era impossível notá-las. A figura era do tamanho natural e, portanto, a abertura média a altura de um homem.

Abria para uma espécie de caverna, baixa de teto, impenetràvelmente negra. Rodney riscou um fósforo e o interior surgiu com parades grosseiras e sem revestimento. A caverna era apenas um nicho, com a profundidade de um metro, quando muito, aberta na espessura da muralha.





O fósforo apagou e Rodney acendeu outro. Desta vez a pequena chama iluminou um retângulo negro na extremidade oposta do nicho. Qualquer coisa, redonda e brilhante se destacava: uma maçaneta de porta. Curvando o corpo para a frente, Rodney torceu-a e empurrou.

Ouviu-se um estalido. Uma luz amarela rasgou a escuridão. Pela abertura da porta, surgiu uma sala pequena, poeirenta e nua. Ao fundo havia uma janela gradeada. Uma luz difusa, sem dúvida proveniente de um poste de iluminação da praça, iluminava o centro do soalho, onde se distinguiam as silhuetas de velhas malas, além de pilhas de jornais antigos.

— O quarto de coisas imprestáveis de Swete! — anunciou Rodney, em voz baixa.

Com um dedo sôbre os lábios, curvou a cabeça, prestando atenção ao menor ruído. Nada se ouvia. Só o silêncio, o silêncio de uma casa de morto.

— Não há ninguém no apartamento — disse Aline, em voz baixa. — Foi fechado pela polícia.

— Tem certeza?

— Dene me disse.

— Bem.

Em passos rápidos, Rodney penetrou pelo nicho e, curvando-se, porque o teto era baixo, passou a cabeça pelo batente da porta. Riscou, então, outro fósforo e quando a chama estava para morrer baixou-se vivamente para o soalho, apanhando qualquer coisa, que Aline não pôde distinguir, imediatamente fechando a mão. Depois, tendo o fósforo se extinguido, Rodney voltou ao *court*. Sua mão correu sôbre o painel, que logo girou, voltando tudo ao lugar de antes.

Nesse mesmo instante, uma claridade atravessou o *court*. A porta do corredor que abria para Frant House estava aberta; no fundo iluminado do corredor, Mr. Murch se perfilava, imóvel. Aline, fitando Rodney, sentiu mêdo, pois êle estava pálido e em seus olhos havia quase ódio.

— Meu Deus! Que foram fazer? — perguntou uma voz angustiada.

E tendo fechado a porta, Mr. Murch correu para êles, no seio da escuridão. Rodney foi ao seu encontro e agarrou o secretário pela garganta.

— Você estêve em casa de Barry, quarta-feira, confesse! — disse êle, em voz abafada, mas colérica.

— Não... — gemeu o infeliz.

— Mentira! Quem o enviou?

— Não posso... Não posso dizer...

— Quem o mandou lá? Responda ou será estrangulado agora mesmo!

— Lady Júlia, Rodney. Mas...

— Por quê? Para quê?

— Para apanhar uma carta.

— Que carta?

— Uma carta de Gerry... Devia estar no livro do Sr. Swete... O livro que êle lia, quando foi assassinado.

— Onde está essa carta?

— Queimei-a.

— Sem ler?

— Sim.

— Outra mentira!

— Não! Juro que não! Tinha ordem de Lady Júlia para isso: queimar a carta sem ler. Rod! Pelo amor de Deus... não pense nisso mais. Dei minha palavra a Lady Júlia... Não deve procurar saber nada... Entende? Nada!

Mr. Murch tinha agora a garganta livre, porém respirava com dificuldade e seus dedos continuavam a puxar o próprio colarinho, como se ainda sentisse as mãos de Rodney apertando-lhe a garganta.

Rodney, de cabeça baixa, tinha ainda os punhos fechados e todo o seu corpo tremia de furor.

— É tudo? — perguntou, sem levantar a cabeça.

— Tudo... Juro!

— Como descobriu o segrêdo do mecanismo?

— Foi Lady Júlia quem me ensinou.

— Como ela sabia?

— Nunca lhe perguntei.

Rodney ficou um momento em silêncio; depois prosseguiu:

— Está bem, Murchie... Perdoe a minha violência, eu...

(*Cont. no próximo número*)

GRÁTIS!

EM CADA 10 LIVROS V. ESCOLHE MAIS UM

Romances Brasileiros. Cr$ 10,oo cada

300-José de Alencar-O Guarani • 222-Alencar-Iracema • 256-Alencar-O Tronco do Ipê • 224-Alencar-Ubirajara • 225-Alencar-Diva • 226-Alencar-A Viuvinha • 241-Alencar-Senhora • 238-Alencar-A Pata da Gazela • 239-Alencar-Lucíola • 227-Joaquim Manuel de Macedo-A Moreninha • 228-M. Macedo-O Moço Loiro • 243-M. Macedo-Amôres de Um Médico • 273-M. Macedo-Uma Paixão Romântica • 274-M. Macedo-A Namoradeira • 240-Bernardo Guimarães-A Escrava Isaura.

Os melhores Romances. Cr$ 10,oo cada

270 - Balzac - A Mulher de Trinta Anos • 245 - Dostoiewski - O Jogador • 207 - Dostoiewski - Crime e Castigo • 195 - Flaubert - Madame Bovary • 225 - Dumas Filho - A Dama das Camélias • 179 - Sienkiewcz - Quo Vadis • 210 - V. Hugo - O Homem que Ri • 181 - Wilde - O Retrato de Dorian Gray • 289 - Warin - Romeu e Julieta • 216 - Gauthier - Mademoiselle de Maupin • 266 - Brontë - Morro dos Ventos Uivantes • 250 - Prévost - Manon Lescaut • 255 - C. Brontë - Jane Eyre • 265 - Austen - Orgulho e Preconceito • 275 - Merimée - Amores de Carmen • 293 - Lamartine - Graziela • 285 - A Viúva Alegre • 223 - Dumas - O Conde de Monte Cristo • 232 - Escrich - História de um Beijo • 249 - Ohnet - O Grande Industrial • 251 - A Mão do Finado • 252 - Stevenson - A Ilha do Tesouro • 248 - Feuillet - Romance de um Moço Pobre • 180 - E. Zola - Naná • 215 - E. Zola - A Bêsta Humana • 269 - E. Zola - Teresa Raquin • 65 - E. Zola - O Banho • 208 - E. Zola - A Taberna • 261 - E. Zola - Germinal • 206 - As Amantes do Imperador.

Romances para Moças. Cr$ 10,oo cada

F 1 - Delly - Sonho de Amor • F 2 - Bontá - Olhos Sombreados • F 3 - Ardel - Mulher e Nada Mais... • F 4 - Brane - O Segrêdo da Sua Vida • F 5 - Brane-Rosa de Junho • F 6 - Brane - Amor Entre Flores • F 7 - Maryan - Magia de Amor • F 8 - Chantepleure - Coração Infeliz • F 9 - Dezit - O Segrêdo de Sônia • F 10 - Bontá - Amor Inimigo.

VENDAS:

RIO: Av. Rio Branco, 25 e Rua do Ouvidor, 150
SÃO PAULO: Rua Conselheiro Crispiniano, 403
BELO HORIZONTE: Rua da Bahia, 884
e nas "Lojas Brasileiras de Preços Limitados"

INTERIOR:

Peça pelo REEMBÔLSO POSTAL, enviando o seu pedido, pelo talão abaixo, para o Rio de Janeiro.

Manuais Práticos. Cr$ 15,00 cada

153 - Fórmulas para Ganhar Dinheiro • 158 - Aprenda a Fazer Mágicas • 182 - Regras para Vencer na Vida • 139 - Elimine Seu Complexo de Inferioridade • 146 - Rádio para Principiantes • 122 - Discursos para Tôdas as Ocasiões • 64 - Grafologia Prática • 186 - Você Sabe Conversar? • 192 - 1001 Informações Úteis 1.° vol. • 247 - 1001 Informações Úteis 2.° vol. • 199 - Homeopatia para Todos • 220 - Livro de Bôlso para Enfermeiros • 233 - Fotografia para Principiantes • 234 - Manual do Fotógrafo Amador • 253 - As Leis Trabalhistas Simplificadas 82 - Desenvolva a Memória • 170 - Aprenda a Dançar sem Mestre • 16 - Calendário do Jardineiro Amador • 50 - Enxertia Prática em Figuras • 36 - Manual do Motorista • 138 - Enguiços do Automóvel • 61 - Eletricidade do Automóvel • 188 - Guia do Mecânico do Automóvel • 141 - Aprenda a Dirigir Sòzinho.

Passatempos. Cr$ 10,00 cada

157 - Cock-tail de Palavras Cruzadas N.° 1 • 279 - Cock-tail de Palavras Cruzadas N.° 2 • 100 - Cock-tail de Palavras Cruzadas N.° 4 • 68 - O Livro das Mágicas • 78 - Testes de Inteligência • 12 - Como Interpretar os Sonhos.

Cartas. Cr$ 15,00 cada

90 - Modelos de Cartas para Todos os Fins • 162 - Formulário de Correspondência Social • 163 - Modelos de Cartas Sentimentais • 143 - Modelos de Cartas Comerciais • 20 - Sugestões para Cartas de Amor • 21 - Correspondência Amorosa • 237 - Guia de Redação Oficial.

Peço enviar pelo REEMBÔLSO POSTAL, os livros cujos números indico abaixo:

....

....

....

....

....

Nos pedidos abaixo de Cr$ 100,00, há aumento de 10%.

EDITÔRA GERTUM CARNEIRO S.A.

Avenida Rio Branco, 25 — Dep. 4-8 — RIO DE JANEIRO

NOME ....

RUA ....

LOCALIDADE ....

ESTADO ....

(Não mande dinheiro, nem selos, nada adiantado).

(Nos romances para moças peça pelo número, indicando a letra que o precede).

ACEITAMOS AGENTES PARTICULARES NO INTERIOR.

NOS DOMÍNIOS DA GRAMÁTICA

«... que os educadores, atendendo aos imperativos da hora que passa, estabeleçam um sistema pedagógico equilibrado, para que, da necessária harmonia entre o humanismo e a técnica, resulte a formação de gerações mais úteis e, sobretudo, mais felizes.» — JOSÉ RICARDO NETO

A QUESTÃO DO LATIM — II

O novo conceito de educação não pode deixar de ter influência no ensino do segundo grau. Se a pedagogia aconselhou a modificação completa do ensino primário, o ensino secundário, continuação daquele, há de alterar-se também, para que a obra educativa não perca a continuidade. Surge, naturalmente, a conveniência da especialização no curso secundário.

«Cada profissão», escreveu Durkheim, «constitui um meio sui-generis, que reclama aptidões particulares e conhecimentos especiais, em que reinam certas idéias, certos usos, certas maneiras de ver as cousas; e como a criança deve ser preparada em vista da função a que será chamada, a educação, a partir de certa idade, não pode permanecer a mesma para todos. Eis por que a vemos, em todos os países civilizados, tendendo cada vez mais à diversificação e especialização; e tal especialização se torna, dia a dia, mais precoce» (**Educação e Sociologia**).

Desde o século passado, a questão constituíra objeto de discussões e experiências, com a divisão entre o temporal e o espiritual, separação entre o relativismo científico e o totalismo religioso.

Então, segundo Tilscher, reitor do Instituto Politécnico de Praga, os seus colegas preferiam um aluno humanista a dez realistas: «os humanistas, logo que se familiarizam com o desenho, na seção preparatória do Instituto Politécnico, tornam-se melhores estudantes, graças ao seu maior desenvolvimento intelectual e à sua educação formal, incomparàvelmente superior».

À luz da nova pedagogia, que nos países civilizados tem servido de base à organização do curso secundário, parece não mais justificar-se a educação pelos extremos, isto é, com orientação clássica ou com orientação exclusivamente científica: o ensino do segundo grau, selecionando aptidões, deve, desde cedo, encaminhar a juventude no sentido positivo, pelo caminho que lhe fôr mais útil e conseqüentemente mais econômico, em proveito do indivíduo e da coletividade. A cultura clássica, por si só, já não preenche tôdas as exigências da educação moderna, quando a escola se destina não sòmente à formação de elites, mas também à mobilização de tôdas as fôrças produtivas do povo. Por isso, em vários países, o curso secundário é gratuito e obrigatório. A mocidade é uma arma política. E como política é educação, história, economia, finanças, direito, religião, ciências, letras, enfim, os diferentes setores por que se desdobram as atividades sociais, de que resulta o equilíbrio que assegura a perpetuidade do Estado, necessário se torna que por êsses setores se distribuam as fôrças vivas da nação, numa atividade contínua de «ajustamento do indivíduo ao meio» (Thorndike). Sim, relativamente ao meio, porque «nenhuma educação pode ser boa se não fôr eminentemente social». Assim também a queria Montesquieu.

O destino de um país depende do grau de educação que se dispensar à sua mocidade. A civilização de hoje é a resultante do encontro de esforços de nossos antepassados; a civilização do futuro será a resultante da formação moral, intelectual e física das novas gerações. A infância constitui, pois, excelente mas perigosa arma política. Por isso, escreveram algures: «na instabilidade atual, o Estado vacila por entre as trepidações revolucionárias. Quem conseguir conquistar a infância vencerá. Vencerá aquêle que apresentar a melhor realização pedagógica».

Urge, pois, que os educadores, atendendo aos imperativos da hora que passa, estabeleçam um sistema pedagógico equilibrado, sem os rigores extremistas, para que, da necessária harmonia entre humanismo e a técnica, resulte a formação de gerações mais úteis e, sobretudo, mais felizes.



CORRESPONDÊNCIA

Evanildo Bechara — *EXERCÍCIOS DE LINGUAGEM* — *Rio de Janeiro,* 1954.

Temos dito, e de repetir não nos cansamos: o ensino de qualquer idioma, para ser eficiente, deve ser eminentemente prático. O desconhecimento da língua vernácula, de que nos dão provas os exames vestibulares, nos estabelecimentos de ensino superior, resulta, em grande parte, do **gramaticismo** que predomina em nossos cursos ginasiais.

O professor Evanildo Bechara é dos que procuram imprimir às aulas orientação objetiva. E a prova está nesse livrinho, com que nos vem de distinguir, publicado sob o título — EXERCÍCIOS DE LINGUAGEM — no qual revela, também, largo tirocínio e grande conhecimento de assuntos filológicos. Através dos trabalhos propostos, resolve o estudioso as principais questões da língua portuguêsa, mediante soluções práticas e imediatas, como convém.

Registramos, com prazer, o aparecimento de obra tão útil quanto necessária.

JOSÉ RICARDO NETO

OLHANDO O MUNDO HÁ SESSENTA DIAS

MEMENTO de EU SEI TUDO

OS FATOS OCORRIDOS EM MARÇO DE 1954

1 — SEGUNDA-FEIRA: — Instalada em Caracas a Conferência Interamericana, com a ausência apenas de Costa Rica. — A Indo-China rebelde acusa os Estados Unidos de "intervenção" na guerra local. — Por sua vez, o Marechal Tito afirma que terminou a guerra-fria e que a China Comunista deve participar das organizações internacionais. — Prosseguem os festejos carnavalescos dos cariocas, com a presença de inúmeros turistas, entre os quais muitos astros e estrêlas de Hollywood.

2 — TÊRÇA-FEIRA: — Iniciados os trabalhos da Conferência Interamericana de Caracas. — O "premiér" Nehru, da Índia, recusa a ajuda militar do presidente Eisenhower e pede que os "observadores" norte-americanos se retirem de Cachemira. — Nomeado o economista Luís de Sousa Gomes, diretor-geral do Depart. Econômico do Conselho Nac. de Economia.

3 — QUARTA-FEIRA: — Pelos primeiros discursos fica revelada a posição oposta do Brasil e da Argentina, na Conferência de Caracas. — As tropas francesas sofrem galhardamente o impacto de superiores fôrças rebeldes, no Viet-Minh. — Revela Washington o início das experiências atômicas da primavera, com a explosão de um "dispositivo atômico", numa zona das ilhas Marshall.

4 — QUINTA-FEIRA: — A tese anticolonianista nas Américas alvoroça o plenário da Conferência de Caracas. — O govêrno norte-americano disposto a punir severamente, com pena até 125 anos de prisão, cada um, os terroristas portorriquenhos que alvejaram os deputados no recinto da Câmara dos Representantes, ferindo vários dêles. — A China Comunista e a Coréia do Norte aceitam oficialmente participar da conferência sôbre problemas asiáticos, a ser realizada em Genebra.

5 — SEXTA-FEIRA: — O problema do comunismo internacional será tratado antes de qualquer outro na Conferência de Caracas, a pedido da delegação norte-americana. A proposta aprovada teve os votos contrários da Argentina, México e Uruguai. — A França está disposta a aceitar "tôda proposta razoável dos comunistas do Viet-Minh, para alcançar a paz" e "não exigirá rendição incondicional". — A Rússia volta a se mostrar pessimista e Molotov afirma que outra guerra está próxima, referindo-se ao rearmamento da Alemanha. — E o govêrno norte-americano continua impressionado e mesmo irritado com o alto preço do café. — No



APARELHAMENTOS DE PROTEÇÃO CONTRA TODOS — OS PERIGOS: NA TERRA, NO MAR E NO AR —

INDÚSTRIA BRASILEIRA

Óculos para esmeril e soldas — Capacetes para jato de areia — Extintores e cargas de todos os tipos e tamanhos — Capacetes e escudos de fibra para solda elétrica e oxigênio — Capuzes, luvas, aventais e roupas de abestos e couro para fornalhas — Escafandros e artigos para mergulhadores — Máscaras contra poeira "Delta" — Máscaras contra gáses industriais.

DIAS GARCIA IMPORTADORA S. A.

Rua Visc. de Inhauma, 23-25 — Tel.: 23-2017 — End. Tel.: GARCIA — RIO DE JANEIRO





AGORA SIM!

Sugestões MAIZENA resolve o seu PROBLEMA.

Uma valiosa coletânea de receitas uteis, econômicas e saborosas

INTEIRAMENTE GRATIS.

Peça hoje mesmo o seu exemplar do novo livro

Sugestões MAIZENA



Amido de milho "MAIZENA" 55 E

Caixa Postal, 8006 - São Paulo

GRATIS! Peço enviar-me o livro Sugestões "MAIZENA"

NOME

RUA

CIDADE ESTADO

Marrocos, o sultão Sidi-Mohammed Ben Arafa é atacado e ferido por terroristas, que lhe atiram uma bomba, enquanto o soberano se achava orando.

6 — SÁBADO: — O Uruguai apresenta ao plenário da Conferência de Caracas uma proposta com o fim de robustecer a defesa contra o comunismo na América ou qualquer outra forma de totalitarismo. — Terríveis combates corpo a corpo entre franceses e rebeldes indo-chineses pela posse de Dien Bien Phu. — Tito declara que os métodos de McClark poderão servir apenas para que os países estrangeiros percam a favorável opinião que têm sôbre o sistema de vida do norte-americano. — Rumores de próxima rebelião em Cuba para derrubar o govêrno dirigido de Fulgêncio Bautista. Nomeado presidente interino do I.A.P.E.T.C. o Sr. Álvaro Corrêa de Sá.

7 — DOMINGO: — Eisenhower pede ao Congresso dos Estados Unidos que coopere econômica e militarmente com a América Latina, para que todo o hemisfério desfrute de bem-estar e segurança. — O Presidente Naguib, oficialmente investido no Poder Supremo do Egito, reassumindo o cargo de Primeiro Ministro. — Cêrca de mil alemães orientais pedem asilo em Berlim ocidental, cujas autoridades se preparam para receber novo êxodo sem precedentes de fugitivos da zona soviética.

8 — SEGUNDA-FEIRA: — Com o apoio do Brasil, os Estados Unidos advertem os países americanos, especialmente a Guatemala, contra o perigo da "atmosfera venenosa do comunismo", que pode converter em escravidão a liberdade neste hemisfério. — Por sua vez, Londres está muito preocupada com os rumos que as coisas vão tomando na Honduras Britânica, cujo povo "está insuflado criminosamente por seus vizinhos da Guatemala". — Mas o General Gruenther, supremo comandante aliado na Europa, afirma que a Europa ocidental está bastante forte para repelir qualquer ataque vindo da Rússia, enquanto Japão e Estados Unidos assinam pacto de Assistência e Defesa, o que deixa o mundo ocidental mais tranquilo.

9 — TÊRÇA-FEIRA: — Incidente entre as delegações guatemalteca e dominicana, retirando-se os primeiros, considerando-se visados por um discurso do segundo representante. — A Argentina apresenta projeto contra o colonialismo nas Américas. — O Panamá acusa os Estados Unidos de exercerem "lamentável discriminação" contra os panamenhos no Canal do Panamá. — A Coréia do Sul ameaça empunhar novamente as armas contra a Coréia do Norte. — Israel anuncia que qualquer ajuda norte-americana à Liga Árabe será considerada como ato inamistoso. — A França disposta a iniciar grande ofensiva na Indo-China. — Chega a esta capital, a convite do Ministro da Guerra, o General Abdon Parra Urzua, Ministro da Defesa do Chile.

10 — QUARTA-FEIRA: — O delegado do Equador na Conferência de Caracas provoca um incidente ao referir-se ao litígio de seu país com o Peru, sendo tudo prontamente solucionado com a intervenção do Chanceler do Brasil, Sr. Vicente Rao. — Aprovado um voto de

confiança no parlamento italiano em favor do govêrno Mario Scelba, após êste haver prometido apoiar o Pacto do Atlântico, o Exército Europeu e combater o comunismo dentro do país. — Reeleito presidente da Câmara Federal o Dr. Nereu Ramos.

11 — QUINTA-FEIRA: — A delegação brasileira à Conferência de Caracas, apresenta projeto objetivando a eliminação das colônias estrangeiras no continente americano. — A Argentina coloca "pedrinhas" na marcha do projeto norte-americano contra a infiltração comunista neste hemisfério. — Na Itália surge nova ameaça de greve geral, após a declaração firme do "premiér" Scelba de combater tenazmente o comunismo. Nomeado Diretor do Instituto Agronômico do Norte, o Sr. Rubens Rodrigues Lima.

12 — SEXTA-FEIRA: — Brasil e Bolívia apóiam decididamente os Estados Unidos condenando o comunismo internacional, cujo projeto já tem assegurada a sua aprovação. — 264 pessoas, sendo 28 norte-americanos e 236 nativos, sofreram, por efeito de radioatividade, no correr das provas atômicas realizadas há dias no Pacífico. — Dois aviões norte-americanos que perderam a rota quando se dirigiam à Áustria, são atacados por um Mig soviético na fronteira germano-tcheca, sendo um dêles gravemente atingido. — Por motivo da passagem do 25º aniversário de sua coroação, o Papa Pio XII recebe a delegação de cardeais que lhe levaram votos de felicidade de todo o Colégio. — Nomeado Superintendente da Fundação da Casa Popular o Sr. Ernesto Alves Staac.

13 — SÁBADO: — Aprovada na Conferência de Caracas a resolução anti-comunista, por 17 votos contra 1 e duas abstenções. O único voto contrário foi da Guatemala. Argentina e México se abstiveram. — A Tcheco-Eslováquia envia nota de protesto aos Estados Unidos, a propósito da invasão de suas fronteiras por dois aviões norte-americanos, aliás metralhados por um Mig russo. — O ex-ministro do Exterior do govêrno de Mossadegh, Hussein Fatemi, é prêso num



O pêlo nas pernas, braços e axilas compromete a sua presença na rua, nas praias e nas reuniões elegantes. Para eliminar os pêlos supérfluos não use navalha: use RACÉ, o maravilhoso e eficiente depilatório em pó perfumado. Elimina com incrível rapidez os pêlos incômodos.

A venda nas boas perfumarias.

Laboratórios VINDOBONA

Rua Uruguaiana n. 104 - 5.º - Rio

O perfeito destruidor do pêlo



Queira enviar-me o folheto grátis referente ao depilatório «Racé».

NOME ....

RUA ....

CIDADE ....

ESTADO ....

E.S.T. — R-9

HIME Comércio e Indústria S. A.

52 — RUA TEÓFILO OTONI — 52
Fone: 53-1741 — Caixa Postal: 593 — RIO
FABRICANTES — IMPORTADORES — EXPORTADORES
DEPÓSITO DE FERRO E AÇO
RUA SACADURA CABRAL, 108 a 112
TELEFONES: 43-6282 e 43-0396

BANCO DO COMÉRCIO S. A.

FUNDADO EM 1875

O MAIS ANTIGO DO RIO DE JANEIRO

Capital .... Cr$ 90.000.000,00
Reservas .... Cr$ 80.583.748,70

Matriz:
RUA DO OUVIDOR, 93/95 — Tel. 43-8966

AGÊNCIAS:

Distrito Federal:

COPACABANA — Av. Copacabana, 1.155
MÉIER — Rua 24 de Maio, 1.355
S. CRISTÓVÃO — Rua S. Luís Gonzaga, 45
TIJUCA — Praça Saenz Peña, 9
URUGUAIANA — Rua Uruguaiana, 7
RIACHUELO — Rua Riachuelo, 387
Estado de S. Paulo: S. PAULO — CAPITAL

TÔDAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS INCLUSIVE CÂMBIO

SEÇÕES ESPECIALIZADAS PARA GUARDA DE TÍTULOS E VALORES

esconderijo perto de Teerã, sendo nessa ocasião apunhalado gravemente pela multidão enfurecida. — Cai e se incendeia um "Constellation", em Singapura, perecendo 32 pessoas. — Inaugurada em Quitandinha a VI Exposição de Flores e Frutos do Estado do Rio.

14 — DOMINGO: — Novos incidentes na zona do Canal, com ataques a cidadãos britânicos, vêm agravar a situação já difícil entre os governos inglês e egípcio. — O govêrno inglês inicia a retirada das famílias britânicas do Sudão, enquanto o Egito negocia a compra de material de guerra no Japão. — Também na Guiana é difícil a posição do govêrno britânico, já bastante preocupado com os terroristas Mau-Mau no Kenia, o que força uma reunião do Gabinete.

15 — SEGUNDA-FEIRA: — Na Conferência de Caracas o Brasil apresenta emendas ao projeto que dispõe sôbre discriminação racial, enquanto Bolívia e Guatemala assinam projeto de reforma agrária e a Argentina outro sôbre tratamento aos exilados e refugiados politicos, dêle, porém, excluindo os terroristas. — Anuncia-se que o Sumo Pontífice se encontra em franca convalescença. — Anuncia-se que os próprios criadores da bomba de hidrogênio, recentemente experimentada no Pacífico, ficaram surpreendidos com a sua extraordinária potência. — Empossado no pôsto de Inspetor-Geral do Exército o General Ângelo Mendes de Morais. — Falece nesta capital o historiador Noronha Santos.

16 — TÊRÇA-FEIRA: — A Guatemala ameaça recorrer para o Conselho de Segurança da ONU, contra o ato da assembléia que aprovou a resolução anticomunista. — Divulga-se, em Londres, que o Egito realizou sondagens junto à Inglaterra no sentido de reiniciar negociações sôbre o Suez. — Chegam a bom têrmo as conversações entre Peru e Colômbia, sôbre o "caso" Haya de La Torre. — Fracassa nesta capital a greve geral dos ônibus e lotações.

17 — QUARTA-FEIRA: — Tôdas as delegações com exceção dos Estados Unidos aprovam uma proposição argentina, que condena o domínio e a posse de territórios, no Hemisfério Ocidental por potências estrangeiras, contra a vontade dos povos diretamente atingidos. — Os Estados Unidos responderão ao ataque de qualquer agressor sem esperar uma declaração de guerra pelo Congresso, no caso de assalto de surprêsa, segundo anuncia Eisenhower. — Decidida a escolha do Rio de Janeiro para a reunião dos ministros da fazenda pan-americanos, em novembro. — A França decidida a lançar mão de todos os recursos para sustentar o baluarte de Dien Bien Phu, na Indo-China, visado por incessantes ataques dos comunistas.

18 — QUINTA-FEIRA: — Desmentindo Londres, o presidente Naguib declara que

o Egito não tem pressa de concluir novo tratado com a Inglaterra "porque êsse país não é capaz de respeitar seus compromissos". — A Rússia aceita as sugestões das potências ocidentais com respeito à Organização da Conferência de Genebra. — Novo e grave incidente entre árabes e judeus no deserto de Negev, onde onze israelitas foram massacrados quando viajavam num ônibus.

19 — SEXTA-FEIRA: — A Câmara Alta da República Federal Alemã aprova emenda constitucional que manda recrutar jovens de 18 anos para o exército alemão. — Após 53 dias de enfermidade, o Papa Pio XII aparece pela primeira vez em público. — O "premier" italiano declara guerra total ao comunismo. — Do Suez chega a notícia de que recrudesce o terrorismo, sendo atacados a metralhadoras os cidadãos britânicos.

Minha esposa é para mim como uma noiva...





A sua vivacidade, a sua alegria permanente, tornaram-na a creatura mais adoravel do mundo. E ela diz sempre: - "Devo minha alegria contagiante á saúde perfeita e a saúde á Emulsão de Scott". Em minha casa todos fazem uso da Emulsão de Scott, do mais puro óleo de fígado de bacalhau, rica em vitaminas, cálcio e fósforo, o tônico ideal para crianças, moços e velhos

EMULSÃO DE SCOTT



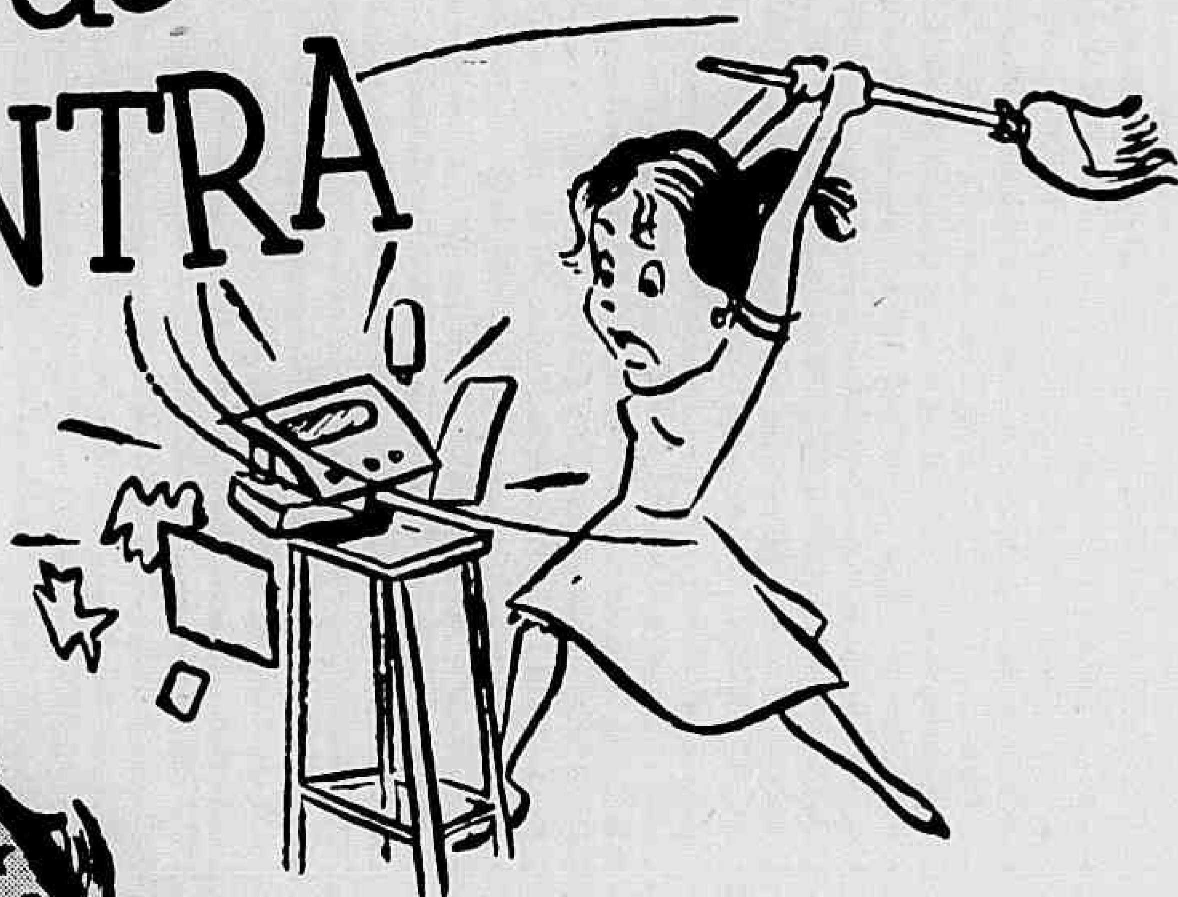
TÔNICO DAS GERAÇÕES

20 — SÁBADO: — A Rússia protesta junto ao govêrno da Holanda contra os anunciados planos de construção de uma base aérea norte-americana naquele país. — Expulso da França o líder socialista italiano Pietro Neni, pró-comunistas. — Crítica a situação das fôrças francesas na Indo-China, alarmando as altas esferas de Washington. — No Arquivo Nacional é inaugurada Exposição Comemorativa do IV Centenário da Fundação de São Paulo.

21 — DOMINGO: — Piora a situação anglo-egípcia com relação ao Suez, onde aumentam em número e gravidade os incidentes e atos de terrorismo. — Dois novos atentados em Casablanca, contra autoridades francesas. — Também o problema de Trieste volta a irritar o govêrno italiano, dificultando os esforços do "premier" Scelba relativamente à assinatura do Tratado Europeu.

22 — SEGUNDA-FEIRA: — O Sr. Anthony Eden declara nos Comuns que não é oportuno para tratar do problema do Suez, quando cidadãos britânicos morrem sob as balas dos terroristas egípcios. — Naguib replica, afirmando que a presença

Eu Era do CONTRA





"Era"... mas acontece que passei a fazer o regime Eno diariamente - "Sal de Fructa" Eno ao deitar e ao levantar. A irritabilidade e o nervosismo provindos de má digestão, de prisão de ventre, de acidez, cessaram. Hoje posso dar e vender bom humor. Não seja "do contra" tome ENO laxante, antiácido e estomacal.

"Sal de Fructa"

ENO

de tropas britânicas na região do Canal já é, por si só, uma agressão. — A França disposta a dar imediata solução ao caso do Marrocos, entrando em negociações diretas com a Espanha. — Acôrdo definitivo entre Peru e Colômbia para o caso Haya de La Torre, que passará a residir no Uruguai.

23 — TÊRÇA-FEIRA: — Cresce a oposição às diretrizes políticas da Inglaterra em relação ao Extremo Oriente, dificultando a solução do problema do Suez. — Um "especialista" norte-americano atribui a escassez mundial do café a um "descuido" nos métodos de produção. — Graduado no pôsto de General-de-Exército o General-de-Divisão Newton Estilac Leal.

24 — QUARTA-FEIRA: — A Comissão Jurídica da Conferência de Caracas aprova uma declaração pró-consolidação de democracia, com a abstenção da Guatemala. — O govêrno norte-americano decidido a enviar urgentes e poderosos reforços aos franceses, na Indo-China. — Enviada nota britânica ao Egito, suspendendo as negociações entre os dois países. — As Nações Unidas perguntam à Argentina, Brasil e México se querem receber ex-prisioneiros de guerra coreanos, atualmente em custódia na Índia. — O número de desempregados nos Estados Unidos alcança a cifra de quatro milhões. — Autorizada a funcionar a Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro, com sede na cidade de Uberaba.

25 — QUINTA-FEIRA: — O Conselho Revolucionário egípcio decide convocar eleições parlamentares para 18 de junho próximo. Os partidos políticos serão reorganzados e os militares não participarão das atividades políticas. — Mais e mais tensas as relações entre a Jordânia e Israel. — A Rússia concede soberania à Alemanha Oriental, mas as fôrças soviéticas ali permanecerão, o que vale dizer que nasceu mais um Estado satélite de Moscou.

26 — SEXTA-FEIRA: — Chega ao seu final a Conferência de Caracas. — In-

A BELEZA DOS SEIOS BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. - Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

glaterra e França inclinadas a incrementar seu comércio com os países da Cortina de Ferro. — A Rússia anuncia que considerará ato inamistoso se as nações árabes aderirem ao pacto de defesa do Oriente-Médio, organizado pelas potências ocidentais. — A Alemanha Ocidental contribuirá com 500 000 soldados para a Comunidade de Defesa da Europa. — Trinta e quatro senadores italianos exigem a imediata retirada do Embaixador dos Estados Unidos, Senhora Clara Boothe Luce, acusada pelos mesmos de intervir nos assuntos internos da Itália. — Regressa a esta capital o chanceler Vicente Rao, que chefiou a delegação do Brasil em Caracas.

27 — SÁBADO: — No encerramento da Conferência de Caracas, a delegação venezuelana faz uma declaração sôbre a questão colonial, dizendo que "a existência de estados vassalos e a monutenção de regimes coloniais é hoje mais inadequada que nunca". — O Conselho Revolucionário do Egito denuncia o General Naguib como "instrumento de elementos subversivos". — Os Estados Unidos recomendam à França a aprovação imediata dos pactos de Bonn e da Comunidade Européia de defesa, "pois, do contrário, meios equivalentes podem ser encontrados para conceder a soberania à Alemanha Ocidental". — O Japão procura obter mais 152 milhões de dólares dos Estados Unidos para ajudar a reforçar as defesas militares nipônicas. — Condenado a 15 anos de prisão o Tte. Alberto Jorge Franco Bandeira, suspeito de haver assassinado o bancário Afrânio Arsênio de Lemos, no chamado "Crime do Sacopã".

28 — DOMINGO: — Grave a situação interna do Egito, com a divergência entre os chefes da revolução. — Encerrada, oficialmente, a X Conferência Interamericana, em Caracas. — Segunda bomba de



INSUFICIÊNCIA RENAL

Para uma boa saúde, é indispensável que tenhamos os rins em perfeito funcionamento. Quando isso não acontece, as impurezas e toxinas que deviam ser por êles eliminadas pela urina, permanecem no organismo, causando-nos sérias dores.

É por esse motivo que as Pilulas De Witt, altamente recomendáveis no tratamento dos rins, normalizando o seu funcionamento, facilitando, também, o trabalho do aparelho urinário, são de comprovada eficiência nos distúrbios provenientes do mau funcionamento dos rins e irregularidades urinárias.

Pilulas DEWITT
Para os Rins e a Bexiga



AGORA
elegantes
modêlos
em sola
fino

Calçado
SOUTO

Confôrto
máximo
Garantia
absoluta

hidrogênio é detonada com êxito na zona das ilhas Marshall, no Pacífico.

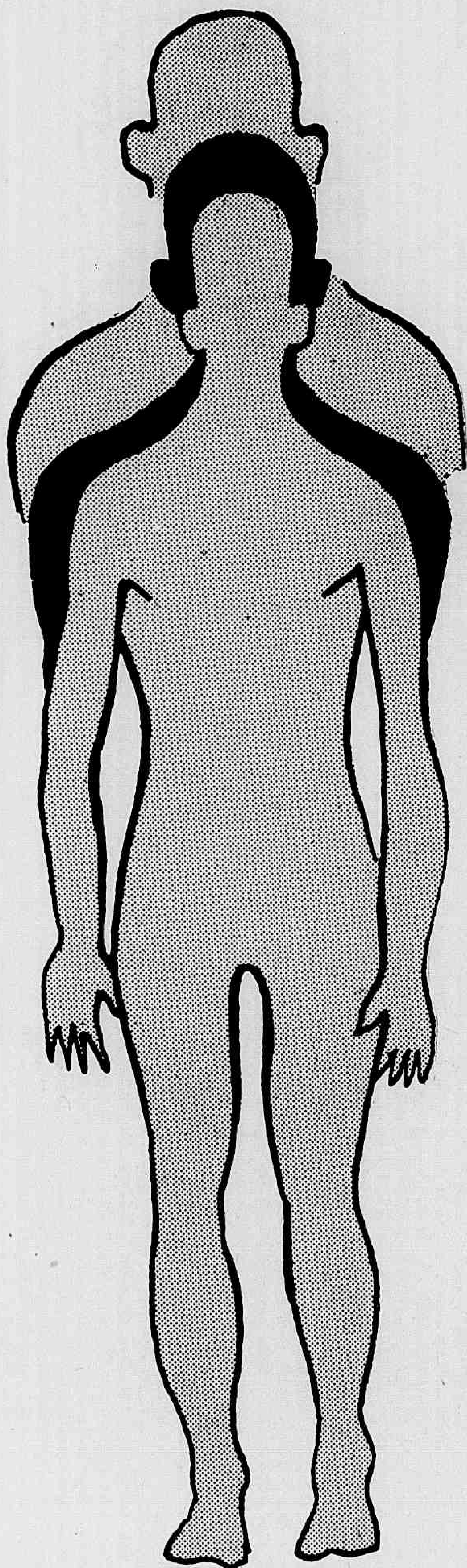
29 — SEGUNDA-FEIRA: — Tôdas as ruas do Cairo estão sob contrôle das fôrças do Exército, enquanto discutem os chefes da Revolução. — Novo incidente entre a Jordânia e Israel, quando elementos israelitas cruzam a fronteira e assaltam a povoação de Naharin, matando 10 árabes e ferindo 16 outros, antes de que a Legião Árabe os obrigasse a bater em retirada. — Assinado, pelo presidente da Alemanha Ocidental, o tratado criando a comunidade de defesa européia e os acordos de Bonn, no sentido de pôr fim à ocupação. — Nomeado Diretor-Geral do Armamento da Marinha, o contra-almirante Gerson de Macedo Soares e Silva.

30 — TÊRÇA-FEIRA: — Resiste ainda a ferozes ataques dos comunistas a fortaleza de Dien Bien Phu, na Indo-China. — Terror no Japão, principalmente entre os pescadores, ante as possíveis e trágicas consequêncais da explosão de nova bomba de hidrogênio. — Aumenta o terrorismo no Marrocos, sendo atiradas bombas até nos cafés públicos. — Promovido ao pôsto de General-de-Exército, o General - de - Divisão Odilon Gomes da Silva. — Apresenta credenciais o novo embaixador do Peru.

31 — QUARTA-FEIRA: — A Rússia propõe aos Ocidentais ser incluída no Tratado de Segurança da Europa. Surpreendidos, os ocidentais recusam a oferta... — Destituído "por falta à disciplina militar". o Mal. Juin. Motivaram essa medida do govêrno francês, as violentas críticas do general à constituição do Exército Europeu. — Dezenas de milhares de rebeldes vietnameses se atiram contra a fortaleza francesa de Dien Bien Phu. — O Marechal Tito afirma que não deixará a Iugoslávia voltar à órbita soviética. — Nomeados novos embaixadores do Brasil no Paquistão, México, Bolívia, Formosa, Nicarágua e Egito.

Alívio rápido para
HEMORROIDES
Man-Zan é a pomada que alivia, na hora, as dôres e os pruridos causados pelas hemorroides. Man-Zan acalma e refresca. MAIS ATÉ: Man-Zan é antissépticosuave para os tecidos, mortal para as bactérias. Por isso, Man-Zan também previne as infecções e outros graves males consequentes das hemorroides.
Um produto De Witt - à venda em tôdas as farmácias.
Coadjuvante para Hemorroides
Pomada ManZan
Aprovado pelo Depto. Nacional de Saúde, sob n. 77, em 12/2/41.

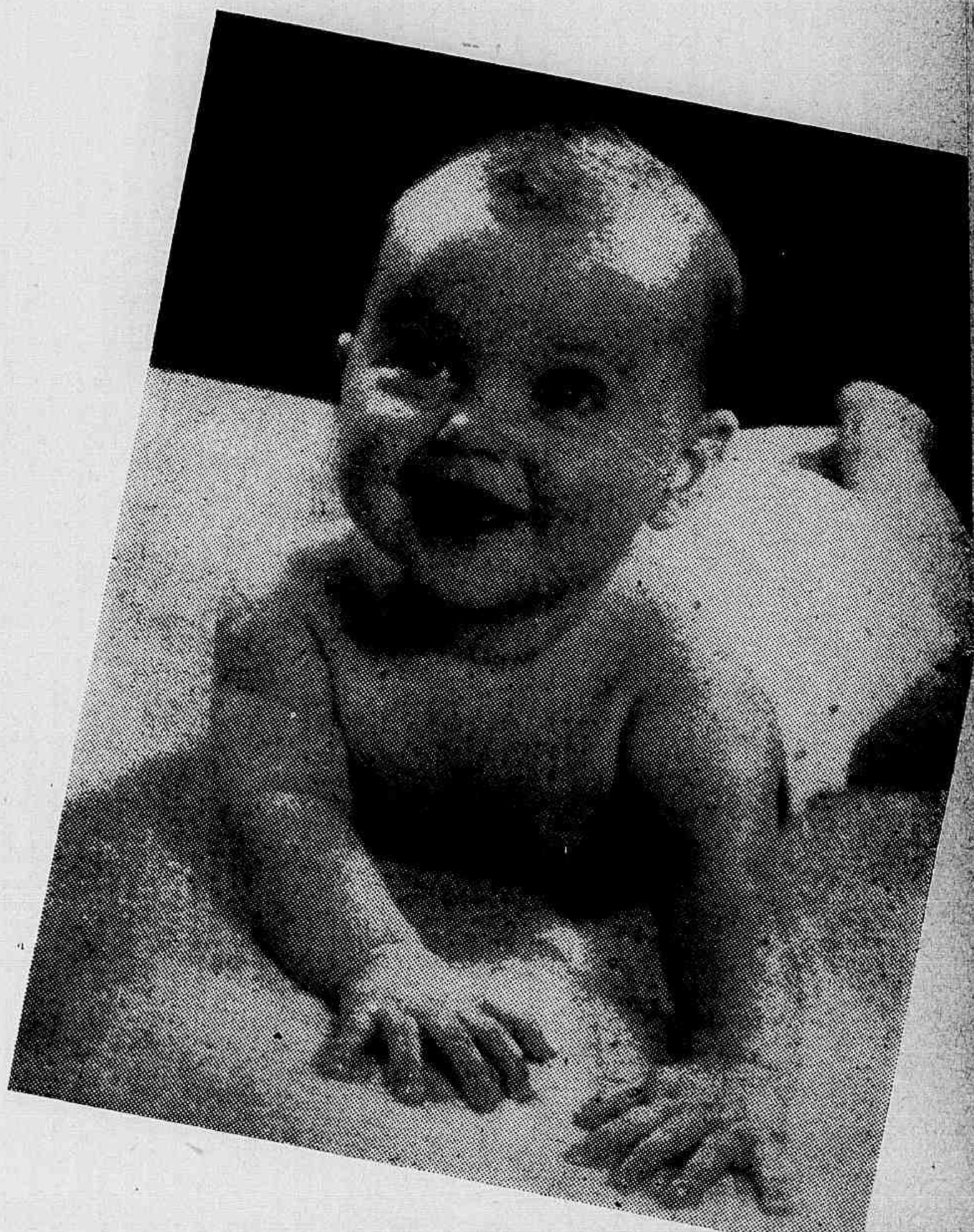
HOJE PODEMOS SABER O QUE VAI CRESCER UMA CRIANÇA



QUANTO É QUE VOU CRESCER ?

O desejo de conhecer o futuro é geral entre os homens, embora os mais prudentes compreendam que talvez seja preferível não poder satisfazê-lo totalmente. No entanto, a ciência não é nem mais nem menos que uma antecipação do futuro, dado que consiste em descobrir e utilizar as leis da natureza, que não variam com o tempo. Por isso, à medida que vão sendo descobertas novas leis ou aplicando-se leis já conhecidas a novos ramos das atividades humanas, fica revelado um número cada vez maior das incógnitas do futuro. Se raciocinarmos sôbre a questão veremos que nossos dias compreendem uma sucessão cada vez maior de atos, cujo resultado não é conhecido de antemão. Por exemplo: hoje sabemos, todos, que, baixando o comutador, daremos luz (sem restrição de dias); apertando um botão poremos em marcha o motor de um automóvel ou um elevador; esquen-

O CLIMA E A ALIMENTAÇÃO NA ESTATURA



tando água a cem graus de temperatura faremos que ferva, etc. Também conhecemos, com maior ou menor exatidão, o tempo que vai fazer amanhã e o que ocorrerá em nosso organismo, se bebermos álcool em demasia e, finalmente, quando sairá o primeiro dente do bebê.

A NORMA NATURAL — Entretanto, os efeitos do álcool e a saída do primeiro dente da criança não são coisas tão seguras como a manobra com o comutador. A ciência realizou maiores progressos, aplicando-se à matéria inerte que ao vivo, e maiores aplicando-se ao vivo que ao espiritual. Tratando-se de organismos vivos, sòmente *aproximações* podem ser conseguidas, verdadeiras *probabilidades*, resultados *médios*, procedentes do maior número possível de observações, que, separadas, se afastam, às vêzes, do resultado médio.

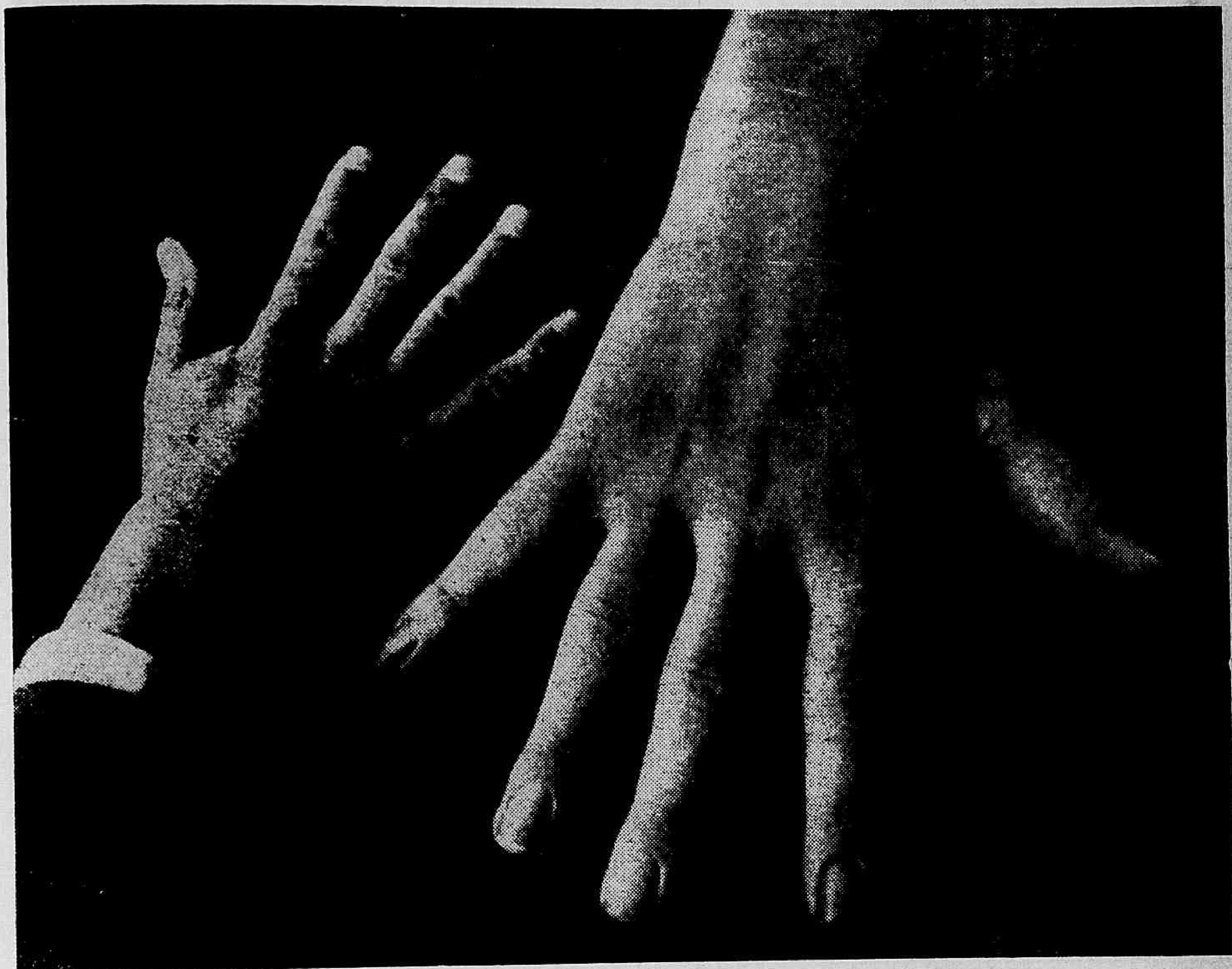


No entanto, observações numerosas, acumuladas e em seguida estudadas com paciência, permitem, atualmente, *prever*, de um certo modo, o futuro do organismo humano. Os quadros estatísticos das companhias de seguros, por exemplo, indicam a média de vida que resta a qualquer pessoa que procure fazer um seguro, sem que isso signifique um prognóstico exato em cada caso individual; serve apenas num conjunto de milhares de casos. Vejamos, porém, outras previsões mais alegres.

O mesmo método — acumulação de observações, realizadas durante muitos anos e em um grande número de crianças — permite "prever" a estatura que alcançará qualquer criança. A "lei" ou norma natural que se obteve — ou deduziu — como média dessas observações é que a estatura definitiva do adulto é, aproximadamente, o dôbro da que tinha ao cumprir dois anos. Ou, mais exatamente: os meninos, aos dois anos, alcançam 48,6 por cento de sua estatura definitiva, e acabam de crescer aos dezenove anos, enquanto que as meninas, em geral mais precoces, alcançam aos dois anos o 52,2 por cento de sua estatura definitiva, e acabam de crescer aos dezesseis anos e meio.

Se essa "lei" fôsse matemàticamente exata, meninas e meninos cresceriam todos no mesmo ritmo — e bem sabemos que isso não acontece. Na realidade, o cálculo vale apenas para uma têrça parte dos casos. Ou seja: de cada três meninos ou meninas, apenas um cresce segundo o ritmo indicado. Os demais — os dois

As meninas — em geral — são «adiantadas».



A mão do gigante norte-americano Fred Evans e a mão de um homem normal.

restantes — são, em compensação, "adiantados" ou "atrasados".

CRIANÇAS "ADIANTADAS" OU "ATRASADAS" — De que utilidade pode ser uma "lei" que vale apenas em trinta e três casos e não nos sessenta e seis restantes? Serve de base de comparação; permite separar os casos "anormais" dos casos "normais" e tomar medidas corretivas nos casos extremos.

Suponhamos que um menino, aos cinco anos, mede 1.06. A tabela nos indica que aos dezenove medirá 1,06 por 100/61,7, ou seja: 1,718. Essa é uma estatura normal e, portanto, não havendo outro indício alarmante, do ponto-de-vista médico, o menino pode ser considerado absolutamente normal. Mas suponhamos que aos cinco anos meça 0,98; o mesmo cálculo nos indicará uma estatura adulta de 1,58, que é muito baixa.

Duas conclusões podemos tirar dêsse fato: o menino está normalmente desenvolvido quanto à idade e é de temer que, realmente, venha a ser quase um anão, ao que é possível tentar dar um remédio, (que assinalaremos mais adiante) ou que esteja simplesmente "atrasado" e nos anos sucessivos venha a crescer mais ràpidamente do que indica a tabela, até alcançar uma estatura normal ou mesmo superior. Felizmente, o mais frequente são os casos de meninas "precoces", que aos nove e dez anos crescem tão ràpidamente, que aparentam ter treze ou quatorze anos, quando têm apenas dez ou onze; e meninas "atrasadas", que parecem ter oito anos, quando têm doze. As primeiras soem crescer pouca coisa, depois dos treze ou quatorze e as segundas, pelo contrário, começam a crescer muito, lá pelos quinze.

O resultado final é, mais ou menos, o mesmo. Nos meninos, entretanto, o

"atrasado" em geral não chega a igualar-se com o "adiantado"; embora, quando adulto, possa alcançar a mesma estatura, costuma ter ombros caídos, músculos pouco desenvolvidos e pernas muito compridas.

Porém como é possível distinguir o caso do menino destinado a pertencer ao grupo dos "atrasados"? O método ora empregado consiste mais em uma observação radiográfica do esqueleto da mão esquerda. No menino, os ossos das falanges estão separados entre si por cartilagens pequenas, que se transformarão em osso, à medida que o mesmo vai crescendo. Se o menino, aos cinco anos, tem ainda muita cartilagem, isto significa que tem ainda muito que crescer, sendo apenas um "atrasado". Se, pelo contrário, o esqueleto de sua mão estiver normalmente ossificado, o desenvolvimento do menino é normal e êle será um homem de pequena estatura.

Em todo o caso, sòmente um especialista de grande experiência e com quadros modernos e exatos, que indiquem os graus de ossificação em tôdas as idades, poderá definir em tais casos.

AS INFLUÊNCIAS POST-NATAIS — É possível modificar o crescimento dos homens? Há tratamentos que permitem conseguir que um indivíduo alcance uma estatura superior — ou inferior — à que teria alcançado *sem tratamento*?

Sem dúvida; porém êsses tratamentos são de uma aplicação delicada. A estatura é, principalmente, de caráter hereditário, e as influências *post-natais* podem variá-la entre um mínimo e um máximo já fixado pela herança.

Entre as influências *post-natais* supõem os especialistas que a luz — e depois a temperatura — ou, ainda, em conjunto, o *clima*, são os mais importantes. Já foi observado que os habitantes do Norte são, em geral, altos, enquanto os do Sul de estatura mediana ou pequena.

A explicação estaria em que o clima mediterrâneo favorece, como nas plantas e frutos, um crescimento mais rápido, que não deixa tempo para que o esqueleto se fortaleça lentamente.

Também intervém a alimentação, que deve ser rica em elementos ricos em fósforos e cálcio, além de proteínas de origem vegetal e animal.

Os tratamentos para fazer um indivíduo crescer além do "normal", estão baseados, geralmente, num regime especial, cuja dificuldade está em que os elementos que favorecem o crescimento não devem ser administrados em quantidades muito grandes, pôsto que, em tal caso, precipitam o crescimento, isto é: ossificam o esqueleto com rapidez exagerada e êste não pode atingir a sua maior estatura.





CALÇADO EXTENSÍVEL, PARA QUALQUER PÉ

UM sapato extensível, que convém a tôdas as medidas, está sendo fabricado atualmente por uma firma de New York. Chamados: calçados Expand-O, são feitos de «nylon» e, apesar de sua fabricação, em **acordeon**, dão a quem os calça a impressão de «nylon» comum.

Os fabricantes pretendem que calçam confortàvelmente e afirmam que não deformam nem perdem a necessária elasticidade, mesmo depois de muitas lavagens.



UM cão de boa raça e que estava perdido havia muitas semanas acabou achando o caminho mais certo para a salvação....indo parar na residência de William J. Bacon, em Los Angeles, o qual é o presidente da Sociedade Protetora dos Animais da cidade.

APRÈS MOI, LE DÉLUGE

A frase foi, até recentemente, atribuída a Luís XV. Entretanto, os pesquisadores da história chegaram a uma conclusão diferente. Segundo êles, a frase teria sido, de fato, pronunciada por Mme. de Pompadour.

A favorita havia lido uma carta de Malpertuis sôbre o cometa de 1680, na qual anunciava o seu retôrno para 1758; êsse cometa, segundo Malpertuis, provocaria o fim do mundo, ou, quando menos, o dilúvio.

Depois de ler essa predição, a célebre marquesa, procurando consolar Luís XV, que ficara muito impressionado e triste com a notícia da derrota de suas tropas em Rossbach, declarou:

— Consolemo-nos... **Depois de nós, o dilúvio!**

QUEBRA CABEÇAS

Diretor: Dr. LAVRUD — Secretário LABLIÚ — ANO XXXVII — N.º 12 — MAIO — 1954
Dicionários adotados nesta seção: Simões da Fonseca — Hildebrando — Gustavo Barroso. Pequeno Brasileiro, 9.ª edição — Japyrassu, Monossílabos — Sylvio Alves, Breviário — Dicionário de Nomes Próprios, de Lidaci — Provérbios Originais, do dr. Lavrud
Tôda correspondência sôbre charadas deve ser dirigida para a redação de EU SEI TUDO — Rua Visconde de Maranguape, 15 — e endereçada ao redator desta seção

2º Torneio
ABRIL-JUNHO

ENIGMAS

— 51 —

Dá ali na rapariga
Uma beijoca ligeira;
Não tenha mêdo de briga,
Tudo foi por **brincadeira**.

Oarcim

— 52 —

Desejo ser resumido
Com o fim preconcebido
De evitar um desagrado.
Portanto, chegando ao fim,
Que ninguém fale de mim,
Nem me chame de **afetado**.

Gil Vírio (Andradina)

— 53 —

Antes que tu ergas no fim o tecido
tão fino e macio para quem o [veste,
verás um defunto, sôbre si caído,
que em fria **masmorra** morreu de [vil peste.

KTQZ (S. Paulo)

— 54 —

Que aptidão tem a mulher
Daquele pobre servente;
Mostrou seu grande mister
Sem precisar ser **evidente**.

Bisilva (Manaus)

A Gil Vírio e Anchieta:

— 55 —

Lá na caveira que existe
A porta do cemitério,
Há um quê de graça e mistério,
Que deixa rir o que é triste
E torna o **estouvado** sério.

R. Kurban (T.B. — S. Paulo)

CHARADAS CASAIS

56 — Três — Todo tecido **áspero** tem a urdidura **mal feita**.

De Souza (Rio)

57 — Três — **Acho melhor** você tomar chá, pois naquela casa só servem **café de inferior qualidade.**

De Souza (Rio)

58 — Três — Por **pirraça** êle encerrou o **expediente** antes da hora.

Edur G. Monteiro

59 — Quatro — O **estrondo** da explosão assustou o macaco **adestrado**.

Ecebê (Maceió)

60 — Duas — A **correia** da **roda** hidráulica quebrou-se com violência.

Fiote (Cuiabá)

61 — Três — A **dor aguda** e **rápida** nas costas é devida ao **alinhavado** feito pelo remendão.

Fiote (Cuiabá)

62 — Três — A **avareza** torna o homem **covarde**.

Heron Silpes (Canavieiras)

63 — Três — **Encanto extraordinário!**

Irahydes (Rio)

64 — Quatro — Só faz **extravagância** o homem **estroina**.

Iris (Teófilo Otôni)

65 — Três — Você não **prova** que sou **indivíduo ridículo**.

Joleno (S. Paulo)

66 — Três — **Lança faísca elétrica**.

KTQZ (S. Paulo)

67 — Duas — Apesar de ser **indivíduo maçante**, êle tem um círculo de relações muito **amplo.**

Lutércio (Rio)

68 — Duas — Por causa de um

AS DOENÇAS DO CORAÇÃO TÊM CURA?

Por que sofremos? Por que esperamos?

Os doentes que esperam são marcados pelo sofrimento e pela doença. A doença do coração é uma coisa tão inexplicável, que não percebemos a razão por que não hei de curar-me inexplicàvelmente... diz o incrédulo...

Se queremos ter uma fá qualquer, e sem uma fé não podemos viver, temos que aprender aa ceitar, que detrás daquela porta do INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO, desponta uma cura milagrosa para o vosso coração. Temos conosco a experiência técnica, as fontes de informações e dos conhecimentos requeridos para apanhar os fatos que você precisa. Com novos métodos de diagnóstico... novos métodos de pesquisas... aparelhagem novíssima... fórmulas que diminuem os tempos da doença... e que vos darão mais anos de vida.

INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO

Departamento: "PRAIA" — SANTOS: CAIXA POSTAL, 1.103
Rua Floriano Peixoto, 8 — Santos — Estado de São Paulo

Queiram enviar-me uma solicitação de exame e tratamento em sua própria casa — pelo novo método de nosso Instituto.

NOME: ....
(Favor escrever em letra de fôrma)
ENDERÊÇO ....
CIDADE .... **ESTADO** ....

êrro de ortografia, o funcionário foi **suspenso**.

Plá (Rio)

69 — Três — A falta de **expediente** do novo pilôto fêz com que a caravela perdesse o **rumo do vento**.

Malba Tantan (Santos)

70 — Três — **Conservo** todo o meu gado num **curral feito no campo**.

Mavicaro

71 — Três — **Atormenta-se** o moleiro quando perde a **talha do moinho**.

Mavicaro

★

CHARADAS NOVÍSSIMAS

72 — Duas-quatro — Diz que é **mulher bondosa** e que só anda de **carruagem de quatro rodas**, **descoberta**, no entanto, meteu a **palmatória** na pobre criança.

Segon (Rio)

73 — Duas-três — O **indivíduo desleixado** comeu um doce **saboroso** e começou a dançar como um **boneco de engonço**.

Eva Dio (Rio)

74 — Uma-duas — Com uma **coisa insignificante** e **branda** foi feito o desenho da **porta falsa nas praças das fortificações**.

Paulistinha (Rio)

75 — Duas-duas — Depois da **grande agitação**, o povo ainda **murmura** a **lentidão** das providências a tomar.

Guilherme Tell (Rio)

76 — Duas-duas — **Indeciso** e mal feito foi o **jantar que se dava entre os cristãos em dias de entêrro**, que curiosa **extravagância!**

Iza Abel (Rio)

77 — Duas-duas — Na **fila** dos namorados há um que **tem ciúmes de** tôdas as pessoas da **intimidade**.

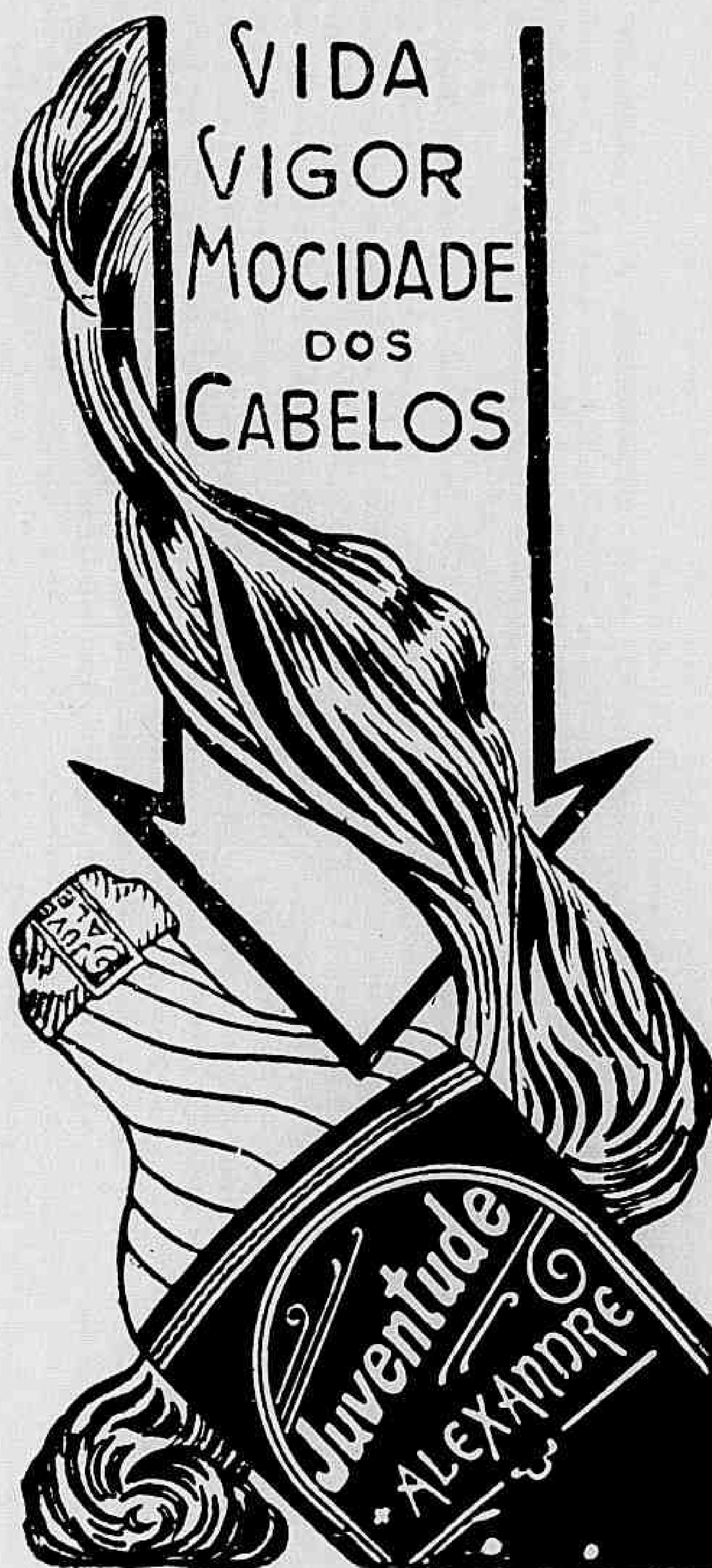
José Bálsamo (Rio)

78 — Duas-uma — **O que é ilegítimo**, seja até um **relicário dos japonêses**, **é de mau agouro**.

Segon (Rio)

79 — Duas-duas — **Dragão**, meu **irmão**, é o nome que se dá



JUVENTUDE ALEXANDRE


ao **intérprete** nos **portos do Levante**.

Paulistinha (Rio)

80 — Três-duas — Rendo meu **preito** ao **negro de Angola**, porque êle nunca foi **dado a ostentações**.

Iza Abel (Rio)

81 — Duas-uma — A **trombeta soa** ao longe, anunciando a **focinhada** da fera.

José Bálsamo (Rio)

82 — Duas-duas — **Próximo** ao **pavimento térreo de qualquer prédio**, está localizado o **entresolho**.

Paulistinha (Rio)

83 — Três-duas — De **pessoa estúpida** não **zombe**, para que possa servir para tratar das **hortaliças**.

Guilherme Tell (Rio)

84 — Duas-duas — Esta é a **mancha** feia que **traço** sôbre a fôlha do **boletim da desobriga quaresmal**.

O Sineiro (S. Paulo)

★

CHARADAS SINCOPADAS

85 — Três (duas) — Nem uma **pessoa desprezível** gosta de lidar com **pessoa manhosa**.

Edur Gomes Monteiro

86 — Três (duas) — Vibrei com a **vara empregada no espostejamento da baleia** uma grande **pancada na cabeça** do charlatão.

Heron Silpes (Canavieiras)

87 — Três (duas) — É **ridículo** um passeio no **bosque** com êsse traje.

Joleno (S. Paulo)

88 — Três (duas) — Quem tem **falha na integridade mental** é, na verdade, uma pessoa **inutilizada**.

J. D. Mingo

89 — Três (duas) — **Êsse negócio** de nunca haver **verba** é **conversa** mole dessa gente.

KTQZ (S. Paulo)

90 — Três (duas) — **Êste** é o **nome científico da consolda**, segundo **suponho**.

Lutércio (Rio)

91 — Três (duas) — **Geral** é aquilo que é **comum à maior parte**.

Nilva (Rio)

---

92 — Três (duas) — O fidalgo **fêz a côrte** a uma «**condêssa**».

O Sineiro (S. Paulo)

---

93 — Três (duas) — O indivíduo **repugnante** torna-se sempre **conhecido**.

Odnaref (Santa Cruz)

---

94 — Três (duas) — A habilidade dêle é que só **jarreteia** na **vertical**.

Oarcim (Rio)

---

95 — Três (duas) — **Bicho de pau pobre** só nasce onde há **bolor**.

P. Del Debbio (S. Paulo)

---

96 — Três (duas) — Os que **confiam** no Senhor serão como o monte de Sião que sempre se **conserva** firme.

Sertanejo II (Lavras)

97 — Três (duas) — **Reluzir** não devia ser o têrmo para aquêle **topete**.

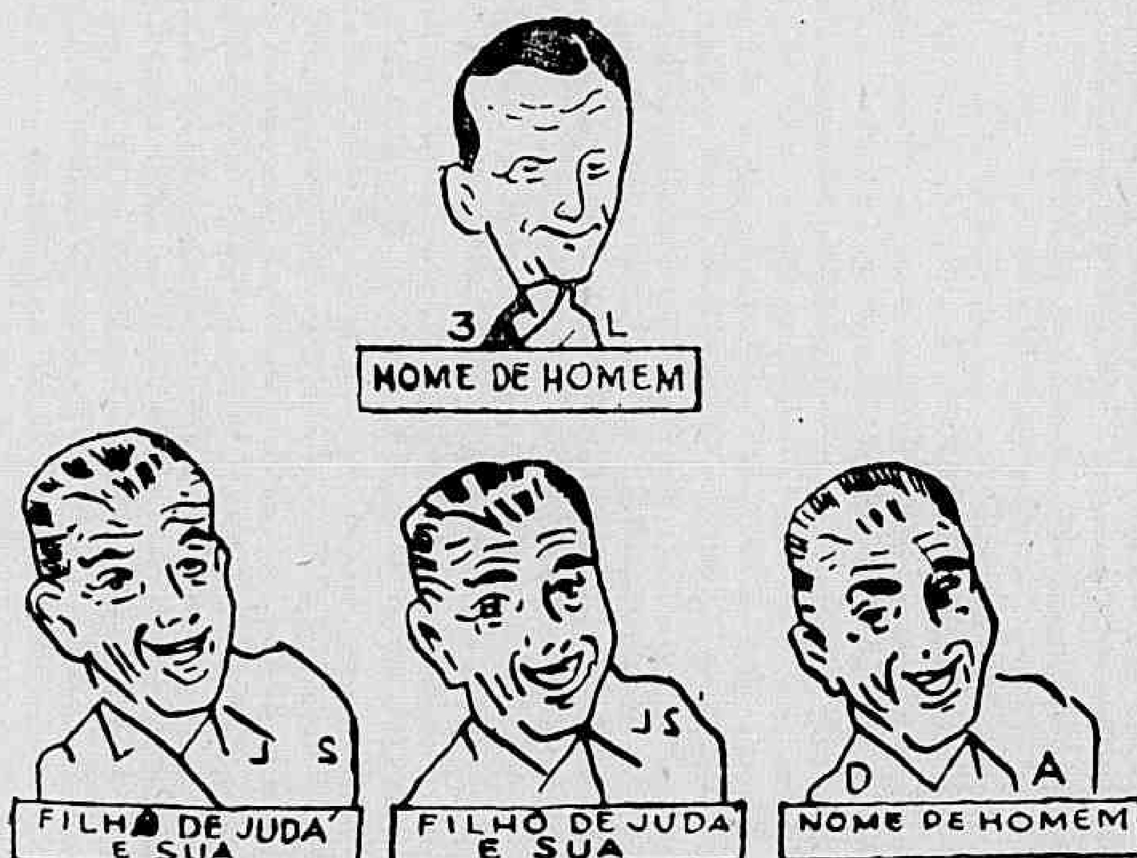
Zenon (Ouro Fino)

---

98 — Três (duas) — **Atenção**, não dê aos pobres o seu **sobejo!**

Paulistinha (Rio)

ENIGMA FIGURADO — 102



Sotnas (Rio Grande)

CINTOS MARAJÓ
Confôrto e Elegância
À venda nas boas casas do ramo

VARIZES E HEMORRÓIDAS
TRATAMENTO SEM OPERAÇÃO
HEMO-VIRTUS
VARIZES: FRICCIONE A POMADA NAS VARIZES E TOME O LIQUIDO
HEMORRÓIDAS: TOME O LIQUIDO E APLIQUE A POMADA NO LOCAL
NAS FARMÁCIAS
Usar durante três meses.

99 — Três (duas) — O **que acerta bem os tiros** no alvo colocado no **penhasco** fica seguro de que ganhará o prêmio.

Guilherme Tell (Rio)

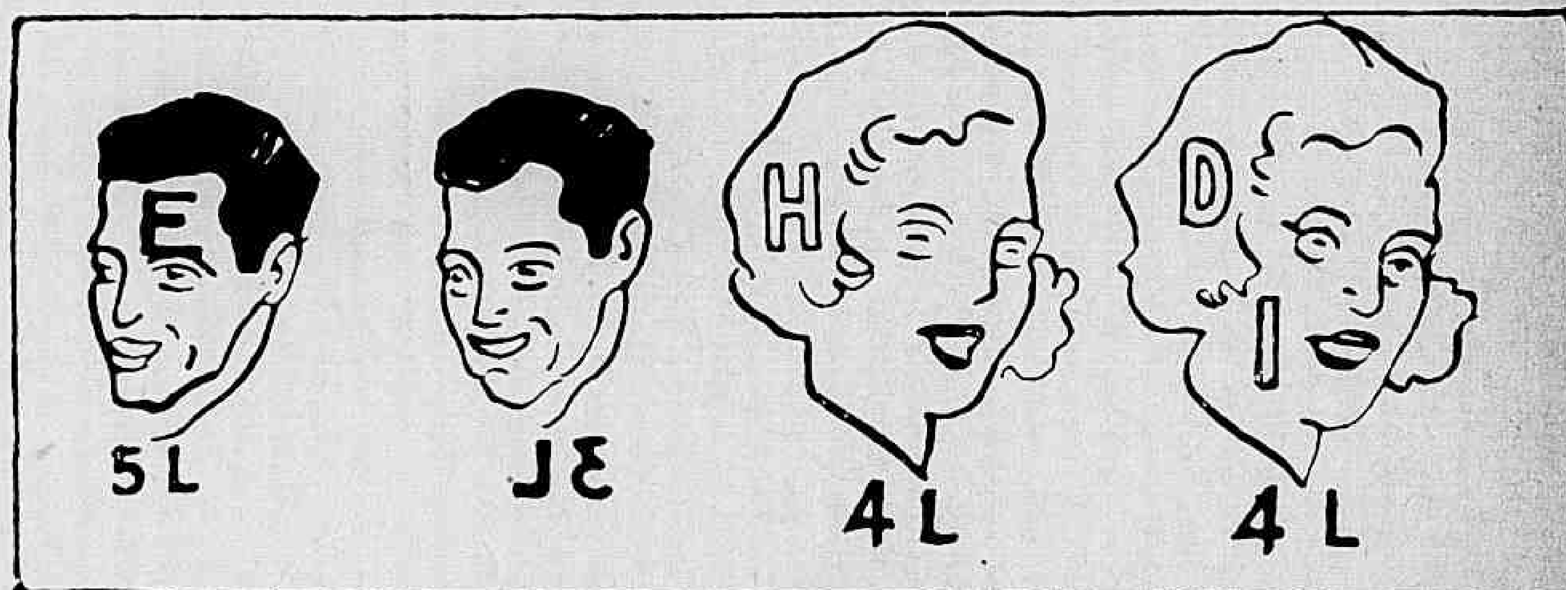
---

100 — Três (duas) — Esta **espécie de pinheiro** foi enfeitada com muito **artifício**.

Eva Dio (Rio)

ENIGMA FIGURADO — 101

Ao Dr. Lavrud, com um abraço:

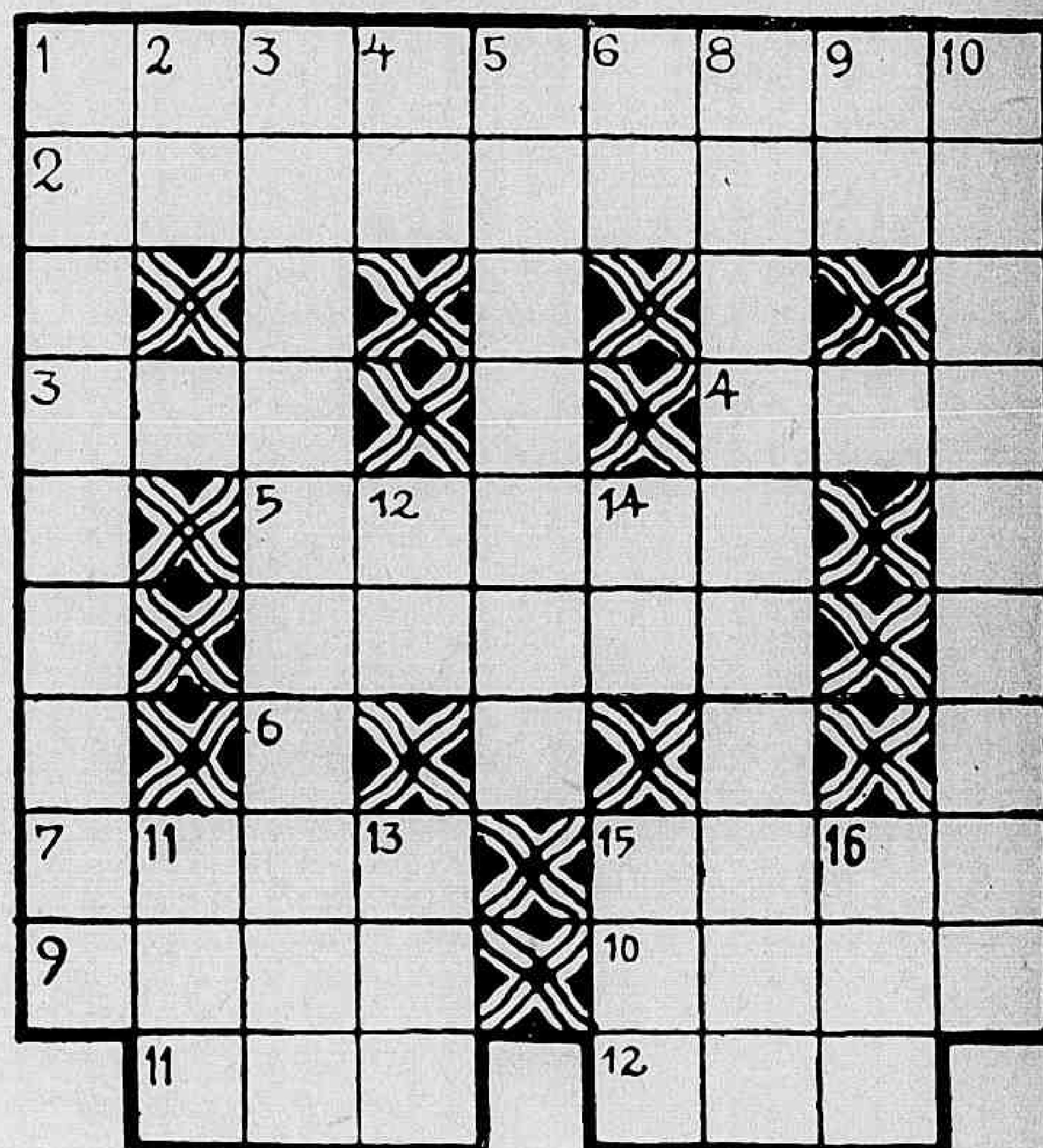


Zenon — T.E.O. (Ouro Fino)

★

PALAVRAS-CRUZADAS

Problema nº 2



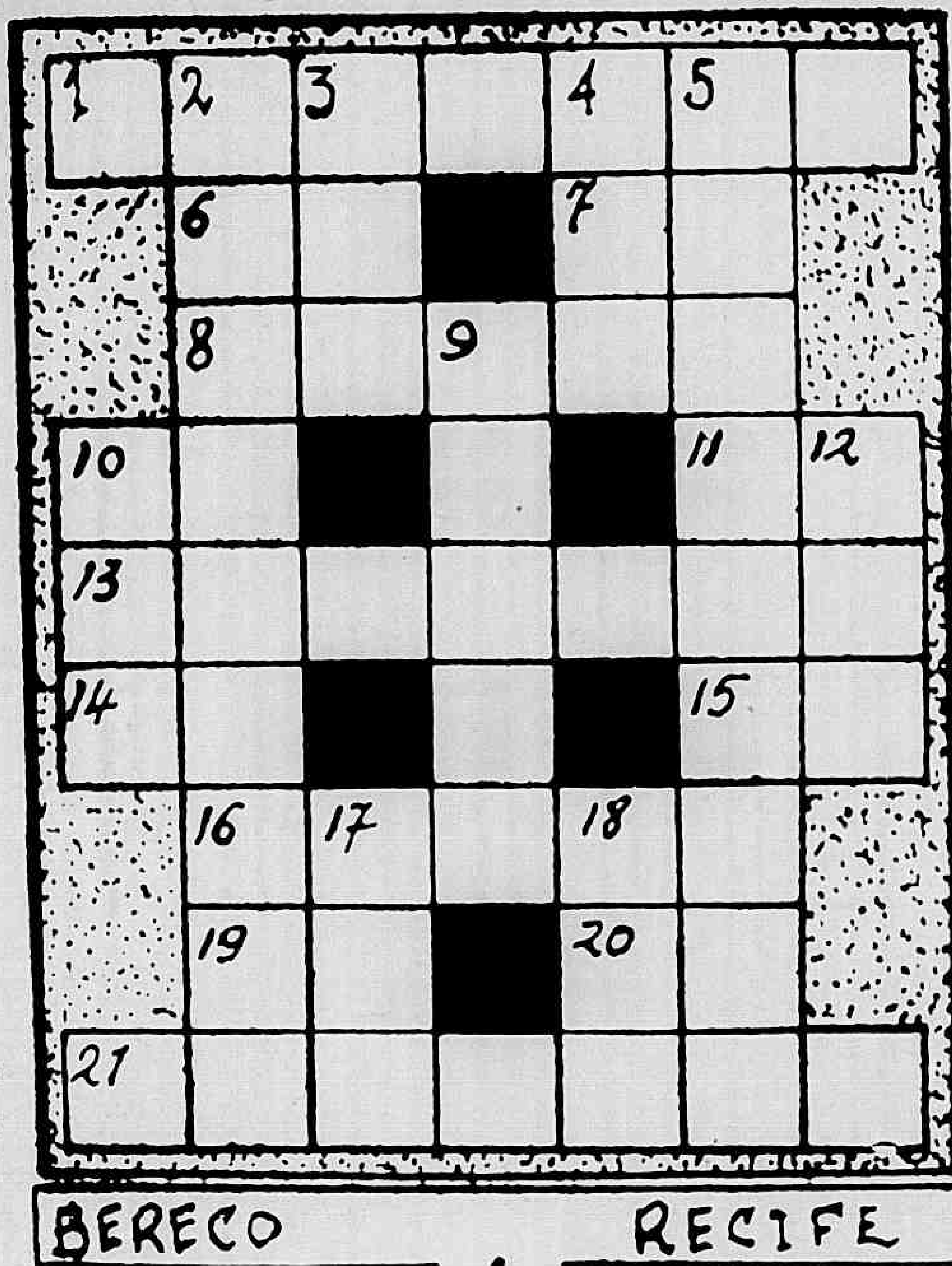
Pierre Poli



Horizontais: — 1 — Acalorado; 2 — Glândulas salivares situadas cada uma atrás de cada orelha; 3 — Tenho ciúmes; 4 — Monarca; 5 — Cuidado; 6 — Combinar; 7 — Nome de mulher; 8 — Soluça convulsivamente; 9 — Escolhei; 10 — Conceder; 11 — Masca de fumo; 12 — Ensejo.

Verticais: 1 — Serra no Estado do Paraná; 2 — Aqui; 3 — Fugiriam; 4 — Tecido fino como escumilha; 5 — Dor nervosa no ouvido; 6 — Troça; 8 — Veneraremos; 9 — Bate; 10 — Endurecer; 11 — Goste muito; 12 — Forma arcaica do artigo **o**; 13 — Braço de rio próprio para a navegação; 14 — Sol dos egípcios; 15 — Jornada; 16 — Meios de vida.

Problema nº 1



Horizontais: — 1 — Espécie de papel de desenho; 6 — Símbolo do érbio; 7 — Pronome antigamente empregado por **êle, êles, lhe** ou **lhes**; 8 — Desmaio; 10 — Pátria de Abraão; 11 — Além; 13 — Órgãos que segregam os humores do sangue (pl); 14 — Ante meridiam; 15 — Nome da primeira gutural do sânscrito; 16 — Nome de mulher; 19 — Gemido triste e doloroso; 20 — Sol dos egípcios; 21 — Certa planta medicinal.

Verticais: — 1 — Em química tinha a significação de mercúrio; 2 — Moderavam; 3 — Raiva; 4 — Possui; 5 — Tratado sôbre a constituição das montanhas (pl); 9 — Varanda do alto da casa; 12 — Rei de Judá, filho de Abia; 14 — Gracejo; 18 — Sorte de jôgo de cartas; 21 — Primeiro.

COMO APRENDER A DANÇAR



5ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.
Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.
Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 —— São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo.
À venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

ARTIGAS

Órgão do Centro Enigmístico do Uruguai, que se publica na cidade de Montevidéu, publicou em um dos seus últimos números, a seguinte notícia sôbre o **Dr. Lavrud** que, com a devida vênia, transcrevemos e sensibilizados agradecemos:

«GUIA CULTURAL ES LA OBRA DEL DR. LAVRUD — Cultor de tradición.

Aunque ya bien conocido entre nosotros, preciso se hace mencionar a «Dr. Lavrud», esforzado luchador del enigma brasileño,

a cuya causa sirve, hidalgomente, desde hace más de treinta años dictando su cátedra tradicional no solo desde las páginas de «Eu Sei Tudo», y su magnífico almanaque, sinó desde muchas otras publicaciones.

Es para nosotros obra admirable, a la que rendimos tributo justiciero de colegas respetuosos de la veterania brillante que destaca el Dr. Lavrud.»



CHURRASCO DE CONFRATERNIZAÇÃO

Dizem alguns confrades que o **Ueniri** (Irineu Vilas-Boas Estêves) é sempre do contra, mas, desta vez, êle foi a favor e a favor de um esplêndido churrasco que ofereceu a muitos confrades, na conhecida Churrascaria Gaúcha.

Foi feliz o **Ueniri** e nós também, na idéia de congregar confrades para o convescote, onde não faltou o bom churrasco e a melhor verve dos presentes, num ambiente de alegria e cordialidade.

Ueniri, sponte sua, quis, assim, comemorar o sexto aniversário da fundação do Círculo Enigmístico Carioca, conseguindo reunir os seguintes confrades:

Cecé, Filhote, Lidaci, Euban Kario, Dr. Lavrud, Lutércio, Ivam Gelista, Sam, Cartos, Ronega, Sinhô, Edpim, Nelson, Gorgonha, Matsuk, Alô Tropina, Tutankâmon, Paraná, Mickey Mouse e mais um casal da família de **Ueniri**.

Durante o repasto, onde reinou muita alegria, usaram da palavra os confrades Ueniri, Lidaci, Euban Kario, Lutércio, Ivam Gelista, Sam, Cartos, Tutankâmon, Alo Tropina e Dr. Lavrud enaltecendo a pessoa do gentil anfitrião e fazendo votos para que a idéia do almôço tivesse seguimento; foram enaltecidos o Círculo Enigmístico Carioca e os confrades que não puderam comparecer à festa por motivos justificados.

E assim, num belo domingo de verão, terminou esta reunião que muito agradou a todos que tiveram o prazer de assisti-la.

CORRESPONDÊNCIA

Carlos Magro (Rio) — Inscrito com muito prazer. No próximo número publicaremos alguns de seus bons trabalhos.

Boreco (Recife) — Ótima a colaboração que enviou, infelizmente feita por dicionários não adotados nesta seção. Esperamos nova remessa.

Guilherme Tell (Rio) — Os enigmas que mandou são durinhos de roer... Mande coisa mais leve.

A todos os colaboradores — Se não saiu trabalho de sua autoria nestes dois últimos meses, é porque há falta dêle.

Eva Dio (Rio) — Vamos estudar o assunto.

Dr. Kean. (Taubaté) — Estamos com saudade.

PRAZO

Para as soluções de cada mês: Distrito Federal e Niterói, 45 dias; demais Estados, 90.

Tôda a correspondência sôbre charadas deve ser dirigida ao diretor desta seção

DR. LAVRUD

MÁQUINAS IMPRESSORAS

VENDEM-SE: — Marcas "KOENING & BAUER", "MIEHLE", "RECORD" e "AUFGUSTARKE", Formatos 2-A (76 x 112) e 2-B (66 x 96). Dupla Rotação. Usadas em Perfeito Funcionamento. CIA. EDITÔRA AMERICANA. Rua Visconde de Maranguape, 15 — LAPA — DIST. FEDERAL.

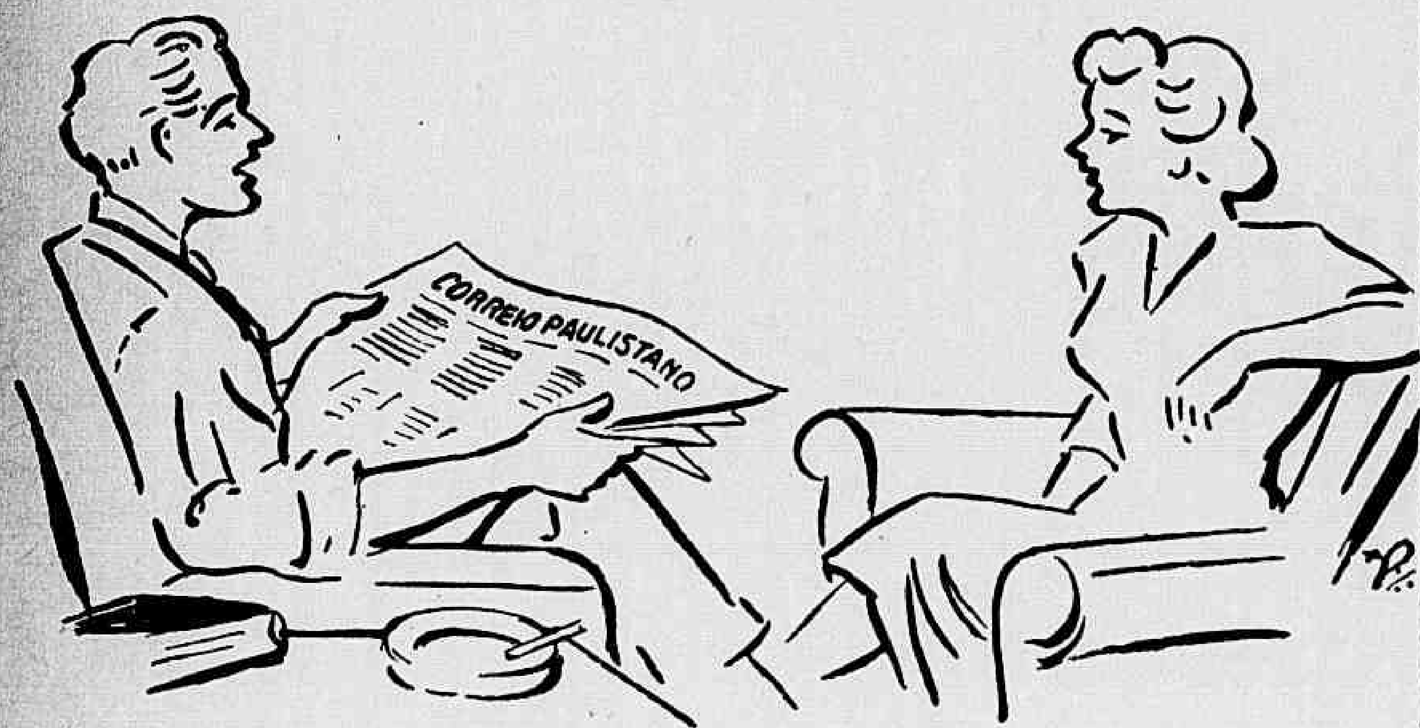
Quando São Paulo festeja
seu 4.º centenario

O Decano dos jornais paulistas

CORREIO PAULISTANO

comemora
100 anos
de atividade
ininterrupta

*1 Século
de tradição
a serviço
do Brasil*



Garantindo um apreciável volume de negócios, porque circula num meio de alto poder aquisitivo

O AUTOMÓVEL NA VIDA DO NORTE-AMERICANO...

(*Continuação da página* 62)

sua capacidade de *chauffeuse*. O tema da distração da mulher ao volante, de sua absoluta falta de lógica nos cruzamentos, de sua indiferença ante os acidentes devido à sua imperícia é tão repetido que chega a ser monótono. E, no entanto, atendem à preferência do leitor, pois só assim pode ser explicada a contumácia em apresentá-los.

Alegam as mulheres, entretanto, que, se sua prática é menor, isso tem uma justificativa. Elas dirigem menos que os homens, pois êstes dirigem desde manhã até altas horas da madrugada, enquanto elas saem menos vêzes, entregues que estão aos cuidados do lar. Além do mais, recentemente, respondendo a um interrogatório sôbre a capacidade de *chauffeurs* e *chauffeuses*, um motorista de caminhão, premiado por haver dirigido vinte anos sem uma falta, afirmou que a mulher dirige melhor que o homem. Numa estrada — acrescentou — uma mulher jamais se arrisca em *pisar até à tábua* ou fazer uma curva com velocidade excessiva. E as estatísticas lhe davam razão. Porém, quando explicou que isso ocorria *sòmente quando a mulher viajava só, sem uma amiga com quem conversar*, o vozerio masculino se levantou. Todos os homens, nos Estados Unidos, sustentam que as mulheres não sabem dirigir um automóvel e, se dois veículos roçam pára-lamas, numa rua, e num dêles viaja uma mulher ao volante, os espectadores estão sempre dispostos a lançar-lhe a culpa.

Mas, no fundo de tudo isso, cremos que haja uma escapatória do orgulho masculino, tão maltratado quando o homem norte-americano *entregou as armas* no que diz respeito à lavagem de louça, o cuidado dos filhos e outras ocupações antes puramente femininas. Agarra-se à sua superioridade automobilística como a uma tábua de salvação. A mulher pode chegar a Secretária da Defesa, juiz, prefeito... porém dirigir um automóvel como êle, como o homem, jamais! É a sua última trincheira e defende-a com fanatismo. A mulher pode mandar em casa, porém quanto ao motor o homem continua mandando.

E quando fica em casa com os filhos e a louça por lavar, enquanto ela foi a compras ou jogar *bridge* com seu grupo de amigas, abre a revista favorita e encontra a notícia de que em tal cidade um *chauffeur* explicou que "havia batido com o seu veículo contra o automóvel que o precedia porque a senhora que o dirigia fêz sinal de que ia dobrar para a esquerda e, efetivamente... dobrou para a *esquerda!*

Apesar de tudo isso, a mulher não se priva de usar o automóvel do marido — e êste não o recusa jamais.

O CEMITÉRIO DE AUTOMÓVEIS

O automóvel acompanha o norte-americano desde o berço até ao túmulo, como fiel companheiro e, às vêzes, fica a seu lado, como se desejasse estar preparado para uma utópica ressurreição "ante datam".

Quem regresse das cataratas do Niagara poderá ver dois campos paralelos à estrada. Um dêles é um cemitério humano. O outro, exibindo um amontoado de ferros retorcidos e de carrosserias destroçadas, é um cemitério de automóveis.

É de se jurar que a carreira do norte-americano terminou simultâneamente com a do seu companheiro de tôdas as horas.

E, por certo, dos dois lugares de repouso, o mais dramático, o mais impressionante, é o dos automóveis.



A polícia de St Louis, após exaustivas diligências, pôde descobrir quem andava roubando os amendoins das máquinas automáticas de um grande armazém, situado no Parque Público, sem insertar nenhuma moeda no recipiente apropriado. Os ladrões eram... os esquilos do mesmo parque!

UM cão, em Jasper, Alabama, ficou tão excitado, perseguindo um esquilo... que esqueceu que era cão e subiu cêrca de 10 metros por uma árvore. Repentinamente, descobriu a própria situação e, perdendo logo a coragem, começou a ganir, cheio de mêdo, chamando seu dono, que o salvou com uma escada.

AS galinhas de um proprietário de Milão costumam aparecer completamente trôpegas, embriagadas ao ponto de cair. Depois de rápido exame, o criador descobriu que suas aves comiam uvas que tinham estado vários meses dando «gôsto» a enormes barris de água-ardente, e que depois eram jogadas por um vizinho em seu quintal.

DAR UM BEIJO NA EVA

(*Cont. da pág.* 53)

pensativo. — Tudo para você é uma eterna brincadeira.

— Nem tanto. Apenas forço um pouco a alegria... — replicou êle, sorrindo. — Não acha que a vida assim é melhor?

Júlia fêz que "sim", com a cabeça, antes de dizer:

— É isso! Você trabalha rindo e gracejando. E pretende ser um trabalhador eficiente...

— Nem por isso deixei de chegar à posição de interessado na firma, querida. Nem por isso podem dizer que não seja honesto e cumpridor de meus deveres...

Júlia sorveu o café. Talvez Donald fôsse assim mesmo, por tôda a vida — refletiu. — *Um caso sem remédio!*

Respirou profundamente, antes de dizer:

— Donald... Eu... Não posso, realmente, deixar de encarar a vida a sério. Sou assim mesmo, por natureza. E você não sabe levar a vida senão a seu modo... Com displicência e despreocupação. *Por natureza,* também!

— Você não me aprecia, realmente?

— Aprecio... e muito! Acho você adorável, mesmo. Mas é a sua maneira de viver, Donald...

E, numa vozinha sumida, acrescentou:

— Estou convencida de que não fomos feitos um para o outro .

— Tenho a certeza de que a adoro, e sei que me faria feliz, Júlia — protestou Donald, com voz sùbitamente enrouquecida. — E sou melhor do que você julga. Gosto de você desde os tempos da escola e continuarei gostando mesmo muito tempo depois de têrmos uns três filhos... e, quem sabe? — outras três filhas, hein?

— Desejo que você tenha todos os filhos que desejar neste mundo e desejo para você, pessoalmente, tôdas as felicidades imagináveis, Donald — disse Júlia, com voz que mal se ouvia. — Sempre pensarei em você como um excelente amigo.

O restaurante se encheu, repentinamente, de surdas pancadas de tambores. Donald, com gesto lento, pagou a conta.

— Você está parecendo ser muito ornamental e frívola — disse êle, com voz magoada. — Precisa saber que nem só você e Mr. Taylor podem ser pontuais, práticas e eficientes...

Deixou a gorgeta no prato de metal, levantou-se para afastar a cadeira de Júlia, contendo-se, com violento esfôrço, para não beijar a copa do seu chapèuzinho.

— Não devemos nos ver mais, Donald — disse ela delicadamente, enquanto se encaminhava para a rua. — E devemos nos apressar, a fim de apanhar o trem das oito e cinqüenta e cinco. É preferível que seja agora, Donald, pois seria mais doloroso, mais tarde... para ambos!

Era *uma pequena consciencioso,* segundo Mr. Taylor também costumava dizer.

NA quinta-feira, pela manhã, Júlia conseguiu entrar no trem com seus próprios recursos e bastante a tempo para escolher um bom lugar. Pretendia ler seu jornal tranqüilamente, em vez de estar procurando por Donald.

Quando virava as páginas de anúncios, ocorreu olhar pela janela para ver... Donald correndo desabaladamente na direção do trem e, como sempre, atrasado. As rodas começavam a mover-se e Júlia sentiu um apêrto na garganta. Muito pálida fingiu ler a coluna de figurinhas. Instantes depois uma figura muito alta e arquejante, parou junto dela.

— Suponhamos que eu passe a acordar às cinco horas da manhã? — perguntou Donald, com seu mais irresistível sorriso. — Ficaria assim mais do seu agrado?

O companheiro de banco de Júlia retirou os óculos com que lia um magazine, a fim de observar melhor o estranho que falava linguagem tão misteriosa. Porém, Júlia apenas disse, com voz neutra e muito baixa:

— Não estou tentando reformá-lo, Donald.

— Porém *eu* estou tentando reformar você! — respondeu êle, antes de desaparecer no corredor.

Na sexta-feira, depois do almôço (felizmente enquanto Mr. Taylor estava em conferência com seus colegas de diretoria) Donald telefonou da própria obra que estava fiscalizando:

— Estou trabalhando duro e pensando muito — disse êle. — Isto me torna mais agradável?

— Você esqueceu o que combinamos, Donald? — disse ela, com voz fatigada. — **Por favor.** Não telefone para o escritório, a não ser em caso de emergência.

— Muito bem. Vou arranjar um caso de emergência — declarou Donald, que, antes de desligar, não conteve uma das suas odiosas risadas.

ISTO assim não pode continuar — refletiu Júlia. — Será terrível para ambos. E, assim pensando, pediu à telefonista que de então por diante anunciasse que estava muito ocupada, sempre que houvesse uma chamada *pessoal*. E, a seguir, procurou arrumar as suas idéias, a fim de dar desenvolvimento a um novo sistema de envio de correspondência, idealizado por Mr. Taylor.

No sábado, à noite, Donald telefonou para sua casa.

— Sou até um homem muito sério — anunciou êle. — Você, sim, é quem gosta de brincar. Todo êsse tempo estêve brincando comigo... Brincando com minha afeição...

— Donald — disse ela, com repentina ternura. — Sei que você daria um excelente marido... *para qualquer outra moça.*

Mas a situação se tornava difícil e desagradável para os dois. Por isso, Júlia pediu à sua mãe que a protegesse, quando Donald telefonasse, procurando-a, em casa.

Mrs. Simms, que já estava bastante treinada para não dar ouvidos ou não ver o que diziam ou faziam Júlia e sua filha mais moça, Mary, plàcidamente nada respondeu nem fêz perguntas.

À noite, sentada no próprio leito, Júlia estudava um plano para viajar não mais de trem, mas de ônibus, de casa para o trabalho. Isto aumentaria um pouco as suas despesas, mas pouparia muito em emoção. A *emoção Donald*.

Na segunda-feira, pôs o seu plano em execução. Viajou em ônibus para a cidade. No dia seguinte, Mr. Taylor voou para Paris, a negócios. Antes de sair, porém, pediu a Júlia que escolhesse alguns perfumes para sua espôsa, que deveriam ser entregues na sexta-feira seguinte. Na página referente a êsse dia, no seu bloco-folhinha, Mr. Taylor havia escrito: — *Aniversário de casamento. Não marcar nenhuma reunião para esta noite."*

No meio de suas vertiginosas atividades, êle pensava em tudo!

Aos pais, Júlia afirmava que era uma delícia poder ficar em casa, à noite. Andou lidando com a máquina de costura e, com a ajuda de alguns pincéis, começou a retocar a mobília do jardim de inverno. Também passou a demonstrar um interêsse diferente por sua irmãzinha de quatorze anos, Mary.

— Eu falava tanto assim no telefone, quando tinha a idade de Mary? — perguntou ela, repentinamente, a Mrs. Simms.

Mrs. Simms deixou um instante de atender ao jôgo de damas que disputava com o marido, para observar a filha mais velha.

— Sim, meu bem — respondeu, lacônicamente.

— Mas, mamãe... Mary não tem necessidade de ficar horas assim, atendendo a um só telefonema! — insistiu Júlia.

— Provàvelmente está ouvindo algum disco novo — explicou Mrs. Simms, pacientemente. — Essas meninas tocam discos, umas para as outras, pelo telefone.

— Felizmente a companhia não cobra por tempo de ligação — disse Mr. Simms, depois de pigarrear.

— Mas não se trata disto sòmente! — exclamou Júlia, corando ligeiramente. — E se houver alguém tentando falar para cá?

— Qual... Não esperamos nenhuma chamada — declarou Mrs. Simms com certa malícia.

Júlia abriu a bôca ainda duas vêzes, mas nada falou. Então a coisa era assim... Muito simples! Mas, naturalmente, se sua mãe nada dizia a Mary, ela também não o faria.

No escritório, a campainha do telefone também se mostrava inerte, mortalmente quieta. Aliás era sempre assim, sem a dinâmica presença de Mr. Taylor. Júlia não cessou de pensar nisso, enquanto regressava para casa.

Mas tudo continuou morno, no escritório, infindàvelmente morna, até que Mrs. Taylor surgiu, inesperadamente.

Era um pouquinho mais gorda e mais banal que a fotografia que estava pousada, em luxuosa moldura, sôbre a mesa de Mr. Taylor. Júlia muitas vêzes olhara para êsse retrato e para a dedicatória: *"Para o meu único amor, Eva"*. Era, realmente, emocionante ver Mrs. Taylor pessoalmente, porque era criatura extremamente simpática.

— Eu teria obtido o que desejo, mesmo pelo telefone, porém a sua voz era tão agradável... e estando meu marido ausente... — disse Mrs. Taylor, à guisa de explicação. — ... achei melhor consultá-la pessoalmente... Sempre consultei as secretárias do meu marido (sorriu com simpatia para Júlia)... a fim de saber que presente devo comprar para êle... Hoje é o nosso aniversário de casamento.

— Minhas felicitações! — disse Júlia, com sincero entusiasmo.

— Obrigada... Sei que êle sempre encarrega a sua secretária de comprar os presentes para mim... E nunca os esquece, pois toma nota de tudo, diàriamente, em seu caderninho de algibeira... Ali escreve tudo o que deve ser feito a cada minuto (teve um gesto vago)... e cada ocasião. Que acha que devo comprar para êle?

Júlia compreendeu imediatamente. Mr. Taylor tinha tudo e, por isso mesmo, presentear qualquer coisa ao marido constituía um problema para Mrs. Taylor.

Mrs. Taylor pareceu ler o seu pensamento, porque confessou:

— Antes, nos primeiros anos de casados, isso era fácil, pois eu podia ver, pessoalmente, o que êle mais necessitava ou desejava..."

— Desejaria muito poder ajudá-la — disse Júlia, com um sorriso amável. — Mas, realmente, conheço-o tão pouco, Mrs. Taylor. Só o vejo aqui, durante o expediente...

— É o bastante para conhecer meu marido — disse Mrs. Taylor, com um arzinho de tristeza que não pôde esconder. Depois acrescentou, com ar de gracejo:

— Se eu pudesse, presenteava-o com um pouco mais de trabalho.

— Mas... trabalho é coisa boa — disse Júlia, empalidecendo de espanto.

— Bem... É isso, pelo menos, o que êle parece realmente desejar, meu bem.

Mrs. Taylor se preparava para sair.

— Parece que não há outro jeito. Serão mesmo os charutos de todos os anos. Charutos para êle, perfumes para mim — disse, dirigindo-se para a porta. — Creio que êle jamais conseguirá descobrir aquilo que eu realmente desejo.

Era muito tarde, agora, para dar uma contra-ordem nos perfumes, segundo Júlia refletiu, logo que Mrs. Taylor saiu. Mas, foi tomar nota, no seu próprio caderninho, para poder sugerir outra coisa, no próximo aniversário de casamento do seu patrão.

Não havia necessidade de anotar igualmente, a fim de descrever a inesperada visita de Mrs. Taylor, quando retornasse para casa. Há coisas que nunca esquecemos. Donald não compreenderia. Donald esquecia até encontros com hora marcada! Agora, provàvelmente, já a esquecera também...

Refletindo sôbre essa possibilidade, Júlia ficou olhando através da vidraça da janela por um longo e silencioso espaço de tempo.

Repentinamente, lembrou-se de que, agora, não tendo quase o que fazer, no escritório, podia dispensar a telefonista da recomendação de a livrar das chamadas pessoais.

— Mas, de qualquer maneira, muito obrigada pelo trabalhão que lhe dei — disse Júlia.

Não tive nenhum trabalho — explicou friamente a outra, pouco simpática. — *Ninguém a procurou por telefone!*

JÚLIA estava outra vez, junto da janela, olhando para a rua, quando Mr. Taylor surgiu, cheio de vida, como sempre, o olhar examinando tudo, as mãos abrindo cartas, pastas e gavetas. A pasta de Mr. Taylor estava duas vêzes mais gorda do que quando saíra do escritório.

Enquanto retirava os conteúdos, com vertiginosas explicações para Júlia, falava no telefone interno com diversos de seus chefes de serviço e ditava um telegrama

urgente para Bruxelas. Júlia ainda ouvia suas intermináveis instruções, quando Mrs. Taylor telefonou. Júlia foi gratificada por um sinal de agradecimento, quando, eficiente como sempre, empurrou para mais perto do olhar do patrão a fôlha em que estava por êle mesmo anotada a data do aniversário do casamento. Depois ouviu-o dizer:

— Muito bem, querida, muito bem. Contarei tudo quando estiver em casa... Fico satisfeito por saber que você gostou, Eva. Eu disse a Dimmock, em Paris, que ninguém conseguia enganar a você em matéria de perfume. Depois direi a você os novos negócios que pretendo iniciar com Dimmock... Ótimo, ótimo... Até mais logo.

Depois que desligou, Júlia viu-o curvar-se, para escrever no caderno de apontamento, sôbre a mesa: *"Dar um beijo na Eva."*

Mas já Mr. Taylor se voltava para dar instruções a Júlia, que, mecânicamente, tomava nota, enquanto pensava na suave Mrs. Taylor, tão feminina... Não a espantava mais que a espôsa não soubesse o que Mr. Taylor pudesse desejar, além dos negócios. Êle era como a máquina, segundo Donald havia afirmado. Era lá possível imaginar Donald precisando de um *lembrete* para beijá-la? Nunca! Nem sequer no seu octagésimo aniversário de casamento!

JÚLIA não tinha, nesse momento, nenhum desejo de ser eficiente. Quando voltou para a sua própria sala, baniu do espírito qualquer sentimento de dever com relação a Mr. Taylor. Nem se ofereceu para ficar trabalhando além da hora normal. Saiu *em cima da hora*... e com tempo de sobra para apanhar o trem em que Donald costumava viajar, de volta a casa.

De pé, na plataforma, esperando por êle, Júlia constantemente olhava sôbre um e outro ombros, porque, mesmo que êle estivesse na outra extremidade da fila, logo o distinguiria dos outros.

Mas Donald não viajou nesse trem.

Em casa, quando pôde apanhar Mrs. Simms a sós, perguntou-lhe sem nenhuma fingida displicência:

— Mamãe, Donald telefonou?

— Nem uma vezinha, depois daquela noite — foi a resposta tranqüila de sua mãe.

— Oh...

O rostinho de Júlia se encheu de tristeza. Em seguida, com voz entrecortada pela emoção e pelo prato, que dificilmente continha, acrescentou:

— Mamãe, a senhora não imagina como certa gente pode ser desumana...

— Eu nunca diria isso de Donald.

— Donald? — repetiu Júlia, quase indignada. — Não me refiro a êle! Não pode existir, neste mundo, criatura mais humana do que Donald!

VOLTOU para Mrs. Simms, um rosto tímido e cheio de lágrimas: — Fica muito feio, se eu telefonar para êle, mamãe?

Mrs. Simms lançou para a filha mais velha um olhar indecifrável. (Então, era aquela a criatura de bom-senso, a secretária perfeita... ou simplesmente uma mulher... mulher normal, com os defeitos e o sentimentalismo próprios da idade?)

— No seu lugar, eu já teria telefonado — respondeu, finalmente.

Porém, quando Júlia fêz a ligação, só pôde dizer.

— Oh, Donald, eu estava errada; você, sim, tinha razão!

Donald, entretanto, não levou a coisa como brincadeira. No tom mais ponderado e mais "homem-de-negócios", respondeu:

— Estarei aí imediatamente, Júlia!

Ela se apressou, a fim de trocar de roupa e estar preparada, antes dêle chegar. Porém êle estava em sua porta, antes mesmo dela retocar o *baton* dos lábios. Que teria estado Júlia fazendo? Dormindo?

E quando Júlia desceu a escada, foi logo gritando:

— Querido, eu não queria fazer você esperar...

Seus olhos estavam brilhantes de felicidade, olhando para Donald, tão grande, tão carinhoso, tão humano e adorável...

— Estava pensando em você — explicou ela, depois de beijá-lo. — E isso me fêz perder **muito tempo.**

EU SEI TUDO

Nº 444 — Ano XXXVII   Nº 12 — Maio — 1954

SUMÁRIO:

Bilhete da Professôra 3
Sabemos mais que Cristóvão Colombo 3
Definições Clínicas... (Pólvora — Diplomacia — Acôrdo entre Cavalheiros) 3
Hospitalidade 3
Para o Seu Lar 4
A Mancha 6
Viajar 6
Não sentiam falta 6
Método 6
Parlamentares 6
Louise (conto) 7
Primeiro ministro e cirurgião 12
Somos Imortais 13
Psiquiatria é charlatanice? 14
E ainda falamos mal das nossas estradas 19
Cupido e a polícia 20
Que dirão de mim?... (conto) 21
Miss Sorriso — 1953 24
Frio ? 25
Álbum de família: Confissão 26
Como você resolveria isto? 27
Só os super-homens irão à Lua. De cada 1.000 pessoas sòmente 5 estarão aptas a viajar nos aviões foguetes-interplanetários 28
A "Boa Resposta" do Mês 32
Divisas de... Macaco 32
A Mulher Chinesa — A grande escrava de ontem é dotada do mais admirável tato feminino 33
A vida mudou pouco 38
Pequenas coisas que ajudam muito 38
Efeitos da Inflação 38
Vôos da fantasia 38
O Gênio dos Balões... (Policromia) 47
Um Beijo na Eva (conto) 50
Temperatura (Magia negra, Fumaça cara, Misterioso calor, Gêlo pesado, O papel-chaleira, Gelar sem gêlo, A água não ferve) 54
O automóvel na vida do norte-americano (O automóvel e a família — Onde o deixamos? — O automóvel e a estrada — O perigo alcoólico — A maravilha de viajar — A mulher e o automóvel — O cemitério de automóveis) 58
Maravilhas da Ciência: Só a Razão Descobre a Verdade Universal (Os homens que ousaram medir a grandeza do nosso mundo) 64
Conselhos de uma quituteira 71
Não esquecer que somos animais 71
Invenções 75
A mais cara 75
Num circo parisiense 75
Relógio que anuncia a hora em voz alta 75
50 bilhões de projétis atravessam o nosso corpo 76
O enigma da Lua (Uma nova teoria para explicá-lo?) 82
Balbúrdia e crime a domicílio 86
Por trás da porta amarela (romance, continuação) 87
Nos domínios da gramática 94
Pequena enciclopédia popular — Memento EU SEI TUDO — Março de 1954 95
Hoje podemos saber quanto vai crescer uma criança 103
Charadas — Quebra-Cabeças 107

CORRESPONDÊNCIA

Leonídio Cabral (Rua D. Pedro II, 512 — S. Lourenço, Minas Gerais) — Estamos procurando obter os endereços desejados, sôbre os quais informaremos diretamente por carta.

Luís Alves (Av. Nazaré, 439 — Belém — Estado do Pará) — No caso de não ter algum capitalista, amigo de inteira confiança, capaz de financiar a construção dos aparelhos, melhor será construir modêlo rústico, em madeira, e cuidar de obter patente de invenção, que lhe proporcione absoluta garantia, antes de procurar quem financie a construção em série.

Levy Borges Lopes (Rua Pedro de Melo, 652, casa III, Estado de Padre Miguel — Distrito Federal) — Suas sugestões serão estudadas com atenção. Teria o amigo algum trabalho a fornecer, como exemplo e sem qualquer compromisso?

Delphina Rodriguez (Niterói) — Desde que tenhamos um pouquinho mais de espaço prometemos ampliar a seção. Combinado?

★

A CAPA — Voltam as flores em tôda a sua fragrância e exuberância de colorido, enchendo os campos, os jardins, os lares e principalmente as igrejas numa suavíssima homenagem ao mês de Maria Santíssima. Cultivemos nas flores o amor às coisas castas, belas e puras.